



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO  
CURSO DE DOUTORADO**

**JUSSARA ROCHA KOURY**

**FIDELIDADE INCONTESTE À IGREJA CATÓLICA E ABERTURA  
AOS MUNDOS RELIGIOSO E SECULAR:  
A MÍSTICA CRISTÃ DE CHIARA LUBICH**

**RECIFE**

**2022**

JUSSARA ROCHA KOURY

**FIDELIDADE INCONTESTE À IGREJA CATÓLICA E ABERTURA  
AOS MUNDOS RELIGIOSO E SECULAR:  
A MÍSTICA CRISTÃ DE CHIARA LUBICH**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião.

Linha de Pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral

RECIFE

2022

K88f Koury, Jussara Rocha.

Fidelidade incontestada à igreja católica e abertura aos mundos religioso e secular : a mística cristã de Chiara Lubich / Jussara Rocha Koury, 2022.  
248 f. : il.

Orientador: Newton Darwin de Andrade Cabral  
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco.  
Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião.  
Doutorado em Ciências da Religião, 2022.

1. Movimento dos Focolares. 2. Espiritualidade.  
3. Ecumenismo. 4. Diálogos religiosos. 5. Lubich, Chiara.  
I. Título.

CDU 261.8

Pollyanna Alves - CRB-4/1002

JUSSARA ROCHA KOURY

**FIDELIDADE INCONTESTE À IGREJA CATÓLICA E ABERTURA  
AOS MUNDOS RELIGIOSO E SECULAR:  
A MÍSTICA CRISTÃ DE CHIARA LUBICH**

Tese **aprovada** como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião, na Universidade Católica de Pernambuco, pela seguinte Banca Examinadora:



Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral/UNICAP  
Orientador e presidente da Banca



Prof. Dr. Gilbraz de Souza Aragão/UNICAP  
Titular Interno



Prof. Dr. Luiz Carlos Luz Marques/UNICAP  
Titular Interno



Profa. Dra. Evangelina Maria Brito de Faria/UFPB  
Titular Externa



Profa. Dra. Maria Teresa Nobre Pereira/UFRN  
Titular Externa

RECIFE, 2022

*Agradecimentos**A Chiara...**Ao mestre Luís...**À negritude,  
que, para mim, significa  
vida,**luz, calor,**paz, mansidão,**sabedoria...**Às pessoas todas do**Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião  
da Universidade Católica de Pernambuco...**Ao Sagrado**que habita em nós...*

*A pena não sabe o que deverá escrever.  
O pincel não sabe o que deverá pintar.  
O cinzel não sabe o que deverá esculpir.  
Do mesmo modo, quando Deus se serve de uma  
criatura, para fazer surgir na Igreja uma obra sua,  
ela não sabe o que deve fazer. É um instrumento.  
Creio que este pode ser o meu caso...  
(Chiara, em 1977, no Congresso Eucarístico de  
Pescara, na Itália)*

## RESUMO

Esta tese, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, debruçou-se sobre a mística cristã de Chiara Lubich, fundadora da Obra de Maria (Movimento dos Focolares), que teve seu início durante a Segunda Guerra Mundial, na cidade de Trento, norte da Itália. Definido o objeto da tese, o problema aflorou a partir de dois questionamentos: como a mística de Chiara Lubich foi além dos muros monásticos e abriu as portas para o mundo contemporâneo sem negligenciar seu caráter cristocêntrico? É possível uma mística plenamente alinhada, obediente à Igreja Católica enquanto instituição, ultrapassar seus muros, inundar mundos seculares, sem romper com a própria Igreja? Eis, então, o problema que serviu de fio condutor para esta nossa tese. Nosso objetivo *geral* ficou assim definido: situar o impacto da mística cristã de Chiara Lubich sob o prisma de sua fidelidade incontestada à Igreja Católica e de sua abertura aos mundos religioso e secular. Os trilhos foram definidos pelos objetivos específicos: traçar uma panorâmica acerca das ideologias e da Igreja Católica na primeira metade do século XX, durante a Segunda Guerra Mundial; identificar lampejos de mística na infância e juventude de Chiara Lubich; analisar a evolução da mística cristã da Igreja Católica até a primeira metade do século XX; investigar a experiência mística de Chiara Lubich; e especificar o rompimento de muros no mundo religioso e a inundação no mundo secular provocados pela mística de Chiara Lubich. Entre os teóricos que utilizamos, destacamos Eric Hobsbawm e Giacomo Medina, que nos deram aportes importantes para a história da guerra e da Igreja, respectivamente; Bernard McGinn, com seu arcabouço sobre mística, além da grande contribuição que encontramos em Roger Bastide sobre o mesmo assunto; Johann Baptist Metz e sua proposta de uma “mística de olhos abertos”, que vai em direção ao mundo, sobretudo em busca daqueles que mais sofrem, para encontrar a face de Deus e mergulhar em seu mistério; a história de Chiara, respaldada pelos jornalistas Jim Gallagher (escocês) e Armando Torno (italiano); e a farta bibliografia disponível sobre os aspectos de sua mística, sobretudo o que ela mesma escreveu e deixou como legado, não apenas para os membros do Movimento, mas para a Igreja e para a humanidade. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, respaldamos nossa metodologia em Cecília Minayo e perseguimos duas diretrizes: a primeira, documental, sobretudo em documentos oriundos do acervo disponibilizado sobre Chiara Lubich pelos *sites* oficiais do Movimento dos Focolares e do Vaticano; e a segunda, bibliográfica, cuja revisão perpassa os aspectos e autores já mencionados, além de outros, inclusive a própria Chiara. Como resultado, concluímos que a mística de Chiara Lubich impactou positivamente tanto o mundo religioso quanto o mundo secular em várias direções. No que se refere ao primeiro, a proposição de vivência de um cristianismo comprometido com a vida cotidiana, e, como uma de suas consequências, a construção de diálogos com diversas denominações cristãs na direção do ecumenismo e do diálogo inter-religioso; em relação ao segundo, a atuação nos campos do mundo moderno: na economia, na política, na cultura, na preservação do meio ambiente, na educação – em especial na Educação para a Paz, propostas que apontam para o estabelecimento de relações mais justas e respeitadas para com as diferenças. Portanto, uma mística que permeia as relações humanas em sua diversidade.

Palavras-chave: Modelos eclesiais. Espiritualidade. Movimento dos Focolares. Ecumenismo. Diálogo inter-religioso.

## RIEPILOGO

Questa tesi, presentata al Corso di Laurea Magistrale in Scienze Religiose, presso la UNICAP, Universidade Católica de Pernambuco, si è concentrata sulla mistica cristiana di Chiara Lubich, fondatrice dell'Opera di Maria (Movimento dei Focolari), che ha avuto il suo inizio durante la Seconda Guerra Mondiale, nella città di Trento, situata nell'Italia settentrionale. Una volta definito l'oggetto della tesi, sono stati sviluppati due interrogativi: come ha fatto il misticismo di Chiara Lubich ad oltrepassare le mura monastiche e ad aprire le porte alla contemporaneità senza trascurare il suo carattere cristocentrico? È possibile, per un mistico pienamente allineato, obbediente alla Chiesa cattolica come istituzione, andare oltre le sue mura e inondare i mondi secolari, senza rompere con la Chiesa stessa? Ecco dunque la questione, che è stata il filo conduttore della nostra tesi. Il nostro obiettivo *generale* è stato così definito: situare l'impatto della mistica cristiana di Chiara Lubich attraverso il prisma della sua indiscussa fedeltà alla Chiesa cattolica e della sua apertura al mondo religioso e secolare. I percorsi sono stati definiti dagli obiettivi specifici: fornire una panoramica delle ideologie e della Chiesa cattolica nella prima metà del XX secolo, durante la seconda guerra mondiale; identificare sprazzi di mistica nell'infanzia e nella giovinezza di Chiara Lubich; analizzare l'evoluzione della mistica cristiana della Chiesa cattolica fino alla prima metà del XX secolo; indagare sull'esperienza mistica di Chiara Lubich; e specificare la rottura dei muri nel mondo religioso e l'inondazione nel mondo secolare causato dalla mistica di Chiara Lubich. Tra i teorici che abbiamo utilizzato, segnaliamo Eric Hobsbawm e Giacomo Medina, che ci hanno dato importanti contributi rispettivamente nella storia della guerra e nella Chiesa; Bernard McGinn, con la sua esperienza sul misticismo, oltre al grande contributo che troviamo in Roger Bastide sullo stesso argomento; Johann Baptist Metz e la sua proposta in "La mistica degli occhi aperti", che esce nel mondo, soprattutto alla ricerca di chi soffre di più, per trovare il volto di Dio e immergersi nel suo mistero; La storia di Chiara, supportata dai giornalisti Jim Gallagher (scozzese) e Armando Torno (italiano) e l'abbondante bibliografia disponibile su aspetti della sua mistica, in particolare ciò che lei stessa ha scritto e lasciato in eredità, non solo per i membri del Movimento dei Focolari, ma per la Chiesa e per l'umanità intera. Trattandosi di una ricerca *qualitativa*, abbiamo sostenuto la nostra metodologia in Cecilia Minayo e perseguito due direttrici: la prima, documentale, soprattutto nella raccolta di documenti su Chiara Lubich, messa a disposizione *sui siti* ufficiali del Movimento dei Focolari e del Vaticano; e la seconda, bibliografica, la cui rassegna permea gli aspetti e gli autori già citati, oltre ad altri, tra cui la stessa Chiara. Di conseguenza, concludiamo che la mistica di Chiara Lubich ha avuto un impatto positivo, sia sul mondo religioso che su quello secolare in diverse direzioni. Quanto al primo, la proposta di vivere un cristianesimo impegnato nella quotidianità e, come una delle sue conseguenze, la costruzione di dialoghi con le diverse confessioni cristiane nella direzione dell'ecumenismo e del dialogo interreligioso; quanto al secondo, agendo nei campi del mondo moderno: nell'economia, nella politica, nella cultura, nella salvaguardia dell'ambiente, nell'educazione – soprattutto nell'Educazione alla Pace, proposte più eque che puntano alla creazione di rapporti più giusti e rispettosi delle reciproche differenze. Una mistica, dunque, che permea i rapporti umani nella loro diversità.

Parole chiave: Modelli ecclesiali. Spiritualità. Movimento dei Focolari. Ecumenismo. Dialogo interreligioso.

## ABSTRACT

This thesis, presented to the Postgraduate Program in Religion Sciences of the Catholic University of Pernambuco, sheds light over the Christian mystique of Chiara Lubich, founder of the Society of Mary (Focolare Movement), which began during the Second World War, in the city of Trento, northern Italy. After outlining the object of the thesis, the problem emerged from two questions: how did Chiara Lubich's mystique go beyond the monastic walls and opened the doors to the contemporary world without neglecting its Christocentric character? Is a fully aligned mystique, obedient to the Catholic Church as an institution, to overcome its walls, flooding secular worlds, without breaking with the Church itself, even feasible? This, then, is the problem that served as a streamline for our thesis. Our *general* objective was thus defined: to situate the impact of Chiara Lubich's Christian mysticism under the prism of her undisputed fidelity to the Catholic Church and her openness to the religious and secular worlds. The trails were defined by the specific objectives: to draw an overview of the ideologies and the Catholic Church in the first half of the 20th century, during the Second World War; to identify flashes of mystique in the childhood and youth of Chiara Lubich; to analyze the evolution of the Christian mystique of the Catholic Church until the first half of the 20th century; to investigate the mystical experience of Chiara Lubich; and to specify the rupture of walls in the religious world and the flood in the secular world caused by the mystique of Chiara Lubich. Among the theorists we use, we highlight Eric Hobsbawm and Giacomo Medina, who gave us important contributions to the history of war and the Church, respectively; Bernard McGinn, with his framework on mysticism, in addition to the great contribution we found in Roger Bastide on the same subject; Johann Baptist Metz and his proposal for a "mystique with open eyes", which goes towards the world, especially in search of those who suffer most, to find the face of God and dive into his mystery; the story of Chiara, supported by journalists Jim Gallagher (Scottish) and Armando Torno (Italian); and the abundant bibliography available on the aspects of her mystique, especially what she herself wrote and left as a legacy, not only for the members of the Movement, but for the Church and for humanity. As this is a *qualitative* research, we support our methodology in Cecilia Minayo and pursue two guidelines: the first, documentary, especially in documents from the collection made available on Chiara Lubich by the official *websites* of the Focolare Movement and the Vatican; and the second, bibliographic, whose review goes through the aspects and authors already mentioned, as well as others, including Chiara herself. As a result, we conclude that Chiara Lubich's mystique positively impacted both the religious and secular world in various directions. With regard to the first, the proposition of experiencing a Christianity committed to daily life, and, as one of its consequences, the construction of dialogues with various Christian denominations towards ecumenism and interreligious dialogue; regarding the second, we highlight the works in fields of the modern world: economics, politics, culture, preservation of the environment, education – especially in Education for Peace, proposals that point to the establishment of fairer and more respectful relations with differences. Therefore, a mystique that permeates human relations in their diversity.

Keywords: Ecclesial models. Spirituality. Focolare Movement. Ecumenism  
Interreligious dialogue

Imagens:

Imagem 1: Primeiro focolare – *Piazza Cappuccini*, nº 2. Trento (Itália) ..... 90

Imagem 2: Documento *Un pò di Storia del “Movimento dell’Unità”* ..... 107

## Mapas

Mapa 1: Campo de concentração nazista de Auschwitz-Birkenau .....	51
Mapa 2: Localização do Corredor Polonês .....	54
Mapa 3: República Socialista Italiana .....	61
Mapa 4: Localização da região Trentino-Alto Ádige .....	62
Mapa 5: Mapa da cidade de Trento. Bombardeios dos aliados em 2 de setembro de 1943 e 13 de maio de 1944 .....	63
Mapa 6: Mapa da cidade de Trento. Bombardeios dos aliados entre setembro e dezembro de 1944; e janeiro de 1945 .....	64
Mapa 7: Mapa da cidade de Trento. Bombardeios dos aliados entre 2 e 18 de abril de 1945 .....	65
Mapa 8: Estado da Cidade do Vaticano .....	67

## Tabelas

Tabela 1: Vítimas nos campos de concentração nazistas .....	51
Tabela 2: Estrutura da Obra de Maria .....	209
Tabela 3: Linha do tempo: Chiara e o Ecumenismo .....	216

## Gráficos

Gráfico 1: A vida em cores .....	219
----------------------------------	-----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>CHUVAS DE CHUMBO: A ESTUPIDEZ DAS GUERRAS .....</b>	<b>26</b>
	2.1 GUERRA: QUAL A CHAVE DE LEITURA? .....	28
	2.2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM OLHAR SOBRE A HISTORIOGRAFIA .....	39
	2.3 A ITÁLIA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	54
	2.4 TRENTO: A CIDADE NATAL DE CHIARA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	61
	2.5 A IGREJA CATÓLICA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	65
	2.6 AÇÃO CATÓLICA E A ORDEM TERCEIRA FRANCISCANA .....	71
<b>3</b>	<b>CHIARA LUBICH: HISTÓRIA DE UMA JOVEM TRENTINA .....</b>	<b>74</b>
	3.1 A FAMÍLIA LUBICH .....	74
	3.2 PRIMEIROS <i>INSIGHTS</i> DA MÍSTICA DE CHIARA LUBICH .....	76
	3.3 O ESPOSAR DEUS .....	80
	3.4 “ERAM TEMPOS DE GUERRA...” E TUDO SE EDIFICAVA .....	84
	3.5 UM NOVO ESTILO DE VIDA .....	90
	3.6 A MAIOR DE TODAS AS DORES .....	92
	3.7 NUNCA MAIS UMA AVE-MARIA? .....	94
	3.8 LINHAS E ENTRELINHAS .....	95
	3.9 “AQUI ESTÁ O DEDO DE DEUS” .....	103
<b>4</b>	<b>MÍSTICA DESÉRTICA E ENCLAUSURADA .....</b>	<b>108</b>
	4.1 DISCUSSÃO SOBRE MÍSTICA .....	109
	4.2 UMA PRIMEIRA COMPREENSÃO SOBRE MÍSTICA .....	113
	4.3 OS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO E A MÍSTICA .....	115
	4.4 O MISTÉRIO DA SARÇA ARDENTE – A REVELAÇÃO .....	119
	4.5 PROFETAS E PROFETISAS: VOZES DO (IN)DIZÍVEL .....	123
	4.6 A MÍSTICA CRISTÃ .....	127

4.6.1	A mística nos Evangelhos Sinóticos.....	128
4.6.2	A mística nos escritos paulinos e joaninos .....	130
4.6.3	A mística no cristianismo primitivo .....	134
4.6.4	As místicas e as doutoras da Igreja .....	140
<b>5</b>	<b>OUTRO DESERTO... OUTRA CLAUSURA... NOVA MÍSTICA.....</b>	<b>149</b>
5.1	MÍSTICA DE OLHOS ABERTOS: EXIGÊNCIA PARA O SÉCULO XXI... ..	150
5.2	CARACTERÍSTICAS DA MÍSTICA DE CHIARA .....	153
5.3	AS FACES SINGULAR E COLETIVA DA MÍSTICA DE CHIARA .....	158
5.4	UMA MÍSTICA PONTO A PONTO .....	162
5.4.1	Deus Amor .....	168
5.4.2	A vontade de Deus.....	170
5.4.3	A Palavra .....	172
5.4.4	O Irmão.....	175
5.4.5	O amor recíproco .....	177
5.4.6	Jesus Eucaristia.....	178
5.4.7	A unidade.....	180
5.4.8	Jesus Abandonado .....	183
5.4.9	Maria.....	185
5.4.10	A Igreja.....	190
5.4.11	O Espírito Santo .....	191
5.4.12	Jesus no meio .....	193
<b>6</b>	<b>DE TRENTO PARA OS MUNDOS ECLESIAÍSTICO E SECULAR.....</b>	<b>197</b>
6.1	FIDELIDADE INCONTESTE À IGREJA .....	198
6.2	INVADINDO MUNDOS RELIGIOSOS .....	207
6.3	INVADINDO MUNDOS SECULARES: AS INUNDAÇÕES .....	217
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>235</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>238</b>

**ANEXO .....244**

## 1 INTRODUÇÃO

Meu lugar de fala: sou católica desde sempre, jornalista por formação acadêmica e escritora por paixão. Conheci o Movimento dos Focolares e, conseqüentemente, a mística de Chiara Lubich, ainda na adolescência. Embora não tenha me inserido em sua estrutura, o que nunca significou um problema para mim, construímos, com o passar dos anos, um relacionamento sólido, de respeito mútuo, o que me permitiu uma salutar convivência com as pessoas que fazem parte do referido Movimento, a ponto de ser convidada, em 2016, a escrever o livro *Terra Santa Maria: uma história de muitos...*, narrando a história da Mariápolis Santa Maria, em Igarassu, por ocasião das comemorações dos seus 60 anos de fundação.

Essa proximidade me colocou em um dilema para a realização do projeto de doutorado: se, por um lado, oferecia um cabedal consistente, repleto de textos, informações, farta bibliografia etc., por outro exigia de mim um distanciamento daquilo que me era familiar, mesmo que um tanto difícil de manter em toda a extensão da escrita, que me permitisse uma criticidade responsável acerca dos acontecimentos aqui narrados e necessários à construção desta tese. Esse foi o meu calcanhar de Aquiles. Sou consciente, todavia, de que me esforcei para oferecer um produto o mais isento possível de meu pessoal reconhecimento da grandiosidade da mística de Chiara. Se em alguns momentos não o consegui, foi pelo simples fato de ter essa mística, desde minha adolescência, potencializado o parâmetro de ética, adquirido no seio da minha família natural, que norteou – e norteia – as minhas relações pessoais e sociais, a empatia com os sofrimentos do meu povo e, sobretudo, a fé no Sagrado no qual deposito meus passos.

Entre tantos fatos que me marcaram como fogo, um deles foi quando, ainda na década de 1970, mais precisamente em 1977, Chiara propôs aos jovens um desafio: o de enraizar-se na própria terra e estar prontos, como Jesus, a morrer pela própria gente (LUBICH, 2016d, p. 55-58). Qual o impacto em mim? Descobri que não conhecia minha gente. Se não a conhecia, como amá-la? Se não a amava, como estar pronta a dar a vida? Assim, sem medo de errar, posso dizer que Chiara me impulsionou a um processo de inculturação. Impeliu-me a conhecer a situação latifundiária da zona da cana de açúcar, na Mata Sul de Pernambuco, onde nasci, com todas as mazelas sociais decorrentes. Pouco a pouco, o Nordeste se descortinou para mim em toda a sua beleza natural, cultural, plural, mas também com todas as suas

chagas. E quantas “sementes do Verbo”<sup>1</sup> escondidas do litoral ao sertão, passando pela mata e pelo agreste! Essa era a minha gente e minha identidade enquanto pessoa e profissional.

Por adquirir essa identidade própria, cresceu paulatinamente a necessidade de conhecer, para melhor amar, os Brasis que existem dentro deste país continental, além de descobrir povos de outras latitudes espalhados por este mundo.

Assim, quando mergulhei em minha dissertação de mestrado, dentro desse mesmo Programa da Universidade Católica de Pernambuco – que resultou na publicação do livro ***Em nome do Pai... a negação de crenças***, um dos 13 volumes que compõem a Coleção Teses & Dissertações publicada em 2018, resultante da parceria do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Unicap, com a Editora Bagaço – Recife, idealizada e coordenada por mim e pela Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos, à época coordenadora do Programa –, fiquei muito à vontade para discorrer, sob o prisma antropológico, a respeito das motivações primeiras que resultaram na construção do preconceito religioso, sobretudo em relação às religiões de matrizes africanas, por ter identificado há anos, quando morei em Salvador, na Bahia, em seus adeptos, uma das mais bonitas faces de minha gente por várias razões, entre as quais a coragem da resistência. No decorrer da pesquisa para a dissertação, encontrei tantas concepções comuns entre valores cristãos e valores enaltecidos pela cultura popular, entre concepções cristãs e aquelas de religiões indígenas e afro-brasileiras – seriam aquelas “sementes do Verbo” anunciadas pelo Concílio Vaticano II? – que merecem ser aprofundadas.

A decisão de migrar para a mística cristã parece aparentemente antagônica. Mas não é assim. Diferentemente da Igreja Católica, óbvio, as religiões de matrizes africanas também possuem sua mística e tentam desvendar os mistérios do seu Sagrado. Para além dos ritos, existe uma cosmovisão extraordinariamente rica a ser apresentada em toda sua beleza, profundidade e diversidade conforme a “nação” predominante.

Estudar a mística cristã, como qualquer outra mística, não é tarefa fácil por vários motivos, sobretudo porque significa investigar a experiência singular do

---

<sup>1</sup> Valores que se encontram em outras religiões e culturas os quais são análogos àqueles existentes na tradição cristã. O Concílio Vaticano II reconheceu que nas demais tradições nacionais e religiosas existem “sementes do Verbo” adormecidas. Convida, assim, os missionários a descobrirem tais sementes: “... familiarizem-se com as suas tradições nacionais e religiosas; façam assomar à luz, com alegria e respeito, as sementes do Verbo nelas adormecidas” (Decreto *Ad Gentes*, 11).

relacionamento de uma pessoa com o transcendente. Quem poderá perscrutar tal encontro, senão o próprio protagonista? Assim, por mais que se escreva, por mais que se busquem teóricos, por mais que se tente penetrar no âmago do que foi vivido, parece que estamos sempre a anos-luz daquilo que foi saboreado por homens e mulheres reconhecidamente místicos. Como, então, discorrer sobre o mistério, o insondável, mesmo delimitando o espaço geográfico, a época e a denominação religiosa do objeto de estudo? Esse é, sem sombra de dúvida, o primeiro grande desafio.

Provocação aceita, o segundo passo trouxe as inquietações que precedem qualquer definição: debruçar-se sobre qual mística? Por que exatamente aquela? O que se espera? Aonde se quer chegar? E as respostas foram surgindo paulatinamente, sem pressa, porém com clareza e firmeza: queremos nos debruçar sobre a mística de Chiara Lubich não apenas por ser contemporânea ou por contados precedentes, conforme mencionados, mas por nos apresentar uma proximidade com o divino com tamanha simplicidade, a ponto de nos reconhecermos também capazes de viver aqueles aspectos por ela apresentados.

Esperamos atingir o entendimento de que sua mística abre caminho para a compreensão da universalidade da mensagem de Jesus Cristo, que aquele “Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Marcos 16,15) é inclusivo e não significa proselitismo, mas, sim, a aceitação da mensagem de amor, paz, justiça, mansidão, fraternidade universal. Dessa forma, atingir a percepção concreta do bem que tal mensagem pode fazer a todas as pessoas, independente de classe social, escolaridade, etnia, credo.

Diante dessa esperança, como, então, a mística de Chiara Lubich foi além dos muros monásticos e abriu as portas para o mundo contemporâneo sem negligenciar seu caráter cristocêntrico? E mais: é possível uma mística plenamente alinhada, obediente à Igreja Católica enquanto instituição, ultrapassar seus muros, inundar mundos seculares, sem romper com a própria Igreja? Eis, então, o problema que aflorou espontaneamente e que serviu de fio condutor para esta nossa tese. Eis o percurso de construção da nossa tese de doutorado – **Fidelidade incontestada à Igreja Católica e abertura aos mundos religioso e secular: a mística cristã de Chiara Lubich.**

Dito de outra forma: queremos demonstrar que Chiara manteve-se fiel à Igreja Católica, não obstante as perseguições e os estudos do Tribunal do Santo Ofício a

que se submeteu por 10 anos; provocou a abertura do mundo religioso tanto internamente quanto nas relações ecumênicas e inter-religiosas; propôs ao mundo secular outra forma de olhar o *locus* da religião no âmago das questões socioeconômicas e políticas. Portanto, deixou seu legado e sua contribuição para a formação de um novo tecido religioso e social que o século XXI exige.

Com esse percurso, definimos nossos objetivos.

O geral, ancorado a partir do nosso problema, ficou assim definido: situar o impacto da mística cristã de Chiara Lubich sob o prisma de sua fidelidade incontestada à Igreja Católica e de sua abertura aos mundos religioso e secular.

Como trilha para atingir tal objetivo, estabelecemos 5 objetivos específicos, quais sejam:

- Traçar uma panorâmica acerca das ideologias e da Igreja Católica no cenário da Segunda Guerra Mundial;
- Identificar lampejos de mística na infância e juventude de Chiara Lubich;
- Analisar a evolução da mística cristã da Igreja Católica até a primeira metade do século XX;
- Investigar a experiência mística de Chiara Lubich;
- Especificar o rompimento de muros e inundações de mundos religioso e secular provocados pela mística de Chiara Lubich.

Quais as razões que nos levaram a esses objetivos específicos? Partimos da necessidade de contextualizar o microuniverso histórico e religioso da primeira metade do século XX como recorte temporal, na Europa, afunilando para o Norte da Itália – nosso recorte espacial –, por ter sido o cenário da Segunda Guerra Mundial o palco nascedouro da mística de Chiara Lubich. Adentrar o cenário dessa guerra exigiu a definição de qual chave de leitura gostaríamos de abordar. Optamos não apenas pela descrição de fatos históricos, mas também pelo sentido da guerra e das questões ideológicas que a ela conduzem, portanto, a guerra revisitada por outros vieses, nos quais não escaparam o fascismo italiano, o nazismo alemão e o liberalismo com seus tentáculos capitalistas, nem, tampouco, a postura da Igreja Católica diante desse flagelo humano, com ênfase em duas instituições laicas, a Ação Católica e a Ordem Terceira Franciscana, das quais Chiara Lubich fez parte.

Nesse cenário de destruição, buscamos a personagem central de nossa tese, Chiara Lubich, e refizemos o percurso de sua história da infância à juventude, precisamente na cidade de Trento, situada no norte da Itália. Nesse percurso,

tentamos encontrar centelhas que nos indicassem o nascimento de uma mística que, pouco a pouco, foi-se descortinando e tomando forma, para identificar suas primeiras intuições nos abrigos antiaéreos. Ali, em seu nascedouro espontâneo, o desencadear de uma mística singular e coletiva que nos instigou a perscrutar quais eram novidades da mística nascente naquele panorama de morte.

Em se tratando de mística, e mística cristã, urge compreendê-la o mais profundamente possível. Um dos caminhos para tal compreensão, entrevemos, seria construir uma espécie de linha do tempo, ou seja, discorrer sobre sua evolução dentro da Igreja Católica, visto que Chiara Lubich a esta sempre pertenceu. Iniciamos por aquilo que nos dizem os teóricos sobre a concepção da mística enquanto imersão nos mistérios de Deus como base necessária para encontrarmos esses “mistérios” nas Sagradas Escrituras. Assim, os Antigo e Novo Testamentos foram visitados sob essa perspectiva, até chegarmos à mística de quatro santas, reconhecidas como doutoras da Igreja, quais sejam: Teresa D’Ávila, Catarina de Sena, Teresa de Lisieux e Hildegarda de Bingen, assim reconhecidas somente na segunda metade do século XX. Estava formado um mosaico sobre mística que nos serviria de âncora para estudarmos a mística de Chiara Lubich.

Começamos, então, a investigar a mística cristã de Chiara Lubich. Encontramos um universo surpreendente em todos os sentidos, não tanto por ser uma mulher leiga, mas pelo aspecto coletivo de sua experiência. Embora fosse ela a “escolhida” por Deus para doar à Igreja e à humanidade esse novo olhar sobre aspectos espirituais e humanos ao mesmo tempo, nunca guardou para si as suas intuições, as suas iluminações, as suas experiências com o Sagrado. Tudo foi compartilhado com as primeiras pessoas que conviviam com ela. Daquela convivência, floresceu um redimensionamento do que ia encontrando e compreendendo nos Evangelhos. Se podemos dizer assim, uma mística que nasceu com o Evangelho nas mãos e, dessas mãos, transformou-se em experiência de vida.

Dessa investigação, o encontro com a obediência radical à Igreja baseada na convicção da verdade contida nas palavras do próprio Jesus: “Quem vos ouve a mim ouve” (Lucas 10,16). Uma fidelidade que, embora com o sofrimento decorrente, esperou por longos 10 anos de estudo do então Santo Ofício até ser, finalmente, reconhecida pela Igreja Católica. Sem abrir mão dessa fidelidade incontestada, rompeu muros e estabeleceu um frutífero relacionamento ecumênico e inter-religioso que precedeu, inclusive, aquilo que viria a ser linhas do Concílio Vaticano II; propôs, a

partir de sua experiência cristã, diretrizes de ações para atividades nos mundos seculares, tais como a economia, a cultura, a arte, a educação etc.

Portanto, perseguindo esses cinco objetivos específicos, como uma multicolorida e harmônica colcha de retalhos, a mística de Chiara Lubich se nos apresentou associada às cores do arco-íris, como ela mesma propôs aos jovens a *Revolução Arco-Íris*, em junho de 1968 (LUBICH, 2016a, p. 78-94) na qual cada cor comporta um aspecto de sua mística indicando, concomitantemente, sua concretude na vida cotidiana. Esses aspectos estão sistematizados em doze pontos específicos – denominados os pontos de sua espiritualidade –, aqueles pontos vividos, paulatinamente, naquele cenário de guerra e aprofundados com o passar dos anos e a decorrente maturação de sua experiência.

Trilho definido, fomos em busca de referências teóricas que balizassem e dessem solidez às nossas escrita, análises e conclusões, tarefa que também não é fácil, tendo em vista a gama de excelentes pensadores e pensadoras que discorreram e teorizaram sobre os aspectos que queríamos abordar. Assim, aqui apresentaremos alguns desses e dessas teóricas, mesmo sabendo que, na feitura do texto, entre uma afirmação e outra, entre uma análise e outra, ancoramo-nos em outras escritas dada a sua sincronia com o que estávamos colocando no papel.

Para as questões históricas e analíticas da Segunda Guerra Mundial, podemos citar Eric Hobsbawn, com a sua *Era dos Extremos: o breve século XX*; Martin Blinkhorn, que nos conta a história de *Mussolini e a Itália fascista*; Laurende Rees e o compêndio sobre *o holocausto*. No que se refere às questões ideológicas, ancoramo-nos em Marilena Chauí, com seu livro *O que é ideologia*; em Elias Canetti e sua obra sobre *massa e poder*, e em Kenneth Waltz e suas considerações sobre *o homem, o estado e a guerra*. Em relação à Igreja, podemos citar Giacomo Martina, com sua *História da Igreja*, e David Kertzer, que venceu o prêmio Pulitzer de Biografia, com o livro *O Papa e Mussolini*.

No que se refere à vida de Chiara Lubich, além de livros de sua própria autoria, respaldamo-nos em Jim Gallagher, jornalista escocês, autor de *Chiara Lubich, uma mulher e sua obra*; em Eli Folonari, secretária de Chiara por mais de 50 anos, que nos deixou um livro-testemunho intitulado *A partitura no céu: cinquenta anos com Chiara Lubich*; em Armando Torno, jornalista italiano, e sua obra *Levar a Ti o mundo em meus braços: vida de Chiara Lubich*.

Na discussão sobre mística, sentimos minimamente a necessidade de um olhar antropológico, que encontramos em Roger Bastide, no seu *Sagrado Selvagem e outros ensaios*, para, em seguida, embrenharmo-nos na mística sob a perspectiva cristã, na qual encontramos Maria Clara Bingemer e sua contribuição ao livro organizado por Faustino Teixeira, *No limiar do mistério: mística e religião*; em Barnard McGinn, com *o desenvolvimento da mística*, além dos Dicionários de *Mística* e de *Espiritualidade*, escritos do Borrielo *et al* e Stefano de Fiores e Tullo Goffi, respectivamente.

Para investigar a mística de Chiara Lubich, fizemos uso da vasta bibliografia de sua autoria em confronto com os conceitos de *instituinte* e *instituído*, formulados por Cornelius Castoriadis, e utilizados por Roger Batisde (2006) em uma perspectiva das religiões. Assim, abordamos, em uma primeira leva, aquilo que consideramos o instituinte de sua mística, ou seja, as inspirações, as experiências, as descobertas, as iluminações etc. Ajudou-nos sobremaneira o livro de Fabio Ciardi – *Viagem ao paraíso: a experiência espiritual de Chiara Lubich no verão de 1949*.

Por fim, para especificar o “rompimento de muros e inundações de mundos religioso e secular”, ancoramo-nos em Johann Baptist Metz, teólogo católico alemão, que propôs uma *mística de olhos abertos*, uma mística que espelhe o olhar messiânico de Jesus, aquele olhar que vai ao encontro do sofrimento do outro para o ajudar a renascer para a vida e vida em abundância. Portanto, não uma mística fechada entre muros e clausuras, mas uma mística aberta ao mundo. Deparamo-nos, outrossim, com a parte instituída da mística de Chiara que se apresenta na Obra de Maria ou Movimento dos Focolares, reconhecida e aprovada pela Igreja Católica.

Outros e outras teóricas complementaram o arcabouço. Textos em italiano e em espanhol não constituíram um obstáculo, considerando nossa compreensão desses dois idiomas.

Quanto à metodologia, optamos por uma pesquisa qualitativa uma vez que a tese passeia pelo campo das interpretações, sentimentos e pensamentos. Assim, encontramos eco em Maria Cecília Minayo, para quem a pesquisa qualitativa

responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. [...]. A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto

cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1994, p. 22).

Continuando em busca de balizarmos a metodologia como trilha da nossa tese, Cecília Minayo nos fala do “ciclo da pesquisa”, definido por ela como “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (MINAYO, 1994, p. 26).

Aqui, esse processo apresenta-se em duas diretrizes: a primeira, documental, sobretudo em documentos oriundos do acervo disponibilizado sobre Chiara Lubich pelos *sites* oficiais do Movimento dos Focolares e do Vaticano; e a segunda, bibliográfica, cuja revisão perpassa os aspectos e autores/autoras já mencionados, quando enfatizamos os nossos referenciais teóricos.

Seguimos basicamente as três etapas apontadas por Gomes (1994, p. 76): coleta e leitura do material da pesquisa e seus devidos fichamentos; exploração desse material, seleção de textos e/ou partes desses; e a redação propriamente dita, que expressa o diálogo com o tema, objetivos e questões da pesquisa como forma de síntese.

Foi no processo natural do desenvolvimento da pesquisa que, em momento oportuno, demos ênfase às leituras, à análise dos teóricos, à contextualização dos fatos e à elaboração textual da tese, que está dividida em cinco capítulos de conteúdo, além da introdução (primeiro capítulo) e das considerações finais (sétimo capítulo).

No capítulo que abre a tese, intitulado ***Chuvas de chumbo: a estupidez das guerras***, buscamos uma chave de leitura que nos permitisse olhar para a Segunda Guerra Mundial não apenas em seu contexto histórico, mas também pelas causas que levam os povos, sejam quais forem suas organizações sociopolíticas e econômicas, a conflitos bélicos. Assim, as questões ideológicas vieram à tona como consequência natural do processo da escrita. Nesse contexto da guerra, localizamos Trento, a cidade natal de Chiara, que foi drasticamente atingida, sobretudo nos anos finais do conflito. Localizamos, também, a Igreja Católica e sua posição em relação à guerra, além da Ação Católica e da Ordem Terceira Franciscana, organizações das quais

Chiara Lubich não somente fez parte, mas também desempenhou um papel de liderança.

No capítulo seguinte – **Chiara Lubich: história de uma jovem trentina** –, apresentamos a história de Chiara da infância à juventude, com o intuito de identificar, nos acontecimentos de sua vida, lampejos de sua mística.

**Mística desértica e enclausurada** é o título do quarto capítulo no qual apresentamos uma discussão sobre a mística para encontrá-la nos Antigo e Novo Testamentos, no cristianismo primitivo e nas doutoras da Igreja.

O quinto capítulo intitulamos **Outro deserto... outra clausura... nova mística**. Aqui apresentamos a mística de Chiara e seus pontos constituintes, para, no sexto capítulo – **De Trento para os mundos eclesiástico e secular** –, encontrarmos a mística de Chiara na sua fidelidade à Igreja, nas atividades ecumênicas, no diálogo inter-religioso e em suas propostas para o corpo social.

Eis a forma como estruturamos nossa tese.

## 2 CHUVAS DE CHUMBO: A ESTUPIDEZ DAS GUERRAS

É recorrente, na narrativa sobre sua experiência, Chiara (assim nos reportaremos a ela de agora em diante, porque sempre foi referenciada por todos dessa forma) começar sua história exatamente assim: “Eram tempos de guerra, e tudo desmoronava”, justamente porque, jovem ainda, viveu o cenário da Segunda Guerra Mundial, ali, no norte da Itália, em Trento, sua cidade natal, e viu, em primeira pessoa, todas as mazelas causadas pela fúria das chuvas de chumbo, que anulavam pessoas com seus bens materiais (parcos ou em maior quantidade) e imateriais, como memórias, histórias, sonhos.

É recorrente, também, nessa narrativa, a referência à Ação Católica criada pelo papa Pio X, em 1905, e à Ordem Terceira Franciscana, duas instituições que também contribuíram para a formação cristã de Chiara, além da educação familiar. Portanto, um segundo cenário: a Igreja Católica, no final do século XIX e primeiras décadas do século seguinte, viveu um rico período de renovação espiritual e teológica. De acordo com Thomas Kaufmann *et al* (2017), movimentos de renovação dentro da Igreja remontam sobretudo ao pós-Primeira Guerra Mundial. É nesse tempo que se desenvolveram o *movimento da juventude católica*, o *movimento bíblico* e o *movimento litúrgico*, entre outros, surgentes em vários países, sempre ligados a novos impulsos teológicos.

É, pois, um tempo de ebulição interna, embora alguns desses movimentos tenham seus desdobramentos no período pós-Segunda Guerra ou tenham sido aprofundados durante o Concílio Vaticano II, como é o caso do *movimento ecumênico*, que tem suas raízes históricas nos campos missionários de igrejas protestantes, nos quais as diferentes denominações enfrentavam dificuldades comuns e que, posteriormente, englobariam as Igrejas Ortodoxas, em um esforço comum, em um esforço conjunto de solidariedade entre os cristãos, inicialmente europeus, perplexos com a capacidade destrutiva da civilização moderna e belicosa que ajudaram a construir. Eis as sementes do Conselho Mundial das Igrejas.

No que se refere à Segunda Guerra Mundial, queremos, neste primeiro capítulo, compreender tal cenário. Claro que não poderemos fugir de fatos históricos que compuseram esse período que mudou, substancialmente, a compreensão de mundo e o rumo da história, sobretudo dos países envolvidos, estivessem ou não no palco principal do teatro de horrores, a Europa.

Diante da dramaticidade e barbárie dessa guerra, como de todas as outras, as reações foram indizíveis e, como um pêndulo, oscilaram desde atos inimaginavelmente cruéis a heroicos, anônimos ou não, como o do Frei Maximiliano Kolbe<sup>2</sup>, ou de Oskar Schindler<sup>3</sup>. Ainda na oscilação desse pêndulo, a guinada do pensamento político e filosófico, como o de Hannah Arendt<sup>4</sup>. Testemunhos não faltaram de pessoas que suplantaram os traumas produzidos pelas atrocidades e retomaram a vida cotidiana sem, contudo, esconder as próprias feridas, cicatrizadas ou não.

Também defronte à tragédia da Segunda Grande Guerra, pessoas conseguiram ver uma luz no final do túnel e enxergar vida quando tudo ao seu redor gritava morte. Chiara compreendeu uma dessas luzes que não anulou as dores vividas *de per si* e do povo trentino, em absoluto, mas a fez entender a força de Deus, amor por excelência dentro de cada pessoa e entre as pessoas. Assim, buscaremos essencialmente a compreensão do impacto causado pelo flagelo da guerra na vida de pessoas comuns, em que se insere a família natural de Chiara e daquelas pessoas que, no seu entorno, buscavam uma vida coerente com os ideais cristãos.

No que diz respeito à Igreja, percorreremos não apenas o afloramento dos movimentos de renovação que mencionamos, mas, sobretudo, a importância da Ação Católica e da Ordem Terceira na vida de Chiara porque queremos ir em busca do nascedouro de sua mística. Nesse sentido, todos os detalhes assumem uma importância extraordinária, visto que a história se constrói a partir de momentos. É como um grande mosaico por vezes harmônico, ou grotesco, ora indecifrável, ou

---

<sup>2</sup> Frei Maximiliano Kolbe, frade franciscano, morreu em 14 de agosto de 1941, no campo de concentração de Auschwitz, no Sul da Polônia, operado pelo Terceiro Reich, onde recebeu o número 16670. Após a fuga de um prisioneiro, dez confinados foram enviados para o chamado *bunker da fome* (cela da fome), no Bloco 13, onde permaneciam sem nenhuma refeição até a morte por inanição. Frei Kolbe, espontaneamente, ofereceu-se para ir no lugar de Franciszek Gajowniczek, sargento polaco, integrante da resistência judaica. Foi proclamado santo no dia 10 de outubro de 1982, pelo papa João Paulo II, seu conterrâneo.

<sup>3</sup> Oskar Schindler, industrial alemão, das Sudetas (cadeia de montanhas na fronteira entre a República Checa, a Polônia e a Alemanha), conseguiu salvar mais de 1.200 judeus, empregando-os em suas fábricas de cosméticos e munições, localizadas nas atuais Polônia e República Checa. Sua vida se transformou em livro romanceado (1982), escrito por Thomas Heneally, e em filme (1993), dirigido por Steven Spielberg, sob o título *A Lista de Schindler*.

<sup>4</sup> Hannah Arendt nasceu em 1906, em Hannover, Alemanha, de família judia culta e abastada. Ingressou na Universidade de Berlim em 1924. Forçada à emigração pelo nazismo, viveu na França e nos Estados Unidos. Morreu em 1975. Entre suas obras encontramos *Origens do totalitarismo – antissemitismo, imperialismo, totalitarismo* (1951); *A condição humana* (1958) e *Sobre a violência* (1970).

facilmente decodificado, mas sempre composto por inúmeras e pequenas peças. Assim adentraremos o microuniverso de Chiara.

## 2.1 GUERRA: QUAL A CHAVE DE LEITURA?

Quando pensamos na guerra, logo nos transportamos para a história dos povos e percebemos que ela, a guerra, permeia e perpassa civilizações de todos os tempos. Aliás, ela se retrata como “luta” pela conquista, pela supremacia de uns povos sobre outros, pela “necessidade” de expansão e/ou defesa territorial, econômica, política, ideológica. Todavia, onde está sua raiz primeira, isto é, de onde parte tudo isso?

Em busca de respostas, Pierre Clastres (2004), na sua *Arqueologia da Violência*, instiga-nos a olhar nossa ancestralidade comum. Ele concebe a sociedade primitiva como aquela homogênea, que não é dividida e na qual, por conseguinte, não existe a estratificação de classes. Assim, a relação de poder assume outra lógica, isto é, a função de chefia – mesmo mantendo o prestígio, é esvaziada de comando porque ele, o poder, está no corpo indiviso da sociedade.

No capítulo sobre “*a guerra nas sociedades primitivas*”, apresenta-nos uma inquietante perspectiva dessas sociedades. Clastres (2004, p. 159-187), em contraponto à visão predominante à época que classificava como sociedades ditas primitivas aquelas indígenas, africanas, aborígenes, entre outras, coloca o dedo na ferida, se podemos dizer assim, e aponta outro prisma: essas sociedades diferem daquelas consideradas desenvolvidas porque não são hierarquizadas aos moldes concebidos pelas sociedades ocidentais. Procurou demonstrar que a evolução das sociedades não pode ser medida, necessariamente, pela transformação de um sistema tribal, portanto, igualitário, que “ignora – porque impede seu aparecimento – a diferença entre ricos e pobres, a oposição entre exploradores e explorados, a dominação do chefe sobre a sociedade” (CLASTRES, 2004, p. 174), para um sistema hierarquizado, de castas, de estratificação econômica, social, e de poder. Nessa direção, as sociedades denominadas primitivas, de acordo com Clastres (2004), desenvolvem seus próprios mecanismos culturais, os quais naturalmente bloqueiam o aparecimento de figuras de comando, isto é, de poder coercitivo. Nessas sociedades existem os guerreiros, os pajés, cujas funções têm relação direta com o sagrado daquela sociedade específica, ou dos chefes dos quais emergem os conselhos,

assumem a voz de comando, mas não uma postura opressora. A questão, então, não é a hierarquia, mas as relações de poder que não se baseiam na centralidade do mando de um chefe visando à exploração dos demais. Por isso as “classes” não produzem riqueza de uns sobre a pobreza de outros. Sob esse ângulo, as sociedades primitivas não caminham rumo à estatização. Ao contrário, configuram-se como verdadeiras sociedades "contra o Estado", visto que sua dinâmica cultural impede, naturalmente, a formação de uma classe de dirigentes e outra de dirigidos.

Assim, Clastres (2004) propõe sua filosofia política, que se contrapõe ao Estado como está estruturado na atualidade, alicerçada em dois pilares: no primeiro, na chefia das sociedades primitivas despojada do poder opressor, e a estrutura que funciona como uma espécie de apreço interno e que se contrapõe à concentração de poder. No segundo, são sociedades talhadas para a guerra, o que lhes garante a permanência demográfica, com território restrito, proporcionando condições básicas para a sua indivisibilidade.

Ainda no que se refere ao segundo pilar, apresenta-nos uma inquietante interpretação. Para Clastres (2004), esses povos faziam guerras – aliás, muitos amavam a guerra –, necessárias à existência da própria sociedade e de sua autonomia. Nem sempre pela necessidade de expansão ou defesa territorial, econômica, política ou ideológica, mas para celebrar aliados e por questões de reciprocidade e troca. Evidentemente, também para se defender ou enfrentar inimigos.

As sociedades hierarquizadas, no curso da história, foram tomando formas diversas aos moldes de pressupostos religiosos e ideológicos, e adquirindo outras características contrárias àquelas sociedades primeiras, a começar pela estruturação do poder, pela necessidade de expansão territorial, pelo desejo de acumulação de riquezas, pela subjugação/escravização de outros povos (perdedores) transformados em propriedades dos poderosos. Nessas sociedades, as razões da guerra perpassavam, entre outras, as necessidades mencionadas.

A partir do século XVIII, o contexto sociopolítico começou a ser repaginado e a assumir as feições de Estado como o concebemos na atualidade. No Ocidente, podemos situar a semente da evolução da organização social, política e econômica do Estado Moderno a partir de dois grandes eventos iniciados no século XVIII: a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. Com as ideias libertárias introduzidas pela primeira e a nova concepção de propriedade pela segunda, baseada nos meios de produção, provocando um deslocamento substancial no exercício do poder até

então centralizado na posse da terra, o Estado surge como a reorganização da vida individual e da vida em sociedade. Para Bobbio, Matteucci e Pasquino (1998, p. 401), “a mudança fundamental consistiu [...] na gradual integração do Estado político com a sociedade civil, que acabou por alterar a forma jurídica do Estado, os processos de legitimação e a estrutura da administração”.

A guerra, então, adquiriu outras características, sobretudo no que se refere ao arsenal bélico, embora as motivações e as raízes tenham permanecido inalteradas. Assim, como outrora, lembra-nos Rousseau, a guerra

não é, pois, [...] uma relação de homem para homem, mas uma relação de Estado para Estado, na qual os particulares apenas acidentalmente são inimigos, não na qualidade de homens, nem mesmo como cidadãos, mas como soldados; não como membros da pátria, mas como seus defensores. Enfim, cada Estado não pode ter como inimigo senão outro Estado, nunca homens, entendido que entre coisas de naturezas diversas é impossível fixar uma verdadeira relação (ROUSSEAU, 1996, p. 16-17).

Seguindo essa linha de raciocínio de Rousseau, podemos fazer uma distinção: o interesse do Estado e o interesse das pessoas. O primeiro, com seus representantes legais, não necessariamente legítimos; o segundo, a grande massa, que, de acordo com Elias Canetti (2019), é onde o homem liberta-se do temor do contato e idealiza a igualdade entre todos, definida por ele como massa ideal.

A formação da massa é descrita por Canetti como fenômeno tão enigmático quanto universal, que

repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Um poucas pessoas se juntam — cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente, o local preteja de gente. As pessoas afluem, providas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto, têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. O movimento de uns — pode-se pensar — comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta [...] o local onde a maioria encontra-se reunida (CANETTI, 2019, p. 13).

Discorrendo sobre esta formação, Canetti identifica a massa em sua ânsia de crescimento e a classifica como aberta, considerada a natural e a mais autêntica, que se caracteriza por aquela que “deseja abarcar todo aquele que esteja ao seu alcance” (CANETTI, 2019, p. 13-14). Canetti explica que essa massa aberta existe na justa proporção em que cresce. Assim, sua desintegração começa exatamente quando

perde a capacidade de crescer. “Nessa sua forma espontânea, ela é uma construção delicada. [...]. Enquanto pode, ela absorve tudo; uma vez, porém, que tudo absorve, tem ela também de, necessariamente, desintegrar-se” (CANETTI, 2019, p. 13).

Em contraponto, o mesmo autor identifica aquela massa fechada que visa não tanto o crescimento, mas, sim, a durabilidade. Para ele, “a massa fechada se fixa”, cria espaço próprio, delimitado, com plena consciência de seu tamanho e capacidade. Assim, as fronteiras são estabelecidas e impedem o crescimento desordenado e fora de controle. Uma vez preenchido o espaço e com sua densidade comprovada, ninguém mais entra em seu núcleo. Dessa forma, “ela se encontra protegida de influências exteriores que lhe poderiam ser hostis e perigosas” (CANETTI, 2019, p. 14).

Na construção das massas, o acontecimento mais importante, ainda de acordo com Canetti, é aquilo que ele nomeia como *descarga*, um termo aparentemente estranho encontrado pelo autor para sintetizar o momento em que “todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se *iguais*” (CANETTI, 2019, p. 15), sobretudo aquelas diferenças impostas, determinadas pela hierarquia, posição social e pela propriedade, mesmo que as pessoas sejam conscientes dessas diferenças. Dessa maneira, “é em razão desse momento feliz, no qual ninguém é *mais* ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa” (CANETTI, 2019, p. 16). E Canetti continua:

Contudo, o momento da descarga, tão cobiçado e feliz, encerra em si o seu próprio perigo. Padece de uma ilusão básica: embora sintam-se subitamente iguais, os homens não o são de fato, nem o são para sempre. Retornam cada um à sua casa e põem-se em suas camas para dormir. Conservam suas posses e não renunciam ao próprio nome. Não repudiam seus parentes nem abandonam a família. Somente em conversões de natureza mais séria é que os homens rompem antigos vínculos, assumindo novos. Tais vinculações, que, por sua natureza, podem acolher apenas um número limitado de membros e precisam assegurar a própria existência mediante duras regras, eu as chamo cristais de massa (CANETTI, 2019, p. 16).

“Cristais de massa”, definidos, pelo autor, como grupos pequenos e rígidos, muito bem delineados, treinados para tal fim, de grande durabilidade, os quais servem para desencadear as massas. Estamos, pois, teoricamente, diante do surgimento de um núcleo operacional que pode assumir qualquer feição (econômica, ideológica e política, por exemplo) e da *massa de manobra*, composta por pessoas que se deixam

levar por uma onda filosófica, ou pela propaganda de um determinado movimento, ou, ainda, aquela veiculada em grande escala pelos *mass media* (incluindo as redes sociais), sem a preocupação de investigar suas origens, deixando-se levar pelo impulso ou esperança de atingir aquele “momento feliz”, isto é, um patamar diferente daquele que lhe representa fracasso, incômodo, injustiça, tudo aquilo que gostaria de que fosse diferente.

Nesse contexto, apresentam-se dois personagens: o manipulador e o manipulado. O primeiro, dentro do nosso estudo, a representatividade do Estado; e o segundo, a população, que, via de regra, segue os interesses das lideranças.

O manipulador trata o manipulado como se fosse uma coisa: maneja, dirige, molda as suas crenças e/ou os seus comportamentos, sem contar com o seu consentimento ou sua vontade consciente. O manipulado, por sua vez, ignora ser objeto de manipulação: acredita que adota o comportamento que ele mesmo escolheu, quando, na realidade, a sua escolha é guiada, de modo oculto, pelo manipulador (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINI, 1998, p. 727).

No cenário de guerra, portanto, o Estado, o qual podemos associar aos *cristais de massa*, define posições, estabelece alianças, recruta exércitos, opta por determinadas estratégias. E a massa vai para o *front*. Ali, o encontro de massas, ou, como escreveu Elias Canetti, o encontro da *massa dupla*, isto é, são massas que se enfrentam com o mesmo objetivo: conseguir, em relação ao outro, o maior número de mortos possível.

Assim sendo, “a eclosão de uma guerra é, primordialmente, a *erupção de duas massas*” (CANETTI, 2019, p. 89, grifo original), conduzidas, singularmente, por seus *cristais* que permanecem nas seguras salas dos alto-comandos políticos e bélicos.

Se se contemplam conjuntamente ambas as partes em guerra, o quadro que se obtém é o de *duas massas duplamente entrelaçadas*. Um exército o maior possível almeja produzir um amontoado o maior possível de inimigos mortos. O mesmo vale para o lado oposto. O *entrelaçamento* resulta do fato de que cada participante de uma guerra pertence sempre a *duas massas* ao mesmo tempo: para sua gente, ele pertence ao número dos guerreiros vivos; para o adversário, ao número de mortos potenciais e desejáveis (CANETTI, 2019, p. 87-88, grifo original).

Michael Walzer (2003) evidencia a brutalidade empregada para se atingir a este quantitativo, o que nos aponta para uma inquietante e lógica constatação: as duas massas que se digladiam assumem outra batalha para além daquela traçada pelos estrategistas, ou seja, a luta da própria sobrevivência intrínseca ao ser humano e,

portanto, peculiar a cada soldado. A batalha, então, assume duas faces com seus antagonismos comuns a ambas as massas. Por um lado, a necessidade subjetiva de inserir-se à massa na qual se sente igual e adquire coragem (ou é apenas impulsionado a) para enfrentar seus próprios medos; e, por outro, o pavor do contato com o outro diferente de si e que lhe representa uma possível sentença de morte porque pertencente à outra massa.

Diante de tal mosaico, não é difícil entender a notável e inconfundível alta tensão que caracteriza os fenômenos bélicos: o homem quer antecipar-se à morte de si, eliminando o outro, e age em massa porque é nesta que encontra sua afoiteza. Enquanto a guerra durar, os homens têm que permanecer massa, caso contrário, experimentam o próprio esfacelamento e a iminência da própria morte. Ao mesmo tempo, o entrelaçamento que resulta na busca pela morte do outro não retrata o interesse constante do povo. De acordo com Kenneth Waltz (2004, p. 12), “o interesse do povo é a paz”. Retrata, sim, os interesses dos *cristais*, que, em tese, autodeclaram-se como voz legítima dos comandados/adeptos/seguidores, seja qual for a nomenclatura utilizada. Por consequência, a voz da massa.

Ainda sobre a estatização societal, cujo processo histórico, como vimos, surgiu no final do século XVIII, encontramos em Kenneth Waltz (2004), um dos mais respeitados cientistas políticos do século XX e início do século XXI, a busca pelas causas da guerra. Analisando *O homem, o Estado e a guerra*, título de um de seus livros, Waltz apresenta suas conclusões em três imagens: o comportamento humano, a estrutura interna dos Estados e a anarquia internacional, que difere, como veremos adiante, do *anarquismo* enquanto teoria social e movimento político, surgido no Ocidente, na segunda metade do século XIX, e que tem sua base no pensamento do filósofo político e econômico francês Pierre-Joseph Proudhon. Interessa-nos uma síntese de cada uma dessas imagens para compreendermos sua teoria sobre as causas da guerra.

Na primeira imagem, Waltz apresenta uma releitura de filósofos e teóricos políticos, entre os quais William James, Jonathan Dymond, Han Morgenthau, Reinhold Niebuhr, o próprio Santo Agostinho, que relacionam as causas da guerra à natureza e ao comportamento do homem. Tecendo comentários sobre esse aspecto determinante para a guerra, Waltz o sintetiza da seguinte forma:

O local das causas importantes da guerra reside na natureza e no comportamento do homem. As guerras resultam do egoísmo, de

impulsos agressivos mal canalizados, da estupidez. As outras causas são secundárias e devem ser interpretadas à luz desses fatores. Se essas são as causas fundamentais da guerra, a eliminação desta tem de vir da elevação e do esclarecimento dos homens e de medidas que assegurem seu reajustamento psicossocial (WALTZ, 2004, p. 23).

Portanto, discorrendo sobre essa primeira imagem, Waltz coloca em pauta aquilo que afirmam os teóricos, isto é, o egoísmo e a agressividade como elementos intrínsecos à espécie humana e deles brotariam as razões da guerra entre Estados. Nessa perspectiva, inserem-se os perfis de líderes classificados como despóticos, egoístas e loucos, os quais compõem a raiz dos conflitos internacionais. Diante de tal imagem, Waltz, no entanto, questiona, essencialmente, aquilo que chamou de “natureza fixa do homem”, portanto, estática, sem a possibilidade de transformações e/ou mudanças. Todavia, aponta o autor, a natureza humana, por ser constante, imutável, por si só não consegue explicar os diversos e até antagônicos fenômenos políticos e sociais. Transportando para as formas causais da guerra, em sendo o ser humano de natureza fixa da qual a guerra emerge, qual a explicação para períodos de paz? Citando Émile Durkheim, o autor lembra que “o fator psicológico é demasiadamente geral para determinar o curso dos fenômenos sociais” (DURKHEIM *apud* WALTZ, 2004, p. 37), entre os quais, a guerra.

Em suas análises, pontua o contraditório e, nesse bojo, a capacidade altruísta também própria ao ser humano. Neste contraditório à condição estática, fixa, imutável do ser humano, Waltz evidencia a inerente dualidade, o que reporta a Ivone Gebara, quando define como “seres misturados” (2017), capazes de atos magnânicos e, ao mesmo tempo, extremamente cruéis.

Oferecendo uma sinopse dessa primeira imagem, Waltz não economiza em problematizar o fato de se querer atribuir apenas ao comportamento humano as causas da guerra. Apresenta a síntese dessa primeira imagem no seguinte enunciado: “A maldade do homem, ou seu comportamento impróprio, leva à guerra; a bondade individual, se pudesse ser universalizada, significaria paz” (WALTZ, 2004, p. 50). A partir desse enunciado, contraria a posição dos que creditam ao comportamento humano as razões da guerra e dos que buscam outras causas. Assim,

é comum que, entre aqueles que esperam que a melhoria do comportamento humano traga a paz ao mundo, a influência das instituições sociopolíticas fique soterrada sob a convicção de que o comportamento individual é determinado mais pela inspiração religiosa e espiritual do que pelas circunstâncias materiais. Com relação àqueles que vinculam a guerra a defeitos inerentes ao homem,

o ímpeto aparece mais claramente na direção oposta. O controle de homens rapaces requer mais força que exortação. [...]. O pressuposto de uma natureza humana fixa nos mesmos termos do qual o mais deve ser compreendido ajuda a afastar a atenção *da natureza* humana – porque esta, nos termos de tal pressuposto, não pode ser alterada, ao passo que as instituições sociopolíticas podem (WALTZ, 2004, p. 52-53).

As questões evidenciadas na primeira imagem não excluem o Estado – colocam-no em um patamar de menor importância frente ao comportamento humano. Assim sendo, sempre de acordo com Waltz, para compreender a guerra e a paz, tem-se de usar a análise política para complementar e organizar as descobertas da psicologia e da sociologia.

Por conseguinte, na segunda imagem, entram em cena as organizações internas dos Estados como chave para a compreensão da guerra e da paz. Tais organizações adquirem nuances próprias, resultantes de um somatório de aspectos tais como a cultura, alternâncias de grupos ideológicos que assumem o poder político e, a partir deles, determinam os caminhos a serem percorridos nas diversas áreas, os acordos internos para manter a sua unidade, o poder econômico representado, via de regra, por grupos empresariais nacionais e/ou internacionais, e assim por diante. O fato é que, para existir, o Estado necessita dessa organização interna que, segundo o autor, é tão engenhosa quanto a que vimos na primeira imagem.

Ora, estará nessa organização interna dos Estados o nascedouro das causas da guerra? Dessa forma, é possível acreditar que uma mudança no Estado provocaria a emergência da paz? O autor não credita às ideologias A ou B a exclusividade causal da guerra. Para ele, as ideologias permeiam as políticas internas dos Estados. Dessa forma, o que interessa decisivamente é o imperativo que todos os Estados têm de prover a sua própria segurança, quer estejam sob regimes reconhecidos como democráticos, quer se caracterizem por regimes totalitários. É nos estudos dessas organizações internas que vem em evidência o pensamento liberal, que, conforme Waltz,

vai internamente do liberalismo do *laissez-faire*<sup>5</sup> ao revisionismo liberal e, externamente, da confiança na melhora do interior de Estados isolados à aceitação da necessidade de organização entre eles. Mas o tipo de organização concebido se achava insuficientemente equipado para realizar seus objetivos. Neste ponto, evidencia-se

---

<sup>5</sup> Expressão francesa que simboliza o liberalismo econômico, na versão mais pura do capitalismo de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência, taxas nem subsídios, apenas com regulamentos suficientes para proteger os direitos de propriedade.

dolorosamente, nos assuntos internacionais com a mesma frequência que nos domésticos, a antiga inclinação de substituir a força pela razão (WALTZ, 2004, p. 150).

Encontramos nos autores políticos liberais, a partir da Inglaterra do século XIX, a concepção de que a força motriz do sistema econômico estava na iniciativa individual, e o regulador do livre mercado era configurado pela concorrência. O novo argumento que se vislumbra é a ausência do governo nas questões de produção e distribuição de bens. Ora, para que isso acontecesse efetivamente, necessária seria uma preocupação primeira com a justiça. O que se constata, no entanto, dentro do liberalismo, é que a justiça se tornou a preocupação última – é o que nos apontam as asserções de liberais. Surgem, já a partir dessas proposições, as concepções de Estado Mínimo. Para Waltz,

nos assuntos internos, os liberais começam com a doutrina do Estado estéril. Todas as boas coisas da vida são criadas pelos esforços dos indivíduos; o Estado existe apenas para servir de árbitro imparcial entre os concorrentes individuais (WALTZ, 2004, p. 136).

As discussões teóricas acerca das estruturas dos Estados levaram a formulações as mais variadas. Algumas dessas formulações apontam para um mundo onde os Estados fossem todos democráticos, como se assim tivéssemos a garantia da paz, em contraponto aos governos autoritários, considerados beligerantes; outra formulação dá conta de que as monarquias são pacíficas, e as democracias são irresponsáveis e impulsivas. Mas o divisor de águas, parece-nos, está relacionado ao deslocamento do foco, isto é, a chave de leitura sai da questão política e se transfere para a esfera econômica. Desse modo, as formulações conferem que as “democracias *capitalistas* promovem a guerra; as democracias *socialistas* são pacíficas” (WALTZ, 2004, p. 150-151).

A crítica apresentada por Waltz não está direcionada a essa ou àquela formulação, mas ao fato de que cada uma das teorias liberais estudadas se apoia na generalização, estabelecendo um modelo do Estado e da sociedade, como se possível fosse colocar o mundo em uma única forma pré-fabricada. Essa forma determina os maus e os bons Estados – os primeiros, levam à guerra; os segundos, à paz. Tão duvidosa quanto, essa assertiva tem um caráter semelhante à primeira imagem. Se nesta alega-se que o ser humano constrói a sociedade – inclusive a internacional –, há de acrescentar-se que a sociedade em que vive determina o comportamento humano. O mesmo ocorre nas relações internacionais. As ações

desenvolvidas pelos Estados – ou, mais precisamente, de homens agindo em nome dos Estados – estabelecem a substância das relações internacionais. Dessa forma, “a influência a ser atribuída à estrutura interna dos Estados quando se tenta resolver a equação guerra-paz só pode ser determinada depois de se considerar a importância do ambiente internacional” (WALTZ, 2004, p. 153).

Na construção de sua teoria da política internacional, sem desconsiderar as duas primeiras imagens, Waltz buscará, a partir da terceira imagem, as causas permanentes e padrões de comportamento dos Estados. Nessa busca, identifica dois elementos constitutivos da estrutura do sistema internacional: a anarquia – no sentido de ausência de um governo acima dos Estados que possa servir de mediador de conflitos –, e as unidades, ou seja, os Estados singularmente em busca da própria sobrevivência. Nesse sistema internacional, identifica como fenômeno regulador a balança do poder, a qual é vista como o padrão de comportamento dos polos do sistema internacional, o que definirá quais unidades conseguirão desempenhar melhor seus papéis, o que está diretamente ligado à quantidade de polos de poder que tenham dentro do sistema internacional. Para Waltz, na ausência de um órgão de autoridade legítima sobre os Estados,

a balança de poder passa a ser o único meio de estabilização do sistema internacional, pois é ela que mantém, através de políticas de alinhamento e contenção, os Estados, principalmente as superpotências, num padrão de comportamento que não gere um estado de guerra constante. Em outras palavras: as superpotências do sistema internacional são os polos da estrutura do dito sistema, e os outros países, que não são superpotências, socializam-se por padrões que são aceitos naquela estrutura. Nesse sentido, a estrutura pode passar por transformações apenas devido a uma razão: a distribuição das capacidades entre as unidades que a compõem. Dessa maneira, por exemplo, podemos considerar a Segunda Guerra Mundial como uma guerra de transformação de estrutura, pois o sistema internacional substitui, a partir dela, uma estrutura multipolar (composta por França, Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha e União Soviética) para uma estrutura bipolar (Estados Unidos e União Soviética). Houve, dessa forma, uma redistribuição de capacidades na estrutura, que nos permite, segundo Waltz, pela primeira vez em trezentos anos de história, falar em um sistema mundial de estrutura bipolar (BITTENCOURT, 2014, p. 235-236).

Para a terceira imagem, Waltz elege Rousseau, filósofo e teórico político do século XVIII, como referência (embora cite outros teóricos), segundo o qual, mesmo sem fazer uso dessa nomenclatura, o sistema internacional é extremamente complexo, uma vez que é formado por uma variedade imensa de Estados e cada um

busca sua sobrevivência, sua vontade particular. Assim, o sistema internacional é composto por inúmeras vontades particulares, cada uma representando um Estado singularmente, e o conflito de interesses torna os confrontos inevitáveis.

Bittencourt afirma que “o grande trabalho de Waltz, contudo, é chegar ao conceito de estrutura, dispositivo este que constrange determinadas ações dos Estados e que os leva à socialização de regras e à competição de acordo com estas” (BITTENCOURT, 2014, p. 236.).

Dessa forma, buscando uma chave de leitura que nos faça compreender minimamente as causas da guerra, perpassamos as sociedades primitivas para chegarmos às sociedades hierarquizadas em suas relações de poder, com especial atenção ao surgimento do Estado a partir do século XVIII. Nesse Estado, explicitamos a ideia de massa apresentada por Elias Canetti, que nos permitiu compreender os *cristais de massa* e o nascedouro da “massa de manobra”, para, em seguida, mergulharmos na teoria de Waltz, que destrincha três imagens como causas da guerra: o comportamento humano, a estrutura interna dos Estados e a anarquia internacional. Essas três imagens, imbricadas entre si, compõem o quadro da guerra como se estivéssemos diante de uma tela pintada por um artista muito detalhista, que consegue, a partir de cores primárias, desenvolver nuances por vezes até imperceptíveis – mas sem elas a tela não estaria completa.

Mesmo entendendo que as Humanidades *de per se* não conseguem responder às razões da guerra, a questão que ficará implícita e/ou explícita é o papel desempenhado pelo ser humano. Não é ele a figura central – determinante, subalterna ou resistente – que compõe as massas aberta, fechada e seus cristais? Não é esse mesmo ser humano, considerando sua imensa diversidade, que está na estrutura do Estado e determina as relações internacionais? Não é a partir dele que regras e ideologias são criadas? E, ainda, não é a partir daquilo que ele estabelece que a “anarquia”, aquela sob a ótica de Waltz, instala-se?

É, pois, com essa chave de leitura que analisaremos aspectos históricos da Segunda Guerra Mundial. Como veremos no decorrer da nossa tese, a mística de Chiara nascerá entre os civis sobreviventes dessa guerra na cidade de Trento, no norte da Itália, e colocará em evidência um dos aspectos mais valiosos do ser humano: a solidariedade.

## 2.2 A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: UM OLHAR SOBRE A HISTORIOGRAFIA

Para assimilarmos a formação do mosaico que delineou a Segunda Guerra Mundial, optamos por percorrer as entranhas do exercício do poder. Discorrendo sobre suas formas, Bobbio (1987, p. 82) apresenta três: econômica, ideológica e política. Embora imbricadas, podemos identificar quais foram as “causas” econômicas, ideológicas e políticas que contribuíram para a deflagração da Segunda Guerra Mundial.

Uma premissa se faz necessária: após a devastação provocada pela Primeira Grande Guerra, os países “vencedores”, chamados de Potências Unidas, por meio de tratados de paz, impuseram à Alemanha, ao Império Austro-Húngaro, ao Império Otomano e à Bulgária, as Potências Centrais, uma série de exigências, entre as quais a cessão de territórios e indenizações financeiras mirabolantes. O Tratado de Saint-Germain-en-Laye, por exemplo, estabeleceu a República da Áustria; o Tratado de Trianon regulamentou o novo Estado húngaro; o Tratado de Sèvres, assinado com o Império Otomano, tinha por objetivo o fim das hostilidades com os aliados; o Tratado de Versalhes, com suas exigências sobre a Alemanha. Esses tratados redesenharam um novo mapa político, ideológico e econômico da Europa. Assim, o mundo pós-Primeira Guerra Mundial estava sob uma nova ordem e caminhando a passos largos rumo à globalização como concebemos hoje.

Retomando o mosaico da Segunda Grande Guerra, no que se refere à questão econômica, Eric Hobsbawm (1995) fala sobre o “colapso econômico” entre as duas Grandes Guerras. Para ele, sem esse colapso, muito provavelmente a Alemanha não teria criado a figura do *führer*<sup>6</sup> Hitler, com seu *Terceiro Reich*<sup>7</sup>, tampouco, os Estados Unidos, a de Roosevelt, com o seu *New Deal*<sup>8</sup>, na tentativa de recuperar e reorganizar a economia de seu país.

---

<sup>6</sup> *Führer* – palavra alemã que significa condutor, guia, líder ou chefe, usada por Adolf Hitler para se autoafirmar como líder da Alemanha nazista.

<sup>7</sup> *Terceiro Reich* – termo usado pelos nazistas para legitimar seu poder como uma continuação do Sacro Império Romano-Germânico: o Primeiro Reich, no período entre 800-1806; o Segundo Reich, entre 1871 e 1918; e o Terceiro Reich a partir da ascensão de Hitler, que o denominou de *Reich de Mil Anos*, por acreditar na sua indissolubilidade e supremacia.

<sup>8</sup> O *New Deal*, literalmente Novo Acordo, compilou uma série de programas implementados nos Estados Unidos, sob a presidência de Franklin Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reformar a economia do país, sucateada pela Grande Depressão do pós-Primeira Guerra Mundial.

O grande estopim do “colapso econômico” mundial, entretanto, foi a derrocada da economia dos Estados Unidos, registrada pela história como a Grande Depressão. Expondo o imbróglio econômico no entreguerras, Hobsbawm explica que, já a partir do início da década de 1920, os Estados Unidos tornaram-se a maior economia do mundo e, em muitos aspectos, internacionalmente dominantes. Além de representar a maior produção industrial, transformaram-se no maior credor. Explicando tal supremacia, Hobsbawm afirma que

os britânicos haviam perdido cerca de um quarto de seus investimentos globais durante a guerra, sobretudo os aplicados nos EUA, os quais tiveram que vender para comprar suprimentos de guerra; os franceses perderam mais ou menos metade dos deles, em grande parte devido às revoluções e colapsos na Europa. Enquanto isso os americanos, que tinham começado a guerra como um país devedor, terminaram-na como o principal credor internacional. Como os EUA concentraram suas operações na Europa e no hemisfério ocidental (os britânicos eram de longe os maiores investidores na Ásia e na África), seu impacto na Europa foi decisivo. [...] Não há explicação para a crise econômica mundial sem os EUA. Eles eram, afinal, tanto o primeiro país exportador do mundo na década de 1920 quanto, depois da Grã-Bretanha, o primeiro país importador (HOBBSAWM, 1995, p. 101-102).

A Grande Depressão, também denominada de Crise de 1929, prolongou-se durante a década de 1930 e assumiu proporções mundiais, afetando todo o sistema capitalista da época a partir da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, provocando medidas protecionistas nacionais com o objetivo de salvar os mercados internos das importações estrangeiras, detonando uma verdadeira guerra tarifária. A produção mundial de produtos como o ferro, o carvão, o petróleo e o aço despencou, e os países industrializados viram engrossar suas fileiras de desempregados, o que afetou sobremaneira a qualidade de vida de grandes populações e dos mercados consumidores internos.

Nesse cenário, Hobsbawm aponta razões básicas para a globalização da crise: a enorme discrepância entre o desenvolvimento dos Estados Unidos em relação a outras nações, o que gerou um impressionante e crescente desequilíbrio na economia internacional; o repatriamento maciço do capital norte-americano investido em outros países, o que provocou a restrição do comércio internacional; o decorrente protecionismo ascendente; e o desmoronamento do sistema monetário internacional. Além disso, em relação à expansão da crise, Eric Hobsbawm afirma que

o mundo anglo-saxônico, os países neutros da época da guerra e o Japão fizeram o que puderam para deflacionar, isto é, ordenar suas economias de acordo com os velhos e firmes princípios de moedas estáveis garantidas por finanças sólidas e o padrão de ouro, que não conseguira resistir às tensões da guerra. E de fato foram mais ou menos bem-sucedidos nesse propósito entre 1922 e 1926. Contudo, a grande zona de derrota e convulsão, da Alemanha no Ocidente à Rússia soviética no Oriente, testemunhou um espetacular colapso do sistema monetário (HOBBSAWM, 1995, p. 94).

O que significou a Grande Depressão para os estadunidenses? De acordo com Murray Rothbardo,

o principal impacto da Grande Depressão no pensamento americano foi a aceitação universal de que a culpa era do “capitalismo liberal”. A opinião comum – tanto entre economistas quanto entre leigos – sustenta que durante a década de 1920 prevaleceu um “capitalismo sem freios”, e que a trágica depressão mostra que o velho *laissez-faire* já não funciona mais (ROTHBARDO, 2012, p. 38).

Assim, a falência do poderio econômico representou um dos ditames da Segunda Guerra Mundial.

No que diz respeito às causas ideológicas, podemos partir do redirecionamento do sistema capitalista, base concreta do *liberalismo*, que não foi capaz de atender às expectativas do mundo da época, com especial recorte para as Potências Centrais e, entre elas, a Alemanha, que viu nascer o *nazismo*, e a Itália, berço do *fascismo*. Portanto, nesse mosaico, figuram três ideologias que se contrapuseram: o liberalismo, o fascismo e o nazismo. Antes, porém, cabe uma sucinta explanação daquilo que se entende por ideologia.

Apresentando notas preliminares sobre o assunto, Mario Stoppino afirma que, “tanto na linguagem política, como na linguagem filosófica, sociológica e político-científica, não existe nenhuma outra palavra que possa ser comparada à Ideologia pela frequência com a qual é utilizada” (STOPPINO *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585).

O autor coloca em pauta o intrincado e múltiplo uso do termo. Citando o próprio Norberto Bobbio, Stoppino delinea duas tendências chamadas por aquele autor de “significado fraco” e “significado forte”. Nesse sentido, Stoppino esclarece que no primeiro significado, “ideologia designa o *genus*, ou a *species* diversamente definida, dos sistemas de crenças políticas” (STOPPINO *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585). Assim, apresenta-se como um “conjunto de ideias e valores respeitantes à ordem pública e tendo como função orientar os

comportamentos políticos coletivos” (STOPPINO *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585). Ao passo que o “significado forte” tem sua origem em Karl Marx, sendo entendido como a

falsa consciência das relações de domínio entre as classes, e se diferencia claramente do primeiro porque mantém, no próprio centro, diversamente modificada, corrigida ou alterada pelos vários autores, a noção de falsidade: a ideologia é uma crença falsa (STOPPINO *apud* BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 585).

Parece-nos que essa segunda tendência está em sintonia com as proposições de Marilena Chauí, que nos apresenta ideologia como um “ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (CHAUÍ, 2008, p. 7). Para entender tal afirmativa, é imprescindível trilhar o percurso apresentado por Marilena Chauí em seu livro *O que é ideologia*. Nessa obra, para responder ao objetivo do referido livro, Chauí busca o contexto histórico a partir dos conceitos de escravo e senhor apresentados por Aristóteles, filósofo da Grécia Antiga, em seu tratado sobre política para, em seguida, expor a histórica construção do termo *ideologia* em Destutt de Tracy, em plena Revolução Francesa, no século XVIII, até a compreensão do termo na concepção marxista.

Qual a proposta apresentada por Destutt de Tracy?

Elaborar uma ciência da gênese das ideias, tratando-as como fenômenos naturais que exprimem a relação do corpo humano, enquanto organismo vivo, com o meio ambiente. [...] uma teoria sobre as faculdades sensíveis, responsáveis pela formação de todas as nossas ideias: querer (vontade), julgar (razão), sentir (percepção) e recordar (memória) (CHAUÍ, 2008, p. 25).

O grupo de pensadores ao qual Destutt de Tracy estava ligado, conhecido como grupo dos ideólogos, era antiteológico (não comungava com as doutrinas criacionistas da Igreja), antimetafísico (somente admitia conhecimentos científicos) e antimonárquico (rejeitava a supremacia da realeza). Na concepção de Chauí, à exceção de Destutt de Tracy, cujo propósito foi manipulado por Napoleão Bonaparte, todos os ideólogos pertenciam (e pertencem) à classe dominante e continuam, como outrora, incumbidos de apresentar, como ideias coletivas e universais, aqueles que traduzem os interesses de quem exerce a dominação.

A universalidade dessas ideias é abstrata, pois no concreto existem ideias particulares de cada classe. Por ser uma abstração, a ideologia constrói uma rede imaginária de ideias e de valores que possuem base

real (a divisão social), mas de tal modo que essa base seja reconstruída de modo invertido e imaginário. A ideologia é uma ilusão, necessária à classe dominante (CHAUÍ, 2008, p. 93-94).

Assim, conceitualmente falando, Marilena Chauí parte da distinção entre o que é real e o que é ideológico. Para ela, o real é o movimento do qual se demanda toda a relação dos seres para com eles mesmos e com a natureza, em um tempo e um espaço determinados. Nas palavras de Chauí,

o real não é um dado sensível nem um dado intelectual, mas um processo, um movimento temporal de constituição dos seres e de suas significações, e esse processo depende fundamentalmente do modo como os homens se relacionam entre si e com a natureza. [...]. Nesta perspectiva, a história é o real, e o real é o movimento incessante pelo qual os homens, em condições que nem sempre foram escolhidas por eles, instauram um modo de sociabilidade e procuram fixá-lo em instituições determinadas (família, condições de trabalho, relações políticas, instituições religiosas, tipo de educação, formas de arte, transmissão dos costumes, língua, etc.) (CHAUÍ, 2008, p. 22-23).

Portanto, Chauí veicula a história à própria práxis humana e a enxerga como sendo o real, ao passo que, segundo ela, ideologia é o oposto, ou seja, é o ocultamento da realidade social, que se apresenta como um mecanismo criado pela burguesia para falsear o factual, usada como meio de mascarar o modo pelo qual se construíram as políticas de dominação, tal como os métodos de opressão econômica (aqui, podemos incluir a opressão étnica, religiosa e assim por diante), a fim de privilegiar aqueles que dessa farsa se beneficiam, ludibriando todos os demais, fazendo-os crer que o modo de vida no qual se encontram é verdadeiramente justo e de livre escolha.

A ideologia visa, pois, à manutenção do *status quo*, sabotando qualquer possibilidade de insurreição por parte da classe dominada. Em suma, diz Chauí,

a ideologia é um instrumento de dominação. É a maneira pela qual a classe dominante de uma sociedade faz com que as ideias que são próprias dela apareçam como válidas para a sociedade inteira, independentemente, portanto, da divisão social, das classes, das exclusões, da opressão. É como se todos fôssemos iguais perante essas ideias.<sup>9</sup>

Aqui podemos identificar aquela construção sobre massa e os seus cristais que Elias Canetti apresenta e sobre a qual discorreremos anteriormente.

---

<sup>9</sup> CHAUÍ, Marilena. O que é a ideologia de competência. Publicado pelo Grupo Autêntica, s.d. #EscritosDeMarilena. 1 vídeo (5 min 57s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_qYOUW-HnKs](https://www.youtube.com/watch?v=_qYOUW-HnKs). Acesso em: 2 set. 2020.

Marilena Chauí continua explicando que, a partir da década de 1930, com a mudança no processo social do trabalho, surgiu uma nova ideologia, denominada pela filósofa de *ideologia da competência*, e que está espalhada pela sociedade inteira. Ela se divide naqueles que supostamente sabem e têm o direito de mandar, e os que supostamente não sabem e têm a obrigação de obedecer. Para Chauí,

o resumo da *ideologia da competência* é o seguinte: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa, em qualquer lugar e em qualquer tempo. Ou seja, quem fala tem que estar autorizado a falar, quem escuta tem que estar subordinado a quem está autorizado a falar, e quem fala determina onde, quando e o quê vai ser dito. A ideia da *ideologia da competência* é a ideia dos especialistas. O especialista é aquele que sabe e é aquele que ensina os outros a viver, comer, dormir, fazer sexo, fazer culinária, fazer jardinagem, cuidar dos bichinhos de estimação, passear, ou seja, o especialista é aquele que sabe das coisas.<sup>10</sup>

De acordo com Chauí, nasce, assim, a sociedade do conhecimento, conhecimento este entendido como informação, e informação como exercício de poder, manipulada de acordo com os interesses da classe dominante. Daí é previsível a compreensão de que um dos lugares preferidos dessa ideologia é a mídia.

À primeira vista, parece-nos que Chauí desconsidera o conhecimento acadêmico, ou científico, ou aquele fruto da tradição oral, ou outras linhas de pensamento. No entanto, enquanto filósofa que é, faz uma leitura sob o enfoque do exercício do poder político frente ao mapa geopolítico do mundo e do Brasil. É nele que ela situa a *ideologia do conhecimento* como dominação, uma vez que quem detém o poder político e econômico confere a si mesmo a soberania da verdade, como experimentamos nesses dois últimos anos no Brasil, em relação ao enfrentamento da pandemia do coronavírus (Covid-19). A verdade estava na voz, na fala, nas atitudes e nas determinações de quem detinha o poder político em detrimento daquilo que estava posto pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Com essa base e sob essa ótica da dominação, adentraremos as três principais ideologias que serviram de fornalha para a Segunda Guerra Mundial, o quanto construíram e exerceram a dominação, ou seja, o liberalismo, o nazismo e o fascismo. Como vimos em Waltz (2004), a guerra pode vir de qualquer ideologia, travestida ou não de democracia. O importante é a salvaguarda dos interesses dos Estados.

---

<sup>10</sup> CHAUI, Marilena. O que é a ideologia de competência. Publicado pelo Grupo Autêntica. #EscritosDeMarilena. 1 vídeo (5 min 57s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_qYOUW-HnKs](https://www.youtube.com/watch?v=_qYOUW-HnKs). Acesso em: 2 set. 2020.

Embora já tenhamos discorrido sobre as implicações do *colapso econômico*, enquanto ideologia, em que consiste o liberalismo, cuja viga mestra é o capitalismo? Podemos encarar tal viga também como uma ideologia ou apenas como um sistema econômico baseado na legitimidade dos bens privados e na irrestrita liberdade de comércio e indústria, com o principal objetivo de adquirir lucro? Ou como um sistema social em que o capital está em mãos de empresas privadas ou indivíduos que contratam mão de obra em troca de salário? Mas sempre e apenas como um sistema econômico? Evidentemente que compreendemos e reconhecemos o capitalismo como sistema econômico. Todavia, não podemos perder de vista que tal sistema nasceu e se alimenta de uma ideologia bem delineada: o liberalismo, que, como teoria econômica, surgiu no século XVIII, conferindo, assim, uma estrutura conceitual para dar sustentação à nova ordem econômica que começava a nascer com a industrialização dos países ricos à época.

Os primórdios dessa estrutura conceitual estão nas proposições do filósofo inglês John Locke, para quem o ser humano possui direitos naturais, como o direito à vida, à liberdade e à propriedade. Para além da filosofia jusnaturalista, o liberalismo, em seus primeiros passos, assumiu outras feições e passou a defender a não existência de um sistema opressor que tirasse a liberdade dos indivíduos de produzir e de viver. Nasceu, então, o liberalismo econômico sistematizado e defendido pelo filósofo e economista inglês Adam Smith, no qual se inseriu com maior clareza a ideia do Estado Mínimo, já mencionado, e a concepção do mercado e suas variantes, que, como uma espécie de mão invisível, atuaria na regulamentação de todos os processos econômicos sem interferências externas, inclusive do próprio Estado.

Todavia, com a grande crise econômica que se abateu no mundo no entreguerras, a reescrita do liberalismo oriunda da Escola Austríaca de Economia, propôs uma espécie de conciliação entre o mercado livre e a participação do Estado na economia para salvá-la quando necessário, o que significaria injeção de capital, com o intuito de evitar a falência do sistema econômico. Em sua releitura, a partir da década de 1980, perseguindo a ideia do Estado Mínimo, surge o que ficou conhecido como o neoliberalismo, que significa, na prática, a privatização do serviço público e a máxima redução da estatização e da interferência do Estado na economia.

Uma das dificuldades para se entenderem as garras do liberalismo clássico ou o neoliberalismo como ideologia excludente e de dominação está no enfronhar-se na doce ilusão da livre escolha que nos impede de ver a realidade “da divisão social, das

classes, das exclusões, da opressão” como mencionou Chauí, e não nos damos conta de que as nossas necessidades são ditadas e construídas para atender o mercado produtor. Ela, essa ideologia, “vende” a ideia de liberdade em contraponto a outras ideologias que não estejam baseadas no consumo. E como seu braço forte, o sistema capitalista se alimenta do provocar nas pessoas necessidades ilusórias. Assim, se retroalimenta. É, por conseguinte, um sistema excludente: o indivíduo, enquanto “massa de manobra”, não goza dos lucros porque estes estão destinados a quem detém os meios de produção e do capital. Onde está o engodo? Na ilusão de que o benefício é para todos, e, portanto, a participação na “riqueza” dar-se-á por meio de políticas públicas, financiadas pelo imposto pago pelo contribuinte. Aqui, dois embustes: primeiro, como políticas públicas, se um dos pilares dessa ideologia é justamente o Estado Mínimo. E segundo, a grande concentração de sonegadores está na classe que detém as grandes fortunas, e os mínimos serviços públicos disponíveis, via de regra, chegam sucateados à população, à massa que assume uma desproporcional carga tributária, visto que esta encontra-se embutida naquilo que se consome. O liberalismo formatou um dos extremos da bipolaridade que imperou durante a Segunda Guerra Mundial.

No outro extremo estavam duas ideologias que se somaram: o nazismo alemão e o fascismo italiano.

Quando pensamos no nazismo, logo nos reportamos à ideologia como justificativa para a barbárie. Porém, até para repudiar o Holocausto, é necessário compreender como essa ideologia tomou forma e feriu profundamente a humanidade, lembrando outrossim, como veremos *a posteriori*, que a tragédia que se abateu em Hiroshima e Nagasaki também significou um outro tipo de holocausto.

Voltemos à compreensão do nazismo enquanto ideologia. O termo *nacional-socialismo* é recheado de significados e nasceu no século XIX como um contraponto à sociedade industrial e ao liberalismo. Ainda sob a mesma nomenclatura, surgiu como alternativa ao feudalismo e ao colonialismo, sobretudo entre os Estados árabes. Todavia,

o Nacional-socialismo, como fenômeno político de dimensões históricas mundiais, indica sobretudo o movimento político alemão, fundado e guiado por Adolf Hitler após a Primeira Guerra Mundial, polemicamente conhecido pelo diminutivo de *nazismo* (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 807).

Para esses autores, é imprescindível contextualizar historicamente sua origem para que possamos ter uma compreensão correta de seu significado. Dessa forma, apontam dois níveis principais. Explicam que o primeiro nível está diretamente relacionado à reação direta à Primeira Grande Guerra e suas consequências, sobretudo para a Alemanha. Ao mesmo tempo, lembram que as tendências e ideias são bem mais antigas e remontam à problemática da unificação política e da modernização social que estava em pauta desde o começo do século XIX. O fato é que, mesmo se a derrota de 1918, com suas trágicas consequências econômicas, materiais e psicossociais, formaram o cenário propício ao surgimento e ascensão do Nacional-socialismo liderado por Hitler, ele tem suas raízes muito mais profundas do que um movimento de protesto pós-guerra.

Assim, para os autores, os aspectos mais radicais são resultantes de várias posturas ideológicas que formaram o conjunto de valores, crenças, impressões, sentimentos que determinaram as palavras-chave do nacional-socialismo, quais sejam: nação, raça, espaço vital, liderança, ação, autoridade, sangue e terra, frente e batalha.

As raízes ideológicas do nacional-socialismo, em decorrência dos acontecimentos históricos alemães do século XIX, encontram-se estritamente ligadas às três fases mais importantes da caminhada da Alemanha em direção ao sonhado Estado nacional: a reação nacionalista à ocupação napoleônica (1806-1815); a falência da revolução liberal de 1848; a solução conservadora e militar do problema alemão, durante o Governo de Bismarck, a partir de 1871. Na medida em que progredia o complexo processo da unificação política e da modernização, a ideia nacionalista alemã experimentou um desenvolvimento todo especial chegando a se sobrepor aos ideais liberais e constitucionais (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 807-808).

A criação e ascensão do nacional-socialismo sob a liderança de Hitler pode ser compreendido se levarmos em consideração alguns aspectos importantes, tais como: (1) com as pesadas imposições do Tratado de Versalhes, criou-se um ambiente propício para uma mobilização em torno de um nacionalismo agressivo – ficaram famosos os inflamados discursos de Hitler contra a “escravização” da Alemanha que esse Tratado estabeleceu; (2) dessa oposição ao Tratado de Versalhes, ressurgiu a doutrina do “espaço vital”, isto é, a necessidade de ocupar novamente o espaço que lhe era devido no continente europeu e, a partir daí, foi-se cristalizando a doutrina da superioridade cultural e racial – a raça superior ariana, que deveria permanecer pura,

com o biótipo alto, louro e olhos azuis, que um dia dominaria o mundo e que constituiria o futuro império germânico da nação alemã. Aqui a semente que germinaria os furiosos ataques àqueles considerados inferiores, entre eles os judeus, vistos como “o inimigo mundial número um”; (3) a ideia de militarização teve importância crucial para os planos de Hitler, e o exército foi apresentado como a “escola da nação”, oferecendo o alicerce para a ideologia guerreira do nacional-socialismo alemão; (4) a cosmovisão nacional-socialista se caracterizou pelo conjunto de ideias e princípios, concepções, esperanças e emoções, unidos por um movimento político numa época de crise. A criação do *Terceiro Reich* foi resultante das tendências antidemocráticas que existiam na Alemanha; (5) o processo antissemita, mesmo se anterior à era hitleriana, embora em pequena escala, somente atingiu seus bárbaros objetivos quando Hitler conseguiu incorporar um grande movimento antidemocrático de massa (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998), o que nos reporta às teorias de Elias Canetti.

Quando se tornou chanceler da Alemanha, em janeiro de 1933, Hitler rapidamente transformou o país em uma ditadura, com um único partido político e, por meio da organização de uma força policial treinada para este fim, garantiu que as políticas nazistas fossem aplicadas. Com a declaração de “estado de emergência”, suprimiu os direitos individuais, inclusive a liberdade de imprensa, de expressão, de reunião. As pessoas perderam sua privacidade, a ponto de garantir a fontes do governo o direito de violar correspondências particulares, escutar e gravar conversas telefônicas e invadir as casas sem, necessariamente, um mandato de busca e apreensão. Atuando implacavelmente, em menos de um ano sufocou todos os movimentos oposicionistas (sociais-democratas, comunistas e liberais), dando início à “Revolução Nacional-Socialista”, que tinha como objetivo fazer a Alemanha retornar ao grau de potência europeia.

Tecendo comentários sobre a política antissemitista de Hitler, Bobbio comenta:

Além do culto ao Führer, que era uma resposta ao desejo autoritário de ordem, a versão social e biológica do antissemitismo se tornou uma das primeiras características fanáticas do programa hitlerista. Esta forma de encarar o “problema” se prestava para a elaboração da ideia do inimigo radical, ideia esta necessária a todo movimento totalitário para poder dirigir e orientar a agressividade por ele gerada. Acima de tudo, a ideologia nacional-socialista e a tragédia política assentavam no direito do mais forte, conforme as teorias do darwinismo social. A exaltação da “ação” como ideal supremo, acima da razão e da inteligência, caracterizou a natureza fundamentalmente irracional do

nacional-socialismo. Seu fim último foi a conquista de um poder sem limites mediante a agressão, internamente, e mediante o expansionismo, externamente. A história do Terceiro Reich mostra que o nacional-socialismo cumpriu à risca os primitivos planos de Hitler (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 810).

As Leis de Nuremberg, promulgadas por Hitler, representam a legalização da barbárie. São duas. A primeira, a Lei da Cidadania do Reich, segundo a qual, mediante diversos decretos complementares e esclarecedores, somente as pessoas de sangue e descendência alemã podiam ser cidadãos da Alemanha. A segunda, a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã, proibia, entre outras coisas, o casamento misto com relação ao povo judeu, assim como a contratação de mulheres alemãs com menos de 45 anos por empregadores judeus, justificando que estes poderiam cometer o que ficou estabelecido como “poluição racial”, ou seja, a tentativa de evitar relacionamentos inter-raciais que comprometessem a purificação da raça ariana. Essas proibições estendiam-se aos ciganos e aos negros.

O cenário mais emblemático das crueldades é, sem sombra de dúvidas, o conjunto de campos de concentração, construídos entre os anos de 1933 e 1945, primeiro para receber presos políticos, depois para cumprir outras funções específicas. Na Alemanha nazista, existiam basicamente três tipos de campos de concentração: os denominados *de trânsito*, espalhados por países ocupados pelos alemães, a exemplo da França e da República Tcheca. Ali os prisioneiros ficavam à espera de seguirem para outros destinos; os batizados de *campos de trabalho forçado* onde, como o próprio nome sugere, os prisioneiros eram submetidos a trabalhos forçados, sem direito a descanso, recebendo o mínimo para sobreviver; e os *campos de extermínio*, onde aconteciam as maiores atrocidades, como experiências médicas e as técnicas de extermínio, entre as quais as câmaras de gás.

Assim, o Holocausto se instalou. Em sua etimologia, é uma palavra de origem grega, que significa “*todo queimado*”<sup>11</sup> (*holos* = todo; *kaustro* = queimado), ou, em outra tradução, “sacrifício pelo fogo”<sup>12</sup>. De acordo com Laurence Rees (2018), o principal papel de Hitler foi transferir para o povo alemão o próprio ódio que sentia em relação aos judeus aos quais creditava a culpabilidade pelo infortúnio da Alemanha. Portanto, era necessário neutralizá-los, torná-los inofensivos. Essa visão de Hitler

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.significados.com.br/holocausto/>. Acesso em: 29 ago. 2020.

<sup>12</sup> Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/introduction-to-the-holocaust>. Acesso em: 28 ago. 2020.

tomou corpo e provocou em seus subordinados a busca por métodos diversos para melhor cumprir a visão geral de seu líder.

Relacionando os acontecimentos que se acumularam e resultaram no Holocausto, Rees afirma que

a mais pavorosa atrocidade da história foi, portanto, causada não por um momento de decisão único, monumental, mas por uma série de momentos de agravamento que, cumulativamente, resultaram na catástrofe que chamamos Holocausto (REES, 2018, p. 492).

Comentando essas atrocidades cometidas especificamente por médicos, Laurence Rees afirma que

a ideologia nazista justificava uma série de esquemas assassinos, desde o extermínio de judeus a experimentos médicos mortíferos. Era tudo parte de um mundo no qual profissionais médicos eram árbitros da vida e da morte dentro de um Estado racial (REES, 2018, p. 423).

Não nos compete, aqui, formular um estudo detalhado sobre os experimentos mais sombrios e bizarros com humanos promovidos nos campos de concentração nazistas. Cabe-nos, porém, ressaltar Chauí (2008), que nos colocou no cerne da ideologia a serviço da classe dominante. No caso da ideologia nacional-socialista comandada por Hitler, o “serviço” era a purificação da raça ariana, o que teve implicação direta no extermínio de gentes.

Impossível precisar quantas pessoas (homens, mulheres e crianças) foram mortas nos campos de concentração nazistas. No *site* da Enciclopédia do Holocausto, encontramos a seguinte estimativa:

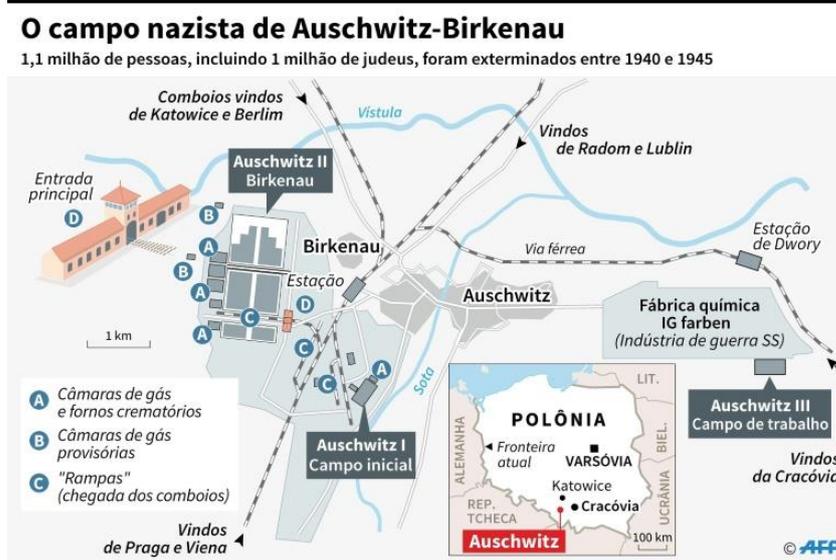
Tabela 1:  
Vítimas nos campos de concentração nazistas

Grupo	Número de mortos
Judeus	6 milhões
Civis soviéticos	Cerca de 7 milhões (incluindo os civis judeus soviéticos que já estão incluídos na estimativa acima para os judeus)
Prisioneiros de guerra soviéticos	Cerca de 3 milhões (incluindo cerca de 50 mil soldados judeus)
Civis poloneses não-judeus	Cerca de 1.8 milhões (entre eles de 50 mil a 100 mil membros da elite polonesa)
Civis sérvios	312 mil
Pessoas com deficiência	Até 250 mil
Ciganos	Até 250 mil
Testemunhas de Jeová	Cerca de 1.900
Alemães oponentes políticos	Número indeterminado
Homossexuais	Centenas, possivelmente milhares (presumivelmente agregados de forma parcial dentre os criminosos de forma recorrentes e aqueles denominados antissociais, acima mencionados)

Fonte: <https://encyclopedia.ushmm.org/>. Acesso: 21 jun. 2021

Apenas para registro, somente no campo nazista de Auschwitz-Birkenau, 1,1 milhão de pessoas foram exterminadas em apenas 5 anos (1940-1945). Abaixo, publicamos o mapa deste campo.

Mapa 1  
Campo de concentração nazista de Auschwitz-Birkenau



Fonte: IstoÉ. Disponível em: <https://istoe.com.br/como-o-mundo-descobriu-a-existencia-dos-campos-de-concentracao/>. Acesso em: 21 jun. 2021

E o fascismo que dominou a Itália antes e durante a Segunda Guerra Mundial? Tanto quanto o nazismo, não é possível compreendê-lo sem sua contextualização histórica no pós-Primeira Guerra Mundial, e à figura de Benito Mussolini, o “*Duce*” – guia, líder ou, ainda, uma palavra latina derivada de *dux* que, possuindo o mesmo significado, também pode ser traduzido como *duque* enquanto título de nobreza. Portanto, encontramos um cenário de destruição e de crises econômica, social e política, e a figura de um líder a conduzir a massa, tudo muito semelhante à Alemanha. Tais semelhanças se apresentam desde o monopartidarismo político, com uma hierarquia organizada e rígida a nos lembrar os cristais de massa explicados por Canetti (2019), competente na arte de manipular a massa de manobra composta pela população em geral, para se consolidar com o ideológico culto ao líder, que se esparrama na exaltação da coletividade nacional e, em paralelo, na negação da individualidade liberal, ao mesmo tempo que se confronta frontalmente com o socialismo e o comunismo.

Outro elemento que o caracteriza é o objetivo expansionista imperialista com a justificativa do enfrentamento às plutocracias, isto é, às nações cujo poder está nas mãos da classe que dominam o poder econômico. Nesse cenário, há de se pensar que o poder do líder se sobrepõe. Essa postura nos reporta a Bobbio e suas teorias sobre as formas de governo:

Com a ascensão do ditador ao poder, a burguesia renuncia ao poder político – mas não renuncia ao poder econômico; dir-se-ia mesmo que, em certos momentos de graves tensões sociais, o único meio de que dispõe a classe dominante para manter seu poder econômico é a renúncia momentânea ao poder político (BOBBIO, 1997, p. 166).

Continuando a pontuar as características do fascismo, como necessidade de manutenção dessa centralizada liderança, urge a mobilização das massas e seus enquadramentos em organizações tendentes a uma socialização planejada como garantia da funcionalidade do regime autoritário e centralizador. Para tanto, duas posturas são essenciais: a primeira, o aniquilamento de qualquer tipo de contestação ao poder constituído, o que significa ao poder do líder, com a instauração da violência e do terror (inclusive a ameaça constante da tortura) institucionalizados; a segunda, um sistema eficiente de propaganda oficial associando às “glórias imperiais de Roma a um futuro grandioso para a Itália” (BLINKHORN, 2009, p. 81), além do controle das informações e dos *mass media*, o que significava deixar vir a público o que interessa

ao regime. Por fim, seguindo a linha do totalitarismo, o controle das relações econômicas, sociais, políticas e culturais (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998).

Diferenças entre as ideologias nazista e fascista? Ambas se apresentam como movimentos políticos e ideológicos. Tanto o nazismo quanto o fascismo possuem como características o totalitarismo, o nacionalismo e o antiliberalismo. O ponto singular do nazismo reside na convicção da superioridade racial – a “raça ariana” alemã –, que deveria subjugar e até eliminar todas as outras. O cerne do fascismo é a dissolução das instituições democráticas. Ambas as ideologias são totalitárias e, no período da Segunda Guerra Mundial, estavam sob a batuta de dois líderes – Hitler e Mussolini, respectivamente.

Nesse cenário, algumas questões aparecem espontaneamente: será esse tipo de poder centrado na figura do líder uma experiência efêmera, ao mesmo tempo dura e cruel, como foi o período de Mussolini, na Itália, e Hitler, na Alemanha? Não foram esses homens e seus colaboradores diretos os responsáveis por liderarem as respectivas massas de seus países a extremos de violências dentro e fora de suas fronteiras? Não está, também aqui, a força daquela primeira imagem descrita por Waltz (2004, p. 23)?

Ao mesmo tempo, se alargarmos o olhar e compreendermos o Holocausto na sua etimologia, podemos concluir que este não se resumiu aos domínios nazistas e fascistas, mas permeou as ideologias predominantes durante a Segunda Guerra, mesmo apresentando-se como antagônicas. Assim, se pelo lado de regimes ditatoriais, com aquiescência de seus líderes – Hitler e Mussolini respectivamente –, o nazismo promoveu as morbidades nos campos de concentração, e o fascismo, em sua política expansionista, lançou na Etiópia bombas incendiárias sobre cidades e vilarejos e aspergiu gases tóxicos sobre as colônias de fugitivos, também as democracias liberais destruíram, em frações de segundos, duas grandes cidades japonesas – Hiroshima e Nagasaki. As vidas de pessoas, de um lado e de outro, transformadas em cinzas, deixaram chagas psicoemocionais incuráveis em quem sobreviveu e nas gerações seguintes. Compreendemos, então, quando Waltz (2004) aponta que a causa das guerras pode nascer em qualquer ideologia ou do confronto entre elas.

Quanto ao poder político, este se constituiu a partir dessas ideologias. Assim, no cenário da Segunda Guerra Mundial, por um lado, ele se colocou alicerçado no liberalismo e, “por outro, no autoritarismo. Desse modo, “a prática da política é

amplamente influenciada pelas imagens que os políticos dela têm” (WALTZ, 2004, p. 278).

### 2.3 A ITÁLIA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

No contexto geral, a Segunda Guerra Mundial foi desencadeada a partir da Europa, mais precisamente em 1º de setembro de 1939, quando a Alemanha nazista invadiu a Polônia. Qual a justificativa? Como vimos, com o Tratado de Versalhes, a Alemanha perdera diversos territórios, entre os quais o chamado *Corredor Polonês*, faixa territorial que separava a Prússia Oriental do restante da Alemanha. Para Hitler, com sua “teoria do espaço vital”, era urgente recuperar esse Corredor e reunificar a Alemanha em sua totalidade.

Mapa 2  
Localização do Corredor Polonês



Disponível em: <https://www.infoescola.com/segunda-guerra/invasao-da-polonia/>.  
Acesso em: 5 jul. 2021

Tal invasão provocou reações imediatas, entre elas a declaração de guerra da França e da Inglaterra aos invasores, decorrente de um pacto de cooperação mútua assinado entre eles no pós-Primeira Guerra. A decisão de Hitler em invadir a Polônia trouxe consequências intercontinentais, uma vez que parte da África e da Ásia era constituída por colônias francesas e/ou inglesas. As nações dominadas foram obrigadas a fornecer contingentes de soldados para integrar os exércitos nas diversas frentes de batalha, como, por exemplo, Austrália, Nova Zelândia e África do Sul,

colônias britânicas, que, mesmo gozando de relativa independência, não eram soberanas, haja vista a política externa ser assunto exclusivo da coroa inglesa.

A Itália de então era um reino recente, fundado em 1861 como resultado da campanha de sua unificação, sob influência do Reino da Sardenha, e tinha como soberano o rei Vittorio Emanuele III. De acordo com Blinkhorn (2009, p. 78), Benito Mussolini assumiu o cargo de primeiro-ministro em outubro de 1922, como consequência da “Marcha sobre Roma”, quando mais de 30 mil militantes fascistas se reuniram em Roma pedindo a destituição do então primeiro-ministro, Luigi Facta, o que ocorreu em 31 de outubro daquele ano, quando o rei, após depor Facta, nomeou Mussolini, líder da referida Marcha, para o mesmo cargo.

A relação entre o rei e o primeiro-ministro nos é descrita também por Pierre Milza, para quem,

por vinte anos, o rei e Mussolini se olharam e vigiaram como dois esgrimistas em guarda no tablado com ferro em punho. [...]. É incontestável que, de início, os dois tinham poucas razões para simpatizar um com o outro. [...]. Dos dois “esgrimistas”, o mais dissimulado é o herdeiro dos Savoia-Carignano. Em 1922, ele teve a humilhação de atravessar o “passo de Caudium” do fascismo para salvar sua coroa, e jamais perdoou isso a Mussolini. Assim, tem oculto um golpe secreto de florete, que pode aplicar ao menor sinal de fraqueza de seu parceiro: é o que fará sem remorso em julho de 1943. Até lá, exerce escrupulosamente o pouco poder que lhe é concedido pelo estatuto constitucional de 1848 e pela prática governamental inaugurada pelo Duce, velando cumentamente pelas aparências e pelo respeito a suas últimas prerrogativas (MILZA, 2011, p. 25-26).

Nesse tablado, a partir de 1925, Mussolini emergiria como ditador ao dissolver as instituições democráticas italianas. Como primeiro-ministro, o Duce revelou suas duas faces: “a de aventureiro e a de estadista-diplomata” e justifica essa sua afirmação lembrando que Mussolini representava uma “combinação de ousadia e negociação” (BLINKHORN, 2009, p. p. 78) em busca da (re)construção de um sonho imperial, movido, talvez, pelo hipotético retorno ao grandioso império romano antes da era cristã. Assim, desde o início de seu governo, seus discursos eram marcados por uma profunda pretensão expansionista, aspirando publicamente a hegemonia ao longo de todo o eixo Mediterrâneo, Danúbio, Balcãs. Esse novo império italiano estendia-se do Estreito de Gibraltar ao Estreito de Ormuz, situado na entrada do Golfo Pérsico, entre Omã, localizado na Península Arábica e o Irã. Mesmo sem admitir, era desejo seu desafiar a supremacia francesa e britânica no Mar Mediterrâneo, única via de acesso para o Oceano Atlântico.

As aventuras de Mussolini na guerra começaram em 1935, com a segunda guerra ítalo-etíope, na qual o exército italiano massacrava, com requintes de crueldade, dezenas de milhares de civis, utilizando, inclusive, bombas com gases venenosos sobre muitas aldeias e cidades.

Para Blinkhorn, em 1936, com o início da Guerra Civil Espanhola, Mussolini viu ali uma nova oportunidade de demonstrar sua força perante o mundo. Sua participação foi decisiva para a vitória dos fascistas que apoiavam Francisco Franco Bahamonde, conhecido como o “Caudilho da Espanha”, ao mesmo tempo que garantiu a Mussolini a inclusão da Espanha na sua esfera particular de influência. Assim, para Martin Blinkhorn, foi “uma oportunidade de ajudar a eliminar a democracia e o “bolchevismo” num importante Estado latino irmão e, ao mesmo tempo, estender a influência italiana pelo Mediterrâneo ocidental” (BLINKHORN, 2009, p. 85).

Em outubro daquele mesmo ano, a Itália fascista e a Alemanha nazista firmaram uma associação informal, a qual Mussolini denominou de Eixo. Para Blinkhorn (2009, p. 86), a formação do Eixo Roma-Berlim marcou o início de uma aliança entre dois regimes totalitários. Em 22 de maio de 1939, a Itália assinou, com a Alemanha de Hitler, o Pacto do Aço, que, em síntese, “era uma aliança militar inequívoca, que, redigida de acordo com os desejos da Alemanha, obrigava os dois Estados à assistência mútua em caso de hostilidade, não meramente defensiva” (BLINKHORN, 2009, p. 87), mesmo se a Itália não estivesse pronta para entrar no tipo de guerra que tal pacto pudesse induzir. O objetivo desse pacto era um ataque conjunto contra a França e o Reino Unido, com a Itália responsável pelas incursões no Mediterrâneo e na África do Norte, e a Alemanha nazista responsável pelas operações na Europa Continental.

A ambição dominadora dos dois principais regimes ditatoriais na Europa – Alemanha nazista e Itália fascista – era compartilhada, no Extremo-Oriente, pelo Império do Japão. Depois de invadir a China, em 1937, e levar uma guerra cruel de muitos anos contra este país, os japoneses se mobilizavam em estender seu domínio econômico-militar à toda região do Pacífico asiático.

Em 27 de setembro de 1940, os três “impérios” (Alemanha, Itália e Japão) concluíram o Pacto Tripartite, também conhecido como *Aliança do Eixo*, *Nações do Eixo* ou apenas *Eixo*. Neste, o Japão reconhecia a hegemonia ítalo-germânica na Europa e, em contrapartida, Alemanha e Itália confirmavam o domínio do Japão na Ásia.

O Pacto Tripartite uniu o Império do Japão, a Itália fascista e a Alemanha nazista, para formalizar a aliança militar das potências do Eixo. Esse pacto estipulou que qualquer país, com exceção da União Soviética, que atacasse qualquer uma das potências do Eixo, seria forçado a ir para a guerra contra os três em conjunto (COGGIOLA, 2015, p. 68)

Ainda em 1940, os japoneses forçaram os franceses a aceitar a presença de seu sistema bélico na então Indochina Francesa (hoje Vietnã, Camboja e Laos) e rumaram para outros países, inclusive para as Índias Neerlandesas, invadidas em 1942.

Um ano após a assinatura do Pacto Tripartite, em 7 de dezembro de 1941, o Japão promoveu um ataque-surpresa contra a frota de guerra americana no porto de *Pearl Harbor* (Porto das Pérolas, em português), base militar da marinha estadunidense no Havaí. Até então, os Estados Unidos participavam da Guerra oferecendo apoio logístico e desenvolvendo sua indústria armamentista para municiar países aliados. Somente a partir dessa investida japonesa entraram efetivamente no conflito, que ia tomando proporções mundiais. A guerra contra o Império do Japão deu início à Guerra do Pacífico, por se dar neste oceano, em várias ilhas e países de sua costa oriental. Tal conflito envolveu os aliados europeus e suas então colônias na região. Com a invasão da União Soviética pelas tropas de Hitler, os Estados Unidos entraram maciçamente na Segunda Grande Guerra. Desembarcaram, também, em território europeu. Estavam postos os dois lados de um segundo conflito: de um lado, os aliados compostos pelas forças militares capitaneadas pelo Reino Unido, União Soviética e Estados Unidos; e, do outro, os países do Eixo, que reuniam, como vimos, a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Império do Japão.

Todavia, a situação da Itália estava aquém de outras nações europeias e dos países do Eixo: ainda não tinha se recuperado da guerra civil espanhola para a qual fornecera boa parte do material de guerra e do contingente humano. No que se refere ao poder bélico, a Itália tinha uma indústria ainda subdesenvolvida que influenciava diretamente na precariedade da mecanização das suas forças armadas. Além disso, grande parte de sua artilharia estava baseada nos artefatos utilizados na Primeira Guerra Mundial, a força aérea com uma minúscula frota frente à necessidade de um conflito daquele porte e a marinha sem nenhum porta-aviões. Aquilo que no papel parecia ser um dos maiores exércitos do mundo na realidade, contava apenas com

cerca de 300 mil soldados bem treinados e todo o resto eram pessoas cooptadas em regimentos e divisões da reserva com pouco ou nenhum treinamento.

Não obstante essa situação concreta, diante do sucesso da invasão alemã na Polônia, em 1º de setembro de 1939, Mussolini declarou guerra à França e ao Reino Unido em 10 de junho de 1940, a despeito de todas as ponderações apresentadas por seus assessores diretos. A partir daí, deu-se uma sequência de fracassos militares, entre os quais nos Alpes franceses, no Egito e na Líbia, onde enfrentou as forças britânicas, além da derrota na Grécia, o que provocou a perda do território albanês.

Essas e outras derrotas resultaram em uma dependência cada vez maior ao comando de Hitler. Para Blinkhorn,

a sucessão de derrotas italianas simplesmente desmascarava o vazio de seu belicismo bombástico e as falhas gerais do fascismo como sistema. Enquanto as forças italianas lutavam, a influência alemã se tornava cada vez maior, não só na zona de guerra, mas também na própria Itália (BLINKHORN, 2009 p. 89-90).

Somem-se a esses reveses a agravante situação interna da Itália, com uma profunda escassez de alimentos, de outros produtos essenciais, além de deflagração de uma greve nos distritos industriais do Norte. A esse respeito, Pierre Milza explica que

as derrotas militares, a quebra do poder de compra e o novo arrocho infligido aos consumidores (a ração de pão caiu para 150 gramas por dia) abalaram o “front interno” e terminaram por transformar o descontentamento das massas em forte movimento contestatório. Após o verão de 1942, greve isoladas estouraram em Turim e Milão. Inicialmente limitadas a reivindicações de caráter econômico, pouco a pouco adquiriram feição política (MILZA, 2011, p. 382).

Diante do quadro em que se encontrava a Itália, não é surpreendente a insatisfação também no campo político. A base da crise do fascismo italiano estava posta. Além desse quadro, como fator complicador estava a própria saúde debilitada do Duce. Já não era mais a figura imponente dos primeiros anos de autoritarismo fascista. Para garantir sua permanência no cargo, Mussolini optou por cercar-se de pessoas que apenas diziam “sim” àquilo que ele propusesse. Para tanto, entre fevereiro e abril de 1943, rebaixou de posto várias figuras importantes para a manutenção do regime, o que provocou o recrudescimento da oposição ao Duce. Paralelamente, crescia a dependência de Mussolini a Hitler.

A situação se agravou quando, em 10 de julho de 1943, os aliados invadiram a Sicília. Nove dias depois, no dia 19, Mussolini encontrou-se com Hitler e, submisso, não conseguiu ser o porta-voz de seus conselheiros e políticos, isto é, “dizer a Hitler que a Itália não poderia continuar lutando” (BLINKHORN, 2009, p. 90). Forçado por seus correligionários, o Duce convocou uma reunião do Grande Conselho Fascista, que começou em 24 de julho de 1943. Com riqueza de detalhes, David Kertzer (2017) descreveu aquela reunião que varou a madrugada. Segundo este autor, o acontecimento determinante foi o pronunciamento do seu correligionário, Dino Grandi, que havia ocupado cargos importantes como o de embaixador na Grã-Bretanha e ministro do Exterior. Nas palavras de Kertzer,

Dino Grandi, muito bem vestido, de cavanhaque, um dos luminares do regime, sentado perto do Duce, levantou-se e pronunciou um discurso como o ditador nunca tinha ouvido. Grandi proclamou que o único culpado pela situação desastrosa em que o país se encontrava era Mussolini. “O povo italiano foi traído por Mussolini”, disse Grandi [...], “no dia em que a Itália começou a ser germanizada”. Mussolini, prosseguiu, “nos mergulhou numa guerra que é contra a honra, os interesses e os sentimentos do povo italiano”. [...]. “Você acha que ainda conta com a devoção do povo italiano? Você a perdeu no dia em que entregou a Itália à Alemanha. Você pensa que é soldado: a Itália estava arruinada no dia em que você colocou as divisas de comandante. Há centenas de milhares de mães que gritam de dor: Mussolini matou meu filho!” (KERTZER, 2017, p. 395).

Na madrugada do dia 25, depois de calorosos debates, a maioria seguiu a moção apresentada e decidiu pela deposição do Duce. O rei Vittorio Emanuele III destituiu Mussolini, ordenou sua prisão e confiou o cargo de primeiro-ministro ao general monarquista, Pietro Badoglio.

O caminho traçado pelo novo gabinete ministerial tinha duas direções: a rendição da Itália aos aliados, o que ocorreu em 3 de setembro de 1943, e, como consequência, a declaração de guerra à Alemanha nazista. Tal fato foi noticiado no Brasil em toda a imprensa. O Jornal Folha da Manhã, em sua edição de 9 de setembro de 1943, publicou o seguinte editorial de 1ª página:

Não foi o povo italiano que caiu, ontem, vencido. Foi o regime fascista, cuja peçonha envenenava ainda a Itália, não obstante a tardia queda de Mussolini. O povo italiano, entregue a si mesmo, pelos seus órgãos de governo e de opinião, jamais teria ligado seus destinos aos do Reich hitlerista, principalmente na sua sanguinária aventura contra o mundo e contra a civilização. O fascismo, porém, suprimira todas as expressões das ideias e dos sentimentos da nação, que assim se viu escravizada à vontade, ao arbítrio, às loucuras de um único homem. E foi por isso que a Itália cometeu a covardia, agora castigada, da

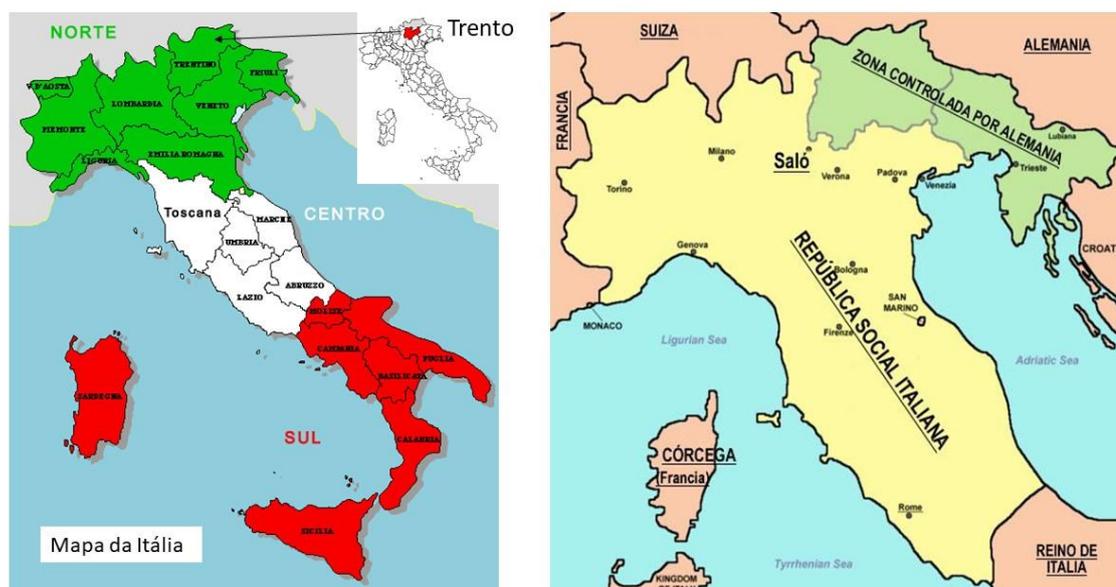
declaração de guerra à França agonizante sob as armas alemãs. Mussolini foi-se, cumprindo a sina dos "parvenus" meteóricos. O fascismo entrou em dissolução, como uma camorra à aproximação da polícia, no caso chefiada por Eisenhower. Mas o tóxico já havia operado suas devastações e a Itália não tinha mais remédio. Tombou, à simples aproximação do inimigo, derrotada por si mesma, na perda de vitalidade que foi o preço de vinte anos de ditadura mussoliniana. O povo inglês, por exemplo, quando enfrentou o invasor, sabia que lutava pela sua liberdade, pelo seu direito à dignidade humana, pela civilização ocidental que a civilização britânica agigantava. O povo italiano lutaria pelo que? Pela permanência da opressão que o desvirilizava, deformando-lhe o espírito e esmagando-lhe o coração? Impossível! No fundo, cada cidadão italiano era um rebelado contra Mussolini e contra o fascismo. Bateu-se, para salvar a honra nacional, mas desejando afinal a libertação, ainda que com a derrota. Uma derrota é uma ferida que se cura, e a Itália curará a sua, graças ao poder de recuperação que lhe dará um novo "*risorgimento*". O fascismo, porém, era uma chaga crônica, que só cedeu ao cautério do ferro e fogo da guerra que Mussolini providencialmente provocou. O dia de ontem parecerá um dia de luto para a Itália. Transformar-se-á, entretanto, na aurora de uma nova era, que se abrirá para novos e melhores tempos, sob os signos da paz e da liberdade, num mundo também novo e melhor, nascido da vitória das democracias<sup>13</sup>.

Preso, Mussolini foi resgatado pelas forças nazistas e levado para o norte da Itália. A ele foi imposto um novo papel: "o de dirigente de um novo Estado fascista, que recebeu o sugestivo nome de *Repubblica Sociale Italiana* (RSI)" (BLINKHORN, 2009, p. 94), também chamada de República de Salò. Hitler não estava disposto a perder seu poderio. De acordo com David Kertzer (2017, p. 398), Mussolini era um chefe fantoche e, a partir dessa "nova" República, com sede na cidade de Salò, mais ao norte, a violência da guerra chegou àquela região com toda a sua fúria.

---

<sup>13</sup> Disponível em: [http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo\\_09set1943.htm](http://almanaque.folha.uol.com.br/mundo_09set1943.htm). Acesso em: 5 ago. 2021.

Mapa 3  
República Socialista Italiana



Fontes:

Mapa da Itália disponível em: <http://www.vivatoscana.com.br/2012/02/principais-cidades-toscana.html>

Localização de Trento disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Trento\\_\(prov%C3%ADncia\\_aut%C3%B3noma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trento_(prov%C3%ADncia_aut%C3%B3noma))

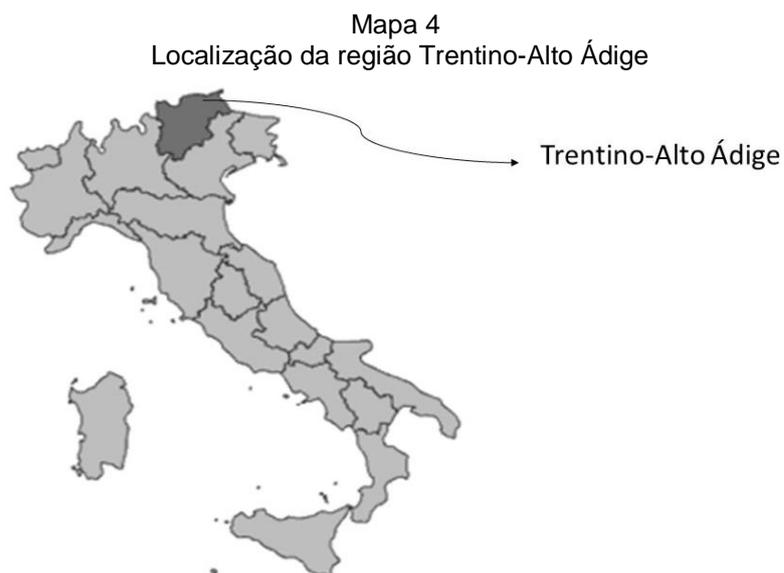
República Social Italiana disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica\\_Social\\_Italiana#/media/Ficheiro:Italian\\_social\\_republic\\_map.png](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%BAblica_Social_Italiana#/media/Ficheiro:Italian_social_republic_map.png), Acesso em: 5 jul. 2021

Montagem da autora

## 2.4 TRENTO: A CIDADE NATAL DE CHIARA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

O Trentino-Alto Ádige (ou simplesmente Trentino) é uma região do extremo norte da Itália. Anteriormente pertencente ao Império Austro-húngaro – união constitucional do Império Austríaco e o Reino da Hungria –, após a Primeira Guerra Mundial, foi anexada à Itália, tendo como capital a cidade de Trento.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Trentino-Alto\\_%C3%81dige](https://pt.wikipedia.org/wiki/Trentino-Alto_%C3%81dige). Acesso: 9 ago. 2020

Foi no *site Archivio di Stato di Trento*<sup>14</sup> e em uma de suas abas que fala diretamente sobre a Segunda Guerra Mundial em Trento<sup>15</sup>, que encontramos os relatos da história de Trento e do qual pudemos extrair as teias que explicam o cenário de guerra que se instalou na região Trentino-Alto Ádige. Com base nas informações contidas nesse *site*, fazamos o percurso histórico e, ao mesmo tempo, grotesco da Segunda Guerra naquela região.

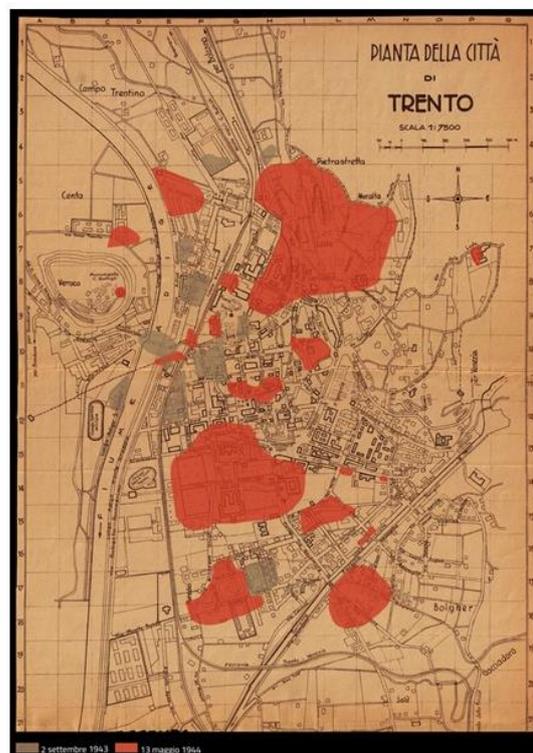
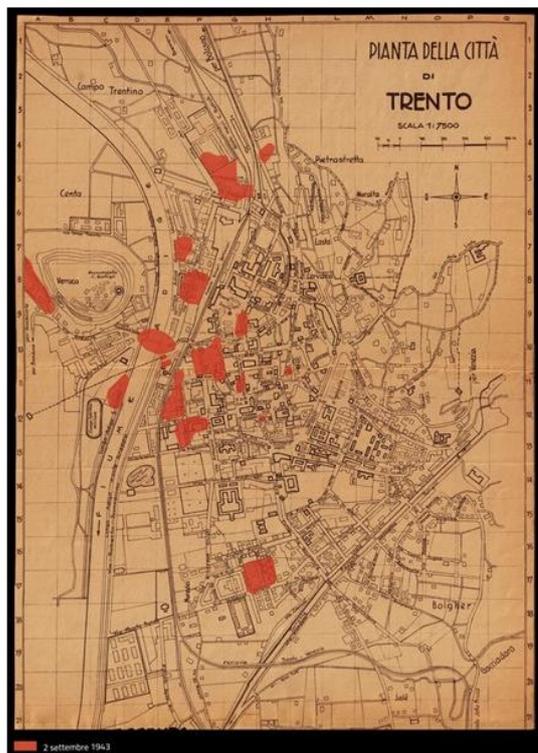
Entre as cidades bombardeadas na região Trentino-Alto Ádige estava a capital, Trento, cidade natal de Chiara Lubich. “Quando, depois do armistício de 1943, o Norte da Itália estava sob a República de Salò, e a guerra continuava ainda mais acirrada, Trento era bombardeada por ser uma via de comunicação com a Alemanha” (FOLONARI, 2013, p. 45). O primeiro grande e devastador bombardeio em Trento pelos aliados aconteceu em 2 de setembro de 1943, até então considerada uma cidade segura, uma vez que o alvo da destruição era a malha ferroviária. Foi um ataque surpresa que resultou em “223 vítimas, um grande número de feridos e muita destruição” (ABIGNENTE, 2017, p. 35). A guerra em Trento, iniciada com o referido bombardeio, durou até 3 de maio de 1945. Nos mapas abaixo, podemos ver a sequência dos grandes bombardeios e a proporção da destruição da cidade.

<sup>14</sup> <http://www.archiviodistatotentrento.beniculturali.it/>. Acesso em: 9 ago. 2021.

<sup>15</sup> [https://www.movio.beniculturali.it/astn/secondaguerramondialetrento/it/14/inquadramento-storico#\\_ftnref26](https://www.movio.beniculturali.it/astn/secondaguerramondialetrento/it/14/inquadramento-storico#_ftnref26). Acesso em: 9 ago. 2021.

## Mapa 5

Cidade de Trento, com as áreas afetadas pelos bombardeios dos aliados em destaque. Da esquerda para a direita: bombardeio em 2 de setembro de 1943 e bombardeio em 13 de maio de 1944.

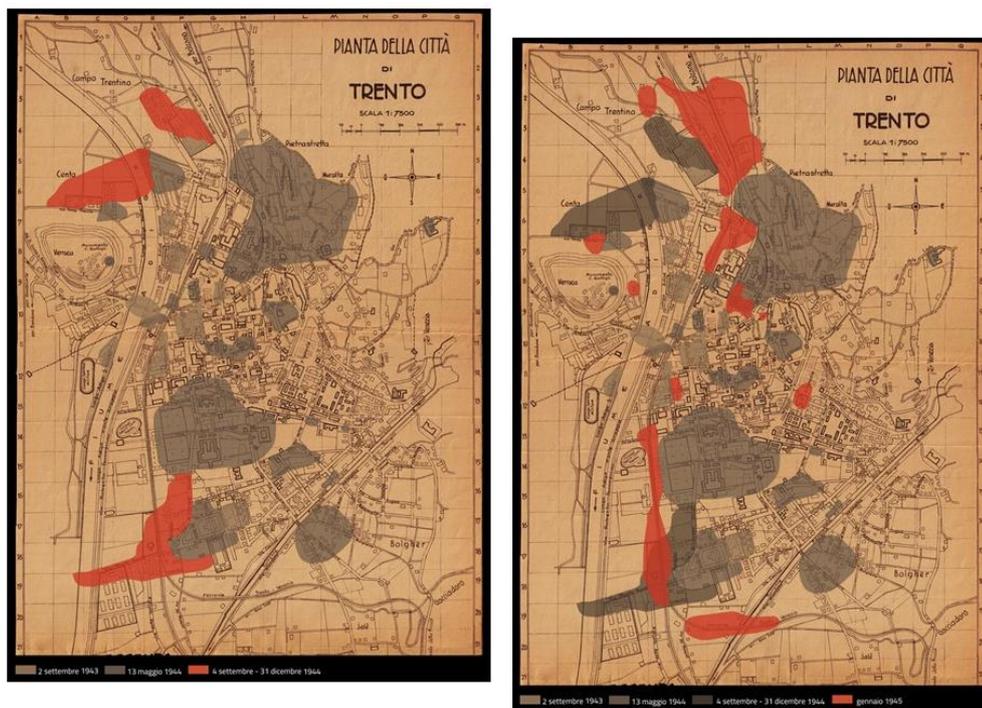


Fonte: *Archivio di Stato di Trento*

Disponível em: <https://www.movio.beniculturali.it/astn/secondaguerramondiale Trento/it/72/incursioni-aeree-alleate>. Acesso em: 10 ago. 2021.

## Mapa 6

Cidade de Trento, com as áreas afetadas pelos bombardeios dos aliados em destaque. Da esquerda para a direita: bombardeios entre setembro e dezembro de 1944 e bombardeios em janeiro de 1945.

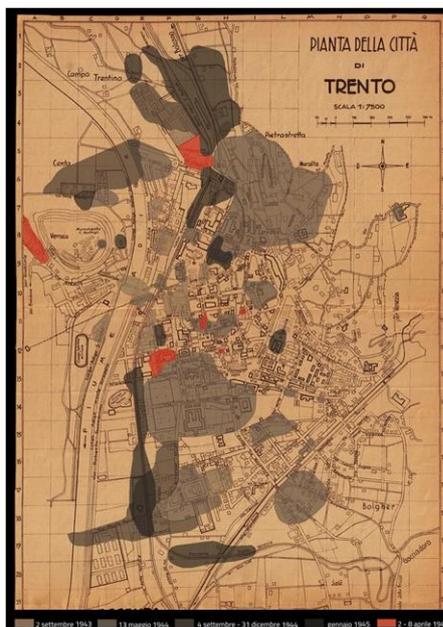


Fonte: *Archivio di Stato di Trento*

Disponível em: <https://www.movio.beniculturali.it/astn/secondaguerramondiale Trento/it/72/incursioni-aeree-alleate>. Acesso em: 10 ago. 2021

### Mapa 7

Cidade de Trento, com as áreas afetadas pelos bombardeios dos aliados em destaque.  
Bombardeios entre 2 e 18 de abril de 1945.



Fonte: *Archivo di Stato di Trento*

Disponível em: <https://www.movio.beniculturali.it/astn/secondaguerramondiale Trento/it/72/incursioni-aeree-alleate>. Acesso em: 10 ago. 2021

Naquele período de guerra, em Trento, os alarmes dos bombardeios aéreos “soavam um atrás do outro, noite e dia, até onze vezes por dia. As pessoas só entravam em casa para apanhar coisas absolutamente necessárias e saíam o mais rápido possível” (GALLAGHER, 1998, p. 64).

Portanto, também o norte da Itália entrou no mapa da destruição. Como vimos, para os alemães, uma via de comunicação, para os aliados, a necessidade de exterminar o último reduto do fascismo representado pela República de Salò.

## 2.5 A IGREJA CATÓLICA E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Falar sobre a Igreja Católica durante o período da Segunda Guerra Mundial é falar, necessariamente, de controvérsias. Aqui, faremos nosso recorte no que se refere a sua relação com o governo italiano, especificamente, e os papados de Pio XI e Pio XII. O primeiro, no período de 1922-1939; o segundo, no período de 1939-1958. Portanto, os papas que conduziram a Igreja Católica no período anterior e durante a Segunda Guerra Mundial.

Foi no pontificado de Pio XI que se concretizou o Tratado de Latrão, que recebeu esse nome por ter sido assinado entre o Reino da Itália e a Santa Sé no palácio assim denominado e que pôs fim à Questão Romana. Em que esta consistiu? Quando, da unificação da Itália ainda na segunda metade do século XIX (processo iniciado em 1850), a região central da Península Italiana estava sob o domínio da Igreja e constituía os Estados Papais, protegidos por tropas francesas, ameaçados pelas ambições do Reino da Itália que vivia o processo de unificação mencionado. As questões territoriais estavam em pauta desde então.

Com o início da Guerra Franco-Prussiana, conflito armado envolvendo a França contra um conjunto de estados germânicos liderados pela Prússia, que se desenrolou entre 1870 e 1871, as tropas francesas foram deslocadas e não puderam mais proteger os Estados Papais das tropas do reino italiano. Assim, os Estados Papais foram invadidos pelas tropas italianas, e a região foi anexada à Itália. Roma passou a ser, então, a capital italiana. O desentendimento entre o Reino da Itália e a Igreja Católica nasceu nesse momento, uma vez que a Igreja Católica não reconhecia o governo italiano e orientava os seus fiéis a não o fazer. Tal contenda somente foi levada a cabo depois das negociações feitas com Benito Mussolini. Assim, o Tratado de Latrão, assinado em 11 de fevereiro de 1929, pelo cardeal Pietro Gasparri e Benito Mussolini, além de encerrar a Questão Romana, criou o Estado da Cidade do Vaticano.

## Mapa 8 Estado da Cidade do Vaticano



O Estado da Cidade do Vaticano fica praticamente dentro de Roma, capital da Itália

### Fontes:

Mapa da Itália disponível em: <https://aresdomundo.com/mapa-da-italia/>

Mapa do Estado da Cidade do Vaticano disponível em:  
<https://mapasblog.blogspot.com/2012/08/mapas-do-vaticano.html>

Acesso em: 05 jul. 2021.

Montagem da autora

Esse documento compreende duas vertentes – um tratado e uma concordata. Em conformidade com Giacomo Martina (2014, p. 157-158), no que se refere ao tratado, o documento reconhece o catolicismo como única religião da Itália; dá prerrogativas jurídicas especiais para órgãos e pessoas vinculadas ao supremo governo da Igreja; concede às sentenças eclesiásticas a eficácia jurídica para o Estado italiano; garante à Santa Sé o direito de legação ativa e passiva, a liberdade nos conclaves e nos concílios; e, por meio de uma convenção anexa ao Tratado, a Santa Sé recebeu como indenização das terras o depósito de um bilhão de títulos do Estado e 750 milhões de liras em moedas correntes da época.

Em relação à concordata, ainda de acordo com Martina (2014, p. 158), além de assegurar vários privilégios aos clérigos, alguns aspectos chamam a atenção, entre eles o fato de o Estado impedir que excomungados assumissem ou mantivessem atividades educacionais (ensino), além de ofícios ou empregos que promovessem um contato direto com o público. Outro aspecto é o reconhecimento, por parte do Estado, das associações religiosas com ou sem os votos, o que inclui as associações leigas.

Também foi incluída a livre nomeação de bispos, embora a Igreja ficasse obrigada a informar ao Estado os seus nomes. Mais três aspectos interessantes do Tratado de Latrão: o reconhecimento civil dos casamentos religiosos e sua nulidade expedida pelo Tribunal Eclesiástico; estende às escolas secundárias o ensino da religião (e aqui, entenda-se, a inserção do catecismo da Igreja Católica dentro das instituições escolares religiosas ou públicas); ao mesmo tempo, limitou a participação político-partidária de integrantes da Ação Católica e de eclesiásticos.

Analisando a relação da Igreja Católica com o fascismo italiano no período do pontificado de Pio XI, apesar dos acordos que resultaram no Tratado de Latrão, Giacomo Martina reconhece pontos convergentes e divergentes entre o papa e Mussolini. Assim, afirma:

O caráter dos dois chefes, incapazes de suportar qualquer oposição e prontos a se lançarem na luta com impetuosidade, devia necessariamente agravar a situação; entre os dois contentores, porém, Pio XI, lento nas palavras e nos gestos, prudente nas intervenções, longamente pensadas, firmíssimo nas resoluções, apresenta-se muito superior a Mussolini, tão predisposto a declarações imprudentes e propenso a ceder ao exibicionismo quanto pronto para mudar os seus propósitos e linhas de ação (MARTINA, 2014, p. 165).

Vale colocar em evidência a análise feita por Martina sobre a relação entre a Igreja e o Estado comandado por Benito Mussolini:

As relações entre a Igreja e o Estado fascista, raras vezes totalmente cordiais, e marcadas com muita frequência tanto no vértice como na base por uma recíproca reserva [...], tiveram dois momentos de forte tensão: em 1931, com as ameaças à ação católica, e em 1938-39, com as primeiras aplicações das leis raciais, que, prescindindo-se de outros aspectos, violam um dos pontos da concordata (MARTINA, 2014, p. 165).

Com a morte de Pio XI, em 10 de fevereiro de 1939, assumiu a cátedra de Pedro, seu Secretário de Estado, o cardeal Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, eleito papa em 2 de março daquele mesmo ano, na terceira votação de um Conclave de 24 horas, que escolheu para si o nome de Pio XII, como anúncio de continuidade do pontificado precedente numa declaração explícita de que a política da Igreja não sofreria mudanças. Definindo o perfil do novo papa, Giacomo Martina afirma que:

Romano, o novo papa, tinha atrás de si uma longa experiência: recebera a formação de canonista na escola de Gasparri, a quem ajudou na preparação do código de 1917; núncio em Munique e em Berlim de 1917 a 1929, conhecera e ajudara os esforços de Bento XV

pelo fim da inútil carnificina; secretário de Estado preferido de Pio XI, estivera ao lado dele de 1930 até à morte do papa, numa admirável sintonia; homem de oração e de severa ascese, de sincero zelo pastoral, exigente consigo mesmo e com os outros, era levado a concentrar em suas mãos quase toda a responsabilidade dos trabalhos: não queria colaboradores, mas executores, como dizia explicitamente a Tardini, um dos funcionários do Vaticano mais estreitamente ligado a ele (MARTINA, 2014, p. 207-208).

Os esforços de Pio XII pela paz universal começaram imediatamente após sua posse. Na esperança de uma conciliação, no dia 6 de março do mesmo ano, encaminhou uma carta a Hitler, escrita em alemão, “expressando todo seu afeto pelo povo alemão e fazendo votos de uma eficaz colaboração entre as duas partes” (MARTINA, 2014, p. 208). Evidente que esta não era a intenção do *Führer*, e a resposta veio *en passant*.

Em uma segunda tentativa, também antes do início do grande conflito, o papa propôs uma conferência internacional, na qual se buscava uma solução pacífica para os problemas mais graves. Embora Mussolini tenha demonstrado algum interesse, não teve nenhuma repercussão entre as demais lideranças, inclusive de Hitler.

Em relação específica à sua atuação na Itália fascista, depois da frustrada tentativa da conferência mencionada, Pio XII tentou uma aproximação com o rei Vitério Emanuel III. Para tanto, proporcionou uma visita da corte real ao Vaticano, em 21 de dezembro de 1939 e sua visita ao Palácio Real Quirinal, em 28 do mesmo mês. Porém, deparou-se com o ceticismo do rei. No ano seguinte, escreveu a Mussolini, em 24 de abril, apelando para que a Itália fosse poupada “de uma calamidade tão grave” (MARTINA, 2014, p. 209). Ainda segundo este autor,

desde então, o papa se fechou no silêncio [...]. Iniciativas diplomáticas para impedir o conflito, reiterados esforços para ao menos evitar que se expandisse, protestos solenes diante das violações públicas de neutralidade de países agredidos, silencioso trabalho de assistir e de salvar, na medida do possível, os judeus perseguidos, presos e arrastados para as câmaras de gás [...]. Continuou, porém, a tomar as atitudes necessárias para manter incólume a sua cidade, Roma, e depois dos bombardeios de 19 de julho e de 13 de agosto de 1943 sobre a cidade, apressou-se em se dirigir diretamente para os lugares atingidos, levando à multidão desesperada sua palavra de conforto e alguma ajuda imediata (MARTINA, 2014, p. 209).

Depois de 8 de setembro de 1943, quando a Itália assinou o armistício e aderiu aos aliados, houve uma debandada geral de Roma: Mussolini, depois de capturado pelos nazistas (como vimos) seguiu para o Norte e assumiu, mesmo que alegoricamente, o governo da República de Salò; a casa real migrou para o Sul;

mesmo tendo o papa Pio XII se tornado a mais alta autoridade moral, inútil foram as tentativas articuladas para frear o furor nazi-fascista. Novamente, o papa optou em não levantar a voz, temendo pelas atrocidades que poderiam ser ainda mais cruéis contra judeus e católicos italianos. As ajudas, porém, assumiram concretude. Nessa direção, Martina lembra que a judeus romanos e italianos foram dispensadas solidariedades de instituições católicas, que, “com plena aprovação do Vaticano, acolheram dentro e fora de Roma centenas e centenas de judeus, que puderam, assim, se salvar” (MARTINA, 2014, p. 210).

Outro efeito do armistício: sobretudo o episcopado italiano do Norte assumiu uma postura diferente, condenando os delitos contra a vida humana, as sentenças céleres e ilegais, as deportações. Discorrendo sobre clérigos que foram executados durante a Segunda Guerra Mundial, Martina admite que foram cerca de 300, todos no cumprimento de sua missão, considerando que a maioria talvez tenha sido morta por italianos justamente na República de Salò durante as últimas semanas da guerra ou imediatamente após os aliados tomarem a região. Vale o registro sobre o assassinato dos clérigos feito pelo autor:

Nos momentos extremos, bispos e sacerdotes ou se impuseram aos alemães com a disposição de morrer juntamente com os reféns condenados à morte, conseguindo desse modo salvá-los (como o bispo de Trani, Petronelli, no dia 18 de setembro de 1943, e nesses mesmos dias em Manfredonia, o bispo Cesarano, e poucos meses mais tarde em Capri, o bispo Dalla Zuanna) ou morreram com seus fiéis, como Inocêncio Lazzeri, pároco de Farnocchia na Versilia, em S. Anna di Stazzema, o primeiro a ser morto entre 138 pessoas, os certosinos de Farneta, perto de Lucca, mortos depois de terem dado assistência até o último de uma centena de perseguidos, e os cinco sacerdotes da montanha acima de Marzabotto, mortos juntamente com mais de setecentas vítimas dos últimos dias da guerra (MARTINA, 2014, p. 216).

Assim, a Igreja, durante a Segunda Guerra Mundial, passou de articulações e acordos a silêncios e assistência espiritual e material; de tentativas para estabelecer tratados de paz ao sacrifício de clérigos e leigos; de pronunciamentos condenatórios aos regimes totalitários à garantia da sobrevivência de seus espaços geográficos; de uma parte do clero alinhado a Mussolini, e outra com postura de resistência ao fascismo. Como último registro, vale, ainda, assinalar os papéis desenvolvidos por dois cardeais: o da cúria de Milão, Cardeal Schuster, e o de Gênova, o Cardeal Beotto. Ambos, cada um em seus espaços geográficos, foram eficazes intermediários entre

alemães e fascistas e o Comitê de Libertação Nacional. Ambos contribuíram em apressar a solução para o fim dos conflitos.

## 2.6 AÇÃO CATÓLICA E A ORDEM TERCEIRA FRANCISCANA

Queremos, agora, descrever e contextualizar, o movimento da Ação Católica e a Ordem Terceira Franciscana, por serem duas instituições das quais Chiara participou ativamente nas décadas de 1930/1940.

Não raro, encontramos na história da Igreja Católica uma tentativa de estabelecer, considerando o tempo e o espaço em que ela se encontra, com especial recorte espacial na Europa, uma visão de mundo a partir de seus ensinamentos como forma de traçar caminhos considerados seguros para que os cristãos católicos passem incólumes pelas novidades que a sociedade, em cada tempo, oferece à humanidade, independente das áreas – filosófica, tecnológica, econômica, ideológica... O importante é a salvaguarda de sua doutrina.

Assim, a ideia de se constituir uma estrutura que envolvesse o laicato e o trouxesse para dentro da estrutura da própria Igreja tinha, entre outras coisas, o zelo em preservar a fé entre os cristãos frente ao avanço da secularização como consequência inevitável da separação da religião e do Estado, como vimos anteriormente, e a ameaça do comunismo como doutrina social que compreende as soluções dos problemas sociais a partir da participação de cidadãos conscientes e politizados, sem esperar que tais soluções caiam dos céus, como que por milagre ou em consequência de um merecimento.

Entre o final do século XIX e início do século XX, na Igreja existiam diversos movimentos espalhados pelo mundo, especialmente movimentos que envolviam a juventude, os quais eram denominados de “ação católica”. Entre esses movimentos estavam a Juventude Católica Italiana (J.C.I), a Associação Católica da Juventude Canadense (J.C.J.C.), a Associação Católica da Juventude Belga (A.C.J.B.) e, na Alemanha, o *Jugendverband* e o *Gesellenverein*, florescente desde o período anterior à Primeira Guerra Mundial.

Nesse contexto, a Igreja lançou a proposta de uma efetiva organização dos leigos, sem, contudo, conferir-lhes autonomia, isto é, essas organizações estavam sempre subordinadas à hierarquia da Igreja como garantia de poder mudar a realidade

a partir do padrão de sociedade concebido pela Igreja. Assim, de acordo com David Kertzer, a Ação Católica foi

criada por Pio X, em 1905, como uma estrutura para organizar o lascismo católico. Nos anos 1920, a organização tinha grupos separados na Itália para homens e mulheres, meninos e meninas e estudantes universitários. Com diretor laico nacional designado pelo papa e um supervisor eclesiástico do Vaticano, a Ação Católica era organizada tanto no nível das dioceses quanto no das paróquias. [...]. Pio XI, conhecido como o “papa da Ação Católica”, considerava-a essencial para seus esforços de cristianização da sociedade italiana (KERTZER, 2017, p. 18).

Discorrendo e analisando a história da Ação Católica, Daniel-Rops (2006, p. 392-393) reconhece que ela não apenas modificou as relações da Igreja com a sociedade, assim como forneceu à Igreja novos meios de agir no plano social, o que possibilitou uma espécie de relaxamento dos laços entre católicos e a política, o que não significava uma alienação. Ao contrário. De acordo com esse autor, os cristãos, movidos pelo senso do bem comum, desenvolveram uma consciência crítica em relação ao clima político do pós-Primeira Guerra Mundial.

Henri Daniel-Rops enfatiza as consequências da Ação Católica no interior da Igreja e considera como primeira “a modificação total da atitude e do papel dos leigos na Igreja” (DANIEL-ROPS, 2006, p. 393), o que provocou a “desclericalização” da Igreja. Tal desclericalização não anulou as funções dos clérigos. O que a Ação Católica promoveu foi uma proximidade do laicato na tarefa apostólica até então confiada exclusivamente ao clero. De acordo o mesmo autor:

Desse laicato comprometido saem, a partir desse momento, elites católicas muito mais empreendedoras, muito mais bem formadas que as do passado. Será este um dos pontos em que Pio XII gostará de insistir: “A Ação Católica – repetia ele com frequência – pode e deve dar aos católicos guias católicos” E, efetivamente, é impressionante ver que os dirigentes da Ação Católica vão fornecer líderes a todas as grandes organizações sindicais, intelectuais e mesmo políticas, em que haverá uma intervenção de católicos (DANIEL-ROPS, 2006, p. 394).

Por fim, nas análises de Daniel-Rops, a Ação Católica trouxe para o universo laico a Igreja como “Corpo Místico de Cristo” até então um postulado teológico e, por consequência, uma mística cristã comunitária.

Foi justamente em outubro de 1939 que Chiara, participando de um curso para jovens promovido pela Ação Católica, no Santuário da cidade de Loreto, na região dos Marche, intuiu, pela primeira vez, sua vocação, aquela posteriormente reconhecida

pela Igreja como uma quarta estrada: pessoas virgens e pessoas casadas, todas doadas totalmente a Deus, compondo pequenas comunidades em meio ao mundo e espalhadas em todos os continentes, alargadas à diversidade de etnias e credos.

Outra instituição da Igreja que influenciou a vida de Chiara foi a Ordem Terceira Franciscana. As ordens terceiras são associações para leigas e leigos, ligadas a ordens religiosas, entre as quais a franciscana, a carmelita, a agostiniana e a dominicana.

Encontramos a relação de Chiara com a Ordem Terceira Franciscana sucintamente descrita no livro *Cartas dos Primeiros Tempos*:

Em finais de 1942, o pe. Casimiro da Perarolo, OFM Cap., encontrando-se na Obra Seráfica<sup>16</sup>, bate à porta da sala de aula da jovem professora, pedindo-lhe para oferecer uma hora diária para o seu apostolado. Chiara respondeu: “Uma hora? Até o dia inteiro!”. O sacerdote abençoa-a, dizendo: “Lembre-se de que Deus a ama imensamente”. No ano seguinte, provavelmente no final do ano letivo, o pe. Casimiro, diretor da Ordem Terceira Franciscana, pede-lhe para participar das reuniões, esperando que a sua presença entre as jovens lhes faça reflorescer o interesse (LUBICH, 2011, p. 23).

A relação com a Ordem Terceira Franciscana foi intensa, a ponto de fazer Chiara mudar seu nome. Ela foi batizada com o nome de Sílvia. Conhecendo profundamente a vida dos santos de Assis, assumiu o nome de Chiara (Clara, em português) em honra à santa Clara de Assis, e as cartas que escrevia para as outras jovens, que também pertenciam à Ordem Terceira, assinava Irmã Chiara. Algumas dessas cartas, que contêm sementes de uma nova mística dentro da Igreja Católica, serão vistas profundamente quando apresentarmos, no quarto capítulo desta nossa tese, a mística cristã de Chiara Lubich. Urge, portanto, antes de qualquer outro argumento, compreendermos a história dessa trentina que nasceu em 22 de janeiro de 1920 e chegou aos confins do mundo. É o que veremos no próximo capítulo.

---

<sup>16</sup> Obra Seráfica de Cognola era um orfanato em Trento, no qual Chiara lecionava. Este orfanato era administrado pela Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM Cap.), da família franciscana, aprovada em 1517, pelo papa Leão X, como um ramo da primeira ordem de São Francisco de Assis.

### 3 CHIARA LUBICH: HISTÓRIA DE UMA JOVEM TRENTINA

Convidada para apresentar sua experiência no XIX Congresso Eucarístico Italiano, ocorrido na cidade de Pescara, entre os dias 11 a 18 de setembro de 1977, Chiara começou expondo seu lugar de fala, se podemos dizer assim:

A pena não sabe o que deverá escrever.  
 O pincel não sabe o que deverá pintar.  
 O cinzel não sabe o que deverá esculpir.  
 Do mesmo modo, quando Deus se serve de uma  
 criatura, para fazer surgir na Igreja uma obra sua,  
 ela não sabe o que deve fazer. É um instrumento.  
 Creio que este pode ser o meu caso (LUBICH, 1983c, p. 9).

Para conhecer a história de tal “instrumento” e como Deus o moldou, garimpamos aspectos de sua vida publicados em livros e no *site* oficial do Movimento dos Focolares, por ela fundado e do qual foi presidente até sua morte, em 14 de março de 2008, aos 86 anos de idade.

#### 3.1 A FAMÍLIA LUBICH

O núcleo familiar de Chiara não apresenta nenhum fato extraordinário. É tão comum e tão igual a tantas outras famílias do Trentino e do mundo. Seus pais, Luigi Lubich e Luigia Marinconz, conheceram-se no ambiente de trabalho, apaixonaram-se e casaram-se no dia 15 de agosto de 1916, “depois que Luigi voltou ferido do *front* da Primeira Guerra Mundial” (GALLAGHER, 1998, p. 22). Tiveram quatro filhos: Gino, Silvia (Chiara), Liliana e Carla. Portanto, nada que fugisse à regra. “Enquanto o pai, supervisor na gráfica, era socialista, a mãe de Chiara, Luigia, tipógrafa, era católica praticante. Ia à missa e comungava todas as manhãs antes do trabalho” (GALLAGHER, 1998, p. 22). O que não significa um dualismo, um contraponto. Ao contrário. A retidão, o caráter e o senso de justiça presente em Luigi remonta ao próprio Jesus: “Felizes os que têm fome e sede de justiça...” (Mateus 5,6).

Luigi pertencia a uma família de açougueiros de origem eslava – uma ramificação étnica e linguística de povos indo-europeus –, que mantinha um estreito comércio com a região do Trentino, a mesma região onde nasceu Luigia, natural do Vale de Non, e que pertenceu ao Império Austro-Húngaro até a conclusão do processo de unificação da Itália, em 1871.

Refazendo a árvore genealógica da família Lubich, Eli Folonari (2013, p. 33) lembra que o bisavô de Chiara “atravessou os Alpes com um rebanho de cabras para estabelecer-se em Trento, onde ainda hoje há um açougue dos Lubich. O avô se chamava Luigi, o mesmo nome do pai” (FOLONARI, 2013, p. 33).

Os pais de Chiara, vindos ambos de escolas profissionalizantes, conheceram-se enquanto trabalhavam na tipografia do jornal *Il Popolo*, uma publicação porta-voz do Partido Socialista de Trento, fundado por Giuseppe Cesare Battisti, político italiano, que se tornou deputado por Trento, no Parlamento de Viena. Sobre esse cenário, Folonari lembra que Benito Mussolini era colega de trabalho de Luigi (FOLONARI, 2013, p. 34). Dessa convivência, Gallagher registrou:

Antes do seu casamento com Luigia, como vinha dos arredores de Trento, Luigi havia alugado um quarto perto do seu trabalho. Trabalhando à noite na produção do jornal, ele dormia durante o dia. O proprietário, então, perguntou-lhe se poderia liberar o quarto para que outro o ocupasse à noite. Assim foi que, durante o dia, ele dormia na mesma cama que outra pessoa ocupava à noite! A outra pessoa era Benito Mussolini, que, naquele tempo, escrevia para o jornal de Battisti. [...]. Certa vez, quando Trento ainda era governada pela Áustria, a polícia austríaca veio prender Mussolini. Luigi Lubich o avisou, e Mussolini fugiu com tempo de não ser preso (GALLAGHER, 1998, p. 24-25).

Aparentemente, o fato de ser colega de trabalho de Mussolini não representa nada. Todavia, quando o Duce impôs as leis de exceção do fascismo, a imprensa ficou sujeita à censura, e o jornal *Il Popolo* foi perseguido e fechado. Desempregado, junto com seu irmão Silvio, Luigi dedicou-se ao comércio de exportação de vinhos para a Alemanha e a Áustria, por meio de uma empresa herdada do avô. A sociedade entre os irmãos chegou ao fim, conforme apontado por Armando Torno (2011, p. 10) e Gallagher (1998, p. 24), principalmente por causa da crise econômica que se abateu também no Trentino, em decorrência da *Grande Depressão* estadunidense, sobre a qual discorremos no capítulo anterior. A quebra da Bolsa de *Wall Street* foi devastadora e a Itália, em 1932, já contabilizava mais de um milhão de desempregados.

A esse quadro, Folorani (2013, p. 35) acrescenta a discordância política entre os irmãos. Com a ascensão do fascismo italiano, Silvio se tornou *squadrista*, ou seja, defensor das milícias armadas fascistas comandadas por líderes locais, contudo, apoiadas sorrateiramente por Mussolini e seus comandados, ao passo que Luigi não

abriu mão de sua ideologia socialista e radical postura antifascista. Qual a consequência dessa postura ideológica? Torno explica:

Embora Luigi tivesse conhecido Mussolini na época em que ambos faziam parte da militância socialista [...], ele manteve-se fiel a seus princípios e recusou-se a se inscrever no Partido Fascista, o que lhe teria aberto as portas para o serviço público ou para trabalhar num jornal controlado pelo Governo. Aceitava, então, trabalhos esporádicos; em consequência disso, a família vivia pobremente. Os pais muitas vezes jejuavam para dar de comer aos filhos. Mesmo vivendo na pobreza – lembra Chiara –, a família sempre manteve a dignidade (TORNO, 2011, p. 10).

No que se refere à sua mãe, Luigia, perdera seu primeiro marido pouco depois do casamento. Era sete anos mais velha que Luigi. Ambos radicais em suas crenças, comungavam dos mesmos valores de amor recíproco, de ética, de zelo pelos seus filhos.

No dia seguinte ao seu nascimento, portanto, em 23 de janeiro de 1920, Chiara foi batizada na igreja de Santa Maria Maior, a mesma igreja que sediou, no período de 1545 a 1563, o 19º Concílio da Igreja Católica, que passou para a história como o Concílio de Trento, convocado pelo então Papa Paulo III, como resposta aos movimentos protestantes encabeçados sobretudo por Martinho Lutero e João Calvino.

### 3.2 PRIMEIROS *INSIGHTS* DA MÍSTICA DE CHIARA LUBICH

Da infância de Chiara queremos evidenciar dois fatos, um diretamente ligado à mãe, e outro, ao pai. Movida pelo desejo de oferecer aos filhos uma formação cristã, Luigia conseguiu matricular Chiara na escola das Irmãs de Maria Menina. De acordo com Torno,

Irmã Carolina, que acompanhava um grupinho de alunas, levava-as todas as sextas-feiras, às três da tarde, a uma igreja de Trento para que fizessem uma hora de adoração diante do ostensório. Silvia fixava o olhar na Eucaristia e dizia: “Tu, que criaste o Sol, que nos oferece luz e calor, faz que a tua luz e o teu calor penetrem na minha alma, através dos meus olhos”. Ficava ali muito tempo, a repetir essa oração (TORNO, 2011, p. 10-11).

Começou naquela adoração ao Santíssimo a experiência mística de Chiara? Apesar desse fato, era uma criança como todas as outras.

O segundo episódio diz respeito à sua saúde física. Aos 10 anos de idade foi acometida de uma apendicite, que evoluiu para peritonite. Sabendo da gravidade do

quadro, o médico cirurgião pediu que Luigi assinasse uma autorização, procedimento comum em caso de risco de morte. Luigi assinou sem, contudo, comunicar à esposa. Ele assumiu para si a responsabilidade que tal autorização implicava. Mas Luigia intuiu a gravidade. Foi ao colégio, pediu oração às irmãs, e elas assim rezaram à Maria Menina: “Se for bom para a sua alma que esta menina viva, cura-a; se for melhor levá-la para o Paraíso, concede resignação a seus pais” (TORNO, 2011, p. 11).

Recuperada a saúde, continuou seus estudos. Concluído o ensino fundamental, Chiara foi matriculada em um curso profissionalizante como uma maneira de preparar-se para ajudar economicamente a família. Depois, por orientação da própria escola, considerando sua capacidade intelectual acima da média, transferiu-se para o curso de magistério do Instituto Rosmini. Ali, conheceu o professor de Filosofia, Girolamo Gaspari, com o qual desenvolveu um relacionamento *sui generis*. Ele, ateu, aproveitava suas aulas para combater aquilo que se consideram “verdades da fé”, sobretudo aquelas proclamadas pela Igreja Católica. Chiara não tinha como contra-argumentar, todavia, a educação religiosa que recebera de sua mãe e das Irmãs de Maria Menina a levava a interromper o professor e dizer, na sua simplicidade adolescente, vencendo a própria timidez: “Não é verdade, professor!”. Esse embate constante nas aulas de Filosofia colocava em risco sua bolsa de estudo, uma vez que, para não a perder, era necessário manter alta a média de suas notas. Porém, suas contestações não influenciaram na avaliação do professor. E a nota máxima foi o resultado final. Aliás, a única nota máxima da sua turma (TORNO, 2011, p. 13).

Dois outros episódios marcaram o relacionamento entre os dois. Certa feita, quando terminada a aula, o professor pediu para falar a sós com Chiara. Conversaram longamente sobre Santo Agostinho. Um dado momento, confidenciou: “Não diga nada a ninguém, mas você tem razão” (TORNO, 2011, p. 14). O último encontro, mais uma confidência: “Sabe, eu tenho um monte de problemas na minha família, e por isso fui até a igreja que você frequenta e rezei a esse Deus que você ama. Espero que ele me ajude” (TORNO, 2011, p. 14). Depois, soube que ele ingressara na Marinha de Guerra, e seu navio naufragou atingido por um torpedo. Em Chiara ficou a certeza de que Deus não apenas atendeu aquele seu professor, mas o acolheu no Paraíso (FOLONARI, 2013, p. 38).

O trabalho chegou à vida de Chiara ainda na adolescência pela necessidade de ajudar no sustento da família. Dividia o tempo entre aulas particulares de italiano,

matemática e geografia e as tarefas domésticas. Desse período, dois fatos nos remetem às raízes de sua mística, ambos narrados por Gallagher (1998, p. 29). O primeiro, mais ou menos aos 15 anos de idade, sentiu um chamado ao martírio. Muito mais que um martírio físico, vamos encontrar, anos depois, a compreensão do ápice da dor de Jesus quando se sentiu “abandonado” pelo Pai e, na cruz, gritou: “*Eli, Eli, lamá sabachtháni?*”, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?” (Mateus 27,46), aspecto sobre o qual discorreremos quando tratarmos especificamente os aspectos de sua mística. O segundo, alguns anos depois, no dia em que a Igreja celebra a festa de são Tomás de Aquino (28 de janeiro), quando se sentiu atraída pela santidade, como escreveu Gallagher:

Na festa de são Tomás de Aquino, Chiara sentiu uma forte atração pela santidade. Disse a uma amiga: “Quero me tornar santa”. A outra respondeu: “Eu também”. E as duas correram direto ao centro da Juventude Católica e disseram aos líderes que ali estavam que queriam se fazer santas! [...] O diretor ficou impressionado, convidando-as a frequentar as reuniões (GALLAGHER, 1998, p. 29).

Terminado o curso de magistério, em 1938, “assumiu, no município de *Castello di Ossana*, no *Val di Sole*, as quatro turmas do primeiro ciclo do ensino fundamental” (TORNO, 2011, p. 15), um pequeno vilarejo ao redor de Trento. Ali, de comum acordo com o pároco local e animado por Chiara, surgiu um grupo da Ação Católica. Em paralelo, continuou os estudos. Queria ir para a Universidade Católica de Milão porque, acreditava, em sendo uma universidade católica, iria aprender sobre Jesus e, portanto, sobre a Verdade. Para tanto, era necessário se submeter à seleção e concorrer a uma bolsa de estudos das 30 disponibilizadas. Fez sua parte. Todavia, ficou na 31ª colocação. Experimentou a frustração tão comum aos jovens quando não conseguem atingir seus objetivos. Chorou o quanto pôde no colo da mãe. Depois, teve mais uma intuição, como se o próprio Jesus lhe dissesse: “Eu mesmo serei o teu Mestre” (GALLAGHER, 1998, p. 29-30). Enxugou o rosto. Colocou os livros no sótão.

Ainda na juventude, Chiara também experimentou as mudanças curriculares impostas pelo governo italiano da época. Como é característica dos regimes totalitários, o fascismo italiano impunha à juventude uma espécie de doutrinação. Assim, todos os sábados, os/as jovens tinham reuniões doutriniais como parte do projeto educacional, um dos tentáculos de perpetuação do poder do Duce. A Chiara esse tipo de doutrinação não influenciou, tanto que, quando submetida aos

questionamentos naturais dos examinadores escolares, ela pouco sabia sobre a cultura fascista.

Somente quando completou 19 anos de idade fez sua primeira grande viagem. Com o consentimento dos pais e junto a outros jovens, entre rapazes e moças da Ação Católica de Trento, na primeira semana de dezembro, partiu para Loreto, a 350 quilômetro de sua cidade, a fim de participar de um congresso para estudantes. Naquela cidade, uma história singular. Conta-se que, para salvaguardar a casa onde morara a Sagrada Família de Nazaré, na Terra Santa, os anjos a transportaram primeiro para a Croácia e, depois, para a Itália. Em Loreto, para que a casa não fosse novamente transportada, construiu-se uma imensa basílica-fortaleza, como se isso impedisse a ação dos anjos e garantisse a permanência da Casa de Nazaré em terras italianas. Simetricamente abaixo da cúpula da basílica, como se fosse de fato uma caixa-forte guardando a Casa de Nazaré, as paredes de mármore projetadas e esculpidas por Giuliano de Sangallo oferecem um espetáculo artístico de rara e profunda beleza.

Nas inúmeras narrativas de Chiara sobre esse episódio de sua vida, em nenhum deles fez referência à beleza estética do Santuário, tampouco à preocupação com a veracidade da ação dos anjos acima mencionada. Para ela, o que teve importância foi a atmosfera que sentiu ao visitar aquela Casa de Nazaré. Mergulhada em um clima de contemplação, transportou-se para o ambiente originário e, sem dificuldades, ficou a imaginar o dia a dia da família. Deixemos, porém, que a própria Chiara narre sua experiência:

Quando entrei pela primeira vez na pequena “Casa de Loreto”, não tive tempo de pensar se historicamente aquela casa era verdadeira ou não. Sei que logo fui envolvida por uma comoção profundíssima; fiquei como que esmagada pelo Divino. Estava encostada à parede e sentia-me fulgurada pela contemplação daquela comunidade: de Jesus, Maria e José. E imaginava Maria, sua voz ecoar naquelas paredes, assim como a voz de José e sobretudo a do menino Jesus. Imaginei até mesmo Maria cantando uma canção para o menino Jesus. [...]. E todos os dias (dez dias mais ou menos), enquanto minhas colegas ficavam passeando durante os intervalos de descanso, eu corria à Casa da Sagrada Família e sempre acontecia o mesmo fenômeno; porém eu não tinha noção do que estava acontecendo. Sentia-me literalmente esmagada, isto mesmo, esmagada por algo de sobrenatural. No último dia, no fundo da igreja, antes de ir embora, veio-me um pensamento: “uma multidão de virgens te seguirá” (LUBICH, 1983c, p. 20).

Guardou para si aquela experiência até o início do ano letivo de 1940, quando encontrou o pároco de Castello di Ossana, que também era seu confessor. Confidenciou: havia encontrado sua estrada. Chiara conta assim esse colóquio:

Retornei à escola num povoado vizinho, encontrei o meu confessor e ele vendo-me tão contente, perguntou: “Então, encontrou o seu caminho?”. E eu disse: “Sim!”. Perguntou-me: “Vai se casar?”. E eu disse: “Não!”. “Vai se consagrar a Deus permanecendo no mundo?”. Não!”. “Então vai entrar num convento?”. “Não!... É um quarto caminho...”. Mas eu não sabia ainda exatamente o que era. Foi assim que tive a intuição de que outros haveriam de me seguir (LUBICH, 1983c, p. 20-21).

### 3.3 O ESPOSAR DEUS

E a vida seguiu seu curso normal. Em 1943, a convite de um franciscano capuchinho, Chiara começou a fazer parte da Ordem Terceira Franciscana dos Capuchinhos de Trento, assumindo, logo em seguida, a coordenação de um grupo de jovens terciárias. Como era costume, as pessoas deveriam adotar um nome novo, o qual assumia dois significados: um, o fato de renunciar à vida precedente; o outro, assumir um programa de vida. Assim, Silvia Lubich, como já mencionamos, adotou o nome Chiara e tomou como programa de vida a escolha radical de Deus feita por Santa Clara de Assis. A esse respeito, a própria Chiara contou a Gallagher:

Eu era já uma grande admiradora de São Francisco de Assis e, por isso, escolhi o nome Chiara. Gostava de Clara de Assis porque, quando ela se consagrou a Deus, e São Francisco cortou seus cabelos, perguntando-lhe: “Filha, o que desejas?”, ela respondeu: “Deus”. Depois, ao ler a bula de sua canonização, vi que era maravilhosa, era toda “luz, caridade; caridade, luz”. Também li a biografia de Clara. Realmente gostei, principalmente quando diz que ela deixou atrás de si “um rastro pleno de luz”. Isso me atraiu (GALLAGHER, 1998, p. 35).

Podemos, aqui, fazer uma conexão direta com aquele pedido da menina Silvia, ao contemplar o Ostensório: “Tu, que criaste o Sol, que nos oferece luz e calor, faz que a tua luz e o teu calor penetrem na minha alma, através dos meus olhos” (TORNO, 2011, p. 11), como já mencionamos?

No início de dezembro de 1943, com a cidade já mergulhada na Segunda Guerra Mundial, um fato inesperado mudaria a vida de Chiara para sempre. Estava em casa estudando. Faltara leite. Nenhuma de suas irmãs quis ir comprá-lo, mesmo a mãe pedindo. Chiara se dispôs a fazê-lo, fato assim narrado por ela a Gallagher:

Era para ir comprar leite numa localidade chamada *Madonna Bianca*, a mais ou menos um quilômetro e meio de minha casa. [...]. No caminho para *Madonna Bianca*, de repente, senti um chamado. Era como se Deus me dissesse: 'Doa-te toda a mim'. Fiquei tão impressionada por este pensamento inesperado que acabei ficando como que petrificada ali, no meio da rua (GALLAGHER, 1998, p. 35-36).

À época, Chiara não conhecia os trâmites internos da Igreja para quem quer se consagrar a Deus. Apenas compreendeu que deveria responder com seu sim àquele chamado. Escreveu para o seu confessor, frei Casimiro Bonetti. Pediu-lhe permissão. Para ela, seria o suficiente. Para ele, não. Até porque não era corriqueiro uma jovem, fora de uma instituição religiosa, querer consagrar-se a Deus e proferir o voto de castidade. Fazendo seu papel de orientador espiritual, frei Casimiro mostrou a Chiara as implicações de tal ato, inclusive de uma profunda e futura solidão, visto que não formaria uma família, a que Chiara respondeu sem titubear: “Enquanto houver um sacrário nesta Terra, enquanto a Eucaristia estiver presente no mundo, nunca estarei sozinha” (GALLAGHER, 1998, p. 36).

O frei entregou os pontos. Marcou a cerimônia de sua consagração para o dia da vigília da festa da Imaculada Conceição, 7 de dezembro daquele ano, na primeira missa do dia, às 6 da manhã, em pleno inverno trentino. Antes, uma recomendação, a possibilidade de pedir uma graça e uma promessa: a recomendação – passar a noite anterior em vigília de oração; a graça – escrita em um papel para ser colocada abaixo do cálice durante a missa; a promessa – não abandonar Trento, o que significava não abandonar as pessoas que ela cultivava espiritualmente, sobretudo o grupo de jovens terciárias.

Em muitas ocasiões, Chiara contou essa sua experiência. Em suas narrativas, carregada de uma simplicidade peculiar aos grandes comunicadores, sempre evidenciou alguns significativos momentos: a noite de vigília diante de um pequeno crucifixo em seu quarto; o enfrentamento de uma tempestade até a chegada ao convento dos capuchinhos; a sensação de acolhimento quando atravessou o portão e encontrou outro cenário; a impressão de que uma ponte caíra atrás de si e não tinha mais a possibilidade de retorno; a alegria indescritível do “desposar” Deus; a sentença dada pelo padre, que não parecia estar em sintonia com o sentimento que guardava dentro de si; os três cravos vermelhos que comprara para colocar aos pés daquele crucifixo que ficara em casa, como único sinal externo da festa comum.

Em relação à vigília, ela admite que “não estava convencida do valor de certas práticas piedosas, que eventualmente não estariam de acordo com minha vocação” (GALLAGHER, 1998, p. 37). O sono a venceu. Antes, porém, percebeu que aquele crucifixo ficara molhado tal a proximidade com seu hálito. Aquele crucifixo, sem valor monetário, chegara à casa dos Lubich pelas mãos de Luigi, o pai, que o ganhara em um sorteio sem grande importância. Transformou-se na simbologia da vigília de preparação para o desposamento de Chiara a Deus e, anos depois, assumiu um valor simbólico extraordinário: “É o mesmo crucifixo diante do qual até hoje os focolarinos e as focolarinas<sup>17</sup> se consagram a Deus” (FOLONARI, 2013, p. 40).

No caminho para a pequena capela no interior do convento dos Capuchinhos, o enfrentamento de uma tempestade – lembrando ser dezembro pleno inverno no norte da Itália. Aquela tempestade “parecia-me significar que eu encontraria obstáculos daquilo que estava para fazer. De fato, fazia-me lembrar o sinal de um poder hostil que se abatera contra mim, na estrada que eu estava para seguir” (GALLAGHER, 1998, p. 38). E continua sua narrativa descrevendo a mudança de sensação ao transpor os muros do convento:

À minha chegada no convento, a cena mudou. Assim que me aproximei, um enorme portão abriu-se à minha frente, sozinho, automaticamente. Tive uma grande sensação de alívio e de boas-vindas, como se os braços abertos de Deus estivessem me esperando”. Naturalmente, não há dúvida de que alguém devia estar no portão e, vendo-a aproximar-se, destrancou-o. Chiara ri quando se lembra disso. Não foi uma espécie de milagre, como a abertura do Mar Vermelho. “Mas, para uma jovem ansiosa pelo que estava para fazer, parecia ser este seu significado espiritual” (GALLAGHER, 1998, p. 38).

É emblemática a descrição feita por Gallagher da pequena capela do convento cuidadosamente ornamentada para a ocasião: ao fundo, a imagem da Imaculada Conceição; diante do altar, um genuflexório reservado para Chiara.

O ato da consagração foi assim descrito por ela:

Antes da comunhão vi como num *flash* aquilo que estava fazendo: ao me consagrar a Deus eu estava atravessando uma ponte. Esta ponte,

<sup>17</sup> Focolarino/focolarina – Os focolarinos deram o nome ao Movimento dos Focolares. Vivem em pequenas comunidades de leigos, os focolares, coração de todas as realidades que compõem o Movimento, e empenham-se em manter vivo o “fogo”, do qual deriva o nome focolare. São homens e mulheres, consagrados e casados, que trabalham e colocam em comum os próprios bens. Atraídos por Deus, a Ele consagram suas vidas, firmemente convictos do Seu amor. Deixaram pai, mãe, família, pátria, para contribuir para a realização da oração de Jesus: “*Que todos sejam um*” (João 17,21). São provenientes de diversas nacionalidades, etnias e credos religiosos. Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/movimento-dei-focolari/scelte-e-impegno/focolarini/>. Acesso em: 03 out. 2021.

então, cairia atrás de mim; nunca mais poderia voltar ao mundo. Porque a minha consagração não era apenas uma fórmula como a que eu li diante da Sagrada Hóstia elevada diante de mim: “Eu faço o voto de castidade perfeita e perpétua”. Foi outra coisa: eu estava desposando Deus. Isso não queria dizer apenas celibato, renúncia ao casamento humano. Queria dizer deixar tudo: pais, estudos, escola, diversão, tudo o que eu amava até então, dentro do meu pequeno universo. Esta percepção repentina do que eu estava fazendo foi momentânea, mas tão potente que me fez derramar uma lágrima na página aberta de meu missal (GALLAGHER, 1998, p. 39).

Uma lágrima apenas e pareceu-lhe paga suficiente por aquilo que ruía às suas costas não por ter pouco valor. Ao contrário. Tudo o que deixava tinha para ela um valor imensurável. Todavia, Aquele que escolhera como o tudo absoluto de sua vida era o Infinito e o Eterno. Impossível qualquer parâmetro de comparação ou de medida. Ela, como disse, esposara Deus!

Terminada a missa, mergulhada no silêncio absoluto de seu colóquio íntimo com o Sagrado, escutou do padre Casimiro, já sem paramentos e ajoelhado alguns bancos atrás: “Você será esposa de sangue” (GALLAGHER, 1998, p. 39). Não. Absolutamente não era aquele o seu sentimento. Chiara confidenciou a Gallagher:

As palavras “esposa de sangue” soaram-me anacrônicas. Não eram para mim. E mesmo sem dizer nada ao padre, rebelei-me interiormente, replicando: “Não! Eu sou esposa de Deus”. E foi este Deus que mais tarde se revelou a mim como sendo o Abandonado. Sangue, sim, mas sangue da alma (GALLAGHER, 1998, p. 39).

Não se deu conta do caminho de retorno. A alma estava plena demais para prestar atenção a qualquer outra coisa. Uma única parada, perto do arcebispo, para comprar três cravos vermelhos – o que os poucos recursos financeiros lhe permitiam – para serem colocados aos pés do crucifixo que a acompanhara durante a vigília. A festa estava completa. Sobre essa íntima festa, Chiara escreveria anos depois:

Imaginem uma jovem apaixonada, tomada por aquele amor que é o primeiro, o mais puro, o amor ainda não declarado, mas que já começa a consumir sua alma, com uma única diferença: neste mundo, uma menina apaixonada desse jeito tem a figura do seu amado gravada no seu olhar; já essa menina não o vê, não o ouve, não o toca, não sente o seu perfume com os sentidos do corpo, mas com os da alma, mediante os quais o Amor – com A maiúsculo – entrou nela e a tomou por completo. Disso lhe vem uma alegria peculiar, difícil de voltar a experimentar na vida, uma alegria secreta, serena, exultante (TORNO, 2011, p. 24).

Uma consagração solitária, sem pompas, sem euforias, sem festejos externos, sem galhardias, sem alaridos... um profundo e perene encontro da alma com

o Esposo. Nada além. Tudo aqui. Depois, outras pessoas quiseram seguir o mesmo caminho. De acordo com Gallagher (1998, p. 58), Chiara inaugurou na Igreja um novo estilo de vida, aquele que ficaria conhecido como a “quarta estrada”, visto que, em seu tempo, primeira metade do século XX, as mulheres deveriam se enquadrar nos estilos de vida propostos pela igreja: a consagração através de uma ordem religiosa, o matrimônio ou a vida consagrada no mundo ligada às ordens terciárias subordinadas aos clérigos escolhidos pela Igreja. Não havia a possibilidade de constituição de comunidades de virgens leigas, consagradas, formando pequenas comunidades. Eis a grande novidade para a época.

### 3.4 “ERAM TEMPOS DE GUERRA...” E TUDO SE EDIFICAVA

Como vimos no capítulo anterior, os bombardeios começaram a atingir Trento a partir de setembro de 1943, quando, no Norte da Itália, instalou-se a República de Salò. Portanto, o ato de Chiara de esposar Deus aconteceu em plena Trento bombardeada pelos dois grandes blocos – os Aliados e o Eixo –, que se digladiavam entre si.

Buscamos, no primeiro capítulo, uma chave de leitura que nos fizesse compreender o ser humano nas múltiplas razões que levam Estados a se autodeclararem inimigos a serem combatidos. Percorremos os trilhos das diversas ideologias que formaram esses blocos, com especial atenção ao liberalismo, ao nazismo e ao fascismo em particular, por ter sido a ideologia reinante na Itália de então.

Quando, porém, adentramos a vida de cidadãos e cidadãs comuns, inseridos no cotidiano das suas cidades, percebemos que podemos encontrar outra chave de leitura que, dissociada dessas ideologias apresentadas, portanto, não militantes, sofrem as consequências mais cruéis, se podemos dizer assim, visto que apenas lhes sobra o resíduo de uma violência que sequer promoveram, nem mesmo indiretamente.

Chiara e suas primeiras companheiras experimentaram esse resíduo. E que leitura fizeram daquela guerra? Seus olhares percorreram as chagas, as pessoais, as próximas e tantas outras espalhadas pelas destruídas ruas de Trento. Encontramos em um escrito seu, publicado no informativo *Amico Serafico*, da Ordem Terceira

Franciscana de Trento, na sua edição de fevereiro de 1948<sup>18</sup> (p. 10). Nele, Chiara escreveu: “Eram tempos de guerra. Tudo desmoronava: sonhos, desejos, glórias, afetos, lares, empregos, pessoas queridas. Tudo estava caindo. Permanecia, porém, o Único necessário: Deus”. Assim, paradoxalmente, a descoberta de um ideal que nenhum bombardeio seria capaz de anular. Eis outra chave de leitura baseada na experiência de Chiara e suas primeiras companheiras: Deus também se mostrava VIDA na vida daquelas jovens que começavam uma nova aventura no Norte da Itália, na cidade de Trento, bem como na de tantas outras pessoas que viveram situações similares, inclusive no *front*, cujas histórias não são conhecidas do grande público.

Os bombardeios eram intensos. Os alarmes antiaéreos soavam durante o dia ou a noite obrigando o povo trentino a correr para os abrigos mais próximos. Contando essa sua experiência na Mesquita Malcolm X<sup>19</sup>, no Harlem, em Nova Iorque, em 18 de maio de 1997, a convite do Imã Wallace Dean Mohammed, então líder da *American Mission*, que congrega cerca de dois milhões de muçulmanos, Chiara expôs como ela e suas primeiras companheiras descobriram, em meio aos escombros, a vida que brota do evangelho.

As bombas caíam dia e noite e nos obrigavam a correr, até onze vezes por dia, para o abrigo antiaéreo mais próximo. Não podia levar conosco nada mais que um pequeno livro contendo os Evangelhos, parte do nosso livro sagrado, a Bíblia. Abríamos o livro. E eis que se produzia algo maravilhoso: aquelas palavras que tínhamos ouvido tantas vezes iluminavam-se, como se uma luz se acendesse nelas. Nós a compreendíamos, e uma força – acreditávamos vir de Deus – impelia-nos a colocá-las em prática (LUBICH, 1999, p. 12).

Os evangelhos se descortinaram, então, como efetivas *palavras de vida*! E Chiara, continuando seu discurso, explicou, de forma simples e contundente, ao mesmo tempo a ponto de não deixar pairar nenhuma dúvida sobre o que experimentaram em meio aos bombardeios. Uma das primeiras descobertas: o próximo. Lembrou Chiara:

Estava escrito: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 19,19). O próximo. Onde estava o próximo? Estava ali, ao nosso lado. Era aquela velhinha que, a duras penas, arrastando-se, conseguia cada vez chegar ao abrigo antiaéreo. Era preciso amá-la como a nós mesmas: ajudá-la, portanto, todas as vezes, amparando-a para que não caísse. O próximo estava ali naquelas cinco crianças, assustadas

<sup>18</sup> Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1190686/ACL-DT-19480200.pdf/2a69b961-39cd-49b4-bc0a-bd21b6d2e396?version=4.0>. Acesso em: 03 out. 2021.

<sup>19</sup> Chiara foi a primeira mulher branca e de fé cristã a falar na mesquita Malcolm X, no bairro Harlem, em Nova Iorque. Estavam presentes mais de 3.000 muçulmanos para ouvi-la.

por causa da guerra, ao lado da mãe. Era necessário pegá-las no colo e acompanhá-las de volta à casa. O próximo estava lá, naquele doente preso na própria casa, desprotegido, precisando de assistência. Era preciso ir visita-lo, procurar os remédios e fazer-lhe os curativos (LUBICH, 1999, p. 13).

Outra descoberta que mudaria completamente a concepção do pedir, isto é, constataram cotidianamente que as palavras dos Evangelhos realizam aquilo que prometem. A esse respeito, Chiara contou aos mulçumanos:

Nos Evangelhos, Jesus nos assegurava: “Pedi e vos será dado” (Mateus 7,7; Lucas 11,9). Pedíamos pelos pobres e recebíamos cada vez tudo o que precisávamos: pão, leite em pó, geleia, lenha, roupas... coisas que levávamos a quem necessitava. Um dia, um pobre pediu um par de sapatos número 42. Uma de nós, sabendo que Jesus tinha se identificado com os pobres, dirigiu ao Senhor, numa igreja, esta prece: “Dá-me um par de sapatos número 42, para ti, naquele pobre”. Saindo da igreja, uma moça dá-lhe um pacote. Ela o abre: havia ali um par de sapatos número 42. Este é apenas um dos milhares de fatos que foram acontecendo no decorrer dos anos (LUBICH, 1999, p. 13).

Essas constatações, essas experiências cotidianas, eram compartilhadas entre elas. O amor se estendia a todos, sem distinção, com a exigência pessoal de serem elas as primeiras a amar quem estivesse no entorno. Portanto, despretensiosamente.

Todavia, a iminência da morte era uma constante. Sabiam que poderia acontecer a qualquer momento. Perguntaram-se entre si se existiria uma vontade de Deus que lhe fosse particularmente predileta. Encontraram a resposta no evangelho de João: “Este é o meu mandamento: amai-vos uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (João 15, 12-13). Nesse ponto, Chiara esclarece:

Entendemos, então, que, se até aquele momento o ensinamento do Evangelho nos havia impulsionado a amar os outros, agora deveríamos também dar atenção umas às outras e nos amar até estarmos prontas a dar a vida, a morrer uma pela outra. [...]. Foi o que fizemos. Aliás, nós o exprimimos num pacto em que declarávamos umas às outras: “Eu estou pronta a morrer por você. Eu, por você”. Todas em favor de cada uma. E nossa vida, a partir daquele momento, mudou, deu um salto de qualidade. Uma nova paz, uma nova alegria, um desejo ardente de fazer o bem, uma luz nos invadiu (LUBICH, 1999, p. 14).

Para Chiara, o furor da guerra também proporcionou outra escolha, traduzida no episódio que passou para a história dessa trentina e do movimento ainda embrionário como uma “noite de estrelas e lágrimas”. O dia? 13 de maio de 1944. No começo da tarde, os alarmes antiaéreos soaram ensurdecedores. Os bombardeios

foram pesadíssimos e duraram 18 minutos ininterruptos. Famílias inteiras, inclusive a de Chiara, abandonaram a cidade. Depois, quando foi possível, fez-se a constatação do tamanho do estrago. A casa de Chiara, como tantas outras, praticamente inabitável. Ao entardecer, por decisão do pai, a família Lubich dirigiu-se a um bosque chamado *Gocciadoro* para pernoite e, na manhã seguinte, seguirem para a região de Valsugana, nas montanhas, onde já havia muitos refugiados. Enquanto suas irmãs e seus pais procuravam descansar, Chiara, acordada, fitava o céu límpido, estrelado, e, entre lágrimas, compreendeu que não poderia deixar Trento por dois motivos: a promessa que fizera a Deus por meio do padre Casimiro e o grupo de jovens que ela acompanhava naquela aventura evangélica que apenas estava começando. Ali, o corte mais profundo, aquele dos afetos: “Aquele que ama pai ou mãe mais do que a mim não é digno de mim” (Mateus 10, 37).

Aquela noite foi terrível para Chiara, uma noite de “estrelas e lágrimas”, como muitas vezes contaria. Ainda fazia frio, e o céu estava límpido. Ali, deitada no gramado, passou a noite em claro a olhar para as estrelas, que recobriam a abóboda do céu, chorando enquanto pensava que não poderia acompanhar os pais às montanhas [...]. Lembrou-se das palavras da décima *Écloga* de Virgílio: *Omnia vincit amor*, o amor tudo vence. Mas o amor a Deus haveria de vencer também isso? Ela, arrimo de família, deveria deixar os seus partirem sozinhos? (TORNO, 2011, p. 29).

Ao amanhecer, voltaram à casa quase completamente destruída, sobretudo os quartos. Chiara entrou na frente escalando os escombros como forma de salvaguardar os seus, caso alguma bomba estivesse ali, sem ter explodido – o que poderia acontecer ao menor toque, como se fora uma mina terrestre. Conseguiram recolher poucas coisas, as quais acomodaram em mochilas comuns às regiões de montanhas. Chegara o momento. Falou com o pai. Disse-lhe que não poderia seguir, que deveria permanecer na cidade. Luigi entendeu. Abençoou a filha. Luigia não, o que aumentou ainda mais o sofrimento de Chiara. Acompanhou-os até a saída da cidade. Tirou a mochila de suas costas e a colocou sobre os ombros da mãe. Novamente, retorna-nos a imagem daquela frase: “esposa de sangue”. Viu a família partir sem imaginar que destino teria. Chiara lembra:

Bem mais tarde eles me contaram que, assim que deram as costas à cidade de Trento, sentiram uma imensa alegria. Começaram a brincar e rir. Caminharam poucos quilômetros e encontraram abrigo na casa de duas senhoras, no vilarejo de *Centa* (GALLAGHER, 1998, p. 62).

No retorno à cidade, o choque diante daquele cenário de destruição descrito por Chiara: árvores arrancadas, casas em ruínas, estradas cobertas de escombros, corpos destroçados. Ainda naquele primeiro percurso, deparou-se com duas cenas impactantes, duas constatações que marcariam sua vida para sempre. Primeiro, o encontro com uma senhora desconhecida, enlouquecida pela dor, segurando-a pelos ombros e gritando: “Morreram todos os meus quatro! Está me ouvindo? Todos os meus quatro morreram!” (GALLAGHER, 1998, p. 63). Este episódio gerou uma compreensão absoluta para Chiara: a urgência de se desprender de si mesma para acolher a dor do outro, a dor da humanidade no seu entorno – mostra-nos, portanto, a capacidade de Chiara de ler as circunstâncias. Ela que até então estava perdida em sua dor por separar-se da família, diante de uma dor maior, compreendeu seu papel naquele novo momento.

O segundo, o encontro com Gino, seu irmão, à época residente do curso de medicina, no Hospital de Santa Clara, semidestroçado. Em meio aos escombros, mortos a serem recolhidos, feridos a serem socorridos. Gino sentiu uma mão em seu ombro: era Chiara. Feliz por encontrá-lo ileso, abraçou-o, mesmo ele coberto de sangue, consequência do seu trabalho naquele cenário de horror. Gino mencionou a ala específica de atendimento a pessoas com doenças venéreas. Chiara pediu para ir até lá. A impressão foi terrível: os corpos estavam um em cima do outro, imersos em um lago de sangue. Eram mulheres bem-vestidas e enfeitadas, pareciam bonecas de cera pintadas, pareciam fantoches. Ajudou Gino a tirar aqueles cadáveres. Chiara descreveu assim aquela cena:

Foi terrível! Aquelas mulheres ainda tinham maquiagem e joias, mas estavam mortas. Suas vidas foram varridas num instante. Apontando, para elas, Gino, meu irmão, disse: “Veja, tudo é vaidade”. A única pessoa que sobreviveu foi a enfermeira-chefe do setor, uma irmã de caridade (GALLAGHER, 1998, p. 58).

Em relação a esse segundo episódio, é interessante observar que Chiara não fez nenhuma associação a quem merecia ou não permanecer viva. Não era porque aquelas mulheres maquiadas e cheias de joias não merecessem a vida em contraponto àquela que consagrara a vida a Deus. Não era essa a constatação. Não era essa a analogia. Apenas a certeza das vaidades das coisas, inclusive presente naquelas pessoas que se envaidecem sobretudo de bens espirituais ou intelectuais que julgam possuir. Assim, a constatação era imperativa: TUDO é vaidade, TUDO passa.

Essas duas “lições”, se podemos dizer assim, acompanharam Chiara e seus seguidores desde sempre.

A essa altura de nossa narrativa, vale colocar em evidência o relacionamento pessoal e profundo que se estabeleceu, desde sempre, entre os irmãos Chiara e Gino. Politicamente, tanto quanto o pai, Gino era antifascista e integrava a *Resistenza* na Brigada Garibaldi, alinhada ao Partido Comunista Italiano. Por meio de uma de suas primeiras companheiras, Chiara tomou conhecimento das buscas empreendidas pelos nazistas contra aquelas pessoas que não comungavam com suas ideologias. Impossibilitada de ir ao encontro do irmão, pediu a Graziella, outra companheira sua, para ir a pé, sem chamar a atenção, ao encontro de Gino. “Assim Gino conseguiu queimar todos os documentos comprometedores que ele guardava, especialmente as relações de nomes de outros companheiros” (FOLONARI, 2013, p. 45). Quando foi preso, não comprometeu nenhum de seus amigos. Chiara chegou a visitá-lo na prisão. Sobre esses dois irmãos, Eli Folonari escreveu:

Gino e Chiara estimavam-se, sendo ambos idealistas: ela tinha no coração o “*ut omnes sint*”<sup>20</sup>, ele, o comunismo, que considerava como caminho à fraternidade universal. Não creio que fosse arrebatado pelo socialismo real *à la* soviética; o comunismo dele era de valores, valores que Chiara entendia muito bem. Com a invasão da Hungria pelas tropas soviéticas, em 1956, Gino e muitos outros se decepcionaram com o comunismo (FOLONARI, 2013, p. 46).

Mesmo não sendo nosso objeto de estudo a discussão de pontos convergentes e/ou divergentes entre a proposta do movimento de Jesus e os postulados do comunismo enquanto ideologia sociopolítica, não nos passa despercebido o fato de compreendermos que, no caso específico dos irmãos Lubich, ambos sonhavam com um mundo mais justo e fraterno, embora trilhando caminhos diversos. Ousamos dizer que o bem, quando de fato é perseguido, possui pontos comuns. Entrevemos aqueles dois valores sonhados também pelos irmãos Lubich – justiça e fraternidade –, em sintonia com aquelas “sementes do Verbo”, que o Concílio Vaticano II colocou em evidência duas décadas depois.

---

<sup>20</sup> *Ut omnes sint* – “Que todos sejam um”, texto do testamento de Jesus, encontrado no evangelho de João 17,21, que se tornou o programa de vida da própria Chiara e do Movimento dos Focolares, por ela fundado.

### 3.5 UM NOVO ESTILO DE VIDA

Seu retorno a Trento colocou Chiara numa situação igual a tantas outras: com o desmoronamento da casa na qual habitava com sua família, não tinha onde se abrigar; ao mesmo tempo, com o fechamento da Obra Seráfica, perdeu o emprego. Portanto, a família refugiada, sem casa e sem emprego. Nada mais comum em tempos de guerra. Foi em busca de suas companheiras. Chiara conta sobre aquela busca no dia seguinte ao 13 de maio de 1944:

Eram seis horas da manhã e as ruas estavam desertas. Comecei a procurar por minhas amigas. Graças a Deus estavam todas vivas. Naquele tempo éramos um pequeno grupo de seis ou sete jovens, com idade entre quinze e vinte quatro anos (GALLAGHER, 1998, p. 63).

O primeiro “novo lar” de Chiara foi oferecido por Carmela, uma terciária que participava assiduamente das reuniões promovidas por frei Casimiro, nas quais Chiara sempre era convidada a falar. Carmela dividiu seu próprio quarto. Era o melhor que podia oferecer. Algum tempo depois, ficou hospedada com as irmãs da Congregação Damas de Sião. Somente no final de 1944, já com a ajuda da pequena comunidade que se formava no seu entorno, conseguiu alugar um pequeno e velho apartamento na *Piazza Cappuccini*, nº 2, na periferia de Trento, que ganhou o apelido de *casetta* (casinha), que se pode ver na imagem abaixo.

Imagem 1  
Primeiro focolare – *Piazza Cappuccini*, nº 2 – Trento (Itália)



Fonte: <https://mostre.legallerietrento.it/chiaralubich/02-pt>. Acesso: 07 out. 2021

Aquela primeira *casetta*, depois chamada de *focolare* (lareira ou lar, em português) – lugar comum ao clima frio, no qual a família se junta para receber o calor do fogo e estabelecer as conversas, as confidências, a partilhar a vida, a protegê-la

do frio que reina nos rigorosos invernos do mundo –, desempenhou, desde sempre, esse papel de acolhimento e comunhão, de calor e luz, como a menina Silvia pedira a Jesus Eucaristia exposto naquele ostensório no colégio das Irmãs de Maria Menina.

Tornou-se, também, um espaço no qual foi possível experimentar, de forma palpável, a comunhão de bens vivida pelas primeiras comunidades cristãs. Essa experiência concreta foi contada diversas vezes pela própria Chiara. Em 1979, ano dedicado ao aprofundamento do tema “*Cristo no outro*”, novamente Chiara fez referência a essa experiência que começou antes da *Piazza Cappuccini*. Entre outras coisas, lembrou:

Não sei, não sei exatamente quem foi que nos impeliu a lançar-nos com tanto zelo ao encontro dos pobres da cidade de Trento, o mesmo zelo que continuamos a ter também no primeiro focolare. Penso que foi a palavra de Jesus: “Cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mateus 25,40). Lembro-me do corredor de minha casa, bastante comprido, repleto de tudo aquilo que poderia ser útil aos pobres: caixas de doce, leite em pó, sacos de farinha, roupas, remédios, lenha. Eu me lembro que, dispondo de pouco tempo, porque todas nós trabalhávamos e estudávamos, logo que terminávamos o almoço, saíamos cada uma com duas grandes malas cheias e pesadas, para visitar os três bairros mais pobres da cidade: *le Laste*, *la Portella*, *le Androne*. Era uma contínua corrida. Subíamos as escadas escuras, carcomidas pelo tempo e pelos ratos, velhas e perigosas, numa escuridão quase completa, numa desolação que fazia sofrer os nossos jovens corações. E em seguida, chegando no primeiro andar, encontrávamos um quarto escuro e um pobre deitado na cama, geralmente carente de tudo. Era Jesus. Dávamos aquilo que podíamos. Consolávamos, lavávamos, prometíamos tudo em nome de Deus onipotente. [...]. Quando um pobre vinha à nossa casa, escolhíamos a melhor toalha, os melhores pratos e talheres, e sua refeição era muitas vezes aquilo que tínhamos deixado de comer no almoço ou no jantar, colocando pão e queijo ou outras coisas no avental, enquanto os nossos pais não olhavam para nós, envolvendo neste jogo de amor as irmãs menores. Cada uma tinha uma caderneta, e o coração vibrava quando víamos um pobre. Com grande amor nos aproximávamos dele, perguntávamos o seu nome e endereço, para amá-lo “até o fim”. Sim, porque se para nós o problema era sem dúvida ajudar os pobres individualmente, tudo tinha também começado com um programa bem preciso: nós queríamos resolver o problema social da cidade de Trento. E Deus não nos deixava ver outra coisa, como se, tendo feito isto, tudo no mundo estivesse resolvido. Por isso nos dirigimos para os bairros mais desfavorecidos da cidade para socorrê-los, primeiro com tratamentos, com o pão e com o fogo, depois com empregos. Frequentemente, aconteciam episódios nos quais era evidente a mão de Deus que nos encorajava. E de alguns deles ainda hoje nos lembramos. Na praça dos Capuchinhos, o trabalho continuou intenso. Numa grande panela, cozinhávamos todos os dias uma sopa que levávamos aos pobres de São Martinho; ou então os pobres, sentindo-se no focolare como em sua própria casa, colocavam-se à

mesa conosco: um pobre e uma focolarina, um pobre e uma focolarina (LUBICH, 1983b, p. 169-171, grifos originais).

Estaria aqui, no amor evangélico ao irmão, a semente de um dos pilares da mística de Chiara? Seria esse amor a fonte geradora de um novo céu e uma nova terra anunciados por João, no livro do Apocalipse (21,1)?

### 3.6 A MAIOR DE TODAS AS DORES

Nessas visitas aos pobres e doentes, Dori, uma de suas companheiras, adquiriu uma doença infecciosa que, com o agravamento, tornou-se uma grande chaga no rosto. Chiara ia visitá-la todos os dias e dar aulas particulares de Filosofia. Frei Casimiro também, diariamente, levava a comunhão eucarística para aquela jovem enferma. Naquele dia, mais precisamente em 24 de janeiro de 1944, encontrando ali Chiara, perguntou-lhe: “Em sua opinião, em que momento Jesus mais sofreu?”. E Chiara: “Acho que foi no Horto das Oliveiras, quando souo sangue”. E o frade: “Pois eu acho que foi quando Ele gritou na cruz: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’”. Essa descoberta narrada por Torno (2011, p. 27) ressoou no coração de Chiara como uma revolução. Se aquele havia sido o momento em que Jesus mais sofreu, queriam ir ao seu encontro, preferi-lo, amá-lo concretamente a ponto de Ele não sentir-se mais abandonado. Para ela, no entanto, a escolha de Jesus em seu abandono não significava colocar a alma em contemplação, perdendo-se no abstrato. Não. Compreenderam que ir ao encontro de Jesus em seu abandono requereria delas um amor ainda mais concreto, puro e desinteressado do que aquele vivido até então, se é que fosse possível. Em uma palestra proferida em 7 de dezembro de 1971, em *Rocca di Papa*, uma comuna da província de Roma, Chiara recordou a primeira vez que falou sobre o Crucificado, mesmo sem a compreensão e a profundidade que compreenderia com o tempo. Ela disse:

Um precedente da nossa história. Não havia ainda o primeiro focolare. [...]. Eu era professora. Um dia, aproximou-se de mim uma pessoa muito atuante, uma dirigente de um grupo de jovens que ela conseguira atrair para a religião com encontros recreativos, músicas, histórias divertidas. Perguntou-me se eu podia fazer uma palestra para eles. Respondi afirmativamente. “*Sobre o que você vai falar?*”, perguntou-me. “*Sobre o amor*”, disse. “*E o que é o amor?*”, prosseguiu curiosa. “*Jesus crucificado*”, respondi. Talvez tenha sido essa a primeira vez que eu falei Dele [...]. Naquela época, até em ambientes notoriamente fiéis à religião, como aquele de onde todas nós provínhamos, não era comum ouvir-se falar de amor. E muito menos

acreditar que o Crucificado, que atrai todos a si, fosse uma arma válida para o apostolado, inclusive nesse século. Mas – confesso – até hoje eu não sei quem pôs nos meus lábios aquela definição de amor (LUBICH, 2016, p. 27, grifos originais).

Amor e dor. Dor e amor. Um binômio que acompanhou toda a vida de Chiara. A sua dimensão, aquela que traduziu, desde sempre, o desejo de correr ao encontro daquele Jesus abandonado identificado no Outro e amá-lo ao ponto de Ele não mais sentir o abandono, mas, sim, o acolhimento, o afago, o consolo, encontramos em muitos de seus escritos, particularmente em um datado em 1º de setembro de 1949, ainda em Trento. Nele, Chiara escancarou esse amor incondicional. Senão, vejamos:

Senhor, dá-me todos os que estão sós... Senti no meu coração a mesma paixão que invade o Teu, por todo o abandono em que se acha imerso o mundo inteiro. Amo todo ser doente e só. Quem consola o seu pranto? Quem se compadece de sua morte lenta? E quem estreita ao próprio coração um coração desesperado? Faze, ó meu Deus, que eu seja no mundo o sacramento tangível do teu amor, que eu seja os teus braços que estreitam a si e consomem no amor toda a solidão do mundo (LUBICH, 1983a, p. 19).

Esse escrito, quase que em formato de oração, sintetiza a experiência que Chiara e suas primeiras companheiras viveram em meio aos destroços da guerra. Ali, onde tudo falava de ódio e destruição, por uma graça especial, elas compreenderam a simplicidade da vida evangélica, ou seja, que tudo está ali, no amor concreto ao irmão que mais sofre. Ela descobrira na maior de todas as dores – Deus que se sente abandonado pelo próprio Deus, o Filho que se sente abandonado pelo próprio Pai – o encontro com as chagas da humanidade. Explica Chiara:

Então, aproximando-nos dos que se assemelhavam a Ele, *nós lhes falávamos* de Jesus Abandonado. E para todos os que se achavam semelhantes a Ele e aceitavam dividir com Ele a sua sorte, eis que Ele se tornava: para o mudo, a palavra; para quem não sabia, a resposta; para o cego, a luz; para o surdo, o som da voz; para o cansado, o descanso; para o desesperado, a esperança; para o faminto, a saciedade; para o sonhador, a realidade; para o traído, a fidelidade; para o fracassado, a vitória; para o medroso, a ousadia; para o triste, a alegria; para o indeciso, a certeza; para o excêntrico, a normalidade; para o solitário, o encontro; para o separado, a unidade; para o inútil, o que é somente útil. O marginalizado se sentia eleito. Jesus Abandonado era a paz para o inquieto, a casa para o sem-teto, o reencontro para o excluído. Assim, com Ele as pessoas se transformavam, e o absurdo da dor adquiria sentido (LUBICH, 2000, p. 47).

De acordo com entrevistas concedidas por Chiara ao jornalista escocês Jim Gallagher para a edição do livro *“Chiara Lubich – uma mulher e sua obra”*, ela

reconhece que o elemento mais importante nesse cenário de guerra foi o fato de Deus ter escolhido uma pessoa para construir uma obra Sua, para revelar-se Amor e também Abandonado. É interessante a visão colocada, isto é, Chiara não via a guerra como o elemento determinante. Aquela foi a escolha de Deus, isto é, entre tantas cidades atingidas pela guerra, entre centenas de milhares de pessoas mergulhadas nesses horrores, Deus escolheu algumas para dar seu recado ao mundo, a exemplo de Maximiliano Kolbe, como mencionamos no capítulo anterior, e Chiara, na pequena cidade de Trento, no norte da Itália. “A guerra foi secundária, foi como uma moldura” (GALLAGHER, 1998, p. 79).

### 3.7 NUNCA MAIS UMA AVE-MARIA?

Retomando as lições a partir da prática do evangelho, as descobertas se sucederam uma a uma. Chama-nos a atenção a riqueza de detalhes sobre a primeira menção à Maria, a Mãe de Jesus. O cenário? Perto da *casetta* havia uma pedreira abandonada. Ali foi improvisado um novo abrigo antiaéreo para onde todas corriam ao soar dos alarmes. Era uma forma de estarem juntas e saborearem as lições dadas por Jesus por meio dos evangelhos. Armando Torno relata:

E foi ali que Chiara, atordoada pela explosão de uma bomba perto da entrada – que ainda não estava protegida pelo muro de cimento usado para evitar o deslocamento de ar provocado pelas explosões –, coberta de pó e com a sensação de que não sairia viva de lá, experimentou, como contaria depois, “uma grande dor por não poder mais recitar aqui na terra a ave-maria” (TORNO, 2011, p. 31).

Depois de décadas, Chiara entendeu o porquê daquela dor. Tratava-se de não poder recriar uma ave-maria “viva”, que, segundo Chiara, poderia ser assim recitada:

“Ave Maria, cheia de graça”: alegre-te, Maria, porque novas e abundantes graças estão para descer sobre a terra, neste século XX.  
 “O Senhor é contigo”: o Senhor está agindo para dar-te nova glória.  
 “Bendita és tu entre as mulheres”: novas bênçãos te estão chegando dos teus filhos e de muitos cristãos e pessoas que até agora não quiseram ou não puderam conhecer-te.  
 “E bendito é o fruto do teu ventre, Jesus”: em todo lugar do mundo, onde apareceres por meio de tua Obra, surgirá de novo o teu Filho em meio a ti.  
 Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores” –, mas escolhidos nesta hora para serem como cálices de uma nova presença tua na terra.  
 “Agora” – sim, no momento presente, esse momento tão precioso em que, como mãe e mestra, ensinas aos pequenos e aos grandes a viver.

“E na hora da nossa morte” – aquela morte que, na fúria da guerra, fixaste profundamente no nosso coração, a ponto de fazê-la – para nós e para todos os que te seguiram atrás de nós – o ponto de partida para a nova vida, a vida verdadeira.

“Amém” – e que seja assim por todos os séculos, como tem sido até agora e ainda mais, muito, muito mais” (LUBICH, 2017, p. 27).

Portanto, muito mais do que uma reza, era, talvez, uma intuição de que, se por acaso viesse a morrer ali, essa “outra” ave-maria não se realizaria conforme havia intuído na Basílica, em Loreto: uma multidão de virgens e casados não comporiam as pequenas comunidades espalhadas em diversos pontos da Terra. Em consequência, muitas outras ave-marias “vivas” deixariam de ser repetidas por meio das pessoas que a seguiriam.

### 3.8 LINHAS E ENTRELINHAS

Longe de apresentarmos um tratado sobre gêneros literários, até porque isso não nos compete no corpo desta tese, é pertinente colocar em pauta o quanto *a carta* – enquanto gênero discursivo, como apresenta Fernando Munhós (2016, p. 336) –, oferece “aos pesquisadores como fonte documental de outros tempos e espaços, cumpre papel de relevo nas ciências humanas”<sup>21</sup>. Apenas a título de ilustração, o primeiro documento que temos a respeito da história do Brasil nada mais é senão uma carta, a famosa Carta de Pero Vaz de Caminha, um escrivão português, narrando ao então rei de Portugal, Dom Manoel, não apenas o “achamento” do Brasil, mas a aventura da esquadra de Cabral. Esta carta é considerada o primeiro documento histórico escrito no nosso país.

No seu livro *A escrita da história*, Michel de Certeau enfatiza que “a oralidade muda de estatuto na medida em que a *escrita se torna* a articulação e a comunicação” (CERTEAU, 2017, p. 204, grifo original). Em Chiara, encontramos os dois modos em um mesmo nível: a oralidade e a escrita. Sem dicotomia, como nos dizem hoje os teóricos da linguística, entre os quais Mikhail Bakhtin, Chiara fez uso desses dois modos de enunciação. Todavia, aqui queremos apresentar como recorte um desses meios: a escrita utilizada como forma de comunhão entre si e as pessoas que a

<sup>21</sup> MUNHÓS, Fernando. As cartas também constroem a história: potencialidades em uma conversa vinda do passado. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 64, p. 336-342, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i64p336-342. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/119557>. Acesso em: 4 fev. 2022.

seguiam. As experiências e as descobertas eram transcritas nas linhas e entrelinhas de seus escritos, com a simplicidade e a didática peculiares a uma professora. E Chiara o era. Escrever foi, para ela, um ato contínuo, mesmo durante o período de maior furor da guerra em Trento. Dirá, anos depois, que escrever as missivas “foi a premissa desse diálogo por carta que se tornou o primeiro elo entre as pessoas do Movimento que estava nascendo” (LUBICH, 2000, p. 65). Com o advento da internet, utilizou todos os meios disponíveis para manter viva a comunicação, quer de forma pessoal, quer coletivamente.

Em 2010, foi lançado, pela *Città Nuova Editrice*, uma primeira coletânea de 60 cartas escritas por Chiara entre os anos de 1943 e 1949, organizada por Florence Gillet e Giovanni D’Alessandro. A edição em português dessa coletânea se deu no ano seguinte, pela Editora Cidade Nova, de Portugal, e somente em 2020 pela Editora Cidade Nova brasileira, portanto, 10 anos depois da primeira edição. Nessa publicação, as cartas estão compiladas em dois volumes, assim agrupadas: aquelas escritas no período de 1943-1945, e as outras no período de 1946-1949. Utilizaremos como referência os dois volumes disponíveis no Brasil.

Queremos, aqui, colocar em evidência trechos de algumas dessas cartas, considerando aquelas escritas no período entre 1943 e 1945, quando, efetivamente, teve início a destruição da cidade de Trento pelo furor da Segunda Guerra Mundial. Nessas cartas, não vimos nenhuma discussão política partidária e, sim, uma visão ampla do bem comum – pérola preciosa da ação política em sua essência e que permeia todo o discurso de Chiara –, tampouco a negação do sofrimento infringido pela violência da guerra. Encontramos uma jovem enamorada que descobrira o amor de Deus conduzindo o caminho das pessoas, que reconhece o ser humano como o habitat natural de Deus, que experimenta o amor por excelência e expressa o seu desejo de que outras pessoas também façam a mesma descoberta.

Lendo aquelas cartas, identificamos, nas linhas e entrelinhas, os vários pontos da mística nascente, que, com o decorrer dos anos e a natural maturidade adquirida, foram aprofundados, explicados e anunciados não apenas nos encontros presenciais, mas por meio dos meios de comunicação tanto aqueles disponíveis à época, quanto os mais modernos oferecidos pelo advento da internet, o que possibilitou chegarmos aos mais avançados meios de comunicação hoje existentes, quer sejam aqueles individuais (celular e *e-mail*, por exemplo), quer sejam os de massa (mídia eletrônica) ou social (redes sociais).

Adentrando os recortes das cartas, vejamos o que ela escreveu, ainda jovem, às terciárias, provavelmente no final de 1943 e início de 1944:

Gostaria de estar ao lado de cada uma de vocês, falar-lhes do fundo do coração e com a delicadeza de Deus, dizer-lhes com palavras que chegam às profundezas da alma o que se passa em meu coração:  
Irmã, alma linda, também em você o Altíssimo delineou um desígnio de amor.  
Também você pode viver por algo grande na vida. Acredite: Deus está em você! (LUBICH, 2020, p. 37).

Todavia, em plena juventude, sem ter estudado teologia, reconhece, também, a presença do Espírito Santo. O convite à introspecção, à escolha radical, para, em seguida, anunciar o que encontrara em si mesma: Assim, enaltece o Deus Uno e Trino. Portanto, primeiro a conversão e só depois o anúncio como consequência do experimento, alicerçado em experiências simples, imersas no cotidiano, vividas singular e coletivamente, ao alcance de quem quisesse, e não como decorrência de um estudo teórico. Assim, Chiara continua nessa mesma carta:

A sua alma em estado de graça é o centro do Espírito Santo: o Deus que santifica.  
Entre em si: busque Deus, o seu Deus, aquele que vive em você! Oh, se você soubesse quem leva em si mesma!  
Oh, se você deixasse tudo por Ele!  
Oh, se esta breve existência, que escapa e declina um passo a cada dia, você a direcionasse a Deus!  
Oh, se Deus fosse Rei em você e todas as potências da sua alma e do seu corpo fossem servas deste Rei, ao seu divino serviço!  
Oh, se você o amasse com todo o coração, com toda a mente, com todas as forças!  
Então... iria se enamorar de Deus e passaria pelo mundo anunciando uma Boa-Nova!  
Deus existe! Viva por Ele!  
Deus será tudo para você daqui a poucos anos, depois desta vida breve!  
Lance-se Nele!  
Amem-no (LUBICH, 2020, p. 37-38).

Conclui com um convite para que as pessoas se enamorem de Deus não com um amor abstrato, mas concreto, afinal, para Chiara, “enamorar-se de Deus significa enamorar-se da vontade Dele!” (LUBICH, 2020, p. 39).

Em outra carta, também direcionada às jovens da Ordem Terceira Franciscana, mesmo se escrita no singular – o que a torna mais incisiva –, datada de junho de 1944, fala abertamente de Deus Amor e do amor como destino último dos seres humanos. É uma carta apaixonada e apaixonante ao mesmo tempo, terna e contundente, suave e taxativa. Um texto que, com toda a simplicidade, não deixa nenhuma dúvida sobre

seu conteúdo e, simultaneamente, aquiesce o espaço para a livre escolha singular. Um texto que enraíza os relacionamentos fraternos como frutos do amor de Deus e, por consequência, estabelece um liame inquebrantável, mesmo se os caminhos da vida assumirem percursos diferentes. É um texto cuja centralidade é a descoberta de Deus Amor, o que nos reporta à definição que encontramos na primeira carta de João (1 João 4,7-8): “Deus é amor”.

Mas esse Deus-Amor, sempre de acordo com Chiara, interage e, mesmo que não se escute sua voz com a audição auricular, ela chega por meio da percepção do Sagrado. Essa compreensão aproxima Deus das pessoas e se contrapõe à imagem, comum naquela época, de um Deus distante, inacessível, pronto para castigar seus filhos e filhas, caso se distanciassem daquilo que seus representantes anunciavam como verdade absoluta. Deus onipotente e onipresente, sim, mas não como um vigia. A compreensão de Chiara anulou distâncias e apresentou Deus zeloso, que, por amor e por ser amor, cuida de cada um de seus filhos. É, ainda, um convite a uma ousada reciprocidade, isto é, ao tempo em que apresenta o amor de Deus para com as pessoas, instiga que estas também o amem. Plasmada por esse Deus-Amor, Chiara compreende o destino de todos, homens e mulheres, quaisquer que sejam as vocações singulares. Assim, nessa mesma carta, Chiara transcreve um possível diálogo entre Deus e os seus amados.

Chiara contextualiza a experiência do amor de Deus no universo que estavam vivendo. Nessa contextualização, as dores cotidianas são encaradas como prova tenaz do amor. E conclui com uma referência, talvez de forma inconsciente, àquele pedido feito diante de Jesus Eucaristia, ainda quando criança. Vejamos a referida carta.

Minha irmãzinha no imenso amor de Deus!  
 Escute, por favor, a voz desse pequeno coração! Você ficou deslumbrada comigo pela luminosidade ardente de um Ideal que supera tudo e resume tudo: *pelo infinito amor de Deus!*  
 Oh! Minha irmãzinha: é Ele, Ele é o meu e o seu Deus, que estabeleceu um vínculo comum entre nós mais forte do que a morte, porque nunca se corrompe; uno como é o espírito; imenso, infinito, doce, tenaz, imortal como o amor de Deus!  
 É o Amor que nos torna irmãos!  
 É o Amor que nos chamou ao Amor!  
 É o Amor que falou profundamente em nossos corações e nos disse: “Olhe ao seu redor: tudo no mundo passa; cada dia tem sua noite, e a noite chega logo aqui; toda vida tem seu ocaso, e chega logo aqui também o ocaso da sua vida!

No entanto, não se desespere: sim, sim, tudo passa, pois nada daquilo que você vê e ama lhe está destinado eternamente! Tudo passa e deixa apenas arrependimento e nova esperança!”

No entanto, não se desespere: sua esperança constante, que ultrapassa os limites da vida, lhe diz: “Sim, existe aquilo que você procura: há em seu coração um desejo infinito e imortal; uma esperança que não morre; uma fé que rompe as trevas da morte e é luz para quem crê: não é por nada que você espera, acredita! Não é por nada!”.

Você espera, você acredita – para amar!

Eis o seu futuro, o seu presente, o seu passado: tudo se resume nesta palavra: o Amor!

Você sempre amou. A vida é uma busca contínua de desejos amorosos que nascem no fundo do coração! Mas amou muito mal! Amou aquilo que morre e é vão, e no coração permaneceu apenas a vaidade. Ame aquilo que não morre! Ame Aquele que é Amor! Ame Aquele que na noite de sua vida olhará apenas para o seu pequeno coração: você estará sozinha com Ele naquele momento; terrivelmente infeliz será aquele que tiver o coração cheio de vaidades; imensamente feliz, aquele que tiver o coração pleno do infinito amor de Deus! Sim, existe o sofrimento no mundo, mas para quem ama, o sofrimento é nada [...]. E cada sofrimento é a prova tenaz do amor, é o inconfundível timbre divino.

Venha, venha comigo: vamos em direção ao amor! Corramos ao amor!

Isso: não deixemos passar nada de doloroso na vida sem aceitá-lo e desejá-lo, para provar a Deus, Amor imenso, o nosso amor pequeno, mas tenaz!

Vamos deixar ao nosso coração apenas uma necessidade: a de amar!

Vamos deixar à mente comparar perenemente cada pensamento com o infinito e imenso amor de Deus.

Que Deus lhe dê o amor – um amor de luz e de fogo (LUBICH, 2020, p. 66-68).

A Elena Molignoni – uma de suas primeiras amigas, que depois se tornaria focolarina – escreveu, em 7 de junho de 1944, uma carta que acena para o sofrimento que passara e estava passando sem, contudo, apartar-se do amor de Deus. Disse Chiara a Elena:

Eu também tive a graça de sofrer com muitos, eu também tive minha casa destruída e inabitável, eu também dormi sob as estrelas, percorri quilômetros a pé, sofri e chorei e, por tudo isso:

Louvado seja o bom Deus, que, em seu grande amor, testou o meu amor; e nunca, nunca, querida Elena, enalteci a vida como agora, que vi que tudo passa e aquilo que resta é apenas aquele tanto de amor de Deus que recolhemos em nosso coração (LUBICH, 2020, p. 62-64).

Chama-nos a atenção o quanto Chiara enxerga aquilo que está acontecendo ao seu redor. Sua fé e seu relacionamento com Deus não a deslocam da realidade. Não é uma fé cega e um relacionamento estéril. Reconhece o sofrimento, sente-o na própria pele, depara-se com a miséria humana e, paradoxalmente, a partir desta,

compreende mais profundamente o imenso amor de Deus. Assim, diante dos alarmes constantes e da iminência da possível morte, o convite é um só: o amor ao Crucificado, como veremos na continuidade da mesma carta.

Eu também tive a graça de sofrer com muitos, eu também tive minha casa destruída e inabitável, eu também dormi sob as estrelas, percorri quilômetros a pé, sofri e chorei e, por tudo isso:

Louvado seja o bom Deus que, em seu grande amor, testou o meu amor; e nunca, nunca, querida Elena, enalteci a vida como agora, que vi que tudo passa e aquilo que resta é apenas aquele tanto de amor de Deus que recolhemos em nosso coração

Aqui embaixo há alarmes sempre e sempre o motor ruge! Sempre estamos esperando o chamado de Deus. Somente um ato de obediência é que brota do meu coração: obediência à vontade divina! Oh! Elena, quanto o meu divino Jesus Crucificado me ensinou.

[...].

Diante Dele, toda dor me parece um nada, e aguardo a dor, pequena ou grande, como o maior presente de Deus, pois isso é a prova do meu amor por Ele.

Querida Elena, peço-lhe, e gostaria de escrever isso com o meu sangue: ame o Crucificado! Está tudo ali, todo o Amor de um Deus, Ele não poderia nos doar mais.

[...].

Pense, Elena: podemos amar a Deus com este pequeno coração! Podemos amar a Deus! Oh! Ninguém vai tirar este amor, nem mesmo o bombardeio mais terrível (LUBICH, 2020, p. 62-64).

A última carta a que queremos fazer referência nesse contexto foi escrita no Natal de 1944 e endereçada a Luigia, sua mãe. Por que a consideramos importante? Porque, nesta carta, quem escreve é apenas uma filha, que, como vimos, quando seguiu sua vocação, experimentou a incompreensão da própria mãe, e, como tal, apresenta-se em toda a sua fragilidade e fortaleza – isto é, desnuda-se diante da mãe, sem o menor pudor em descrever seu sofrimento por passar o primeiro Natal longe da mãe que tanto ama, como qualquer jovem de sua idade, ao mesmo tempo em que revela sua fé com o ardor que lhe é peculiar e que sempre encontramos em seus escritos, dos primeiros aos últimos.

Talvez seja por meio dessa missiva que, pela primeira vez, como filha, conta à mãe todos os seus segredos, com a esperança de ser entendida, mas, ao mesmo tempo, com a impressão de que a mãe não a conhece como ela mesma gostaria. É uma das cartas mais profundas entre aquelas escritas no período dos bombardeios em Trento. É uma carta-testamento e súplica em que é possível perceber Chiara como é: uma pessoa normal, igual a tantas outras, que sofre, que sente saudade da mãe, que necessita de colo.

Na primeira parte, Chiara coloca a mãe a par de sua frágil condição física naquele momento, fato atestado por seu pai, Luigi, e que lhe impediu de viajar para encontrar a família durante os festejos natalinos:

Querida mamãe,  
 Já faz alguns dias que estou com o coração angustiado.  
 O papai chegou e me encontrou um pouco gripada. O abrigo é frio, e os alarmes, incessantes. O frio que se sente nos caminhões é terrível e teria sido fatal para um corpo frágil como o meu.  
 [...]. Eu me sinto acorrentada aqui pela fragilidade do meu corpo. Não sei o que teria feito para poder ir aí até você, mamãe. O papai, analisando, achou que era impossível, e eu também acho. Seria necessário um automóvel. E isso é difícil de encontrar.  
 O Natal longe de você me faz chorar, mãe, e gostaria de ter você aqui para desabafar novamente.  
 A melancolia muitas vezes invade o meu coração, e apenas o amor de Deus me faz vencê-la (LUBICH, 2020, p. 93).

Em uma atitude de confiança, explica à mãe a descoberta que fez de Jesus Abandonado e o quanto se identifica com Ele nos sofrimentos que a vida lhe coloca cotidianamente:

Eu o vejo lá naquela cruz, também Ele sofrendo pela saudade e pelo abandono de seu Pai, e vejo justamente que Ele realiza em mim aquilo que tantas vezes lhe peço: “Dá-me experimentar um pouco dos teus sofrimentos, especialmente um pouco do teu terrível abandono, para que eu esteja a teu lado e seja mais semelhante a ti que, na imensidão do teu amor, me escolheste e me levaste contigo”.  
 Então sinto que Ele me consola e me diz que, se apenas por amor a Ele eu deixei, quando Ele me chamou, o papai, a mamãe e a casa, para viver onde há perigo e necessidade, Ele será o meu consolo!  
 Então, Ele coloca o fogo do amor em minha alma e me faz gritar: “O Amor não é amado!” (LUBICH, 2020, p. 93-94).

Diante desse testamento, a súplica dirigida à mãe para que, ao menos ela, compreenda o que se passa no coração e na alma de sua filha:

E é isso que grito a você por primeiro, mamãe. Ao menos você, mãe, me escute.  
 Em nome do bem que você me quer e do bem que quer a Gino, ao papai, a Carla e a Liana, suplico que me escute.  
 Não pense que é loucura aquilo que lhe peço, ou fantasia. Não, não. Acredite em mim, mamãe, pelo menos você! Nesta vida, que corre como um raio, só uma coisa tem valor, e somente uma coisa devemos pedir a Deus: para amá-lo.  
 Acredite em mim, mãe. Você vai ver, no Paraíso, onde eu quero que você esteja comigo para sempre, você me dirá que eu tinha razão (LUBICH, 2020, p. 94).

Seguindo com sua carta, Chiara reconhece a grandeza dos vários amores vividos pela mãe e a interpela a amar a Deus sobre todas as coisas, lembrando Jesus naquela lacerante dor do abandono.

Na vida, você se casou com o papai e amou seus filhos. Amou também a Deus. Mas agora o Senhor, através de mim, tão mesquinha (você me conhece), lhe diz, mãe, que o que importa é amar a Deus. Acredite, mãe, Jesus morreu por você e, sendo Deus, teria morrido somente por você se fosse necessária apenas a sua salvação! Olhe pra Ele lá onde está crucificado e pense: e se fosse seu Filho? Ouça-o gritar: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” É o grito que se repete a cada momento no meu coração. Pense que Ele está morrendo quase desesperado e pregado como um cordeiro! Pobre Jesus! Vamos, mãe, me diga que também você o ama e que deseja fazer com que Ele seja amado! Diga-me que, se a sua Silvia morresse antes, você assumiria a chama do coração dela. Eu também, mãe, passei por esse mundo e encontrei corações mais ou menos nobres, mas não encontrei ninguém que me amasse como Ele! (LUBICH, 2020, p. 95).

A essa altura, a confiança que somente a um coração materno é possível ser feita:

Não diga nada a ninguém, mamãe!  
Desposei Deus e procurei extinguir todos os outros desejos por Ele. Ele é a minha vida e o meu grande amor! Ele e seu grito de abandono me arrastaram, mãe, e me fizeram passar por cima de tudo com o coração partido. Sim, mamãe, só Ele poderia fazer isso! Ele que não despreza os afetos, mas os faz sentir até nas profundezas do coração e depois os faz vencer, porque é onipotente como Deus (LUBICH, 2020, p. 95-96),

Por fim, o testamento, a herança que quer deixar e o reconhecimento de sua pequenez diante da grandeza de Deus:

Assuma a minha paixão de amor, mamãe, e você que sabe falar, espalhe-a para todos. Acredite, Jesus espera que o seu coração o ame assim, como santa Rita – que também era mãe – o amava!  
Oh! Se o Menino Jesus colocasse no seu coração toda a minha paixão! Eu acho que certamente Ele dará uma bênção especial para a mãe de uma filha mísera, sim, também medíocre, mas que Ele escolheu como sua esposa, a fim de que se veja melhor nela a obra Dele.  
Com um coração que talvez você ainda não conheça, mamãe, um beijo da  
Silvia (LUBICH, 2020, p. 97).

Esses recortes mostram que Chiara não deixou de cuidar das pessoas que amava, que sentia serem confiadas a ela, tampouco guardou para si as intuições e iluminações, frutos do seu relacionamento pessoal com Deus e a comunidade nascente. Em Chiara, parece-nos ser natural dividir tais descobertas não apenas com as pessoas próximas, mas também com as distantes (geograficamente falando), como sua mãe, por exemplo. Compreendemos, então, a importância dada por Chiara à

comunhão de bens em sua amplitude, o que contempla igualmente os bens espirituais.

A importância das cartas primeiras para a vida do Movimento dos Focolares, que nasceria depois, encontramos em Gallagher:

Alguns anos depois da guerra, e uma vez estabelecido o Movimento, uma focolarina chamada Dina Fedrizzi devolveu um grande pacote de cartas que Chiara lhe havia escrito. Estivera hospitalizada e não sabia que deveria destruí-las. Quando soube que não deveria tê-las conservado, mandou-as de volta a Chiara com uma carta agradecendo sua fidelidade em lhe escrever: “Só posso retribuir o seu dom a mim dando-o de volta a você” (GALLAGHER, 1998, p. 76).

O testemunho de Dina Fedrizzi assegura-nos o bem que a correspondência de Chiara espalhou durante o período mais cruel da vida de milhares de pessoas no século XX. Nas “cartas dos primeiros tempos” estão não apenas a descoberta de um Deus Amor, a ser partilhada com o maior número de pessoas possível, mas também todos os outros aspectos, que, tempos depois, comporiam os pontos da espiritualidade que caracterizam a mística de Chiara.

### 3.9 “AQUI ESTÁ O DEDO DE DEUS”

Paralelas à vida que brotava no entorno de Chiara e suas companheiras, surgiam também as primeiras murmurações. Algumas pessoas se viam diante de um estilo de vida que não existia ainda dentro da Igreja. Como vimos anteriormente, três eram as formas reconhecidas, sobretudo para as mulheres: o casamento, o convento ou a consagração no mundo, porém permanecendo ligada à própria família. A *casetta* era uma grande novidade: a convivência de jovens sem estarem vinculadas àquilo que era considerado normal, aceitável pela sociedade porque balizado pela Igreja.

Ao mesmo tempo, era um estilo de vida que atraía: uma dedicação incondicional aos mais pobres, a assiduidade aos sacramentos, inclusive com a comunhão eucarística diária – outro fator de estranheza, visto ser um hábito apenas dos religiosos –, a felicidade estampada nos jovens rostos, a disposição de ajudar quem estivesse ao redor nos momentos mais críticos durante os bombardeios e entre os mesmos, a postura dentro dos refúgios antiaéreos com a leitura do evangelho à luz de vela, a “redescoberta” de transformar em vida as palavras contidas no evangelho para além de uma simples meditação ou material de estudo ou, ainda, retrazos de

pregações estéreis, descoladas da realidade e da vida, de modo que, em pouco tempo, mais de 500 pessoas já se aglutinavam ao redor daquelas jovens, entre as quais não apenas religiosos, ou integrantes da Ação Católica ou da Ordem Terceira Franciscana, mas também rapazes, moças e pessoas casadas. Era um estilo que vida comunitária que nascia, que tomava forma, que ia driblando até mesmo o cenário de morte provocado pela guerra.

Finda a guerra e com uma maior possibilidade de locomoção, essa vida começou a se espalhar pelos povoados do Trentino, crescendo também as murmurações, o que inquietava Chiara, não por ela mesma, mas pela responsabilidade que carregava sobre os ombros, no sentido de liderar essa vida em comunidade. Conforme Armando Torno,

o que mais causava suspeita era o uso da palavra “amor”, termo que até então se reservava aos discursos “mundanos”, às árias de ópera, às canções populares, às poesias... Nos discursos religiosos, no máximo, falava-se de “caridade”, empregando-se o termo apenas no sentido de “esmola” dada aos necessitados (TORNO, 2011, p. 40).

Ao mesmo tempo, na constante descoberta das palavras dos evangelhos, chegara o momento daquela frase: “Quem vos ouve a mim ouve” (Lucas 10,16). Especificamente, essa frase está no contexto das orientações de Jesus à missão dos 72 discípulos enviados como “cordeiros entre lobos” (Lucas 10, 3). Todavia, para Chiara, desde sempre ficou muito claro que a hierarquia da Igreja Católica representa os sucessores de Jesus. Portanto, já em 1945, Chiara solicitou uma audiência com Dom Carlo de Ferrari, arcebispo de Trento.

Naquela audiência, seu primeiro encontro com o arcebispo, com simplicidade e segurança, respondeu a todas as perguntas da autoridade eclesial. Contou toda sua história e a daquelas pessoas que a seguiam, sua ligação com a Ordem Terceira Franciscana e com a Ação Católica, tudo o que fizeram durante os anos de guerra e o que continuavam fazendo, na disposição de pararem tudo, se assim o arcebispo orientasse.

Ao final da audiência, Dom Carlo de Ferrari reconheceu: “*Digitus Dei hic est*” – “Aqui está o dedo de Deus” (GALLAGHER, 1998, p. 77; TORNO, 2011, p. 37) e a encorajou a seguir adiante.

Nos dois anos subsequentes, Dom Carlo de Ferrari não apenas encorajou Chiara a dar continuidade àquela experiência comunitária, como também a orientou na formulação de uma regra a ser formalmente submetida à aprovação eclesial. Tal

orientação soava estranha não apenas a Chiara, como também a suas primeiras companheiras, para quem a regra era uma só: o Evangelho puro, a ponto de, entre tantas coisas, dizerem sempre que deveriam de tal maneira colocar em prática cada frase do Evangelho, de modo que, se, por uma hipótese absurda, a guerra fizesse desaparecer todos os evangelhos do mundo, olhando a experiência que viviam, fosse possível reescrevê-lo letra por letra. Eis aqui a primeira tensão entre o instituinte (a novidade da mística que viviam) e o instituído (ou a necessidade dele, ou seja, a demanda de formular uma regra para ser aprovada).

No dia 1º de maio de 1947, Dom Carlo aprovou *ad annum* o Estatuto dos Focolares da Caridade (Os Apóstolos da Unidade), aprovação que mais tarde seria renovada *ad triennium*, “constatado o excelente espírito e o fervor dos associados...”. Dois meses antes, o bispo de Assis também dera sua aprovação (TORNO, 2011, p. 37).

Em 1949, foi publicado o documento *Un pò di storia del “Movimento dell’Unità”*. Conforme Abignente (2017, p. 42-43), esse documento<sup>22</sup> foi escrito por Chiara a pedido de Dom Carlo de Ferrari. Nele, o jogo de luz e sombra se apresenta em toda a sua simplicidade e profundidade, dramaticidade e fé, ruínas e soerguimentos, o que nos leva a constatar que a fé vivida por Chiara e por aquelas outras jovens que a seguiam não se traduzia em algo abstrato, fora da realidade, descontextualizado. Não. Era uma fé que, mesmo enraizada nas dores e destruições provocadas pelo conflito bélico que deixava um rastro de morte em todos os sentidos, fazia-as encontrar o Senhor da Vida. Chiara escreveu naquele documento:

Eram tempos de guerra (1944-1945), e à nossa volta, em Trento, tudo desmoronava. Os repetidos bombardeios diurnos e noturnos destruíam casas, escolas, tesouros e familiares. Parecia que o Senhor, dadas as circunstâncias, estava deliberadamente tirando de nós o que formava o objeto do nosso coração, o ideal de nossas vidas. [...]. E ao nosso redor espetáculos horríveis de fazer estremecer. Era como a sentença de Deus: “Tudo é vaidade das vaidades”. E assim nos parecia a realidade de cada coisa que nascia: tudo era vaidade porque tudo passava<sup>23</sup>.

E continua o mesmo documento:

Existia um ideal, um só, que não passa, nem mesmo com nossa morte. Deus. E a Deus nos apegamos com todas as forças da alma. Não

<sup>22</sup> *Un pò di storia del “Movimento dell’Unità”*. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1191075/ACL-DT-19491231-A.pdf/c0e26066-55d9-4ebd-bf57-cf501114b0fc?version=4.0>. Acesso em: 04 out. 2021.

<sup>23</sup> *Un pò di storia del “Movimento dell’Unità”*. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1191075/ACL-DT-19491231-A.pdf/c0e26066-55d9-4ebd-bf57-cf501114b0fc?version=4.0>. Acesso em: 04 out. 2021.

aderimos a Ele porque nada mais restara, mas porque uma Força em nós nos tornava felizes por tê-Lo encontrado na vida como o único Tudo, o único Eterno, o único digno de ser amado porque não passa, o único, portanto, que havia saciado as exigências do nosso coração. Há vários anos fazíamos a S. Comunhão diária e acreditávamos, porque pertencíamos a várias associações católicas, sermos boas cristãs. Somente quando Deus tirou tudo de nós para dar-Se, somente Ele, a nós, compreendemos, pela primeira vez, o primeiro Mandamento de Deus: “Amái com todo o coração, com toda a mente...”. Entendemos porque somente então sentimos que deveríamos amá-Lo assim, com totalidade de mente, de coração, de força, para não nos enganarmos<sup>24</sup>.

No final do documento, encontramos, no seguinte texto assinado por Dom Carlo de Ferrari, o instituinte em processo de transformação em instituído:

Confirmamos em substância o que está exposto, não deixando de revelar que o movimento, apenas reconhecido pela autoridade diocesana, deu motivo de constatações consoladoras que podem ser assim resumidas: muito bem realizado especialmente entre as jovens; docilidade total demonstrada aos Superiores Eclesiásticos; nenhum inconveniente que possa ser atribuído a todas as pessoas fiéis ao ideal: Evangelho vivido na caridade, para alcançar a unidade em Cristo.

Trento, 31.XII.1949

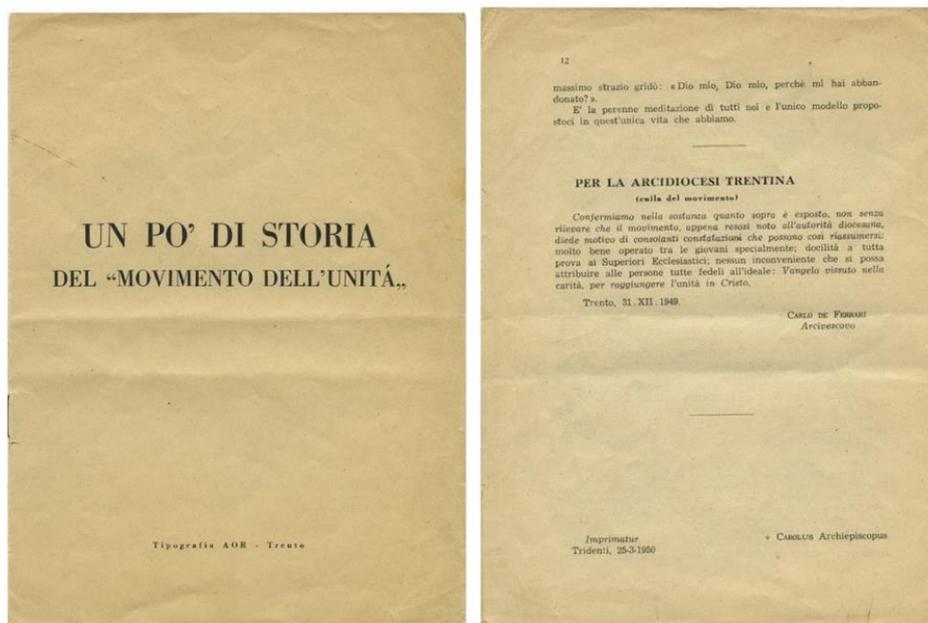
Carlo de Ferrari

Arcebispo<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> *Un pò di storia del “Movimento dell’Unità”*. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1191075/ACL-DT-19491231-A.pdf/c0e26066-55d9-4ebd-bf57-cf501114b0fc?version=4.0>. Acesso em: 04 out. 2021.

<sup>25</sup> *Un pò di storia del “Movimento dell’Unità”*. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1191075/ACL-DT-19491231-A.pdf/c0e26066-55d9-4ebd-bf57-cf501114b0fc?version=4.0>. Acesso em: 04 out. 2021.

Imagem 2:  
Documento *Un pò di Storia del "Movimento dell'Unità"*



Fonte: Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1191075/ACL-DT-19491231-A.pdf/c0e26066-55d9-4ebd-bf57-cf501114b0fc?version=4.0>. Acesso em: 04 out. 2021

Eis os primeiros *insights* de uma mística que perfurou o tempo, que saiu do Norte da Itália e invadiu o mundo, que nasceu diante de Jesus Eucaristia, centro da cristandade católica e foi acolhida por outras denominações cristãs. Não apenas. Valores que, mesmo cristãos, foram assimilados por outras religiões que não nasceram do tronco judaico-cristão. A questão, então, que se coloca é: podemos identificar em Chiara efetivamente uma mística atual, que pretende responder, ao menos em parte, aos anseios humanitários do pós-Segunda Grande Guerra e o começo do terceiro milênio? O que dizem os teóricos sobre a mística? Encontramos, nessas teorias, o legado de Chiara? É o que nos propomos a compreender no próximo capítulo.

#### 4 MÍSTICA DESÉRTICA E ENCLAUSURADA

A compreensão da mística cristã passa, necessariamente, pela história do povo de Deus contida nas Sagradas Escrituras e se robustece pelos exemplos de vida reconhecidos e enaltecidos pela hierarquia eclesial. Para perscrutar esse percurso, começamos por colocar em pauta uma discussão sobre mística na ótica antropológica de Roger Bastide, que nos posiciona diante do *sagrado selvagem* e, por conseguinte, na inquietante proposição daquilo que é instituinte e daquilo que é instituído no contexto da mística, seja ela qual for, quais suas raízes e tradições, mesmo que essa separação nunca possa ser tão nítida. A tensão é contínua, permanente e sempre dialética.

Posto esse esteio, fomos construindo, qual verdadeiro mosaico, peça por peça, uma primeira compreensão sobre mística. Deparamo-nos com o *mistério* no sentido desse conhecimento de Deus, que, em última análise, significa o profundo mergulho no “mistério do totalmente outro”, como apontam Maria Clara Bingemer (2007) e Bernard McGinn (2012), entre outros tantos autores e autoras. E esse *mistério* do totalmente outro encontramos em todos os livros das Sagradas Escrituras, embora não exista em suas linhas, explicitamente, o termo mística ou alguma referência a pessoas místicas. Todavia, o mistério está presente de forma incessante nas linhas e entrelinhas. Fez-se necessário, então – o que não foi tarefa fácil –, fazer um recorte que nos permitisse transpor a barreira do apenas visível e tentar compreender o Invisível presente na experiência mística, como nos convida Ario Borges Nunes Júnior ,ao referir-se à mística como a “busca do homem para conhecer o mistério de Deus” (NUNES JÚNIOR, 2015, p. 55).

Com tal objetivo, discorreremos sobre o *mistério* da Criação, delineando o *ser vivente*, isto é, aquele insignificante boneco de barro que recebeu o sopro de vida diretamente do Criador e torna-se o *tu* de Deus, seu correspondente, gerando no ser criado, até como consequência de sua condição, vocação e responsabilidade e, entre as duas, o livre-arbítrio.

Discorreremos, também, sobre o *mistério da sarça ardente*, quando Deus se apresenta a Moisés e, diretamente, determina a missão daquele pastor de ovelhas em relação a Seu povo. Ainda na *sarça ardente*, o *mistério* do Deus que fala.

Não é possível percorrer o Antigo Testamento sem mencionarmos os profetas e as profetisas. Embora não sejam mencionados como místicos/místicas, são pessoas

escolhidas para se tornarem a voz do (in)dizível, porta-vozes d'Aquele que se apresentou a Moisés como “EU SOU”.<sup>26</sup>

Mergulhamos, em ato contínuo, nos textos neotestamentários para compreendermos a mística cristã propriamente dita. Revisitamos os Evangelhos Sinóticos, além dos textos joaninos e paulinos, balizando, assim, a mística do cristianismo primitivo para encontrarmos os eremitas, atraídos que foram pelo deserto e, se podemos falar assim, a *mística desértica*. Em seguida, em São Bento, a estruturação da vida monástica e a *mística enclausurada* exemplificada por quatro doutoras da Igreja: Catarina de Sena, Teresa D'Ávila, Teresa de Lisieux e Hildegarda de Bingen.

Eis, pois, em síntese, a mística feminina reconhecida pela Igreja e colocada no plantel dos doutores, composto por 32 homens e apenas 4 mulheres. Embora com vidas distintas, todas estavam ligadas à vida monástica: duas carmelitas, uma beneditina e uma dominicana.

#### 4.1 DISCUSSÃO SOBRE MÍSTICA

*O Sagrado Selvagem e outros ensaios* é uma obra de Roger Bastide (2006) e está dividida em três partes. Queremos partir do conceito do *sagrado selvagem*, expressão que, à primeira vista, é impactante, uma vez que, por tradição, logo nos reportamos à imagem que temos do *sagrado*, fruto de uma visão cristã pós-Concílio Vaticano II: aquela revestida da bondade de Deus – porque a Ele creditamos o sentido de *sagrado* –, na figura de seu Filho Unigênito, Jesus Cristo, cuja doutrina se respalda na vivência da caridade, do amor recíproco, de tudo aquilo que é antagônico ao *selvagem*, que, também por senso comum, está associado à violência. Portanto, perceberemos imediatamente que, para compreendermos as proposições de Bastide, é necessário despirmo-nos de qualquer compreensão anterior, mesmo sem abrir mão das convicções resultantes de uma fé vivenciada, concreta, não abstrata. Assim, o

---

<sup>26</sup> No texto bíblico, a afirmação “EU SOU” assume o tom de uma promessa que perpassa a descendência e posse da terra. É a conclusão da lembrança da história da salvação que passa de geração em geração (descendência) – “Eu sou aquele que é [...] o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (Êxodo, 3,15), três gerações de uma mesma linhagem –, e a promessa da libertação do povo de Israel das garras do Egito rumo à posse da Terra Prometida. “EU SOU” aquele que estará com o seu povo, que mantém a aliança estabelecida precedentemente e que se torna Nome-promessa de Deus como resposta de amor e esperança aos lamentos do povo de Israel.

olhar assume outro ângulo: o do estudo, o da ciência, o da ânsia do aprendizado, que alarga o coração e o intelecto para abraçar homens e mulheres em suas diversas singularidades. Somente assim é possível ir em busca do *sagrado selvagem* e compreendê-lo o mais profundamente possível.

Todavia, para chegarmos ao conceito de *sagrado selvagem*, Bastide, em cada um dos ensaios que compõem o referido livro, impele-nos a uma instigante abordagem. Começa a nos fazer pensar na possibilidade da existência de “*um misticismo sem deuses*” e alheio, desconectado, “a qualquer expressão religiosa” (BASTIDE, 2006, p. 13). O percurso tem início na compreensão de mística e, de forma aparente, despropositada, uma vez que não se concebe religião “*sem deuses*”. Ou isso é possível?

Bastide admite que “a vida mística” está no cerne das religiões, sejam elas quais forem. Portanto, a primeira fala é sobre aquilo que entendemos por mística sob o prisma das religiões. E aí, qual a novidade? O autor, com a maestria que lhe é peculiar, alarga-nos o horizonte e fala em mística do poder, mística da caridade, mística da ciência. O que o leva a mencionar essa diversificação da mística? Ele explica:

No sentido próprio do termo, o misticismo é uma transformação da personalidade, que se esvazia de seu ser próprio, de seus instintos, de suas tendências distintivas, para, de certa forma, sair de si mesmo e comungar com o objeto de sua adoração. Essa experiência vivida pode igualmente se traduzir em termos intelectuais: se todo conhecimento supõe uma relação entre um sujeito e um objeto conhecido, o misticismo irá eliminar o primeiro desses dois termos; o sujeito que contempla se identifica inteiramente com a coisa contemplada (BASTIDE, 2006, p. 14).

Aqui, parece, está o âmago do misticismo: a identificação do sujeito com o objeto de devoção até o sujeito se sentir uno com o que (pessoa ou objeto) compõe seu universo devocional. Por essa linha de raciocínio, o fenômeno extrapola o aspecto religioso. Como consequência, “iremos nos deparar com essa disposição para sairmos de nós mesmos, para nos comunicar misticamente com aquilo que nos cerca em quase todas as manifestações da atividade da vida humana” (BASTIDE, 2006, p. 14).

Não será também este o âmago da experiência mística religiosa, com recorte na experiência vivida pelos místicos da Igreja Católica? “Já não sou eu que vivo, mas

é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20) – eis umas das célebres frases de Paulo, em sua *Carta aos Gálatas*, falando sobre sua conversão.

Daí, surge uma inquietação: mística e misticismo são a mesma coisa? Roger Bastide não se preocupa em desassociar um conceito do outro. Sua atenção se volta para demonstrar, por meio de estudos de outros teóricos – como o filósofo francês Maurice Blondel, que utiliza o exemplo de várias atividades humanas como a música, a matemática, a própria filosofia – o quanto as pessoas se entregam a ponto de se confundirem com a própria obra. Assim afirma Bastide:

Não há [...] oposição entre os domínios do natural e do sobrenatural, e passa-se, através de transições imperceptíveis, de um para outro, de Mozart e Descartes para santa Teresa e são João da Cruz. Encontraríamos uma tese análoga a essa no livro de Delacroix *Les Grands Mystiques Chrétiens* [Os grandes místicos cristãos]. A intuição mística não é, para ele, um mísero empobrecimento da consciência, uma espécie de encaminhamento para a estupidez, mas, ao contrário, uma magnífica exaltação do ser, o sentimento de uma plenitude de vida que nos eleva acima deste mundo terra-a-terra e tão cotidiano. Consequentemente, ela não difere, para os santos do cristianismo, da intuição dos artistas ou dos sábios “que um dia sentiram correr dentro de si a vida universal”. O misticismo, para Delacroix, não é uma anomalia, uma raridade, uma excentricidade, e sim uma forma frequente de espírito, “uma das reações do espírito humano” (BASTIDE, 2006, p. 15).

Portanto, para Bastide, se podemos dizer assim, o sagrado é uma força que rompe dentro do ser humano e assume expressões exteriores, as quais podem ser compreendidas de diversas formas, bem como podem atuar nas mais variadas atividades humanas. Ao mesmo tempo, a teoria bastidiana explicitada no *sagrado selvagem* pode nos ajudar a entender a dinâmica interna e externa não apenas das religiões, mas de todas as organizações sociais e, a partir dessa compreensão, continuarmos no desenvolvimento de uma capacidade de leitura crítica daquilo que está posto ao nosso redor.

Uma das ideias apresentadas aponta para o sagrado instituinte e o instituído<sup>27</sup>.

<sup>27</sup> Esse conceito foi desenvolvido por Cornelius Castoriadis, em sua teoria sobre o Imaginário Social. Para ele, o social-histórico é a união e a tensão “da sociedade instituinte e da sociedade instituída, da história feita e da história se fazendo” (CASTORIADIS, 1995, p. 131). Em relação à sociedade instituída, ele afirma que, “uma vez criadas, tanto as significações imaginárias sociais quanto as instituições se cristalizam ou se solidificam, e é isso que chamo de imaginário social instituído, o qual assegura a continuidade da sociedade, a reprodução e a repetição das mesmas formas, que a partir daí regulam a vida dos homens e que permanecem o tempo necessário para que uma mudança histórica lenta ou uma nova criação maciça venha transformá-las ou substituí-las radicalmente por outras” (CASTORIADIS, 2004, v. 6, p. 130). Bastide trouxe esse conceito para dentro de seus estudos sobre as religiões.

Enquanto o primeiro está relacionado a um agente de mudanças, o segundo oferece sustentação às religiões estabelecidas. Nele estão os dogmas, as formas de cultos, os preceitos éticos e a moral histórica e tradicionalmente determinados. Assim, Bastide nos coloca frente ao sagrado não dominado, o instituinte (sujeito-objeto da experiência religiosa), e o sagrado dominado, o instituído (sujeito-objeto da experiência da instituição religiosa). Todavia, no cotidiano da experiência com o sagrado, não é possível delinear de forma estática um e outro, isto é, nenhuma concepção do sagrado é exclusivamente não dominado ou exclusivamente dominado. Misturam-se já a partir do ângulo de observação o que se prolonga em sua concretude. Assim, se, por um lado, nenhuma instituição religiosa, com suas proposições, consegue engessar o sagrado, por outro, a experiência religiosa não é capaz de captar o sagrado por inteiro. Este extrapola formas e fórmulas, reinventa-se, retroalimenta-se, afinal, essa experiência religiosa se expressa tanto de forma íntima (subjetiva) quanto externa, estruturada, objetiva. Se a instituição, qualquer que seja, cristaliza suas práticas a ponto de fechar-se ao novo e assume a postura de ser dona absoluta da verdade, corre o risco de implodir.

Seguindo esse percurso, Bastide nos coloca face a face com o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que declarou a morte de Deus diante da secularização da civilização ocidental, aqui entendida como a separação gradual da intervenção direta de Deus sobre as formas estruturantes dessa civilização. Bastide questiona se “a morte dos Deuses instituídos acarretaria o desaparecimento da experiência instituinte do Sagrado em busca de novas formas nas quais se encarnar” (BASTIDE, 2006, p. 250). E pontua que, em pleno século XX, assistimos uma busca “apaixonada pelo sagrado”, especialmente entre os jovens. Paralelamente, uma constatação nos é apresentada: as sociedades tradicionais, no seu natural processo de transformação, “tratam de passar [...] do sagrado selvagem para o sagrado domesticado” (BASTIDE, 2006, p. 252), ao passo que a sociedade ocidental, considerada desenvolvida, faz o percurso inverso, ou seja, “trata de desagregar o sagrado doméstico para fazer jorrar [...] o sagrado selvagem com toda a fúria” (BASTIDE, 2006, p. 253).

Embora Bastide, para explicar sua concepção do sagrado selvagem mergulhe na experiência das religiões afro-brasileiras (seu grande objeto de estudo), ele o define como aquele *in natura*, isto é, aquele antidomesticado, identificado como o instituinte de todas as místicas. Ao mesmo tempo, essas místicas também assumem sua feição instituída à medida que se organizam enquanto instituições guiadas por

trilhos definidos pela sua cosmovisão, seus ritos e normas, aos quais seus adeptos estão subordinados.

Encontraremos em Chiara um profundo mergulho nessas duas vertentes, ou seja, o aspecto instituinte da experiência do Sagrado e o aspecto instituído tanto na observância às determinações da Igreja Católica como vimos na narrativa de sua história, quanto na própria constituição do Movimento dos Focolares, enquanto instituição, fruto palpável de sua mística.

#### 4.2 UMA PRIMEIRA COMPREENSÃO SOBRE MÍSTICA

No cristianismo a mística é definida como “o conhecimento de Deus por experiência [...]. Uma experiência do mistério do totalmente outro, um conhecimento desse outro por experimentação” (BINGEMER *apud* TEIXEIRA, 2004, p. 35). Nesse contexto conceitual, Josef Sudbrack (2007, p. 19) lembra o quanto o termo *mística* foi depreciado nas últimas décadas, sobretudo taxado de sentimental e anticientífico, para tornar-se um dos pontos centrais de interesse, o que nos coloca em sintonia com o retorno à busca pelo sagrado anunciada por Bastide, sobre a qual falamos anteriormente.

Compreendendo a complexidade do fenômeno místico, Bernard McGinn expõe sua compreensão por meio de 3 tópicos:

Mística como parte ou elemento de uma religião concreta e de qualquer personalidade religiosa particular, mística como um processo ou um modo de vida e mística como uma tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus (MCGINN, 2012, p. 16).

Discorrendo sobre o primeiro tópico – mística como parte ou elemento de uma religião concreta e de qualquer personalidade religiosa particular –, McGinn pontua que, até o século XX, os místicos não se autodenominavam assim, nem, muito menos, associavam ou definiam suas vidas como “místicas”. Eles apenas procuravam viver de acordo com os preceitos da religião a qual pertenciam. Assim, crenças e práticas se fundiam e se apresentavam em vários graus de intensidade. Para o autor, somente quando se atingia um “nível de formulação plenamente explícito e de importância suprema para certos adeptos da religião” (MCGINN, 2012, p. 17) poder-se-ia falar em mística. Dessa forma, para o autor, os elementos místicos estão presentes desde a origem do cristianismo; todavia,

a primeira grande tradição mística explícita veio à luz quando a teoria da mística – de início plenamente exposta por Orígenes no século III – encontrou resposta institucional no novo fenômeno do monaquismo no século IV. Essa combinação caracteriza o primeiro estágio, ou estrato, na história da mística cristã (MCGINN, 2012, p. 17).

Embora tenha surgido em diferentes regiões e se manifestado de diversas formas, o monaquismo foi um movimento espiritual cuja base comum era a busca pelo transcendente por meio da ascese – conjunto de práticas austeras, rígidas regras disciplinares e morais – e da oração solitária. Foi nesse período que surgiram os monges, cuja vida nos mosteiros estava respaldada na vivência das virtudes, o que incluía vigílias, jejuns, pobreza, trabalho, leitura e meditação dos livros sagrados, canto dos salmos e a renúncia de si mesmo para revestir-se das virtudes do Mestre e Senhor Jesus, entre as quais a obediência, a humildade, a paciência, a discrição. Como coroamento dessa profunda experiência do sagrado, o monge atinge a contemplação, que consiste no prêmio dado por Deus a quem se libertou dos vícios à custa de muito esforço e estudo. “A contemplação é também a penetração do sentido espiritual mais escondido e doce da Sagrada Escritura, ou seja, a percepção de Deus presente em Palavra” (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 760).

No que diz respeito ao segundo tópico, McGinn lembra que a mística “é sempre um processo ou modo de vida” (MCGINN, 2012, p. 17), que está diretamente ligado à meta a ser atingida. Nesse sentido, a meta é a transcendência, o encontro do ser (finito) com o sagrado (infinito) – portanto, o encontro entre Deus e o humano. Essa união com Deus, via de regra, é vista como um processo de absorção ou de identidade, ou seja, o ser humano se anula a tal ponto de experimentar Deus em si mesmo e pode repetir, como o apóstolo Paulo: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20), como vimos. Em outras palavras: o esvaziamento completo de si mesmo para que o Ser infinito habite em plenitude o ser finito.

No terceiro tópico – mística como uma tentativa de expressar uma consciência direta da presença de Deus –, McGinn discorre sobre um elemento comum a quase todos os textos místicos: a consciência da presença-ausência de Deus. Na busca por essa consciência, o autor coloca em cheque o termo “experiência”, uma vez que tal termo, muitas vezes, assume a conotação de estados alterados de comportamento e se associa a visões, arrebatamentos e outras expressões similares, coisa que os místicos rechaçam por não constituírem a essência do encontro com Deus. Nesse

contexto, o termo “consciência” apresenta-se como uma categoria mais precisa e frutífera.

Outro termo usado por McGinn é “presença”. “Seria fácil reunir uma lista bem longa de textos de místicos [...] que falam de uma consciência especial da presença divina como a meta de todas as suas esperanças e esforços” (MCGINN, 2003, p. 19-20). Portanto, “consciência” e “presença”, ou seja, o místico tem consciência dessa presença do sagrado em sua vida. E aqui se visualiza a subjetividade mística. Entende-se, pois, como, dentro da Igreja Católica, cada místico, cada mística, coloca em evidência um aspecto daquele “desejo” bíblico de vivenciar um profundo sentimento da presença de Deus na própria vida.

#### 4.3 OS MISTÉRIOS DA CRIAÇÃO E A MÍSTICA

Tudo que se refere ao cristianismo, sabemos, tem sua raiz na tradição judaica. Da mesma forma a mística, embora, como vimos em McGinn, o termo em si não esteja explícito na Bíblia, livro sagrado também para o cristianismo. Em uma entrevista concedida à Revista do Instituto Humanitas Unisinos<sup>28</sup>, em 2013, McGinn afirma que

as peculiaridades da mística cristã fazem parte do desenvolvimento da fé cristã ao longo dos últimos dois milênios. Acima de tudo, o desejo de experimentar um profundo sentimento da presença de Deus é encontrado em toda a Bíblia, tanto na Bíblia hebraica (ou Antigo Testamento, como os cristãos passaram a chamá-lo pelo século II d.C.) como nos escritos que formaram o Novo Testamento. Embora a Bíblia não use as palavras "místico" ou "mística", muitos textos falam sobre a relação de amor de Deus pelo seu povo, sobre o anseio de ver a face de Deus e sobre sentir a presença divina. No Novo Testamento, há passagens, especialmente na literatura joanina e paulina, sobre "ser em Cristo" e "tornar-se um com Jesus e seu Pai", e também sobre visões e ascensões ao céu. Isso foi fundamental para a mística cristã. Assim, a mística cristã é sempre bíblica em sua base.

Retomemos o conceito de mística apresentado por Maria Clara Bingemer o qual mencionamos anteriormente, como uma “experiência do mistério do totalmente outro” (BINGEMER, *In*: TEIXEIRA, 2004, p. 35), e complementemos com aquilo que escreveu Ario Borges Nunes Júnior (2015, p. 53), em sua busca por compreender o

<sup>28</sup> *O percurso da mística no cristianismo*. Entrevista concedida por Bernard McGinn a Márcia Junges e Andriolli Costa, publicada pela Revista do Instituto Humanitas Unisinos, versão on-line, em sua Edição 435, 16 de dezembro de 2013. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5332-bernard-mcginn>. Acesso em: 30 out. 2021.

significado etimológico da palavra “mística”. Derivada do adjetivo grego *mystikós*, decorrente do verbo *myo*, cujo significado é “fechar os olhos”, “fechar a boca”, remete-nos àquilo que é oculto, de difícil acesso para as pessoas comuns – aqui entendidas como pessoas que, no âmbito religioso, não estão em posições de destaque, tais como profetas, religiosos, sacerdotes e assim por diante. Portanto, para o cristianismo, é penetrar no mistério de Deus, na relação entre o humano e o Deus Criador de todas as coisas.

Embora o mistério esteja presente em toda a história do povo de Deus descrita na Bíblia já a partir da narrativa da criação, aqui não nos interessa um estudo tomando por base os vários estilos literários contidos nas Sagradas Escrituras. Compete-nos colocar em luz uma síntese de mistérios ali contidos sem, contudo, ter a pretensão de esgotar qualquer estudo nesse sentido. Serão lampejos que nos fornecerão pistas para compreender a mística em seu esplendor e em sua profundidade.

Há de se compreender, outrossim, que o mistério da criação e todos os demais contidos na Bíblia, para os seguidores também das religiões do tronco judaico, têm sua leitura sob a ótica da fé, do acreditar naquilo que transcende a lógica humana, do seguir a voz daqueles e daquelas pessoas que explicam tais mistérios, sejam sacerdotes/sacerdotisas, profetas/profetisas, religiosos/religiosas, estudiosos/estudiosas etc.

Como dissemos, encontramos o mistério já na narrativa da criação. De acordo com Piero Coda<sup>29</sup> (1999, p. 43), o conceito de *criação* assume três significados: é típico da revelação bíblica. Nesta, a partir das reflexões dos Padres da Igreja e de teólogos medievais, a criação aponta para um *ato* próprio e unicamente de Deus que “dá o *ser* àquilo que não é” (CODA, 1999, p. 43). Aqui, o significado é *verbal*, isto é, “Deus lhe dá início mediante a onipotência de sua Palavra” (CERINI, 1986, p. 23). Esta Palavra encontramos em toda a primeira narrativa da criação: “E Deus disse...” (Gênesis 1,3-26). Nessa direção, Marisa Cerini pontua:

Tudo foi criado por Deus. Tal é o ensinamento revelado. E significa: a radical diferença ontológica entre Criador e criatura (expressa sobretudo pelo fato de que Deus cria mediante a Palavra); a total pertença do mundo a Deus (ele é sua criatura, Ele é seu criador); a “bondade” de todas as criaturas, isto é, a sua conformidade com o fim e com a ordem da criação (a humanidade, vértice do criado, é

---

<sup>29</sup> CODA, Piero. Trindade e a criação a partir do nada. **ABBA – Revista de Cultura**. Vargem Grande Paulista, v. II, n. 1, p. 40-60, 1999.

abençoada por Deus, e toda criação é dita como boa) (CERINE, 1986, p. 25, grifo nosso).

O segundo significado, apontado por Coda e decorrente do primeiro, “é a criação como *substantivo*, isto é, como o “criado”, no qual – à luz da Revelação cristã – devemos considerar o cosmo e o homem como ápice e sentido do mesmo” (CODA, 1999, p. 43).

Entre a *palavra* e o *homem* surge o diálogo. Aqui, o terceiro significado: “trata-se da criação como *relação* entre Deus e aquilo a que ele, gratuitamente, dá à existência para introduzi-lo na plena comunhão consigo” (CODA, 1999, p. 44). Portanto, os três significados: a Palavra – o ser criado – e a relação entre ambos. Entre Deus e o universo criado (o cosmo) se estabelece uma *relação de criação*.

O ápice da ação criadora de Deus – o ser humano – muda substancialmente a *relação*, ou seja, esse Deus-Criador transforma uma insignificante miniatura de barro, se a colocarmos diante da imensidão do universo, em seu “tu”, em seu correspondente, em cocriador. Somente ao boneco de barro o sopro de vida vindo do próprio Deus, o que não aconteceu com nenhuma outra das infinitas criações. De acordo com o livro do Gênesis, “então lahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gênesis, 2,7). Deus doa à humanidade, aqui representada pelo homem e pela mulher, o Seu sopro de vida. Para além da fórmula usada continuamente na narrativa da criação – “Haja luz...”; “Haja um firmamento...”; “Que haja luzeiros no firmamento...” (Gênesis1, 3-14) –, em se tratando do seu Outro, a proposição é distinta: “Façamos” (Gênesis 1,26). Dois verbos (duas palavras) que apresentam uma distância substancial: haver e fazer. O primeiro, uma determinação; o segundo, uma construção. O primeiro, a força da palavra; o segundo, a força da ação. Em ambos, a onipotência d’Aquele que fala e age. “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança” (Gênesis 1,26).

Assim, o sopro de vida. Qual o significado? A constituição do ser vivente que contempla corpo e espírito. Mais que isso, como explica Marisa Cerini, ao comentar a intenção criadora de Deus:

O hagiógrafo não dispense uma palavra sequer para explicar como se deu a criação do homem. O que lhe interessa é pôr em relevo quem é o homem segundo a intenção criadora de Deus, imagem de Deus, isto é, capaz de estabelecer, único entre as criaturas, uma relação direta e pessoal com Deus, de estar face a face com Ele, de ser seu *tu*. Essa relação especial com Deus é constitutiva do seu ser-homem; portanto,

não constitui privilégio exclusivo do primeiro homem; [...]. Todos os homens são criados à imagem de Deus (CERINE, 1986, p. 29).

Sob essa ótica, podemos compreender a condição do ser vivente imbuída de vocação e responsabilidade – a primeira compreendida como desígnio de Deus sobre o indivíduo, e a segunda, como correspondência a tal desígnio. Em primeira instância, o estar em relação visceral com Deus Criador. Em seguida, o estar em relação com seus pares. Por fim, o estar em relação com o cosmo. Eis as relações constitutivas daquela miniatura de barro transformado pelo sopro de vida inflado por Deus.

Entre uma e outra (vocação/responsabilidade), até como uma das maiores características desse ser vivente criado à imagem do próprio Criador, está o livre-arbítrio, a possibilidade de escolher, como vemos na narração do “pecado original”, mesmo se um dos focos da doutrina judaico-cristã está na desobediência e, portanto, no peso do pecado que a atual doutrina da Igreja Católica classifica entre aqueles mortal e venial. Ora, apenas desobedece quem tem a consciência de que existe alguém superior de quem emanam as normas e determinações a serem mais que observadas – obedecidas, via de regra, sem questionamentos. Somente desobedece quem detém a capacidade de escolha, sabendo ou não das consequências de tal atitude. E somente ao ser vivente foi imputada tal capacidade. A liberdade (livre-arbítrio) norteia as escolhas que recaem sempre sobre a condição relacional acima mencionada, seja com o Sagrado, entre pares, ou com a natureza/universo.

Esse ser vivente, por carregar em si a imagem do seu Criador, assume, também, outra característica diversa das demais criaturas. Conforme John Goldingay, as implicações de ser a imagem de Deus incluem governar o mundo (GOLDINGAY, 2020, p. 187-188). Para além da governança, Deus, facultando ao homem o poder de nomear tudo o que havia criado, torna-o co-criador. Assumindo seu livre-arbítrio, ora luta pela preservação da obra criadora de Deus, ora não mede as consequências em sua macro e/ou micro destruição.

Do nada à criação do tudo... Do barro à criação do “tu” de Deus... Do sopro de vida à possibilidade do diálogo... Passo a passo, tomamos consciência de que podemos ir em busca de mistérios que se nos apresentam cada vez maiores e mais insondáveis, como aquele da sarça ardente, que queima e não se consome, como veremos a seguir.

#### 4.4 O MISTÉRIO DA SARÇA ARDENTE – A REVELAÇÃO

Não nos prenderemos ao fato comum à história quando, em momento de profunda crise, desponta um líder para guiar as massas, como vimos no nosso primeiro capítulo, quando discorremos sobre o assunto balizado sobre as teorias de Elias Canetti (2019). Buscamos, outrossim, o encontro com o mistério, como o fizemos no relato da criação.

Um pastor imigrante (Êxodo 2,22), um rebanho de ovelhas conduzido para além do deserto em busca de pasto, um monte considerado de Deus (Monte Horeb), um arbusto em chamas sem se consumir – estranho fenômeno para o solitário pastor diante daquela imensidão. Em meio à sarça ardente, a voz do próprio Deus, que explicou, primeiro, que lugar era aquele: “Não te aproximes daqui, tira as sandálias dos pés porque o lugar em que estás é uma terra santa” (Êxodo 3,5). Depois, apresentou-se, lembrando àquele pastor sua própria ancestralidade: “Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó” (Êxodo 3,6).

Um Deus que fala e, também a esse novo mistério, somente é possível sua compreensão no horizonte da fé. Esse Deus-que-fala, que se revela na palavra e como Palavra, oferecendo-se ao crente e dinamizando-o para uma resposta dialogal, é assim apresentado por Pedro Valinho Gomes:

A fé do povo bíblico é inaugurada e amadurecida pela escuta que se faz profissão de fé: “Escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único!”. O imperativo da escuta é o apelo incessante da fé. Ser ouvinte da revelação é o *modus credendi* que alimenta um *modus vivendi*. Esse é o pressuposto humilde do crente bíblico, o de se saber ouvinte de uma palavra anterior e inauguradora ao ato ousado de nomear Deus. Se algo é evidente na poética da revelação é que ela aponta para a prioridade da escuta do Deus-que-fala. Mas logo o embaraço se torna inevitável. Que palavra é essa que se oferece à escuta do crente senão uma palavra de silêncio, o respiro que permite a linguagem e a significação, mas que é palavra em constante tradução e interpretação? Que palavra é essa – de um Deus que “jamais alguém viu” (Jo 1,18) e que, ainda assim, é o “Verbo da vida” que vimos e ouvimos (1 Jo 1,1) – senão a presença de uma ausência, fogo de uma sarça que, como a do Horeb, arde sem ser devorada (Ex 3,2)?<sup>30</sup> (GOMES, 2018, p. 152, grifo original).

<sup>30</sup> GOMES, P. V. (2018). A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. *Theologica*, 53 (1-2), 151-161. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.29>. Acesso em: 21 nov. 2021.

É da sarça ardente, do meio de suas chamas, do farfalhar de seus gravetos, que ecoa, paradoxalmente, o silêncio da humanidade, para que ressoe a palavra do Deus-que-fala. A proximidade da sarça incomoda e atrai os pés descalços, gera temor e tremor, tipifica o embaraço do testemunho. Justamente diante da atração e inquietude, da sedução e perplexidade, acontece a escuta da revelação, que, conforme Gomes,

atrai, mas que nos retém à distância, de pés nus, porque o húmus da revelação que pisamos, a palavra que se nos oferece em epifania é “terra santa” (Ex 3,5), que mete em guarda ao mesmo tempo que compromete a vida. Chamado a testemunhar a esperança da libertação, Moisés questiona-se pelo nome impronunciável de Deus<sup>31</sup> (GOMES, 2018, p. 152).

A resposta recebida por Moisés é tão inquietante quanto toda a narrativa já descrita: “Eu sou aquele que é. [...] EU SOU” (Êxodo 3,14).

Disse Deus a Moisés: “Eu sou aquele que é.” Disse mais: “Assim dirás aos israelitas: ‘Eu sou’ enviou-me a vós!” Disse mais: “Assim dirás aos israelitas: ‘EU SOU me enviou até vós.’” Disse Deus ainda a Moisés: “Assim dirás aos israelitas: ‘Iahweh, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacob, me enviou até vós. É o meu nome para sempre, e é assim que me invocarão de geração em geração” (Êxodo 3,14-15).

Da sarça que não se deixa consumir pelo fogo, a Palavra-resposta assume a promessa de libertação por ter escutado o clamor do Seu povo escravizado nas terras do Egito de onde o próprio Moisés fugira para não ser morto. Mais que isso. A comprovação da fidelidade de Deus ao seu povo. Na voz que emana da sarça ardente, na perspectiva de Gomes, encontramos

uma resposta que recorda uma história de aliança comprovada – “Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob” –, transformada em memorial, isto é, promessa de presença comprometida na história: esse Deus da fidelidade à aliança com os vossos pais é o mesmo que, no aqui e no agora, me enviou a vós para ser presença no acontecer da vida. Enquanto definição em aberto, que nomeia sem nomear, que não aprisiona nas fronteiras de um conceito, o Nome-promessa fala do Deus que se faz revelação na medida em que se faz relação vital, compromisso de uma presença imponderável na história palpável do seu povo. A dinâmica do verbo que diz a relação guarda o silêncio da inefabilidade de Deus, ao mesmo tempo que afirma a aliança do afeto de Deus e da libertação que nele se oferta. O Deus do silêncio inefável e o Verbo da presença que

---

<sup>31</sup> GOMES, P. V. (2018). A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. *Theologica*, 53 (1-2), 151-161. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.29>. Acesso em: 21 nov. 2021.

transforma a vida são as duas faces inseparáveis que se espelham no Nome-promessa desvelado no fogo da sarça<sup>32</sup> (GOMES, 2018, p. 153).

O Nome-promessa com o qual Deus se revela a Moisés no Horeb, exterioriza a narrativa do Antigo Testamento e se sintetiza na encarnação do Verbo, do Deus-homem que se auto define “Eu sou” (João 4,25; 8,23), robustecendo a contradição: “sendo o caminho, é mais do que o caminho; sendo a verdade, é mais do que a verdade; sendo a vida, é vida que se faz excesso a transbordar em dom”<sup>33</sup> (GOMES, 2018, p. 154).

A imagem da sarça ardente toca o crente de pés descalços, ou seja, aquele que se desnuda e reconhece sua pequenez diante da terra santa, diante do Deus que fala, do Deus da Promessa, do Deus da libertação. Portanto, é uma outra ótica para compreender a relação com o seu Criador: o Tudo de quem tudo provém e o nada – aquele insignificante boneco de barro que recebera o sopro de vida. Diante disso, Moisés, mesmo inicialmente cobrindo o rosto, mesmo assumindo sua hesitação, mesmo reconhecendo sua fragilidade frente aos desafios que lhe são propostos, não se furta ao diálogo: “Perdão, meu Senhor, eu não sou um homem de falar [...]; tenho a boca pesada, e pesada a língua” (Êxodo 4,10). Intimamente, Moisés não se sentia capaz de voltar ao Egito e enfrentar o faraó, não tinha provas concretas daquilo que estava ouvindo, não falava bem, e, sobretudo, não queria ir.

Moisés sabia que precisaria estabelecer uma aliança com seu irmão, com o qual jamais havia se relacionado. “Não existe Aarão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele fala bem [...]. Tu, pois, falarás e lhe porás as palavras na boca. Eu estarei na tua boca e na dele [...]. Ele falará por ti ao povo, ele será a tua boca” (Êxodo 4,14-16). Estaria face a face com o seu povo de origem com o qual nunca havia mantido estreito laço de convivência familiar e/ou comunitário. Estaria, diante do faraó como testemunho do (in)dizível, de quem se vê sem ser visto, daquilo que se escuta sem se ouvir. Deverá falar, pela fé de seu povo originário, do insondável, a quem o faraó não credita nenhuma relação com o sagrado, não apenas por estar circundado de deuses,

<sup>32</sup> GOMES, P. V. (2018). A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. *Theologica*, 53 (1-2), 151-161. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.29>. Acesso em: 21 nov. 2021.

<sup>33</sup> GOMES, P. V. (2018). A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. *Theologica*, 53 (1-2), 151-161. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.29>. Acesso em: 21 nov. 2021.

mas por ser ele mesmo o *Hórus vivo na Terra*<sup>34</sup>. Mais que isso. Anunciará a liberdade de um povo cativo, cuja força de trabalho, sob a batuta da exploração e tortura, soerguera a civilização egípcia, com suas riquezas, inclusive arquitetônicas. Moisés sabia de perto a índole perversa do faraó. Para enfrentar tudo isso, somente duas armas: a palavra e a mísera vara de pastor de ovelhas.

As palavras serão sempre interpretação da revelação. E o risco – sério, incontornável – é o de ser infiel ao Deus-que-fala precisamente no ato de falar de Deus. É a própria Escritura que nos coloca de sobreaviso para os falsos profetas, cujo discurso se distancia da epifania do Nome-promessa com que Deus se compromete na história e cuja vida não dá corpo ao texto da revelação (Mt 7, 15). Mas talvez nada reste ao crente, na medida em que aceite o desafio do testemunho de uma palavra (in)dizível, senão assumir o risco e oferecer-se como intérprete daquilo que simultaneamente não pode interpretar e não pode deixar de interpretar. Daquilo para o qual não tem verdadeiramente ferramentas de tradução, mas que lhe traz o apelo irremediável da interpretação, como fogo que arde sem consumir. Surgem assim os balbuciosos do testemunho [...]. Ganham a forma do hino e da súplica, da prece e do louvor<sup>35</sup> (GOMES, 2018, p. 155).

Moisés, assim, torna-se a grande e única testemunha da voz que emerge da sarça ardente que não se consume, em cujo monte repousará à espera do povo eleito para riscar nas tábuas de pedra as normas que deverão nortear a vida. Ao se deixar mergulhar no mistério da sarça ardente, ao deixar-se impregnar pelos sentidos, o pastor de ovelhas escuta a Revelação e a Promessa libertária do Deus-que-fala, a ponto de deixar que seja sua própria voz o testemunho da Revelação e da Promessa, que seu corpo refaça o caminho da liberdade e seja, ele mesmo, como escreveu Gomes (2018, p. 155), a sarça ardente e, portanto, veículo da revelação para todos.

O mistério da sarça que não se consome abriu o caminho para a ação de Moisés, que guiou o povo de Deus pelo deserto por quarenta anos rumo à Terra Prometida a Abraão, ainda no livro do Gênesis 12,3; o mistério da sarça que não se consome instigou o enfrentamento do medo, do limite; o mistério da sarça que não se consome revelou “Aquele que é”, o princípio e o fim, o alfa e o ômega; o mistério da sarça que não se consome colocou à prova – e prova de fogo – a fé do povo que escolhera “EU SOU” como único Deus.

<sup>34</sup> Na mitologia egípcia, Hórus é o filho de Osíris e Isis, deus solar, deus dos céus, símbolo de luz. Assim, atribuir ao faraó o título de *Hórus vivo na Terra* significava reconhecer, no próprio faraó, a essência divina.

<sup>35</sup> GOMES, P. V. (2018). A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. *Theologica*, 53 (1-2), 151-161. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/theologica.2018.29>. Acesso em: 21 nov. 2021

E o mistério que envolve a história do Criador e da criação vai experimentando um processo de maturação e de crescente profundidade.

#### 4.5 PROFETAS E PROFETISAS: VOZES DO (IN)DIZÍVEL

Partamos da compreensão de profecia. De acordo com Borriello, esse termo “refere-se, fundamentalmente, à expressão humana feita por meio de palavras, sinais ou modos de viver, que têm sua raiz numa fonte transcendente ou divina” (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 892). Considerando tal enunciado, podemos concluir que a profecia não é exclusiva das religiões de matrizes judaico-cristã, mas, mediante a fé, encontra-se em todas as expressões religiosas, embora sejam utilizados outros termos, de acordo com as singulares tradições e linguagens. Ao mesmo tempo, a compreensão do *profetismo* remonta à tradição javista, que o concebe como “um fenômeno extraordinário e fascinante” (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 892).

Diante de tal fenômeno, não é difícil compreender que o profeta é uma pessoa apaixonada por seu objeto de devoção e adoração, de louvor e honra, de súplica e gratidão, ou seja, dentro do contexto bíblico, pelo Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó que se revelou por meio de Moisés. Assim, de acordo com Mauro Negro, o profeta “é um paradigma de ação, de adesão, de arrebatamento pela Palavra do Senhor, que o toma de modo quase absoluto”<sup>36</sup> (NEGRO, 2009, p. 154). Por isso vai aonde o Senhor determina, expõe-se literalmente e anuncia aquilo que acredita ser a Palavra do seu Deus, aquela que necessita ser transmitida, na esperança do acolhimento por parte de seus ouvintes.

Podemos, então, compreender o/a profeta/profetisa como uma pessoa cujo espaço de atuação é o campo, no sentido que o seu brado deve ser pronunciado onde o povo se encontra. Teria sido essa a inspiração dos versos de Milton Nascimento e Fernando Brant, na música “*Nos bailes da vida*” – “todo o artista tem que ir aonde o povo está”? Sim, não existiria o profeta senão no contexto de seu espaço cultural, entre sua gente, mesmo sabendo que tantas vezes (ou na maioria das vezes) não seria ouvido, não seria bem quisto, não seria respeitado em sua terra, como disse o

---

<sup>36</sup> NEGRO, Mauro. Profetas e profetismo: identidade e missão. **Revista de Cultura Teológica** – v. 17 - n. 67 – Abr/Jun 2009 – p. 153-177. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15459/11558>. Acesso em: 21 nov. 2021.

próprio Jesus: “Em verdade vos digo que nenhum profeta é bem recebido em sua pátria” (Lucas 4,24).

Embora não nominados místicos, os profetas e profetisas do Antigo Testamento foram pessoas que desvendaram, explicaram e/ou revelaram os mistérios que Deus queria, em épocas específicas, clarificar para seu povo. Esses desvendamentos vieram dos mais variados matizes: poderiam ser interpretações de sonhos, poderiam ser denúncias, visões do que estaria por vir, admoestações, sempre na perspectiva de intermediação entre Deus e o seu povo, sempre com o objetivo de conduzir o povo de Deus pela estrada da salvação.

Sobre a relação de Deus com os profetas, encontramos em Borriello:

Moisés, Elias e os grandes profetas gozaram de certa intimidade pessoal com Iahweh; Abraão falou e esteve com ele (cf. Gn 12,1-7; 13, 14; 18,1). Moisés conversa “face a face” com Iahweh (cf. Ex 33,11); Elias esteve na presença do Deus vivo e esperou sua passagem (cf. 1Rs 17,1; 19,9-14). Essas experiências indicam que entre Deus e o homem pode haver relações típicas de amor, as quais têm seu complemento na Encarnação do Filho de Deus, o Cristo (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 707).

Dessa forma, escolhidos diretamente pelo Senhor em meio a uma multidão, os autênticos profetas trazem como traço primordial o fato de serem pessoas comuns, conhecedores da vida do povo e, portanto, sabedoras do contexto cultural, histórico, político e econômico em que atuam. Conscientes da origem divina de suas mensagens, falam tendo como alicerce a realidade em que vivem e, a partir desta, propõem as mudanças necessárias para promover a justiça e, como consequência, a superação da miséria do povo. Assim, a mensagem profética, o desvendar mistérios, é dirigida aos seus contemporâneos.

A voz do profeta, já a partir de Moisés, é o eco da Palavra do próprio Deus e, como a sarça ardente, é fogo que queima e não se consome. A palavra que sai da boca do profeta é aquela inspirada pelo próprio Deus. Nessa direção, Borriello *et al* (2003, p. 893) nos lembra de que as fórmulas introdutórias frequentemente usadas pelos profetas afirmam: “Diz o Senhor (Deus de Israel)”, ou “a palavra do Senhor foi dirigida a...” ou “oráculo do Senhor”.

Nos textos bíblicos, essas pessoas escolhidas podem, inclusive, estar inseridas em reinos e instituições – no entanto, ali permanecem a serviço do Deus de Israel, a exemplo dos profetas Jeremias, Ezequiel e Daniel, que desempenharam papéis preponderantes na construção da Babilônia durante o reinado de Nabucodonosor,

que, no entanto, não hesitou em jogar na fornalha três jovens hebreus (Sadraque, Mesaque e Abede-Nego), por terem recusado adorar a estátua construída pelo próprio rei (Daniel 3).

Outro exemplo é José do Egito, cuja história é narrada no livro do Gênesis, a partir do capítulo 37. O que nos interessa nessa história? A narrativa bíblica de um hebreu que, inspirado por Deus, conseguiu desvendar o mistério que permeava o sonho do então faraó do Egito e, por conseguinte, salvar o povo daquele reino e dos reinos circunvizinhos, de um longo período de estiagem e fome. Em seguida a esse feito, tornou-se administrador e a segunda pessoa do faraó (Gênesis 41,37-44) sem perder a ligação com seu sagrado, isto é, com o Deus de sua crença.

Seguindo essa linha de interpretação, a dimensão profética assume naturalmente duas apaixonantes dimensões: aquela traduzida pela paixão por Deus que os consagra, envia e do qual são porta-vozes; e aquela traduzida pela paixão em relação ao povo ao qual se dirigem, especialmente o povo pobre e explorado, com o qual se identificam e ao qual amam profundamente. Os profetas/profetisas tornam-se, então, mediadores entre o mistério de Deus e aqueles que buscam saciar a sede de infinito.

Aqui está o cerne de nossas proposições: o ser porta-voz de Deus, em última análise, significa a capacidade de desvendar os mistérios deste mesmo Deus em relação a seu povo e sempre de acordo com sua vontade.

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que os profetas foram os místicos que estiveram sempre presentes na caminhada da história do povo de Deus, uma história germinada no mistério da criação, que passa pela escravização no Egito, alicerça-se na promessa de uma terra que jorra leite e mel, enfrenta 40 anos de caminhada pelo deserto em direção a essa terra e nessa caminhada acontecem milagres diários, desde o maná do deserto até a aliança estabelecida aos pés do monte Sinai. Voltemos, pois, à figura de Moisés:

Então Moisés subiu a Deus. E da montanha lahweh o chamou, e lhe disse: “Assim dirás à casa de Jacó e declararás aos israelitas: Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvires a minha voz e guardares a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda a terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa (Êxodo, 19,3-6).

Começava, assim, a preparação para que Deus riscasse sobre as tábuas o seu decálogo, os seus dez mandamentos. Retorna o mistério da sarça ardente, aquela

que queima sem se consumir? O fato narrado é que Deus, dessa vez, habitou uma nuvem escura e falou entre trovões, relâmpagos, som da trombeta e montanha fumegante. Novamente, do mistério da Palavra de Deus, compreendida e traduzida por Moisés, determinou, a partir de então, o código de conduta para o povo de Israel. Esse código está dividido em duas partes: os quatro primeiros mandamentos estão diretamente relacionados com a expressão vertical da fé, ou seja, com o compromisso assumido por quem acredita em seu Deus; os demais estão relacionados à expressão horizontal da fé, ou seja, às relações humanas e sociais. Para Borriello, “a subida de Moisés ao monte Sinai se tornou o paradigma da união mística” (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 708).

Aqui, ressaltamos que, como afirmamos anteriormente, não nos diz respeito nem o estilo literário nem se foi uma “artimanha” encontrada pelos sacerdotes para promulgar as leis por eles mesmos criadas e que necessitavam de um avalista sagrado. O que nos interessa é sempre a Palavra de Deus, que ecoa aos homens e às mulheres por meio da palavra de um escolhido. É essa figura que permeia toda a história do povo de Deus. Como já mencionamos, Moisés começa sua saga no Monte Horeb e, nesse mesmo monte, também denominado Sinai, Deus novamente se utiliza do escolhido para determinar a vida de seu povo.

Perpassando o Antigo Testamento, vimos que a mística é essencialmente dialogal. Ela acontece a partir do EU, com todo o seu mistério, e o TU que busca, essencialmente, desvendar o mistério que envolve o EU. Vimos que, nessa relação, homem/mulher, criados à imagem e semelhança do próprio Criador, tornaram-se o seu tu.

Efetivamente, profetas/profetisas são as vozes do (in)dizível. Sem estas, como o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó poderia se desnudar e anunciar seus mistérios ao seu próprio povo?

Depois de evidenciarmos alguns aspectos do Antigo Testamento, sempre referenciando a mística, queremos, a seguir, inquirir a mística cristã a partir do Novo Testamento.

#### 4.6 A MÍSTICA CRISTÃ

A mística cristã, tanto quanto aquela que permeia todo o Antigo Testamento, sobre a qual discorreremos sucintamente, nasce daquele que diz “EU SOU”. Em Borriello, encontramos:

Jesus, em resposta à pergunta dos fariseus "Quem você pensa que é?" disse: "'Abraão, pai de vocês, regozijou-se porque veria o meu dia; ele o viu e alegrou-se'. Os judeus perguntaram: 'Você ainda não tem cinquenta anos, e viu Abraão?' Jesus respondeu: 'Eu lhes afirmo que antes de Abraão nascer, Eu Sou!'" A reação violenta dos judeus à afirmação "EU SOU" de Jesus indica que compreenderam claramente o que Jesus estava declarando – Ele estava igualando-se a Deus ao usar o mesmo título “EU SOU” que Deus dera a Si mesmo em Êxodo 3:14 (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 709).

Nela, Jesus se apresenta como, de fato, o Verbo de Deus que se fez carne, a Palavra de Deus que, finalmente, habita entre homens e mulheres, em uma demarcada região do planeta, em uma determinada época. É o próprio Deus que vem. Inaugura-se, então, um novo tempo, uma nova era do Reino de Deus alicerçada na crença da manifestação do poder divino de Cristo ressuscitado e elevado aos céus. Reino que se estenderia à humanidade inteira mediante sua segunda vinda.

No íterim entre um evento e outro, entre a primeira e a segunda vinda de Jesus, McGinn afirma que “seria apenas na e através da crença em Jesus, que tinha se tornado o Cristo, ou seja, o “Ungido”, ou Messias, que o contato com Deus seria possível” (MACGINN, 2012, p. 107). Também nesse íterim nascem os cristãos, “aqueles que afirmavam que o Deus invisível adorado pelos judeus tinha se tornado presente de modo definitivo e incomparável em Jesus de Nazaré” (MCGINN, 2012, p. 107).

Assim, no cristianismo, como nos apresenta Giovanni Moiola (1989), o místico é um crente que tem consciência da sua temporalidade e expressa sua fé em comunhão com as orientações da sua Igreja; reconhecendo-se pecador, sente-se agraciado pela misericórdia divina e nutre sentimento de gratidão, de disponibilidade, de dependência, e carência de perdão; finalmente, mais que a experiência mística, busca a caridade nos moldes apresentados por Jesus, o Cristo.

João Luiz Correia Júnior e Sebastião Soares (2016) apresentam um aspecto que nos interessa particularmente: a *espiritualidade de intimidade com Deus*. A esse respeito, escreveram:

Jesus fez a experiência de viver em constante e profunda intimidade com Deus. [...]. Certamente, por causa deste alto grau de intimidade com Deus, encontramos Jesus nos evangelhos em constante oração. [...]. A oração de Jesus tem suas raízes na piedade do povo de Israel. Orar, segundo o Antigo Testamento, consiste em atitude profunda de diálogo com Deus (ouvir o que Deus diz e falar com ele). Sem dúvida a piedade de Jesus era formada pelos salmos, a oração do povo, e pelos profetas (CORREIA JÚNIOR; SOARES, 2016, p. 45).

É essa intimidade com Deus em Jesus Cristo que buscaremos. Assim, perpassaremos os Evangelhos sinóticos, os escritos do apóstolo Paulo e os textos joaninos.

Em ato contínuo, adentraremos o cristianismo primitivo, que encontrou no deserto não só um espaço geográfico, mas um estado de espírito favorável à interiorização com eficaz ascese penitencial, contemplativa e escatológica. Assim como, para o povo eleito, o deserto significou “um tempo intermediário” entre a escravidão e a terra prometida, para o místico, momentos de deserto foram momentos destinados a renovar e orientar a prática pastoral e social, segundo o plano de Deus em vista de uma ação voltada em favor do bem dirigido aos irmãos.

Por estarmos debruçadas sobre a mística de Chiara, apresentaremos também a mística das quatro mulheres, reconhecidas doutoras da Igreja em um universo predominantemente masculino (32 homens). Essas mulheres tornaram-se modelos para os nossos dias, fazendo-nos entender os múltiplos itinerários de comunhão de homens e mulheres com Deus, as diversas formas de responder amorosamente ao amor de Deus, as inúmeras possibilidades de o “Tu criado” estar com o seu Criador.

#### 4.6.1 A mística nos Evangelhos Sinóticos

Como sabemos, os Evangelhos Sinóticos são aqueles de Marcos, Mateus e Lucas, e são assim denominados por apresentarem histórias em comum, por possuírem uma semelhança estrutural. Nestes, os evangelistas utilizaram-se de conceitos e temas que, no percurso da construção da mística cristã, formaram o esteio “para descrever a meta da senda mística. Os mais notáveis entre esses são as noções de perfeição e da visão de Deus” (MCGINN, 2012, p. 114).

Começamos a visualizar esse esteio a partir do famoso Sermão da Montanha (Mateus 5,1-7; 29), cujo correspondente está no Sermão da Planície, no Evangelho de Lucas (6,17-49). É a inauguração do magistério público do Nazareno com suas

ligações veterotestamentárias conforme explicitou Isaías Hipólito, ao analisar o texto das bem-aventuranças no Evangelho de Mateus:

O quadro intertextual das bem-aventuranças mateanas e, programaticamente, de todo o magistério de Jesus, apresenta-se, portanto, inteiramente biblicocêntrico: – no princípio (Mt 5,3-9) e no fim (5,13-16) a Lei e os Salmos; – no centro (5,10-12) os Profetas; no fundo e no horizonte, a boa-nova (Evangelho) da bem-aventurança dos que hão de ser chamados “filhos de Deus” por lhes pertencer em herança o “Reino de Deus”<sup>37</sup>.

Chama-nos a atenção a forma como Jesus inicia sua vida pública. Parece-nos que, diante de uma multidão empobrecida e espoliada, a primeira atitude, diríamos hoje, é elevar a autoestima daquele povo. Ergue-os à condição de bem-aventurados, de felizes, mesmo dentro de sua extrema pobreza e miserabilidade. Redimensiona valores e alarga olhares. Em sua centralidade na vontade divina revelada, aponta para a redenção, que chegará com a instauração de um novo reino. Inaugura a visão escatológica, oferecendo uma inversão das normais expectativas humanas.

Assim, quando Jesus declara “felizes” tanto os pobres de espírito (Mateus 5,3) quanto os perseguidos por causa da justiça (Mateus 5,11), um tema se repete: a efetiva posse do Reino de Deus. De acordo com Hipólito, “Deus surge reiteradamente associado a um espaço e a um conceito, que evocam ao leitor a esfera política e judicial. Ou seja: Deus é Rei, e reina!”<sup>38</sup>

Retomando as indicações colocadas por McGinn, quais as noções de perfeição e da visão de Deus que encontramos no Sermão da Montanha? Para esse autor, Jesus resume seu ensinamento moral quando anuncia: “Portanto, deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (Mateus 5, 48). A busca por tal perfeição rendeu, e rende até os dias atuais, as mais variadas compreensões a respeito da perfeição. Nestas, não faltaram elementos místicos na busca pelo desvendamento do mistério que o tema envolve.

No que se refere à visão de Deus, na sexta bem-aventurança, elencada no Sermão da Montanha, está a condição (talvez a mais controversa) para que o ser criado

<sup>37</sup> HIPÓLITO, Isaías – Para uma interpretação da ‘Sequência’ das Bem-Aventuranças (Mt 5,3-16): o Intertexto Bíblico (II). **Theologica**. Braga. ISSN 0872-234-X. N.º 42. 2.ª série – Fasc. 2 (2008) P. 393-410. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13172/1/hip%c3%b3lito.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021.

<sup>38</sup> HIPÓLITO, Isaías – Para uma interpretação da ‘Sequência’ das Bem-Aventuranças (Mt 5,3-16): o Intertexto Bíblico (II). **Theologica**. Braga. ISSN 0872-234-X. N.º 42. 2.ª série – Fasc. 2 (2008) P. 393-410. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13172/1/hip%c3%b3lito.pdf>. Acesso em: 11 dez. 2021.

veja o seu Criador face a face: “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mateus 5, 8). Segundo McGinn (2012, p. 114), este tornou-se um dos textos-chave na história da mística cristã. Duas questões são motivo de grandes tratados dessa mística. A primeira: em que consiste efetivamente a pureza? A Igreja, de acordo com Johann Baptist Metz (2013, p. 18-20), deu ênfase à culpa e ao pecado. Nessa direção, a questão da pureza quase se restringiu à dimensão corpórea, com recorte na sexualidade, o que provocou um distanciamento para com outras questões, o que inclui a vivência da ética em todas as suas dimensões. A pureza de coração, em Jesus, assume uma dimensão messiânica. Assim, o significado do “a Deus”, ainda de acordo com Metz, recai sobre a capacidade de encontrar a face do próprio Jesus naqueles mais necessitados.

Ainda de acordo com McGinn (2012), é a partir do estudo dos Evangelhos Sinóticos que tem início a prática da interpretação espiritual, o que conferiu vitalidade ao desenvolvimento da mística cristã. Nesse sentido, o autor cita dois episódios: a Parábola do Semeador, na qual os exegetas “viram os diferentes níveis de crescimento da semente evangélica como indicando os estágios de perfeição na vida cristã” (MCGINN, 2012, p. 115), e a visita de Jesus às irmãs de Lázaro – Marta e Maria –, quando Jesus elogia Maria por ter escolhido a melhor parte (Lucas 10, 38-42), isto é, a contemplação.

Na construção dos paradigmas místicos a partir dos Evangelhos Sinóticos, Bernard McGinn não se furta em evidenciar Maria Madalena. Assim, pondera:

Ao identificar Maria Madalena com a prostituta penitente em Lucas, intérpretes espirituais criaram uma das “biografias” místicas básicas que ajudaram a formar a espiritualidade cristã posterior. [...], a história de Maria Madalena, a pecadora que, através de seu amor e arrependimento profundo, [...], foi de grande importância na mística posterior (MCGINN, 2012, p. 115).

De fato, nos Evangelhos Sinóticos, Maria Madalena foi apresentada como aquela da qual Jesus expulsou demônios (Lucas 8,2), que testemunhou a crucificação (Marcos 15,40) e ressurreição de Jesus, isto é, o mistério pascal do Cristo.

#### 4.6.2 A mística nos escritos paulinos e joaninos

Os textos dos Evangelhos Sinóticos são amplamente utilizados nos estudos e sistematizações da mística cristã desde sempre. Todavia, não ficam de fora os textos

que encontramos nas cartas do Apóstolo Paulo, tampouco aqueles joaninos, contidos tanto no Evangelho, quanto nas suas encíclicas.

Nos escritos de Paulo, encontramos o famoso Hino ao Amor ou Hino à Caridade (1 Coríntios 13). O apóstolo coloca o amor (a caridade) acima de tudo. Não só. O amor como o único eterno – o que nos remete à afirmação de João: “Deus é amor” (1 João 4,8). A esse anúncio de eternidade, a finitude de todas as coisas: das profecias, das línguas, da ciência. Paralelamente, a limitação do conhecimento humano que espera aquele pleno: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido” (1 Coríntios 13,12). Para Bernard McGinn:

Embora Paulo fale mais frequentemente de fé (*pistis*), o fundamento necessário da relação do crente com o Senhor ressurrecto, tanto o conhecimento (*gnōsis*) quanto o amor (*agapē*) têm papéis cruciais em seu pensamento. A conexão perfeita da *agapē* com a visão face a face e uma *gnōsis* mais elevada aqui em Coríntios 13, embora Paulo esteja falando sobre um estado celestial futuro, foi subsequentemente interpretada como se aplicando, pelo menos em alguma medida, a esta vida, possivelmente porque outro texto famoso, 2 Coríntios 3,12-18, apresenta o contraste entre a visão nublada e plena em termos de entendimento velado da era do Antigo Testamento [...] e da remoção do véu por Cristo na época do Novo Testamento (MCGINN, 2012, p. 118).

Nesse quadro, *agapē* e *gnōsis*, somadas à visão e à contemplação, formam o conjunto de termos mais importantes da mística cristã. *Agapē* – o amor que Deus nos dirige e aquele que, por meio da graça, dirigimos a Deus –, está expresso em Paulo nas famosas fórmulas por ele utilizadas constantemente: “em Cristo”, referindo-se à vida terrena; e aquela “com Cristo”, que nos remete ao futuro, à escatologia. Essa formação “em Cristo” tem seu início na pregação, no anúncio da Palavra, perpassa a conversão e chega ao batismo, o qual incorpora em Cristo Jesus todos os crentes vivos e mortos. É de tal forma unitiva, que o apóstolo tanto fala do viver em Cristo quanto do Cristo que vive no crente.

Quanto à *gnōsis* paulina, McGinn (2012) questiona se é um conhecimento místico. E afirma que, se considerado como o conhecimento oculto das realidades divinas relacionadas com Jesus Cristo, pode, sim, ser vista como tal.

Em busca de compreender a doutrina paulina e sua interface com a mística, McGinn percorre várias passagens descritas nas epístolas de Paulo, entre as quais aquelas que evidenciam a relação entre o Cristo e o Espírito Santo. Aqui citaremos

apenas duas: “A Lei do Espírito da vida em Cristo Jesus te libertou da lei do pecado e da morte” (Romanos 8,2); ou, ainda, na mesma epístola ao Romanos, “aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em vós” (Romanos 8,11). Assim, para Bernard McGinn,

essa fórmula de se tornar um só espírito com o Senhor, enquanto Paulo não parece ter a intenção de dar a isso qualquer sentido místico, foi talvez a mais citada garantia escritural para um entendimento da união mística que enfatiza a comunicação de intercomunhão e evita qualquer forma de identidade ou união indistinta (MCGINN, 2012, p. 122).

Embora tenha sido escrito *a posteriori* aos escritos paulinos, aqueles joaninos. entre os quais o Evangelho considerado o “Evangelho espiritual”, tornaram-se fundamentais para as apropriações da mística cristã. Nesta direção, McGinn (2012) afirma que a intencionalidade desses textos vai além de um convite à compreensão e participação do novo movimento – ou novas comunidades – no auge de seu florescimento. Para o autor, tais textos convidam o crente a uma compreensão sempre mais profunda do sentido da vida, ou melhor, da nova vida que se inicia aqui, na terra, em direção à meta, à experiência de união com Deus por meio de Cristo, conclusa apenas na eternidade. Sobre os escritos joaninos, McGinn afirma:

Mais ainda do que Paulo, uma leitura do Evangelho de João e das cartas joaninas, especialmente 1 João, revela imediatamente temas capazes de uma interpretação mística. A visão de Deus, evidente em algumas passagens paulinas [...], é central para a apresentação que João faz do papel de Jesus como Salvador (MCGINN, 2012, p. 124).

Para além da concepção posta por Paulo da vida “em Cristo”, João abertamente coloca em pauta a unidade com Cristo e com Deus. Define Deus como “ágape” – “Deus é amor” (1 João 4,8) –, o que nenhum outro autor precedente colocara de forma tão explícita. Nos escritos joaninos, o conteúdo dialético de aparentes incompatibilidades se equaciona e se alicerça tentativas místicas de vivenciar a presença divina: invisibilidade e visibilidade, presença oculta e mistério manifesto. Senão, vejamos o que coloca Bernard McGinn:

O Prólogo do Evangelho de João, o texto que provavelmente já atraiu mais comentários do que qualquer outro no Novo Testamento, dá ênfase especial a esse tema. Ao resumir essa profunda meditação sobre o papel do *logos* nessa relação com Deus (João 1,1), na criação (1,2-5) e na redenção (1,9-14), João apela para a linguagem da visão: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho unigênito que está no seio do Pai,

este o deus a conhecer” (1,18). A invisibilidade de Deus é um tema comum nos primeiros escritos cristãos, [...], mas João insiste que, através do Verbo feito carne (1,12), nós ganhamos a habilidade de ver de fato a glória de Deus (1,14). Aquele que vê Cristo vê ou conhece o Pai (8,19; 12,45; 14,9). Esse tema de ver Deus, que é um modo especial de conhecê-lo, é parte essencial da mensagem de João (MCGINN, 2012, p. 125).

Os textos joaninos são essencialmente cristocêntricos e, por conseguinte, Jesus é apresentado como aquele único que detém o conhecimento de Deus. Aquele único a quem a humanidade deve recorrer se quiser conhecer a Deus. Nessa direção, McGinn aponta o quanto João utiliza-se da afirmação “*eu sou*” que permeia todos os textos como síntese de seu ensinamento: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. Ninguém vem ao Pai a não ser por mim. Se me conheceis, também conhecereis meu Pai. Desde agora o conheceis e o vistes” (João 14,6-7). Para o evangelista, não basta saber que Deus nos ama, mas anuncia que Ele é amor. “Deus é amor” (1 João 4,8). E explica até que ponto chega esse amor: “Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3,16).

É esse amor que João explicita de forma extraordinariamente densa nos discursos de Jesus durante o episódio da Última Ceia (13,31; 14-31; 15-1; 17-26), cujo ponto culminante está centrado no amor mútuo, base indelével da vida cristã, de acordo com esse evangelista. E a equação se faz presente: o amor de Deus Pai, que, por meio de seu Filho Amado, chega à comunidade daqueles que creem e que são convidados a demonstrarem fidelidade e correspondência por meio do amor mútuo traduzido em comunhão, partilha, solidariedade.

Ainda três observações a respeito da obra de João sob a ótica da mística, as quais encontramos em Bernard McGinn. A primeira é a abertura que João dá a uma mística especificamente trinitária. A esse respeito, explica o autor:

João não possui nada como a teologia trinitária desenvolvida no cristianismo tardio, mas seu uso do “habitar em” em relação ao Pai, à Palavra e (mais ambigualmente) ao Espírito forneceu o fundamento bíblico mais claro para tentativas de compreender como Deus se faz presente ao fiel de modo interpessoal, no qual nós nos tornamos coparticipantes da vida interior das três pessoas divinas (MCGINN, 2012, p. 127).

A segunda observação está centrada na divinização, embora não esteja abertamente explicitada. Porém, os textos joaninos balizam a noção de filiação “em” e “com Cristo”, encontrada na doutrina paulina e concebida como um novo nascimento

a partir do Alto. Aqui, o anúncio de que o Paráclito habitará dentro dos discípulos, o que nos remonta a Paulo que prega ser o corpo do crente o próprio templo do Espírito Santo.

No que se refere à terceira observação, McGinn afirma que:

Deveríamos notar que o Evangelho de João, mais do que qualquer outro texto do Novo Testamento, impele o leitor a realizar uma apropriação mais profunda dos rituais sacramentais cristãos, especialmente o batismo (João 3,1-5,47) e a Eucaristia (6,1-7,52). João não negou a importância dos sacramentos posteriores para se realizar uma nova vida em Cristo, mas, como seus intérpretes místicos posteriores, ele não pensou na simples participação nos ritos em si como o estágio final (MCGINN, 2012, p. 128).

Por fim, o Livro do Apocalipse, cuja escrita é atribuída a João, é o único livro bíblico escatológico por essência. Por conseguinte, fornece clara evidência e autorização para vivências extáticas visionárias. Assim sendo, permaneceu, ao longo dos séculos, como uma importante fonte da forma visionária da mística cristã.

#### 4.6.3 A mística no cristianismo primitivo

No cristianismo primitivo, no que tange a sua espiritualidade, é possível identificar duas linhas: um cristianismo ascético com base na *agapē* e, portanto, desprovida de qualquer traço egoísta, cujo ápice se deu no monaquismo dos primórdios do cristianismo; e uma outra linha, aquela da mística contemplativa, que tem início no século II d.C., alicerçada na visão de Deus como chave da felicidade pessoal. A partir daí, a compreensão da existência binária, isto é, da vida ativa e da vida contemplativa. Para McGinn,

a devoção cristã de fato passou por mudanças e desenvolvimentos cruciais na segunda metade do século II, e muitos deles tiveram a ver com a importação de importantes noções místico-religiosas do mundo em que os cristãos viviam. Mas as questões que fizeram surgir a mística cristã no sentido pleno foram mais resultado de debates internos sobre o significado da vida de Jesus, o Senhor ressurrecto, do que de importações de fora (se é que a distinção interno/externo faz qualquer sentido) (MCGINN, 2012, p. 133).

Em relação às mudanças mencionadas acima, nos primeiros três séculos da era cristã, o martírio representava o ideal de vida – primeiro, como consequência da fidelidade a Jesus Cristo; segundo, pela imitação do próprio Cristo, martirizado por amor à humanidade. O martírio dos primeiros cristãos, conforme McGinn,

“testemunhou a natureza demoníaca da sociedade pela dramática confissão de Cristo no contexto público do tribunal e da arena” (MCGINN. 2012, p. 202), ao passo que os monges, sucessores dos mártires a partir do século IV d.C., romperam com a sociedade humana em busca da perfeição autônoma.

Foi ainda no período do cristianismo primitivo que surgiram os Padres da Igreja tanto no Oriente quanto no Ocidente, considerados aqueles que firmaram, à luz das Sagradas Escrituras, os conceitos da fé, o combate às heresias surgentes nos primeiros séculos, além de serem os responsáveis por salvaguardar a Tradição. Entre esses, a Orígenes (184-254 a.C.) é creditado o fato de ter sido o primeiro a empregar “o termo ‘mística’ para referir-se à busca do homem em conhecer o mistério de Deus” (NUNES JÚNIOR, 2015, p. 55). De acordo com Bernard McGinn, foi justamente por meio da instituição do monaquismo, cujas raízes estão fincadas no cristianismo primitivo, que as teorias místicas dos primórdios atravessaram os séculos. Entre essas teorias, as de Orígenes, de Agostinho entre outros. Esse estilo de vida, esse viver em solidão, balizou a vida monástica.

Comentando os postulados de Orígenes, Nunes Júnior (2015, p. 55) explica que a contemplação do mistério divino possui uma rigorosa associação à ascese como austera prática de desenvolvimento espiritual que eleva o espírito à verdadeira contemplação e à perfeição na caridade. Para tanto, Orígenes propõe, entre outras práticas, aquela das virtudes, cujo trilho foi dado ao povo de Deus quando Ele determinou o Decálogo e o qual foi redimensionado pelo próprio Jesus; a perfeita continência, isto é, não apenas a abstenção sexual, mas também um autodomínio que implica um comportamento muito contido, moderação nos gestos, palavras e atos; momentos de meditação sobre a figura de Jesus e sua humanidade; o manter-se fiel às iluminações do Espírito Santo; a fervorosa e constante oração; e, por fim, a solidão, o que nos reporta à metáfora do deserto.

Aqui encontramos a profunda atração que o deserto exerceu desde sempre na história do povo de Deus, que, para além de ser o *locus*, o espaço, é também metáfora. Nesse sentido, se por um lado podemos visualizar como o *locus* despido de tudo, até mesmo de vida, por outro, por tradição, o deserto representa a morada dos demônios, os quais precisam ser vencidos – o da luxúria, da gula, da posse e assim por diante. Buscar o deserto é a autônoma e singular experiência de enfrentamento aos próprios demônios. Nasce, então, se podemos dizer assim, a mística desértica.

No Antigo Testamento, entre outras passagens, encontramos, no Salmo 78 (77), a intervenção de Deus no deserto em favor de seu povo mesmo diante da infidelidade e murmurações deste mesmo povo contra o seu Deus, assim como em Jeremias (2,2), quando lemos o zelo com o qual Deus guiou Israel no deserto.

No Novo Testamento, o deserto torna-se, também, o *locus* da ascese e da mística. Nele João Batista, o profeta que clama do deserto anunciado por Isaías (40,3), vê o Espírito de Deus descer sobre Jesus e o reconhece como o Cordeiro de Deus (Mateus 3,13-17). O próprio Jesus, após ser batizado por João nas águas do rio Jordão (Mateus 3,13), foi levado ao deserto por 40 dias (analogia aos 40 anos de travessia do povo de Deus) para enfrentar e vencer as tentações de fartura, de poder e glória, da deificação (Lucas 4,1-13).

Assim, o cristianismo primitivo povoou o deserto de ascetas, que, na luta por vencer os seus demônios interiores, buscavam a contemplação de Deus. Em outras palavras, a luta por destruir o “homem velho” que habita o coração do indivíduo, e fazer surgir o “homem novo” à imagem do Cristo, como exortou Paulo, em sua carta aos Efésios (4,22-24). Tanto o monaquismo ocidental, quanto o monaquismo oriental nasceram e se desenvolveram no deserto, fazendo surgir o eremitismo individual (anacoretismo) e aquele comunitário (cenobitismo). De acordo com Borriello,

os Padres avaliam a caminhada de Israel no deserto como um tipo de vida espiritual cristã, caracterizada pelo afastamento do pecado e das paixões, pela retirada do mundo e pelo crescimento através da luta contra a tentação. Durante as perseguições, a partir do ano 64 d.C. até o momento em que, em 313, Constantino proclama a completa liberdade religiosa, em geral os cristãos são obrigados a refugiarem-se em lugares afastados, distante da cidade. No séc. III, e também mais tarde, muitos cristãos abandonaram as cidades e optaram pela vida eremítica, no Egito, na Síria, na Palestina, na Arábia e na Europa. É nesse período que nasce uma florescente literatura espiritual, como, por exemplo, *A vida de Antão*, *A vida de Anastácio*, as várias coleções com os ensinamentos dos Padres, os escritos de Evágrio, as *Conferências* de Cassiano e a *Escada do Paraíso* de João Clímaco. Essa literatura influenciaria todas as principais correntes da espiritualidade cristã (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 315).

O monaquismo europeu viu florescer a vida monástica, um estilo de vida que, segundo Henri Daniel-Rops, possuía uma “forma um tanto anárquica, ao sabor das circunstâncias e das personalidades” (DANIEL-ROPS, 1991, p. 275). E continua o autor esclarecendo que os promotores do monaquismo, mesmo com o compromisso primeiro de viverem e de fazerem viver radicalmente a fé cristã, apresentavam imensas diferenças, mesmo considerando-se todos os mosteiros como “reservatórios

espirituais”, lugares de meditação e ascese. Contemporaneamente, também os mosteiros femininos constituíram-se como lugares de penitência, cuja ação era exclusivamente espiritual. Nesse contexto, era comum, à época, o livre trânsito entre os mosteiros, isto é, monges e monjas migravam de um mosteiro a outro de acordo com suas conveniências pessoais. Assim, ainda segundo Daniel-Rops,

Chegou o momento em que se fez sentir a necessidade de uma regra mais fixa e única, que, pelas suas características propriamente espirituais e ao mesmo tempo humanas, fosse adequada a todos aqueles que quisessem seguir a via do Senhor. Chegou também o momento em que se fazia gritantemente necessária uma síntese entre as diversas espécies de conventos – reservatórios espirituais, centros de oração e de ascese, viveiros de missionários e de bispos, baluartes de avanços da conquista cristã (DANIEL-ROPS, 1991, p. 276).

Entre as figuras que mais influenciaram e ofereceram um esteio em resposta a essas inquietações comuns a esse novo estilo de vida nascente na Europa, sem dúvida, está Bento de Núrsia<sup>39</sup> ou, como conhecemos em nossos dias, São Bento, fundador da ordem dos beneditinos. Qual, então, sua importância? Para responder a essa indagação, é importante que, mesmo com brevidade, apresentemos traços da vida deste italiano da região da Úmbria, no então Reino de Odoacro, cujas fontes – citadas por todos os autores – estão reduzidas à sua biografia, escrita por Gregório Magno e à Regra dos Monges, de sua própria autoria.

Nascido em uma família abastada, Bento era irmão gêmeo de Escolástica, também reconhecida santa pela Igreja Católica. Conta a história que, ainda adolescente, foi estudar em Roma e, “chocado com a imoralidade de seus companheiros, decidiu abandonar o mundo, para ‘agradar somente a Deus’, abraçando a vida monástica” (BORRIELLO *et al*, 2003, p. 165). Portanto, no silêncio da alma e do seu entorno, fez a busca pelo encontro singular com o Transcendente. Isolou-se. Primeiro, integrou uma comunidade de monges na aldeia de Affide (atual Affile na região do Lácio, província de Roma). Depois, seguiu rumo aos montes a leste de Roma e fez-se eremita em Subiaco, também no Lácio. Conforme o Papa Bento XVI<sup>40</sup>,

o período em Subiaco, marcado pela solidão com Deus, foi para Bento um tempo de maturação. Ali tinha que suportar e superar as três tentações fundamentais de cada ser humano: a tentação da autos-

<sup>39</sup> Encontramos, nos autores estudados, duas grafias: Núrsia e Núrcia. Optamos pela primeira.

<sup>40</sup> Bento XVI. *Audiência Geral*. Roma, 9 abr. 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.html). Acesso em: 15 dez. 2021.

-suficiência e do desejo de se colocar no centro, a tentação da sensualidade e, por fim, a tentação da ira e da vingança. De facto, Bento estava convencido de que, só depois de ter vencido estas tentações, ele teria podido dizer aos outros uma palavra útil para as suas situações de necessidade. E assim, tendo a alma pacificada, estava em condições de controlar plenamente as pulsões do eu, para deste modo ser um criador de paz em seu redor. Só então decidiu fundar os seus primeiros mosteiros no vale do Anio, perto de Subiaco.

Posteriormente, para proteger e preservar a gruta sagrada, conhecida como *Sacro Speco*, foi construído o primeiro Mosteiro de São Bento, cravado nas montanhas de Subiaco.

Voltemos à pergunta formulada. A importância de São Bento foi a constituição da *Regra*, que conseguiu harmonizar o ideal monástico e adaptá-lo às necessidades e aos hábitos do povo europeu. Com sua *Regra*, São Bento, para usarmos uma linguagem contemporânea, formatou a vida monástica, imprimindo-lhe tanto uma profundidade humana quanto uma ascese sem excessos nem exageros. Explicando a *Regra* beneditina, afirma Bento XVI:

A espiritualidade de Bento não era uma interioridade fora da realidade. Na agitação e na confusão do seu tempo, ele vivia sob o olhar de Deus e precisamente assim nunca perdeu de vista os deveres da vida quotidiana e o homem com as suas necessidades concretas. Ao ver Deus, compreendeu a realidade do homem e a sua missão. Na sua *Regra*, ele qualifica a vida monástica, "uma escola ao serviço do Senhor" (Prol. 45), e pede aos seus monges que "à Obra de Deus [ou seja, ao Ofício Divino ou à Liturgia das Horas] nada se anteponha" (43, 3). Mas ressalta que a oração é, em primeiro lugar, um acto de escuta (Prol. 9-11), que depois se deve traduzir em acção concreta. "O Senhor aguarda que nós respondamos todos os dias com os factos aos seus ensinamentos", afirma ele (Prol. 35). Assim a vida do monge torna-se uma simbiose fecunda entre acção e contemplação, "para que em tudo seja glorificado Deus" (57, 9). Em contraste com uma autorrealização fácil e egocêntrica, hoje com frequência exaltada, o primeiro e irrenunciável compromisso do discípulo de São Bento é a busca sincera de Deus (58, 7) sobre o caminho traçado pelo Cristo humilde e obediente (5, 13), ao amor do qual ele nada deve antepor (4, 21; 72, 11) e precisamente assim, no serviço do outro, se torna homem do serviço e da paz. Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a *Regra* dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira autorrealização como criatura à imagem e semelhança de Deus<sup>41</sup>.

---

<sup>41</sup> Bento XVI. *Audiência Geral*. Roma, 9 abr. 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.html). Acesso em: 15 dez. 2021.

Com essa estruturação da vida monástica, a mística entra nas clausuras e, na sua maioria, é de seu interior, entre quatro paredes, que jorra para a vida externa. É como se somente dali – de uma convivência/ausência, do silêncio/Palavra, da ascese/trabalho, da solidão compartilhada – pudesse jorrar o “leite e mel” da Terra Prometida, a Canaã. É como se somente para o murado mundo recôndito o Monte Tabor tivesse sido transplantado, tal qual a Casa de Nazaré, em Loreto – mencionada no capítulo anterior –, e a transfiguração novamente acontecesse para aquelas pessoas escolhidas por Deus para serem porta-vozes do indizível.

As ordens religiosas (no sentido mais amplo) são [...] aquelas formas de vida da Igreja nas quais o cristianismo tenta tornar-se “radical”, isto é, agarrar-se à sua raiz, na qual, rumo às origens, o cristão atravessa com sua existência todas as diversas interpretações e período. [...]. De forma especial, as ordens comprometeram-se com o seguimento do testemunho de Deus, vivido por Jesus. Isso também caracteriza sua singularidade e sua perseverança na vida da Igreja (METZ, 2013, p. 95).

No que se refere àquelas pessoas escolhidas, os exemplos são incontáveis. Estudando a vida dos místicos, homens e mulheres, percebemos que, em cada época, EU SOU apresenta-se a outros Moisés e novamente faz brotar a sarça ardente, anunciando o que deverá ser dito não apenas a seu povo, mas a todos os povos. São homens e mulheres escolhidos, cada qual a seu tempo, com características singulares, a anunciar aspectos da Boa-Nova, a desvendar partículas do insondável mistério do Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó revelado em Jesus Cristo.

Bingemer e Pinheiro (2016) apresentam uma compilação de histórias de homens e mulheres que, em várias épocas da história, passando pela Antiguidade até o século XX, anunciaram os mistérios que Deus queria revelar. No prefácio da obra organizada por esses dois autores, Eduardo Guerreiro Losso evidencia o panorama histórico que nos oferece “uma visão geral das etapas e transformações pelas quais a mística passou ao longo de sua história” (LOSSO. *In*: BINGEMER; PINHEIRO, 2016, p. 23).

Um registro importante diz respeito à contribuição das mulheres à mística ocidental, recorte espacial da nossa tese, mesmo se, reconhecidamente, existe pouca documentação escrita. Não obstante, McGinn reconhece a importante função que as mulheres assumiram “em termos de narrativas hagiográficas e de textos produzidos pelas próprias mulheres” (MCGINN, 2017b, p. 34). Diante de tal registro, apresentaremos, a seguir, uma síntese da vida e da mística das quatro doutoras da

Igreja: Catarina de Sena, Teresa D'Ávila, Teresa de Lisieux e Hildegard de Binger, visto estarmos tratando da mística de Chiara Lubich, uma das mulheres que, no século XX, também Deus escolheu para dizer-Se à humanidade.

#### 4.6.4 As místicas e as doutoras da Igreja

Começemos por Catarina de Sena.

É interessante o perfil dessa mulher, declarada doutora pela Igreja: uma leiga analfabeta. Aqui está o ponto crucial, que, ao mesmo tempo, encerra o fardo da inferioridade acentuada e faz resplandecer a grandiosidade de Deus. Falamos em uma inferioridade acentuada porque, ao fato de ser mulher, pode-se acrescentar seu estado laico e a ausência de instrução acadêmica comum às mulheres da época. Vale lembrar a significação do laicato na Idade Média, período histórico no qual, de acordo com Scopinho (2011), a cristandade viu nascer, aos moldes das estruturas de poder em vigência, o processo de institucionalização e conseqüente burocratização da sua estrutura eclesial, a organização da doutrina e da vida interna da Igreja, baseadas no modelo jurídico romano e no desenvolvimento do modelo de vida monástica. Nesse cenário, segundo o autor citado:

O leigo [...] se tornou uma figura sem expressividade, tanto do ponto de vista eclesial como social. Ele era visto somente como um cristão que exercia as tarefas de ordem temporal, ligadas ao trabalho *manual*, não podendo participar das atividades relacionadas ao trabalho *intelectual*. A atuação do leigo se limitava apenas ao mundo *material e carnal*, que diz respeito às realidades transitórias. Assim, a estrutura eclesiástica, de forte tendência dicotômica, se fortalecia, reconhecendo somente os direitos da autoridade hierarquicamente constituída (SCOPINHO, 2011, p. 576).

Scopinho lembra o corpo estrutural que produziu, a partir de então, a organização piramidal da Igreja: “ampla na base, onde se encontravam os homens carnis e os casados (*leigos*), e aguda em cima, onde era proposto o *árduo* caminho da vida religiosa e clerical” (SCOPINHO, 2011, p. 576). Nessa amplitude da base, estavam as mulheres e, portanto, também Catarina, nascida em 1347, na cidade de Sena, na região da Toscana, centro da Itália. Por conseguinte, queremos olhar Catarina inserida nesse contexto do universo sociopolítico e religioso europeu de seu tempo: como mulher, sem nenhum direito além daquele ao casamento como arranjo familiar; analfabeta e, portanto, fadada ao trabalho manual como única tarefa possível, o que incluía o cuidado com a prole; e, como leiga, na base piramidal da Igreja.

Dessa mulher, que viveu apenas 33 anos, queremos evidenciar apenas duas características: o dom da escrita e o papel influenciador desempenhado junto ao mais alto posto da Igreja Católica – o papado.

Como é possível falar do dom da escrita em se tratando de uma pessoa analfabeta? A esse respeito, McGinn (2017, p. 43) salienta que, “diante da crença cristã de que o Espírito Santo é a verdadeira fonte de toda verdade divina”, poderia ser a mulher o receptáculo dessa fonte?

Por volta de 1290, o mestre de Paris, Henrique de Gand, debatendo a questão “se uma mulher pode ser doutora em teologia”, distinguiu entre ensinar *ex officio* e ensinar *ex beneficio* (isto é, por dom da graça). As mulheres eram excluídas do primeiro, mas “falando sobre ensinar por favor divino e por fervor da caridade, é perfeitamente permitido a uma mulher ensinar, como qualquer outra pessoa, se ela possui *sã doutrina*”. Henrique queria limitar esse magistério ou setor privado e a outras mulheres; nem todas as mulheres haviam de aderir a essas normas, nem entre as suspeitas, como Margarida Porete, nem entre as aceitas, como Catarina de Sena (MCGINN, 2017, p. 43, grifo original).

Catarina furou essa bolha e se tornou “professora” *ex beneficio*.

Em relação às cartas, convém esclarecer que elas eram ditadas por Catarina e transcritas pelos seus discípulos e suas discípulas, que passaram para a história como a “secretaria” de Catarina. A esse respeito, encontramos, no livro *Catarina de Sena: cartas completas*, o seguinte esclarecimento:

Os secretários e as secretárias foram fiéis ao transcrever as palavras da santa, cujos originais foram grafados em língua vernácula, não em latim, como costumava ser. Por isso as cartas conservaram certa unidade de estilo – estilo, aliás, de inspiração mística, estado em que Catarina ditava suas cartas, como se diz que costumava ser –, perfeitamente harmônico com o estilo do *Diálogo* e de suas *Orações* (*In: SENA, 2016, p. 12*).

Tomou para si o hábito de visitar os pobres doentes internados no então Hospital Santa Maria della Scalla, em Siena, onde hoje funciona o Complexo Museológico Santa Maria della Scalla. Ali, naturalmente, Catarina encontrou membros da Confraria dos Discípulos da Virgem Maria, que promoviam reuniões semanais abertas ao público em geral. Tornou-se não apenas frequentadora assídua dessas reuniões, mas assumiu o papel de líder espiritual.

Alguns dos frequentadores de seus encontros, e outros que lhe vinham pedir conselhos em particular sobre os mais diversos tipos de problemas, tornam-se discípulos de Catarina, que reconhecerão nela, não obstante seus cerca de 24 anos, sua *mamma* – mãe. Esses seus

discípulos serão conhecidos como “família catariniana”. Além do dom do discernimento dos espíritos, sinais e prodígios miraculosos acompanham suas atividades (SENA, 2016, p. 6-7, grifo original).

Sempre como leiga, integrou a Ordem Terceira Dominicana. Mas o que é a Ordem Terceira de uma congregação religiosa? Na estrutura das ordens religiosas, existe a ordem primeira, na qual estão os homens consagrados; a ordem segunda, composta por mulheres consagradas, as religiosas, ou freiras, as irmãs, como popularmente são chamadas; e a ordem terceira, que agrega homens e mulheres, consagrados ou não, casados ou não. Portanto, mesmo dentro das instituições religiosas, os leigos pertenciam à base da pirâmide.

Para a Igreja, Catarina viveu profundamente o casamento místico, foi agraciada, a exemplo de São Francisco de Assis, com os estigmas de Jesus nas mãos, no peito e nos pés e experimentou o êxtase.

Proclamada pelo Papa Paulo VI como Doutora da Igreja, a religiosa dominicana Catarina de Sena nasceu na Itália e viveu entre 1347 e 1380. Segundo Paulo VI, ela recebeu o título pela “peculiar excelência de sua doutrina”. Disse Paulo VI, na homilia da missa de proclamação do título, em 3 de outubro de 1970:

“A doutrina de Santa Catarina não era adquirida; ela mostrava-se mais como mestra do que como discípula”, declarou o próprio Pio II, na Bula de Canonização. Realmente, quantos fulgores de sabedoria divina, quantas exortações à imitação de Cristo em todos os mistérios da sua vida e da sua paixão, quantas admoestações eficazes sobre a prática das virtudes, próprias dos vários estados de vida, se encontram a cada passo, nas obras de Santa Catarina!

Catarina de Sena ficou marcada ainda pela sua atuação em defesa da Igreja e do papa, especialmente em fins da Idade Média, quando inúmeros conflitos surgiram contra o Vigário de Cristo. Viajando de cidade em cidade, Catarina interveio para o restabelecimento da paz e foi, assim, uma forte defensora do papado. Dirigiu “exortações aos Cardeais e a muitos Bispos e Sacerdotes, sem deixar de fazer fortes repreensões, mas sempre com humildade e respeito pela sua dignidade de ministros do Sangue de Cristo”, lembrou Paulo VI na homilia citada.

E Teresa D’Ávila?

A vida dessa espanhola da cidade de Ávila, a 108 quilômetros de Madri, conhecida no mundo católico como Santa Teresa de Jesus, também revolucionou a Igreja da época. Nasceu em 28 de março de 1515, filha de judeus convertidos. Fugindo à regra da cultura da Espanha do século XVI, estendida a toda a Europa,

aprendeu a ler e escrever, fato para o qual muito contribuiu o seu ambiente familiar: da mãe herdou o gosto pelos romances de cavalaria; e do pai, a literatura de caráter espiritual e religioso (SCIADINI, 2015, p. 27). Com a morte da mãe, o pai decidiu que seria melhor para sua formação colocá-la interna no Colégio Nossa Senhora das Graças, pertencente às Irmãs Agostinianas, no qual permaneceu um ano e meio.

Aos 21 anos entrou no Carmelo, Teresa Sánchez de Cepeda y Ahumada adotou o nome Teresa de Jesus, porque assim se sentia, e, aos 47, começou uma profunda reforma dentro do próprio Carmelo. “Insatisfeita com o estilo que está vivendo, não se lança em uma crítica estéril e amarga, mas começa um movimento de vida baseado sobre o alicerce da oração, da fraternidade e da dimensão apostólica” (SCIADINI, 2003, p. 224).

Frei Betto, em um artigo publicado na Revista Eletrônica Dom Total, em 16 de março de 2015, e no jornal O Globo, em 22 de março de 2015, na seção Sociedade-Religião, é enfático ao afirmar que Teresa foi uma feminista *avant la lettre*:

Numa época em que, na Europa, mulheres eram relegadas ao analfabetismo, e as místicas, atiradas à fogueira da Inquisição como bruxas. Leitora compulsiva, reformou a Ordem das Carmelitas, indignada com os conventos transformados em depósitos de mulheres cujos maridos vinham explorar as riquezas do Novo Mundo. Teresa rompe com o Carmelo convencional, e também com a mediação do clero entre a pessoa e Deus. Peregrina incansável, funda comunidades de mulheres vocacionadas à exclusividade do amor divino. O representante do papa na Espanha, indignado, a acusa de “mulher irrequieta e andarilha, desobediente contumaz, que a título de devoção inventa má doutrina, andando fora da clausura, contra a ordem do Concílio de Trento e dos bispos, ensinando como mestra, à revelia do preceito de são Paulo de que as mulheres não devem ensinar”. Salvou-a da condenação como herética e maluca a intervenção de seus confessores e teólogos, que se tornaram seus discípulos (FREI BETTO, 2015)<sup>42</sup>.

Encontra em são João da Cruz, patrono dos poetas espanhóis, seu maior discípulo. Juntos, além da reformulação da vida carmelita, introduzem, entre os exercícios espirituais para os católicos, a meditação como a possibilidade de um diálogo direto entre a pessoa e Deus, sem intermediações.

Outra característica marcante de Teresa de Jesus é a capacidade de dialogar sobre suas intuições e descobertas com os grandes teólogos espanhóis da época, entre os quais são Francisco de Borja, Baltazar Alvarez, Domingos Bañez, sem medo

<sup>42</sup> FREI BETTO. **Teresa, um caso de amor.** Disponível em: <https://domtotal.com/artigo/4915/16/03/teresa-um-caso-de-amor/>. Acesso em: 16 mai. 2021.

de corrigir aquilo que, porventura, não significasse efetivamente uma inspiração, ao tempo em que defendia, com humilde determinação, aquilo que entendia ser expressão do Espírito Santo. Assim, estabeleceu profundos diálogos com esses teólogos sobre os caminhos da oração – proibidos para as mulheres –, mística e interpretação das Escrituras, entre outros temas.

Um dos textos da própria Teresa, citado por seus biógrafos e por aqueles que estudam sua obra e escrevem sobre ela, publicado no seu livro *Caminho da Perfeição* (4,1), bastaria para compreendermos a sua alma feminista? Transcrevemos aqui parte do texto publicado por Sciadini:

Senhor da minha alma, tu, quando, quando peregrinavas aqui na terra, não desprezaste as mulheres, mas as favoreceste sempre com muita misericórdia e encontraste nelas muito amor e até mais fé que nos homens. [...]. No mundo as honras. Parece-nos, portanto, impossível que não consigamos fazer algo de válido publicamente por ti, que não tenhamos coragem de dizer abertamente algumas verdades, que choremos em segredo e que tu não escutes as nossas razões quando te pedimos alguma coisa justa como esta? Eu não o creio, Senhor, porque confio na tua bondade e justiça. Sei que tu és um juiz justo, e que não ages como os juizes do mundo, pelos quais, sendo filho de Adão e, em definitivo, todos homens, não existe virtude de mulher que não consideram suspeita. Ó meu Rei, chegará o dia em que todos se reconheçam por aquilo que valem, não falo por mim, porque o mundo já conhece a minha miséria, e fico feliz porque seja conhecida em público, vejo, porém, chegarem os tempos em que não haverá motivo para subestimar espíritos virtuosos e fortes, pelo simples fato de que pertençam às mulheres (SCIADINI, 2003, p. 218).

Falando especificamente sobre esse texto, Lúcia de Pádua (2003, p. 146) explica que, na primeira redação do livro acima citado, quando submetido ao leitor e censor Pe. Garcia de Toledo, a página foi “riscada veementemente” porque o sacerdote não queria que Teresa enfrentasse problemas de tal magnitude com a Inquisição. “Foi descoberto apenas quando, em 1833, foi realizada a edição *fac-símile* da primeira redação, com a utilização de modernas técnicas”.

Teresa de Jesus faleceu em 4 de outubro de 1582, aos 67 anos de idade, em Alba de Tormes, município espanhol da Província de Salamanca. Foi beatificada em 1614 (32 anos após sua morte), pelo Papa Paulo V, canonizada em 1622, pelo Papa Gregório XV (40 anos de seu falecimento) e proclamada Doutora da Igreja no domingo 27 de setembro de 1970, pelo Papa Paulo VI, como vimos. Na ocasião, o Papa Paulo VI a definiu como “uma mulher excepcional [...], escritora genialíssima e fecunda,

mestra de vida espiritual, incomparável na contemplação e infalível na ação” (PAULO VI, 1970).

E quanto a Teresa de Lisieux?

Lisieux, cidade da região da Normandia Francesa, é o segundo maior centro de peregrinação da França, depois de Lourdes, onde, pela tradição cristã católica, Maria, a mãe de Jesus, apareceu na gruta de Massabielle para a jovem Bernadette Soubirous, uma camponesa de apenas 14 anos de idade. A partir de então, ficou conhecida como Nossa Senhora de Lourdes.

Mesmo tendo nascido em 2 de janeiro de 1873, em Alençon, cidade francesa da mesma região, foi em Lisieux que a jovem Marie-Françoise Thérèse Martin, de 15 anos, entrou para a Ordem das Carmelitas Descalças. Ali, por obediência à sua superiora, começa a escrever suas memórias, que, depois, foram compiladas em um livro intitulado “A história de uma alma”.

Na sua Carta Apostólica “*Divini Amoris Scientia*”, do Papa João Paulo II, datada no dia 19 de outubro de 1997, sobre a proclamação de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face como doutora da Igreja, encontramos:

Entre os pequeninos, aos quais foram manifestados duma maneira muito especial os segredos do Reino, resplandece Teresa do Menino Jesus e da Santa Face, monja professa da Ordem das Carmelitas Descalças, cujo centenário do ingresso na pátria celeste é celebrado neste ano. Durante a sua vida, Teresa descobriu “luzes novas, significados ocultos e misteriosos” (Manuscrito A, 83 v) e recebeu do Mestre divino aquela “ciência do amor”, que depois manifestou com particular originalidade nos seus escritos (cf. Manuscrito B, 1 r). Essa ciência é a expressão luminosa do seu conhecimento do mistério do Reino e da sua experiência pessoal da graça. Esta pode ser considerada como um particular carisma de sabedoria evangélica que Teresa, como outros Santos e Mestres da fé, hauriu na oração (cf. Manuscrito C, 36 r).

O cerne de sua mística consiste em descobrir que é possível atingir a *perfeição evangélica* e a *santidade cristã* por meio das pequenas coisas, dos pequenos gestos e das obrigações diárias, que podemos realizar com renovado amor a Deus e às pessoas que estão ao nosso redor ou mesmo distante de nós, porém sempre presentes nas nossas orações. A concretude das pequenas coisas, parece-nos, é apontada por Teresa de Lisieux em uma de suas poesias intitulada *Meu canto de hoje*. Nela, Teresa escreveu:

Minha vida é um instante, um rápido segundo,  
Um dia só que passa e amanhã estará ausente;  
Só tenho, para amar-Te, ó meu Deus, neste mundo

O momento presente!... (TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, 2001, P. 5, p. 688).

Em uma das onze cartas que escreveu para o seminarista Maurício Maria Luís Bellière, o qual considerava seu primeiro irmão espiritual, encontramos a delicadeza e a força com que afirma a grandiosidade da vida que existe entre as quatro paredes do convento carmelita no qual vive sua experiência de consagração a Deus, reconhecendo-se como a menor de todas, cuja graça de viver naquele convento deve-se inteiramente à misericórdia de Jesus:

É verdade que, para encontrar grandes almas, precisa-se vir ao Carmelo; como nas florestas virgens, germinam aqui flores com perfume e beleza ignorados do mundo. Jesus, na sua misericórdia, quis que, entre estas flores, crescessem umas menores, nunca poderei agradecer-lhe o suficiente, pois é graças a esta condescendência que eu, pobre flor sem brilho, encontro-me no mesmo canteiro que as rosas, minhas irmãs (TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, 2001, C. 224, p. 579).

Em outro trecho, comentando o fascínio que sempre exerceu sobre ela a história de Santa Joana d'Arc, também francesa como ela, confia a descoberta da própria missão ali, dentro do Carmelo. Escreveu Teresa:

Quando comecei a estudar a História da França, o relato das façanhas de Joana D'Arc encantava-me, eu sentia no meu coração o desejo e a coragem de imitá-la, parecia-me que o Senhor também me destinava a grandes coisas. Não estava enganada. Porém, em vez de vozes do Céu convocando-me ao combate, ouvi, no fundo da minha alma, uma voz mais suave, ainda mais forte, a do Esposo das virgens chamando-me para outras façanhas, para conquistas mais gloriosas. E, na solidão do Carmelo, compreendi que a minha missão não consistia em fazer coroar um rei mortal, mas em fazer amar o Rei do Céu, em sujeitar-Lhe o reino dos corações (TERESA DO MENINO JESUS E DA SAGRADA FACE, 2001, C. 224, p. 580).

Ainda de acordo com o Papa João Paulo II, na Carta Apostólica acima citada, o ensinamento de Teresa de Lisieux se sobressai “pela profundidade e síntese sapiencial alcançada. A sua doutrina é, ao mesmo tempo, uma confissão da fé da Igreja, uma experiência do mistério cristão e uma via à santidade”.

Chegamos a Hildegard de Binger.

A alemã Hildegard de Binger, mística medieval, foi monja beneditina, definida pelo Papa João Paulo II como “luz do seu povo e do seu tempo”<sup>43</sup>, na carta que escreveu ao cardeal Hermann Volk, Bispo de Mainz, capital do estado de Renânia-Palatinado, datada de 8 de setembro de 1979, por ocasião do 800º aniversário de sua morte.

O Papa Bento XVI, na Carta Apostólica de 7 de outubro de 2012, na qual a proclama doutora da Igreja, assim definiu o perfil dessa monja beneditina que nasceu na cidade alemã de Bermersheim vor der Höhe, em 1098, e faleceu aos 81 anos de idade, no dia 17 de setembro de 1179, no Mosteiro de Rupertsberg, também na Alemanha:

A doutrina hildegardiana é considerada eminente tanto pela profundidade e rectidão das suas interpretações como pela originalidade das suas visões. Os textos por ela compostos estão animados por uma autêntica “caridade intelectual” e evidenciam densidade e vigor na contemplação do mistério da Santíssima Trindade, da Encarnação, da Igreja, da humanidade, da natureza como criatura de Deus que se deve apreciar e respeitar. Estas obras nascem de uma íntima experiência mística e propõem uma reflexão incisiva sobre o mistério de Deus. [...]. É particularmente iluminante o juízo dado por São Bernardo de Claraval, que a encorajou, e sobretudo pelo Papa Eugénio III, que em 1147 a autorizou a escrever e a falar em público. A reflexão teológica permite que Hildegarda esquematize e compreenda, pelo menos em parte, o conteúdo das suas visões. Ela, além dos livros de teologia e de mística, compôs também obras de medicina e de ciências naturais. [...]. O corpus dos seus escritos, pela quantidade, qualidade e variedade dos interesses, não tem comparação com nenhuma outra autora da Idade Média.

No mesmo documento, Bento XVI reconhece a importância de seu testemunho para o tempo presente, ao afirmar que, “no horizonte da história, esta grande figura de mulher se define com clareza límpida por santidade de vida e originalidade de doutrina”, o que leva à constatação de o quanto a autêntica experiência em Deus, humana ou teológica, é atemporal e não está restrita a uma época, uma sociedade, ou a uma determinada cultura.

Explicitando as razões pelas quais a Igreja reconheceu a monja beneditina alemã como doutora da Igreja, o papa salientou que:

A atribuição do título de Doutor da Igreja universal a Hildegarda de Bingen tem um grande significado para o mundo de hoje e uma extraordinária importância para as mulheres. Em Hildegarda, resultam

<sup>43</sup> Carta do Papa João Paulo II ao Cardeal Hermann Volk, Bispo de Mainz – Alemanha, no 800º aniversário da morte de santa Hildegarda. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_19790908\\_800-ildegarda.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1979/documents/hf_jp-ii_let_19790908_800-ildegarda.html). Acesso em: 18 dez. 2021.

expressos os valores mais nobres da feminilidade; por isso também, a presença da mulher na Igreja e na sociedade é iluminada pela sua figura, tanto na ótica da pesquisa científica como na da ação pastoral. A sua capacidade de falar a quantos estão distantes da fé e da Igreja fazem de Hildegarda uma testemunha credível da nova evangelização (PAPA BENTO XVI, 2012).

Eis, pois, em síntese, a mística feminina reconhecida pela Igreja no plantel dos doutores, composto por 32 homens e apenas 4 mulheres. Embora com vidas distintas, todas estavam ligadas à vida monástica: duas carmelitas, uma beneditina e uma leiga consagrada, pertencente à Ordem Terceira Dominicana, seguindo as regras deixadas por São Domingos de Gusmão.

Fizemos um grande percurso, embora de forma sucinta, sobre a história e o desenvolvimento da mística cristã. A partir das considerações de Bastide, vimos que é possível olhar a mística sob o conceito de instituinte e instituído desenvolvido por Cornelius Castoriadis.

Revisitamos o “mistério” de Deus presente na Criação e na revelação – a sarça ardente – para, em ato contínuo, encontrá-la nos Evangelhos Sinóticos, nos textos paulinos e joaninos, no cristianismo primitivo, no qual nos deparamos com a mística desértica e, posteriormente, a mística enclausurada e nesta, aquela das quatro doutoras da Igreja.

Com esse itinerário, buscaremos encontrar, a seguir, mergulhando na mística de Chiara, as faces de sua mística, a instituinte e a instituída, que, inspirada pela primeira, fez nascer um movimento dos mais atuantes na Igreja na segunda metade do século XX e nessas primeiras décadas do XXI. Como consequência, queremos inquirir se é possível o rompimento de muros que cercam “mosteiros”, vistos como guardiões de vidas monásticas, para emergir uma mística inserida no mundo, longe de desertos e de clausuras. Buscaremos, pois, no próximo capítulo, sua plausibilidade.

## 5 OUTRO DESERTO... OUTRA CLAUSURA... NOVA MÍSTICA

Quando discorremos sobre a mística no capítulo anterior, vislumbramos uma mística desértica e outra enclausurada. Com o intuito de compreendê-las, primeiro buscamos o fascínio exercido pelo deserto sobre aquelas pessoas que buscavam uma espécie de purificação, isto é, um despir-se de si mesmas para penetrar no mistério do Sagrado.

No nosso percurso, descobrimos os muros dos mosteiros, protetores da vida monástica, a assegurar tanto ao homem quanto à mulher o distanciamento das coisas mundanas, possibilitando, outrossim, mesmo se com outras vestes, a busca pelos mistérios do Criador de todas as coisas visíveis e invisíveis.

Com essas âncoras, adentramos o século XX. Deparamo-nos com uma nova e provocante proposta, aquela apresentada por Johann Baptist Metz (2013), para quem a mística contemporânea não pode estar desassociada do corpo social. Ao contrário, se, de fato, é uma mística cristã, é parte constitutiva do tecido social. Com essa visão, coloca-nos em uma encruzilhada: então, anula-se, por conseguinte, a experiência desértica e enclausurada tão intrinsecamente ligada à mística e que serviu de alicerce durante, pelo menos, dois milênios? É possível falarmos ainda em “desertos” e “clausuras” no último século e neste em que estamos vivendo? Encontraremos novos “desertos” e novas “clausuras”? Se os encontrarmos, serão essas as fornalhas que moldam o instituinte de novas místicas, em recorte específico, a mística de Chiara?

Com essas inquietações, embrenhamo-nos na experiência mística dessa trentina. Como ponto de partida, tentamos encontrar as características de sua mística em suas faces singular e coletiva, para, em seguida, apresentarmos – a partir de sua experiência no período que denominou de *Paraíso de 1949* – e aprofundarmos os pontos (ou aspectos) que compõe o *corpus* instituinte dessa mística que nasceu no cenário da Segunda Guerra Mundial, quais sejam: *Deus amor, a vontade de Deus, a Palavra, o irmão, o amor recíproco, Jesus Eucaristia, a unidade, Jesus abandonado, Maria, a Igreja, o Espírito Santo* e, por fim, *Jesus no meio*. Qual a novidade, então, se são temas tão caros à Igreja? É o que queremos descobrir.

## 5.1 MÍSTICA DE OLHOS ABERTOS: EXIGÊNCIA PARA O SÉCULO XXI

Na dinamicidade da história, nada acontece isoladamente. Cada coisa está relacionada com partículas da crônica da vida humana que, no seu ajuntamento orgânico, compõem um único quadro, nunca acabado, sempre à espera de mais um toque, de nova nuance, de outro sombreamento, de nova perspectiva, de sutilezas de luminosidade. Assim, quando pensamos nas novas exigências para o século XXI, mesmo em se tratando da mística, não conseguimos vislumbrar algo que tenha surgido num rompante dicotômico por termos vivido o florescimento de um novo século conjuntamente ao romper do terceiro milênio. As exigências foram sendo construídas, se a história nos permitir um recorte, já a partir das mudanças vividas no Ocidente, quando da Reforma Protestante, se quisermos colocar como foco apenas a questão religiosa, que, amiúde, não está (e nunca esteve) desassociada das questões econômicas e políticas.

Vimos, no primeiro capítulo, toda a transformação provocada pelas duas Grandes Guerras, na primeira metade do século passado. Não apenas. Testemunhamos, como consequência também da indústria da guerra, na segunda metade do mesmo século, as pessoas mergulharem de cheio nas ciências da comunicação e da computação, que, queiramos ou não, transformaram o mundo em uma casa, a ponto de vivermos, em tempo real, aquilo que está acontecendo no outro lado do planeta. Estamos, ainda, aprendendo a ver a Terra como a casa comum.

É nesse contexto que se insere a proposição de Johann Baptist Metz (2013), teólogo alemão cristão, ao nos sugerir uma *mística de olhos abertos*. A partir daí, já podemos entrever que não se trata mais de uma mística desértica e/ou enclausurada. É uma provocação que nos convida, sempre mais, a alargar o olhar para além de claustros, de sacristias, de muros. Também essa sua proposição foi-se delineando no começo do século XX para, pouco a pouco, tomar forma, como acontece, aliás, com todas as teorias que têm sustentação, embora possam ser redimensionadas em outros contextos social, político, religioso e/ou histórico.

A *mística de olhos abertos* da qual trata Metz é cristã, na medida em que se pauta pela compaixão e, exatamente por isso, mira a justiça de Deus, visto que se embrenha no modelo de Jesus, que não apenas enxergava o sofrimento alheio, mas chamava a atenção de seus seguidores para tornarem-se compassivos com o sofrimento do outro, suprimindo, inclusive, suas necessidades. Nesse sentido, Metz

lembra que o primeiro olhar de Jesus é messiânico e, portanto, direcionado não para os pecados, mas, sim, para o sofrimento de cada pessoa. Não foi esse o convite para que se recolhessem o quanto de comida existia ali, em meio à turba, permitindo-lhe, a partir de míseros cinco pães e dois peixes, alimentar a multidão que o seguia? (Marcos 6,30-56). Não foi isso o que ensinou com suas inúmeras parábolas, entre as quais a do bom samaritano? (Lucas 10,25-37).

Fazendo uma leitura a respeito desse olhar messiânico de Jesus, Metz evidencia o quanto se distancia do absolutismo unilateral do pecado “que sempre ressurge na história da Igreja” (Metz, 2013, p. 19). Para o autor, o olhar messiânico não nega o peso bíblico da culpa e do pecado, mas a ênfase a essa perspectiva messiânica oferece um corretivo diante desse absolutismo. Pontua que, na modernidade, tal absolutismo gerou um perigoso antagonismo: de um lado, a consciência de liberdade; do outro, a consciência de pecado, que germinou uma deturpação de tal conceito.

No processo teológico do cristianismo, a meu ver, a questão – profundamente inquietante para as tradições bíblicas – da justiça para os inocentes sofredores foi transformada depressa demais na questão da salvação dos culpados. A doutrina cristã da salvação dramatizou a questão do pecado e negligenciou a questão do sofrimento. Mas será que isso não paralisou a sensibilidade elementar pelo sofrimento dos outros e não obscureceu a visão bíblica da grande justiça de Deus que, segundo Jesus, deveria valer para toda e qualquer fome e sede? (METZ, 2013, p. 20).

Continuando a perscrutar a *mística de olhos abertos* nos trilhos de Metz, o autor esclarece que a sensibilidade messiânica ao sofrimento não é pieguismo e, portanto, nada tem a ver com plangência traduzida em um culto tristonho ao sofrimento. Ao contrário, afirma Metz, “tem tudo a ver com uma mística bíblica de justiça: paixão por Deus como empatia pelo sofrimento alheio, como mística prática da compaixão” (METZ, 2013, p. 19). Assim, Metz afirma que a fé cristã, se de fato cristã, busca a justiça por ser uma das faces de Deus, conforme encontramos também no livro de Jeremias – “Este é o nome com que o chamarão: lahweh, nossa justiça” (Jeremias, 23,6). Aqui surge um outro conceito de justiça. Esclarece o autor:

A justiça como um dos nomes de Deus pode parecer secundária para o discurso sobre um Deus [...], de ideias, mas é imprescindível para o Deus da história, bíblicamente testemunhado nos dois testamentos da fé cristã. Esse Deus histórico expõe a afirmação de fé “Deus é amor” à visibilidade das nossas experiências históricas e à responsabilidade concreta da nossa fé, que surge delas. Por isso o discurso cristão

sobre Deus precisa ser um discurso sensível ao tempo, que não só explica e ensina, mas também experimenta e aprende (METZ, 2013, p. 15).

Desse modo, para Metz, essa fé cristã que busca a justiça faz com que todos os cristãos sejam místicos no sentido que ela exige uma experiência de solidariedade. Por isso, são classificados como *místicos de olhos abertos*. E qual a particularidade dessa mística que todos os cristãos são chamados a viver? É uma mística que, indo ao encontro do sofrimento do outro, busca uma identidade, uma face: a “face dos infelizes e vítimas do mundo” (METZ, 2013, p. 21). Aí, o deslocamento da obediência, ou seja, nesta mística é imperativo a obediência à autoridade de quem sofre. Afirma Johann Baptist Metz:

Para essa mística da justiça que busca uma face, a experiência que desabrocha dessa obediência e se define nela torna-se um modelo terreno da proximidade de Deus com seu Cristo: “Senhor, quando foi que te vimos com fome...” Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo, cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizeste’” (cf. Mt 25,31-46). Essa mística da compaixão não tem como objetivo exclusivo uma experiência sem olhos, direcionada ao interior, mas aquela experiência da “interrupção”, introduzida pela situação “face a face”, na relação com o outro (METZ, 2013, p. 21).

Aprofundando essas considerações, Metz vai além. É como se desse um passo mais largo que nos impacta com uma nova concepção de política enquanto postura cristã no mundo no qual estamos inseridos e que tem ligação direta com a busca da face de quem sofre. O autor afirma que é mística e política ao mesmo tempo. Explica: é mística, na medida em que pode ser o início de uma experiência de Deus, aquele conhecimento do mistério do totalmente outro de que nos falou Bingemer e sobre o qual discorreremos anteriormente; é política, porque os invisíveis começam a ser percebidos, tornam-se visíveis à medida em que se estabelecem relações interpessoais, à medida em que seu sofrimento é percebido, não enquanto mais um elemento dos muros de lamentações que compõem uma fé descompromissada, mas como a mola propulsora de ações concretas no sentido de buscar, naquela face, a face do próprio Filho do Homem. E enfatiza que não é uma mística da política nem dos políticos, como Jesus não foi um político. Ao mesmo tempo, afirma que é, sim, uma mística política, do mesmo jeito como Jesus não foi apolítico em sua mensagem. Desse modo, diz:

Essa mística política da compaixão não é um convite ao heroísmo ou a uma santidade excepcional. Ela pretende ser razoável com todos, e dar um significado de estruturação futura à virtude básica dos cristãos e às formas de comunidades marcadas pelo princípio da paróquia popular-territorial da Igreja; comunidades nas quais a história da fundação do cristianismo (no caso a comunidade dos seguidores de Jesus, reunida para lembrar e contar histórias durante a ceia eucarística) se repete diante dos olhos do mundo, e a crença nela, sempre buscando a justiça, evita que se transforme numa seita (METZ, 2013, p. 22).

Ainda para esse autor, o que impede o mundo globalizado caminhar para uma eclosão de combates de todas as ordens, é a prerrogativa bíblica da igualdade elementar de todos os seres humanos aceita pelo cristianismo e intrínseca à “unidade indissolúvel do amor a Deus e ao próximo, da paixão de Deus e da compaixão, diz o seguinte: não existe sofrimento no mundo que não nos diga respeito” (METZ, 2013, p. 23).

É essa *mística de olhos abertos* que queremos encontrar em Chiara. Uma mística que nasceu, como todas as outras, de uma experiência desértica e enclausurada. Porém, que tipo de deserto e de clausura? Qual o cerne de sua mística? É o que buscaremos a seguir.

## 5.2 CARACTERÍSTICAS DA MÍSTICA DE CHIARA

Antes de discorrermos sobre as características da mística de Chiara, cabe-nos pontuar quais os traços peculiares aos/às místicos/as cristãos/ãs apontados, entre outros autores, por Stefano de Fiores e Tullo Goffi. Para estes, o primeiro traço está relacionado ao fato de o cristão ser um crente. Todavia, os autores explicam que não é um título pura e simplesmente. Ser crente cristão significa estar em estado permanente e de forma radical “vinculado e regido pela norma da economia salvífica histórica, cujo acontecimento definitivo e resoluto é representado por Jesus Cristo” (FIORES; GOFFI, 1989, p. 771). Portanto, uma vida pautada nos ensinamentos de Jesus e, nele, na esperança da salvação anunciada desde sempre.

O segundo traço apresentado por Fiores e Goffi é identificado no comprometimento com a *aliança*, aquela *aliança* estabelecida no Monte Sinai entre Deus e o povo de Israel, redimensionada no próprio Filho, Jesus Cristo. Dessa forma, doa-nos, também, a possibilidade de comunhão profunda e definitiva consigo:

Assim pois, esta comunhão realizada e vivida depende do Pai, que deu a seu Filho único e que, com o Filho glorificado, é princípio do dom do Espírito, permitindo que se viva e se realize “misticamente” tal comunhão” (FIORES; GOFFI, 1989, p. 771).

O terceiro traço é a consciência, por parte do místico cristão, de que sua experiência, por mais arrebatadora que possa parecer, tem uma importância relativa, visto que a experiência mística não é o cerne do cristianismo e, sim, a caridade. Nesse sentido, os autores afirmam que os místicos buscam

não tanto a experiência mística mas a caridade em sua estrutura própria, que é de ser obediência-comunhão com o Deus de Jesus Cristo e que se expressa como gratuidade de si pelos irmãos e pelo mundo (FIORES; GOFFI, 1989, p. 771).

Por fim, o quarto traço apresenta o místico em comunhão com o Mistério. Os autores definem a mística como a percepção do nexo pelo qual o Mistério é Mistério da economia da salvação e da objetividade cristã que se apresenta como mediação-transparente do Mistério. O quarto traço, pois, está assim descrito:

Enraizados na objetividade cristã e alimentados por ela, o itinerário e a experiência do místico cristão continuam sendo, apesar disto, marcados pela *inefabildade*: é – como dizemos – o inefável da comunhão experimentada com alguém Realíssimo, que não é indeterminado, já que é o mesmo que serviu de mediador na economia da carne de Cristo e no que dela decorre. Por isso – convém insistir nisto –, aos olhos do místico cristão, a objetividade cristã e a Realidade misticamente experimentada não são duas coisas. A segunda não é “*noumenon*” da primeira, mas dá-se, embora não exaustivamente, *na* primeira. E esta, por sua vez, não é “representação intermediária” e, portanto, facultativa e interlocutória da Realidade, mas é sua mediação verdadeira, porque mantém com ela a *pertinência interior* (FIORES; GOFFI, 1989, p. 771-772, grifo original).

Confrontando esses traços em Chiara, encontramos nessa trentina uma escolha radical de Deus como ideal de sua vida, o que a vincula necessariamente na economia salvífica de Deus em Jesus Cristo; o reconhecimento profundo e conseqüente da *aliança* que encontra seu ápice na pessoa do Nazareno; o reconhecimento, tantas vezes verbalizado pela própria Chiara, que as descobertas decorrem sempre, sem colocar em dúvida por nenhum momento, de sua obediência-comunhão com o Deus de Jesus Cristo; e, por fim, o Mistério da salvação, que se apresentou, para Chiara, por meio de uma via concreta: o amor ao irmão, portanto, a caridade vivida na sua mais pura essência.

Vejamos, então passo a passo, a construção dessa mística, para encontrarmos, entre linhas e entrelinhas, a fisionomia da mística de Chiara que acabamos de pontuar.

Como anunciamos no segundo capítulo desta tese, o período entre 1943 e 1945 ficou marcado como aquele em que a destruição da guerra também chegou, com toda a sua fúria, ao Norte da Itália e, conseqüentemente, a Trento, cidade natal de Chiara. Ali, uma experiência *sui generis*: aquela de um outro deserto, de uma outra clausura, de uma mística que já nasceu de *olhos abertos* e inserida em uma coletividade.

Conforme narramos, o deserto sempre exerceu um fascínio para quem buscava vencer seus próprios demônios, esvaziar-se de si e experienciar a presença de Deus no mais íntimo do seu ser. A partir daí, compreender lampejos do Seu mistério e anunciá-los ao mundo, sobretudo com o exemplo da própria vida. Chiara e suas primeiras companheiras não migraram para um deserto geográfico. Todavia, a vida durante a Segunda Guerra trouxe outra concepção de “deserto”, que também convidou os cristãos a uma interiorização, a um despir-se de tudo aquilo que é vaidade e encarar a verdade de si mesmos diante do seu Sagrado. Experimenta-se, portanto, a aridez externa para contemplar o reflorescer da primavera no âmago do ser, aquele mesmo ser criado à imagem e semelhança do seu Criador.

Transportando-nos ao cenário de guerra, poderá haver deserto maior? Será possível encontrar uma aridez mais intensa? Uma aridez externa, na qual tudo fala de morte, de destruição, que gera, via de regra, uma aridez interior cujo extremo é a negação de Deus na vida singular e comunitária. Foi naquele deserto, aparentemente vazio de humanidade, que emergiram as bases da mística de Chiara. Todavia, não é apenas um deserto singular, subjetivo, embora cada uma individualmente faça sua experiência de Deus, mas é também um deserto vivenciado por todas as pessoas vítimas daquela guerra especificamente, aliás, como de todas as outras guerras. Portanto, já a partir daqui o rompimento com a solidão, isto é, um rompimento com aquelas tradicionais “sociedades de solitários” comuns até os tempos atuais, que, de acordo com Fiore e Goffi, verifica-se na prática de retiros mensais, exercícios espirituais e assim por diante (FIORES; GOFFI, 1989, p. 259-260). Era, se pudermos fazer uma analogia, uma solidão compartilhada. O que queremos dizer com isso? Por um lado, a solidão do mundo, que experimentava o vazio de sua própria humanidade, uma vez que expunha, por meio dos horrores da guerra, a destruição de si mesmo e,

a partir da comunhão dessa mesma solidão, traduzida pelo sofrimento das pessoas ao redor de Chiara e suas primeiras companheiras, o florescimento de uma mística comunitária. Portanto, uma verdadeira “rosa do deserto”<sup>44</sup>.

Ainda nos seus albores, outra característica se impõe. Até então, as místicas reconhecidas pela Igreja Católica eram oriundas das experiências enclausuradas. Como vimos, homens e mulheres deixavam a vida do “mundo” – para usarmos uma linguagem corriqueira no que se refere à escolha pela vida monástica – e iam buscar, na solidão dos claustros, a união com Deus. Mesmo se aparentemente protegidos pelos muros dos conventos, viviam suas experiências, que, por força da graça de Deus, ganhavam o mundo, a exemplo de tantas místicas que compõem os tesouros da Igreja Católica.

Existiram, para a mística nascente de Chiara, também seus “muros”, seus claustros? Não seriam os refúgios antiaéreos os “muros” de uma clausura dentro da qual, à luz de velas, os mistérios de Deus iam-se desanuviando e transformando em vida cotidiana de Chiara e de suas primeiras companheiras? A própria Chiara explica como a vida brotava ali, no escuro dos refúgios que, pouco a pouco, tornara-se um lugar “familiar” visto que deveriam correr para lá até onze vezes por dia, “e o nosso não era bem protegido, aliás, muito pouco seguro. Lá abria o Evangelho e lia, e foi nele que encontrei a resposta” (LUBICH, 1983c, p. 14).

Mas, resposta a quê? Como vimos em uma de suas cartas dirigida às jovens da Ordem Terceira Franciscana, de junho de 1944, Chiara fala de Deus como o “ideal” de sua vida e da vida das pessoas que a seguiam. Ela contextualiza tal descoberta e escolha:

Éramos jovens, e como todas as jovens, tínhamos cada uma um ideal no coração. Lembro-me de uma amiga que esperava ansiosamente o final da guerra para poder casar-se. Mas o noivo não voltou, e ela viu desmoronar seu ideal. Uma outra amiga havia preparado com muito amor a sua casa, que, no entanto, foi destruída pela guerra. O meu ideal, mesmo tendo um grande amor a Deus, era o estudo. Gostava muito de filosofia. Mas, devido aos empecilhos trazidos pela guerra, não pude continuar os estudos. Parecia realmente que Deus quisesse dar-nos uma lição através das circunstâncias, dizendo que tudo passa. Ao mesmo tempo, dentro de mim, sentia-me impelida a oferecer minha vida – a única que possuía – por um ideal que jamais passasse, que nenhuma bomba conseguisse destruir. Falei com minhas companheiras, e elas entenderam qual era esse “ideal”: Deus. Então

---

<sup>44</sup> Como o próprio nome sugere, a rosa do deserto é uma flor que se adequa a climas desérticos. Originária de países africanos e da Península Arábica, da família *Apocynaceae*, e seu nome científico é *Adenium obesum*.

decidimos juntas fazer de Deus o único ideal da nossa vida (LUBICH, 1983c, p. 14).

Assim, os primeiros “muros”, aquelas primeiras “clausuras”, simbolicamente representadas pelos abrigos antiaéreos, não a isolavam do mundo. Ao contrário, a inseriram no mundo, uma vez que lá, naquele buraco escuro, sem seguras proteções, exposta ao iminente perigo da morte física, estava uma parcela da humanidade circundante a Chiara. Podemos imaginar que, nos refúgios, existiam solteiros, consagrados, casados, jovens, adultos, idosos, crianças, como vimos no segundo capítulo. Uma experiência de Deus cujo berço estava literalmente inserido no mundo e não ausente do mundo. Então, podemos dizer que a mística de Chiara já nasce rompendo os viscerais “muros” que guardavam e protegiam as sementes das experiências místicas. A de Chiara estava, desde sempre, imersa na convivência cotidiana com as demais pessoas, sem a menor preocupação com posições sociais, estado de vida ou crenças.

A terceira característica da mística de Chiara, que ia tomando corpo entre os escombros da Segunda Guerra, é que ela, como já mencionamos, nasceu de *olhos abertos*. É uma mística que começa direcionada ao sofrimento do outro, que busca não simplesmente uma face, mas a própria face de Jesus escondida no rosto de cada pessoa, sobretudo daquela que mais sofre. Portanto, que nomina as pessoas, que estabelece relacionamentos, que dignifica: “um pobre e uma focolarina” (LUBICH, 1983c, p. 171), como era a disposição da mesa para as refeições, como já mencionamos. Assim, o *outro*, aquele a quem Jesus considerava feita a Si qualquer atitude dirigida àqueles excluídos da sociedade (Mateus 25,40). Uma mística, pois, que mira a justiça de Deus, como apontou Metz.

Para ilustrar essa característica, ancoramo-nos em Silvana Veronesi, uma das primeiras companheiras de Chiara, no seu livro *E a vida renasce entre as bombas*. Ela lembra a história de uma senhora bastante idosa, que Chiara e suas primeiras companheiras visitavam com frequência, levando mantimentos, cuidando da roupa e do sótão no qual essa senhora morava. Conta-nos Veronesi, narrando a história de Dori, outra companheira de Chiara:

Um dia, ao soar um grande alarme, encontraram-na a caminho do refúgio. Não conseguia caminhar depressa, devido ao forte reumatismo que lhe afetara também as pernas. Duas de nós nos detivemos [...], tomando-a pelos braços para ajudá-la, enquanto o reboar dos aviões faziam-se mais forte e ouviam-se as primeiras explosões das bombas. Parece que ainda vejo as sombras dos aviões,

sob o Sol, projetadas na rua refulgente na minha frente. As últimas pessoas corriam como loucas, roçando em nós, em direção do refúgio, enquanto caminhávamos a passo de formiga. Senti minhas pernas tremerem, mas passou logo, pois tínhamos de ajudar aquele Jesus que, de outra maneira, talvez não chegasse a salvo no refúgio. No entanto, conseguimos as três entrar no refúgio antes que deslocamentos de ar mais fortes nos varressem (VARONESI, 2014, p. 31-32).

Eis, pois, apenas um de tantos relatos dessa mística nascente que mirava o outro e o enxergava como fonte do encontro singular com Deus, como uma via de santidade.

Uma quarta característica: é uma mística que já nasceu com feição comunitária, coletiva. A experiência mística de Chiara, todas as iluminações, todas as descobertas, os mistérios compreendidos, eram compartilhados, eram vivenciados coletivamente. Primeiro, com suas primeiras companheiras, depois, com os primeiros companheiros e com a comunidade que floresceu no seu entorno. Portanto, estamos falando de uma mística que somente compreende sua concretude na coletividade. Para Chiara,

a nossa mística [...] pressupõe pelo menos duas almas feitas Deus, entre as quais circule realmente o espírito Santo, [...] que as consome em um, em um só Deus: “Como eu e tu”, diz Jesus ao Pai. Então, e só então, os dois são Jesus. Essa é a nossa mística [quando Ele está no meio de nós]. Mística que é equilíbrio, luz e clareza, normalidade, o homem levado à perfeição, Deus humanado, sem as aflições e os fenômenos extraordinários, embora divinos, que caracterizam os santos místicos, pois aqui tudo circula e tudo é belo e simples como a corrida dos astros no céu, tudo é ordenado como a natureza, tudo é sadio, porque é Deus; com as almas que caminham em todos os sentidos para o bem, para o que é bom, para a saúde inclusive física, pois isso é Evangelho. Basta ver Jesus (TORNO, 2011, p. 105).

Assim, podemos definir como uma mística evangélica, inserida no mundo, *de olhos abertos*. Uma mística coletiva que somente encontra sentido na sua face comunitária, revivendo a vida dos primeiros cristãos: “A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum” (Atos 4,32).

### 5.3 AS FACES SINGULAR E COLETIVA DA MÍSTICA DE CHIARA

Falamos que também a mística de Chiara tem suas duas faces: a experiência singular e a experiência coletiva, sem, contudo, perder suas raízes no mistério de Deus. Assim, onde podemos encontrar, de forma mais explícita e pungente, essas

duas faces? Em dois escritos de Chiara, mais especificamente. A primeira, naquele texto que ela mesma intitulou de *Gratidão*, escrito para Jesus Eucaristia, em 24 de abril de 1960 – período em que a Obra de Maria estava sob estudos do Santo Ofício, como veremos mais adiante; a segunda no texto *Lado a lado com os homens*. Apresentaremos o primeiro desses textos:

### **Gratidão**

Quero-te bem,  
 não porque aprendi a falar-te assim,  
 não porque o coração  
 me sugere essa palavra,  
 não tanto porque a fé  
 me faz crer que és amor,  
 tampouco somente porque  
 morreste por mim.

Quero-te bem  
 porque entraste em minha vida  
 mais do que o ar em meus pulmões,  
 mais do que o sangue em minhas veias.  
 Entraste  
 onde ninguém podia entrar,  
 quando ninguém me podia ajudar,  
 toda vez que ninguém  
 me podia consolar.

Todo dia te falei.  
 Toda hora te olhei  
 e em teu semblante  
 li a resposta,  
 em tuas palavras,  
 a explicação  
 em teu amor,  
 a solução.

Quero-te bem  
 porque por tantos anos  
 viveste comigo  
 e eu  
 vivi de ti.  
 Bebi em tua lei  
 e não me apercebera.

Dela me nutri,  
 me fortaleci,  
 me restabeleci,  
 mas era ignara  
 como a criança que bebe da mãe  
 e nem sabe ainda chamá-la  
 com esse doce nome.

Dá que eu te seja grata  
 – ao menos um pouco –  
 no tempo que me resta,

por esse amor  
que derramaste sobre mim,  
e me obrigou  
a dizer-te:  
Quero-te bem (LUBICH, 2003, p. 178-180).

“Quero-te bem...” sintetiza uma declaração de amor de quem, no fervor de sua juventude, esposou Deus, a Ele submeteu toda a vida e foi fiel até o fim. Uma declaração que vai além daquilo que qualquer sentimento humano possa sugerir representado pelo coração, que, no senso comum, é o depositário de todo o sentimento. Uma declaração que vai além do cognitivo e nem mesmo a abstração da fé é capaz de traduzir na sua profunda essência.

“Quero-te bem...” traduz a relação mística, aquela relação de identificação do sujeito com o objeto de devoção até sentir-se uno. Aqui a explicação do “Quero-te bem”: esse Outro que penetra em todas as dimensões do ser a ponto de senti-lo mais intimamente do que ar nos pulmões, o sangue nas veias, ali, onde ninguém pode chegar e, desse ser uno, a ajuda, o consolo que vem do Alto. Nada nem ninguém se apresenta com tal magnitude.

Dessa magnitude, dessa relação de profundo amor, a resposta, a explicação, a solução. A resposta a tudo, inclusive às dores impostas pela guerra, mas também pelo cotidiano da vida, o que inclui o período de averiguação por parte da Igreja. Dores grandes e pequenas, sempre dores, sempre encontro com aquele Jesus abandonado, descoberto por ela como o momento de maior sofrimento do Filho do Homem. Partículas daquela dor. E aí, dirá mais tarde, “a sua, a nossa Missa” (LUBICH, 1987, p. 37). A explicação, nas palavras do próprio Jesus, que se apresentaram como “palavras de vida”, capazes de ser colocadas em prática e mudar, substancialmente, o rumo de vidas singulares, fazendo renascer comunidades, a exemplo daquela dos primeiros cristãos. A solução apresentada pelo amor a Deus e aos irmãos, conforme Jesus anunciou aos discípulos: um novo mandamento que o chamou de seu.

“Quero-te bem...” explicita o quanto é possível deixar-se guiar por Jesus, apenas deixar-se guiar, sem outras preocupações. Parece querer dizer que, quando se age assim, o cristão vive de consequência, bebe da Lei sem nem se aperceber e depois reconhece que o Unigênito esteve sempre ao lado, indicando caminhos, corrigindo atitudes.

Por fim, o hino de gratidão que extrapola o cântico em si mesmo, a poesia mais excelsa. Uma gratidão concreta que se espalha no cotidiano da vida.

O segundo desses textos:

***Lado a lado com os homens***

Eis a grande atração do tempo moderno:  
atingir a mais alta contemplação  
e manter-se misturado com todos,  
lado a lado com homens.

Diria mais:

perder-se no meio da multidão,  
para impregná-la de divino,  
como se ensopa um naco de pão no vinho.

Diria mais:

partícipes dos desígnios de Deus  
sobre a humanidade,  
traçar sobre a multidão recamos de luz  
e, ao mesmo tempo, dividir com o próximo  
a injúria, a fome, os golpes, as alegrias fugazes.

Porque a atração do nosso tempo, como de todos os tempos,  
é o que de mais humano e divino  
se possa pensar: Jesus e Maria,  
o Verbo de Deus, filho de um carpinteiro;  
a Sede da Sabedoria, mãe de família (LUBICH, 2003, p. 219).

“Atingir a mais alta contemplação...” nos remete à mística, ao mergulho mais profundo nos mistérios de Deus para, com esse olhar, não apenas mirar o mundo e as pessoas, mas tornar-se uma espécie de plano inclinado, uma via de mão dupla, que possa trazer o Sagrado para as pessoas e, ao mesmo tempo, levá-las para o seio do Pai.

“Misturados com todos...”. Essa expressão nos remonta aos tempos de Jesus, às multidões que o seguiam, que o escutavam no templo, que decidiu por Barrabás, que o acompanhou até o Gólgota. Transporta-nos, pois, à turba que Jesus amava e que, não obstante tudo, recebeu o perdão do próprio Filho do Homem: “Pai, perdoai-os: não sabem o que fazem” (Lucas 23,34). Remonta-nos, também, àquele punhado de humanidade que se apinhava nos refúgios durante a Segunda Grande Guerra e que, de forma direta ou indireta, viveram com Chiara e suas primeiras companheiras a aventura que começavam revivendo as experiências dos primeiros cristãos, colocando em prática aquilo que está escrito nos evangelhos.

“Misturados com todos...”. Miramos – e veremos adiante de forma mais aprofundada – os encontros de Chiara com pessoas das mais diversas religiões, sejam ou não do tronco judaico-cristão, assim como a visita feita por Chiara à tribo Bangwa, na região Sudoeste da República dos Camarões, em 1966, ou entre as autoridades internacionais na Organização das Nações Unidas (ONU), em 1997, ou seu encontro com budistas, em Tóquio, em 1981, e não paráramos mais de

mencionar ocasiões em que Chiara esteve “misturada com todos”, levando a todos a sua experiência cristã.

Mas esse “misturar-se”, em coerência com sua mística, tem três propósitos messiânicos: impregnar a multidão de divino; como partícipes dos desígnios de Deus, contribuir para que recamos de luz iluminem os destinos da humanidade; dividir a própria vida com o próximo e ter a capacidade de acolher a vida do outro. Portanto, é um “misturar-se” propositivo, a serviço do Reino de Deus. É imperativo, pois, o rompimento de muros, de clausuras, para poder cumprir tais propósitos.

A dimensão humano-divina apresentada por Chiara é de uma representatividade impactante: como primeira imagem, o Verbo de Deus, e logo nos deparamos com aquele EU SOU, quando Jesus respondeu aos seus inquisidores (João 8,58), a mesma resposta dada por Deus a Moisés, frente à sarça ardente (Êxodo 3,14). Esse Verbo de Deus, o Filho Unigênito, a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade, Filho (mesmo se adotivo, aqui não importa) de um simples carpinteiro; como segunda imagem, a Sede da Sabedoria, que, de acordo com a própria Chiara, Maria é assim invocada “não porque falou, não porque foi uma doutora da Igreja, não porque esteve sentada numa cátedra, não porque fundou universidades; é sede da sabedoria porque deu ao mundo Cristo, a Sabedoria encarnada” (LUBICH, 2014a, p. 147). Essa criatura proclamada pelo Concílio de Éfeso, em 22 de junho de 431, como Mãe de Deus (*Theotokos*), é, ao mesmo tempo, mãe de família. Simbolicamente falando, existe figura mais terna, mais zelosa e mais humana?

Assim, Chiara abre um leque extraordinário: ali, no seu trabalho, nas suas relações mais pessoais, cada pessoa é capaz de transformar-se em partícipe dos desígnios de Deus. É a expressão mais alta da inclusão sociodivina que se busca nos tempos atuais. É a procura por aquele olhar messiânico, aquele “face a face” proposto por Metz.

Dessa semente de dupla face – conversão pessoal e vida coletiva – floresceu, a partir dos escombros da Segunda Guerra Mundial, um movimento novo, que ficou conhecido no mundo inteiro como Obra de Maria ou Movimento dos Focolares.

#### 5.4 UMA MÍSTICA PONTO A PONTO

A experiência mística cristã parece-nos repetir, de uma certa forma, o que viveu o próprio Jesus no Monte Tabor. Nos Evangelhos Sinóticos, encontramos a narração

desse episódio. Contam que Jesus, antes de sua paixão, convidou três de seus discípulos – Pedro, Tiago e João, irmão de Tiago –, e seguiram para esse monte, no Vale de Jizreel, com cerca de 600 metros de altitude. Ali, Jesus começou a rezar. Então, os discípulos viram dois acontecimentos extraordinários: primeiro, Moisés e Elias conversando com Jesus; o segundo, a própria luminosidade que envolveu o Filho de Deus. De acordo com o evangelista Marcos, “suas vestes tornaram-se resplandecentes, extremamente brancas” (Marcos 9,3). Em Lucas, encontramos a descrição da face de Jesus, isto é, “enquanto orava, o aspecto de seu rosto se alterou”, além das figuras de Moisés e Elias, que apareceram “envoltos em glória, falavam de seu êxodo que se consumiria em Jerusalém” (Lucas 9,29-31). Em Mateus, o mesmo relato: “Seu rosto resplandeceu como o sol e suas vestes tornaram-se alvas como a luz. E eis que lhe apareceram Moisés e Elias” (Mateus 17, 2).

Parece-nos, também, que toda experiência mística cristã passa por um momento de iluminação, o que, necessariamente, não está vinculado ao êxtase ou ao arrebatamento. Não. É um período em que todas aquelas descobertas, aqueles mistérios de Deus que foram, pouco a pouco, se descortinando, conseguem, enfim, encontrar a plenitude da luz e sua integral compreensão, se é possível compreender os mistérios de Deus em sua integralidade. Todavia, é o máximo da compreensão que se pode atingir.

Também Chiara teve o seu momento. Aqueles aspectos que foram vivenciados ali, em Trento, entre os escombros da guerra e os refúgios antiaéreos, por Chiara, suas primeiras companheiras, seus primeiros companheiros e a comunidade que nascia em torno, foram se descortinando e atingiram seu ponto máximo durante um período que passou para a história da própria Chiara e do Movimento dos Focolares como o “*Paraíso de 1949*”. Tudo foi redimensionado. Outras foram as descobertas. Ali, se nos for possível uma analogia, estava o “Tabor” do movimento, que nascera na destruída Trento para invadir a Igreja e o mundo.

Sobre o que estamos falando, então? Mais precisamente, do verão de 1949, período que, no continente europeu, vai de junho a setembro. Depois de um ano exaustivo, Chiara e suas companheiras foram para Tonadico di Primiero, nas Dolomitas, uma cordilheira nos Alpes italianos, considerados Patrimônio Mundial da Unesco, e que abrangem cinco províncias: Trento, Bolzano, Belluno, Udine e Pordenone. Ali, ocuparam um chalé de montanha, rústico, herdado por Lia Brunet, uma de suas primeiras companheiras, e que, a partir de então, recebeu o nome de

“Chalé Paraíso”. Mantinham uma rotina de férias, além da comunhão eucarística diária, a recitação do terço, a meditação e a partilha entre elas.

Para Armando Torno, o início do período de iluminações especiais tem uma data precisa. É o dia 16 de julho daquele ano quando chega a Tonadico, para proferir uma conferência no convento dos capuchinhos, Iginio Giordani<sup>45</sup> – Foco, como ficou conhecido naquela comunidade nascente –, que tem uma atitude inesperada. Propõe a Chiara fazer um voto de obediência a ela com a intenção de, assim, obedecer a Deus. Torno explica a estranheza de Chiara:

Chiara não entendia; o Movimento ainda não existia e ninguém falava em votos. Além do mais, sentia que tinha nascido para o *“que todos sejam um”*. Ficou tentada a não dar atenção a esse desejo de Foco, mas teve a impressão de que as palavras dele tinham como origem uma graça que não deveria ser perdida. Disse-lhe portanto: “Você conhece a minha vida; eu sou nada. Quero viver como Jesus Abandonado, que se anulou completamente. Você também é nada, pois vive da mesma maneira. Então façamos o seguinte: amanhã, vamos à igreja. E eu direi a Jesus Eucaristia, que encherá o meu coração como um cálice vazio: ‘Sobre o nada que eu sou, firma um pacto de unidade com Jesus Eucaristia no coração de Foco. E faz, Jesus, que aflore aquele vínculo entre nós que Tu sabes. E você, Foco, faça o mesmo’” (TORNO, 2011, p. 50).

Na manhã seguinte, durante a missa, assim aconteceu. Parecia que tudo ficaria normal, tudo como antes. Mas não foi assim. Chiara, impelida por uma força que não sabia explicar, voltou à igreja. Colocou-se diante do sacrário, na intenção de rezar mais um pouco. Não conseguiu formular nenhuma oração específica. Não conseguiu, sequer, pronunciar o nome “Jesus”. Sentiu-se totalmente identificada com Ele e de sua boca apenas uma palavra: “Abba, Pai”. A própria Chiara explicou:

Aquele Jesus que estava no sacrário estava também dentro de mim. Estava aqui. Eu sentia que eu não era eu. Jesus, com aquela comunhão, me transformou em si. E é exatamente esta a função da Eucaristia. Não é Jesus que se transforma em nós, somos nós que nos transformamos nele ao comungarmos. Aquele Jesus, que estava em mim, se dirigia ao Pai, como [...] fazia sempre. Eu tive a nítida impressão de que o Espírito Santo inspirou-me aquela palavra. Naquele momento, vi abrir-se completamente algo cósmico, imenso! Era tudo luz, era tudo ouro, era tudo chamas. Eu estava só, com Foco. Éramos Jesus, nos tornáramos Jesus. Era imenso, mas eu não me sentia sozinha. Entendi que tinha entrado em Deus. Jesus está

<sup>45</sup> Iginio Giordani, um homem culto, profundo conhecedor da história dos Padres da Igreja, escritor reconhecido, hagiógrafo, jornalista e deputado à época, em 17 de setembro de 1948, no Montecitorio, sede da Câmara dos Deputados italiana, recebeu, em seu gabinete, um grupo formado por 3 frades franciscanos (um capuchinho, um menor e um conventual) e Chiara. A partir de então, tornou-se gradativamente um dos grandes colaboradores de Chiara, a ponto de ser considerado co-fundador do Movimento dos Focolares (TORNO, 2011).

sempre lá e, visto que me tornei Jesus, entrei em Deus, no seio do Pai. [...]. Eu estava em casa. Eu tinha chegado em casa<sup>46</sup>.

Na narrativa de Torno, Chiara explica que haviam entrado no seio do Pai, no incriado. Estavam no seio do Pai. Comentando o mesmo episódio, Fabio Ciardi afirma que, para Chiara, concretizavam-se as palavras de Paulo em sua carta aos Gálatas: “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gálatas 2,20). Por isso explica que:

Ela era Jesus, identificada com Ele, e Jesus não pode chamar a si mesmo. Assim, da boca de Chiara tinha saído a palavra com a qual Jesus rezava: “Abba, Pai”. Não era apenas uma palavra, era uma realidade. Tinha sido o Espírito Santo quem lhe colocava esse nome nos lábios [...]. Assim ela se encontrara como que em outra dimensão, no “seio do Pai”, como ela mesmo narra: “Eu tinha, portanto, entrado no Seio do Pai, que se manifestava aos olhos da alma” (CIARDI, 2020, p. 36).

Poderemos, aqui, estabelecer um liame entre essa experiência e aquela de Chiara, menina ainda, chamada Silvia, diante do tabernáculo, levada por aquela religiosa, a pedir a Jesus: “Tu, que criaste o Sol, que nos oferece luz e calor, faz que a tua luz e o teu calor penetrem na minha alma, através dos meus olhos” (TORNO, 2011, p. 11), como mencionamos no segundo capítulo?

Dando continuidade à sua narrativa, Torno afirma que:

Passou-se um tempo indefinido. Terminada a conferência, Giordani saiu do convento. Chiara convidou-o a sentar-se com ela num banco à beira de um riacho. Contou-lhe o que havia acontecido. “Você sabe onde estamos?”, perguntou-lhe (TORNO, 2011, p. 51).

A esse respeito, Ciardi faz uma interessante ressalva. Em se tratando de Chiara, o verbo está no plural, o que denota, mais uma vez, o senso do coletivo que sempre permeou sua vida e sua mística. Até porque toda essa experiência acontecera após o pacto firmado com Foco. Ciardi é ainda mais enfático: “Ela, por uma graça de ordem carismática<sup>47</sup>, agora “sabe” onde eles estão; ele não sabe. Mas Chiara, [...] faz com que ele tome consciência disso” (CIARDI, 2020, p. 36-37). Estão no seio do Pai.

---

<sup>46</sup> Chiara Lubich sua experiência no 16 de julho de 1949, momento que ficou conhecido como o “*pacto de unidade*”, primeiro entre ela e Foco. Depois, com as primeiras focolarinas para, no percurso histórico, tornar-se um dos compromissos assumidos por quem quer participar mais internamente do Movimento dos Focolares. Disponível em: [https://centrochiaralubich.org/downloads/chi\\_20010223\\_br.pdf](https://centrochiaralubich.org/downloads/chi_20010223_br.pdf). Acesso em: 27 dez. 2021.

<sup>47</sup> Diríamos: por graça mística, como o próprio autor se refere, mais adiante, no mesmo texto.

Desse modo, até mesmo a experiência mais excelsa de Chiara não ficou guardada para si. Foi vivida junto com outra pessoa, Foco.

Aqui esbarramos naquilo que foi apresentado por McGinn: a mística que expressa a consciência direta da presença de Deus (MCGINN, 2003, p. 19-20). “Você sabe onde estamos?”... No seio do Pai. É uma consciência que nasce do experimentado. Assim, encontramos, em Chiara o *link* entre Maria Clara Bingemer (BINGEMER, *In*: TEIXEIRA, 2004, p. 35), que evidencia a experimentação, sem alterar os estados de comportamento, sem estar associado a visões ou arrebatamentos, e McGinn, que coloca em pauta a consciência da presença de Deus. Podemos dizer que, em Chiara, experiência e consciência se fundem, tornam-se uma única realidade.

Como se não bastasse, comunicou às suas companheiras. Convidou-as a fazerem o mesmo na missa do dia seguinte. Assim aconteceu. Diz Chiara:

Tive a impressão de ver um pequeno grupo no Seio do Pai: éramos nós. Comuniquei isso às focolarinas, que viviam uma unidade tão grande comigo que tiveram a impressão de verem também todas essas coisas. [...]. No fogo da Trindade, tínhamos sido tão fundidas numa coisa só que eu chamava o nosso grupo de “Alma”. Éramos a Alma. Agora, se o Senhor quisesse, Ele poderia iluminar essa Alma a respeito de suas novas realidades (por intermédio de mim, que era de certa forma o seu centro), e por isso nos parecia ser necessário o máximo de silêncio interior. [...]. Eram, portanto, três as nossas comunhões: com Jesus Eucaristia, com a sua Palavra e entre nós (TORNO, 2011, p. 51-52).

Destarte, também a experiência mística não era apenas de uma pessoa, da própria Chiara, mas tornou-se uma experiência de um grupo, vivida a corpo, coletiva. Fabio Ciardi descreve, como poucos, os acontecimentos em Tonadico. Ele diz:

Enquanto as núpcias místicas na história da espiritualidade cristã são frequentemente percebidas como uma experiência individual, em Chiara elas são uma experiência de todo um grupo de almas fundidas em unidade, que se tornaram Igreja. Na única Alma-Esposa, cada alma individual pode se considerar esposa, também pessoalmente. É o batismo levado à sua plena expressão, em que a imagem sponsal revela a plena transformação em Cristo (CIARDI, 2020, p. 41).

Nessa direção, Ciardi retrata, com rebuscada poesia, a “viagem nupcial” de Chiara. Durante aquele verão, o Esposo mostrou o Paraíso através de seus próprios olhos. Assim, dia após dia, iam-se descortinando os “segredos do céu”, as realidades divinas sob o prisma da mística com a qual o próprio Pai lhe presenteou gratuitamente. Dessa forma, a realidade da Trindade, do Pai, do Verbo, do Espírito Santo, de Maria,

da Criação, e assim por diante. “Ali, no coração da Trindade, Chiara via delinear-se também a sua obra, o seu núcleo fundamental, o projeto que Deus tinha para ela” (TORNO, 2011, p. 52).

Como a experiência feita pelos discípulos de Jesus no Monte Tabor, também aquele grupo de focolarinas não queriam mais deixar o “*Chalé Paraíso*”. Foi Foco que, em uma de suas visitas a Tonadico, pediu a Chiara que ela não abandonasse a comunidade que estava se formando. “Pedi-lhe que deixasse ‘o Paraíso pela terra’. Convidou-a a abandonar ‘Deus por Deus’, por amor a Jesus Abandonado. ‘Devo abandonar o Paraíso?’ ‘Sim, Chiara’, respondeu-lhe” (TORNO, 2011, p. 52). Foi nessa ocasião, justamente naquele dia – 20 de setembro de 1949 –, que Chiara entendeu uma outra dimensão de Jesus Abandonado e escreveu um dos documentos mais intensos – assim considerado por seus seguidores –, o qual transcrevemos a seguir:

Tenho um só Esposo na terra: Jesus Abandonado. Não tenho outro Deus além Dele.

Nele está o Paraíso com a Trindade e toda a terra com a Humanidade. Por isso, o *seu* é meu e nada mais.

*Sua* é a Dor universal e, portanto, minha.

Irei pelo mundo à sua procura em cada instante da minha vida.

O que me faz sofrer é *meu*.

Minha, a dor que me perpassa no presente. Minha, a dor de quem está ao meu lado (ela é o meu Jesus). *Meu*, tudo aquilo que não é paz, gáudio, belo, amável, sereno... Numa palavra: aquilo que não é Paraíso. Pois eu também tenho o *meu Paraíso*, mas ele está no coração do meu Esposo. Outros Paraísos não conheço. Assim será pelos anos que me restam: sedenta de dores, de angústias, de desesperos, de melancolias, de desapegos, de exílios, de abandonos, de dilacerações, de... tudo aquilo que é Ele, e Ele é o Pecado, o Inferno.

Assim *dessecarei* a água da tribulação em muitos corações próximos e – pela comunhão com meu Esposo onipotente – distantes.

Passarei como Fogo que devora tudo o que há de ruir e *deixa em pé* só a Verdade.

Mas é preciso ser *como* Ele, ser Ele no momento presente da vida (LUBICH, 2003, p. 138-139, grifos originais).

Os escritos daquele período, daquela experiência mística, se estenderam até 1951. Apresentaremos, a seguir, os 12 pontos estruturantes da mística de Chiara, vividos desde o início e redimensionados no *Paraíso de 1949*. Nos escritos e anotações feitos por ela a partir de então, encontramos verdadeiras pérolas, as quais, minimamente, colocaremos em relevo, relacionando-as a cada um desses aspectos, embora entrelaçados entre si, para apresentarmos lampejos da profundidade da mística doada gratuitamente por Deus a essa sua filha.

Embora não seja tarefa fácil, vamos, pois, em busca daquilo que Deus colocou no coração de Chiara como o instituinte de sua mística, conforme encontramos em Roger Bastide e que referenciamos no capítulo precedente. No seu *corpus* estão os agentes de mudanças singulares e coletivas propostos pela mística de Chiara, nos quais encontramos três dimensões: a primeira, a dimensão de testemunho pessoal; a segunda, a dimensão de inserção no mistério de Deus e dos homens; e a terceira, a dimensão de encarnação nas realidades humanas, sobre a qual falaremos mais especificamente quando abordarmos a “invasão de mundos”.

#### 5.4.1 Deus Amor

Quando Chiara fala sobre Deus Amor, na maioria das vezes, é recorrente ela fazer alusão a um episódio ocorrido nos primórdios do Movimento, durante a guerra, quando ainda era estudante:

Não sei exatamente quando. [...]. Um sacerdote que por ali passava [...] quer dirigir-me uma palavra. Pede-me que eu ofereça uma hora por dia nas suas intenções. Respondo: por que não o dia todo? Impressionado por esta generosidade juvenil, me diz: “Lembre-se de que Deus a ama imensamente”. É a fulgurante descoberta! “Deus me ama imensamente”. “Deus me ama imensamente”. Digo e repito para minhas companheiras: “Deus a ama imensamente. Deus nos ama imensamente” (CERINI, 1992, p. 16).

A partir de então, o sentido da vida mudou substancialmente, não obstante o escabroso cenário no entorno daquele pequeno grupo. Tudo adquiriu um novo sentido. Cada coisa lhes parecia centelha de amor desse Deus que é Amor e, portanto, ama cada pessoa singularmente. Lembra Chiara:

Descubro Deus presente com o seu amor por toda parte: nos meus dias, nas minhas noites, nos meus ímpetos, nos meus propósitos, nos acontecimentos alegres e confortadores, nas situações tristes, ásperas e difíceis. Ele está sempre presente em toda a parte e me explica tudo. Explica o quê? *Que tudo é amor*: o que sou e o que me acontece; o que somos e o que nos diz respeito; que sou sua filha e Ele é meu Pai; que nada foge ao alcance do seu amor, nem sequer os erros que cometo, porque *Ele os permite*; que seu amor envolve os cristãos como eu, envolve a Igreja, o mundo, o universo. Ele me sustenta e me abre os olhos para tudo e para todos, fazendo-me reconhecê-los como frutos do seu amor. A conversão acontece. “A novidade” brilha diante de minha mente: sei quem é Deus. Deus é Amor (CERINI, 1992, p. 16).

O que nos chama a atenção nessa descoberta de Chiara é ela não acontece a partir da leitura da primeira carta de João, na qual está escrito: “Deus é amor” (1 João 4,8). Não é uma compreensão que nasce de um estudo bíblico, por assim dizer, de um aprofundamento teológico. Não. Nasce da vida. Nasce daquele conhecimento por experimentação, mencionado por Maria Clara Bingemer (BINGEMER, *In*: TEIXEIRA, 2004, p. 35). E a conversão da qual fala Chiara se reflete também no modo de ver o mundo, as pessoas e a história.

Tal descoberta assume, como também é naturalmente corriqueiro, a dimensão coletiva. É uma verdade apreendida por Chiara que, subitamente, torna-se apreendida por todas e, desde então, espalha-se para as outras pessoas do entorno. Absolutamente, não é uma verdade na qual quer apoderar, ao contrário, é uma verdade que se quer espalhar e fazer chegar ao maior número possível de pessoas. Lembra Chiara: “O mundo que nos rodeia não o sabe. Comunico a novidade a todos que posso: minha mãe, meu pai, minhas irmãs, meu irmão, minhas amigas” (CERINI, 1992, p. 17).

Tal descoberta foi tão impactante a ponto de fazer Chiara e suas primeiras companheiras desejarem que, se morressem por causa da guerra, queriam ser sepultadas em um único túmulo e, no lugar dos nomes de cada uma, uma única frase: “E nós acreditamos no Amor” (1 João 4,16). Emerge como a real e mais verdadeira de todas as realidades e as impulsiona a escolher Deus como o tudo de suas vidas. É o ponto de partida. O que aconteceria no percurso da história é consequência.

Em um de seus escritos anteriores a 1963, encontramos a descrição da evolução da escolha de Deus e seus efeitos na alma humana. Vejamos:

Deus! No começo tu o escolhes como o Tudo de tua vida por exclusão do resto, que te parece fátuo e vão. Depois, vês com os olhos Dele homens e coisas, mundo e história, acontecimentos enormes e minúsculos... e o amas presente na natureza e nos séculos. Finalmente o “sentes” no fundo do teu coração. E Aquele, cuja existência aceitavas pela fé, manifesta-se real a ti, por demonstração mística e tangível. E acreditas que Ele existe, porque Ele está realmente no fundo do teu espírito (LUBICH, 2021a, p. 106).

Eis a síntese da descoberta de Deus Amor feita por Chiara, compartilhada com suas primeiras companheiras e com todas as pessoas que tiveram, têm e terão contato com a sua mística.

#### 5.4.2 A vontade de Deus

Uma premissa: na maioria das vezes, ou melhor, para a maioria dos cristãos, aceitar a vontade de Deus significa resignação diante do sofrimento e do imutável. É voz comum escutarmos como resposta à indagação do modo como se vive: “*Assim, como Deus quer e consente*”. Ou, ainda, em meio a uma aflição: “*É Deus quem quer assim*”. Dificilmente nos colocamos como protagonistas de nossa própria vida e, ainda com maior dificuldade, conseguimos enxergar o que, de fato, é o querer de Deus e o que é consequência de nossas escolhas.

Em Chiara, todavia, encontramos uma nova chave de leitura. Mais do que uma chave de leitura. Apresenta uma dimensão e uma certeza, eminentemente bíblicas, que permeiam seus textos sobre *a vontade de Deus*, decorrente daquilo que viveu singular e coletivamente desde sempre. Chiara resgata a própria essência desse aspecto, ou seja, o amor de Deus pelo ser humano, o seu sim ao ser criado à sua imagem e semelhança, que espera, em contrapartida, o sim do próprio homem a Ele. Nessa dimensão, comentando os postulados de Chiara, Lucia Abingnente aponta:

É a dádiva que pedimos ao Pai todo dia, fazendo nossas as palavras de Jesus: “Seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu (Mateus 6,10). Ele não se limitou a pedir; tornou-se exemplo, caminho, para nós: “Não a minha vontade, mas a tua seja feita (Lucas 22,42); “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra” (João 4,34). A vontade de Deus, alimento, nutrição, respiro da alma, pode ser também realidade de cada dia, para nós. Vivendo-a, inserimo-nos na vida do Céu desde agora, em virtude de sua promessa (ABINGNENTE. *In*: LUBICH, 2011, p. 9).

Assim sendo, em Chiara encontramos uma compreensão vital, positiva e propositiva sobre a vontade de Deus, enfatizando ser ela um caminho à santidade coletiva, assumida por tantas pessoas que seguiram (e seguem) suas descobertas. Foram muitos os escritos, as palestras, em que Chiara falou sobre a vontade de Deus, sempre, segundo Abingnente, “com o ímpeto, a paixão, o frescor, a autenticidade e a credibilidade que caracterizam a sua mensagem, jamais dissociada do testemunho de vida” (ABINGNENTE. *In*: LUBICH, 2011, p. 12).

Nos primórdios, aquele pequeno grupo havia feito a escolha radical de Deus, que descobriram Amor, como o único ideal de suas vidas. A pergunta que não queria calar aflorava de uma declaração de Jesus sobre o maior de todos os mandamentos: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito” (Mateus 22,37). A resposta também contida em Mateus: “Nem todo aquele

que me diz ‘Senhor, Senhor’, entrará no Reino dos Céus, mas sim aquele que pratica a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mateus 7,21). Assim, afirma Chiara, “chegamos à conclusão de que amar a Deus não era puro sentimentalismo, mas significava cumprir a sua vontade. O modo concreto de demonstrar o nosso amor por Ele é fazer a sua vontade” (LUBICH, 1983b, p. 218).

Um dos aspectos mais profundos em relação à vontade de Deus está na compreensão da distinção entre *estado de perfeição* e a *perfeição em si mesma*. Durante a missa do Natal de 1943, portanto, logo após do seu “*esposar Deus*” ocorrido em 7 de dezembro daquele mesmo ano, Chiara sentiu que Jesus lhe pedia tudo, o que, para ela, significava não apenas a virgindade, mas, também, a obediência, a pobreza, o desapego em relação à família e a tudo o que existe de mais bonito no mundo. Teve a impressão de que deveria entrar para um convento, mesmo que isso significasse um profundo sofrimento, porque não se via longe daquele pequeno grupo que a seguia. Consultou seu confessor, do qual escutou, como resposta: “Não, esta não é a vontade de Deus para ti”. “Naquele momento – diz Chiara – tornaram-se distintos em minha mente dois conceitos que antes coincidiam: o estado de perfeição e a perfeição em si mesma” (LUBICH, 1983b, p, 219). Compreendeu que somente se atinge a perfeição fazendo a vontade de Deus.

Abria-se, pois, diante delas, duas possibilidades: viver de acordo com a própria vontade, ou perseguir, insistente e permanentemente, a vontade de Deus, seguras de que Ele, Pai e amor, somente deseja o bem de todos. Afirma Chiara:

Esse abandono não era passividade, pelo contrário, descobrindo em cada momento a vontade de Deus, nós a fazíamos nossa e procurávamos realizá-la com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, empenhando-nos por sermos o mais possível coerentes, mesmo quando essa vontade se manifestava continuamente dinâmica (LUBICH, 1983b, p. 221).

Em uma das metáforas mais bonitas e significativas usadas por Chiara para explicar a vontade de Deus, ela faz a seguinte analogia: imaginemos o Sol e seus raios. Deus, o Sol, a Luz; a vontade de Deus, os raios. Diversos são os raios, ou seja, diversos os desígnios de Deus, como diversas são as pessoas, porém, um mesmo Sol, um único amor. Assim, seguir rumo ao Sol ao lado do irmão, cada um no singular raio da vontade de Deus, faz-nos pessoas, torna-nos livres, transforma-nos em amor. A postura é: dize o que queres de mim. Para ti nasci e meu coração é somente teu. E

os momentos vividos fora do raio da vontade de Deus eram “remendados” pela misericórdia divina (LUBICH, 1983b, p. 226-228).

Eis o trilho que Chiara identificou. Para ela, a voz do Espírito Santo fala à consciência e mostra o caminho, o raio da vontade de Deus. Portanto, “escutar aquela Voz” tornou-se a palavra de ordem.

#### 5.4.3 A Palavra

Para Fabio Ciardi (2017, p. 15), a relação entre Chiara e o Evangelho é uma história fascinante, talvez ainda não levada em consideração e inserida na história do grande Movimento Bíblico no início do século XX, não apenas com uma abordagem científica, mas, também e sobretudo, pelos aspectos vitais e criativos. Uma história pessoal e, ao mesmo tempo, coletiva, capaz de fazer brotar em muitas pessoas o amor pelas Escrituras Sagradas e a compreensão de que encerram *palavras de vida*.

Bastaria lembrar a singular história na “clausura” dos refúgios, nos quais somente era possível levar o evangelho, nada mais; ali, à luz de velas, aquele pequeno grupo ia lendo o Evangelho passo a passo, palavra por palavra, não para fazer um grupo de estudo, tampouco para passar o tempo, mas, sim, para compreender como corresponder ao amor de Deus e fazer a sua vontade; o propósito assumido por todas: se, por uma hipótese absurda, a guerra destruísse todos os evangelhos do mundo, vendo a vida-testemunho daquelas jovens, a humanidade poderia reescrevê-lo frase por frase (LUBICH, 2016b, p. 20); por fim, recordar daquele episódio quando, impossibilitada de frequentar a faculdade por não conseguir uma bolsa de estudo, teve a impressão de escutar Jesus lhe dizer: “Eu mesmo serei o teu mestre”. Assim, é simples e, ao mesmo tempo, densa, a constatação de que a mística de Chiara nasceu com o Evangelho nas mãos e se transformou em vida cotidiana.

Falando sobre esse período a um grupo de jovens, em fevereiro de 1971, Chiara o classifica como uma *Escola de Fogo* e a descreve assim: “Na verdade, não eram os livros, nem as salas de aula, nem os estudos que a tornavam escola. [...] Ali havia um Mestre. Aquele que vivia entre os alunos: Jesus” (LUBICH, 1976a, p. 69).

Mas, o que ensinou Jesus Mestre a Chiara e suas primeiras companheiras por meio de suas palavras contidas no Evangelho? “Ele me deu uma luz que todas as constelações negativas, todas as heresias, todas as desviações não conseguem apagar” (LUBICH, 1976a, p. 72). E Chiara continuou falando aos jovens, lembrando

da casa sobre a rocha e elencando os efeitos da Palavra de Deus em quem a põe em prática a partir de sua própria experiência: *ilumina interiormente* todo o ser porque é luz, amor e vida; *doa a paz*, aquela paz prometida pelo próprio Jesus (João 14,27); *dá uma alegria plena* fruto das bem-aventuranças já nesta terra; *demonstra a sua verdade*, ou seja, realiza as suas promessas. Em suma:

Ele nos ama como só Deus sabe amar e quer dar-nos uma medida sem medida: ele quer transfundir Ele mesmo em nós, quer amar-nos como ele ama o Pai e como é amado pelo Pai. Ele forma verdadeiramente as pessoas, tornando-as como torres que não desmoronam, iluminando-as até transformá-las em faróis que dão luz aos que navegam na escuridão, na dúvida, na busca (LUBICH, 1976a, p. 74-75).

Fábio Ciardi enfatiza o quanto, na vida e na obra de Chiara, a Palavra ocupa a centralidade. Juntando afirmações de Chiara, Ciardi constrói aquilo que chamou de “profissão de fé”.

“Cada Palavra [...]”, afirma, “é Palavra de Deus”. E mais: “cada Palavra é todo o Verbo”; “em cada Palavra está toda a Palavra, como na Palavra estão todas as Palavras”. E ainda: “em cada uma das suas Palavras” está “a Unidade: tudo é Deus, Amor e Verdade. Cada Palavra de vida é Jesus”. A palavra é o “Amor verdadeiro e o verdadeiro Amor”, e “é o Ideal”: é Jesus mesmo. Essas expressões, em sua clareza e em seu caráter absoluto, não precisam de comentário: são uma límpida e profunda profissão de fé<sup>48</sup>.

Embora não tenha sido essa a preocupação de Chiara, a escolha de uma palavra após outra não implicava uma fragmentação do Evangelho. Ao contrário. Surgiu da consciência de que cada palavra da Escritura contém todo o Verbo. A esse respeito, Chiara fez uma analogia à Eucaristia: “Como a Hóstia Santa é toda Jesus, mas também em um pedacinho dessa, assim o Evangelho é todo Jesus, mas também em cada sua Palavra”. Ciardi comenta:

A relação existencial e contínua com a Palavra de Deus havia originado uma experiência mística, no sentido mais bíblico do termo, que coincide com a mais autêntica experiência de fé. A relação com a Palavra fez nascer uma autêntica vida espiritual, a vida do Espírito Santo que, já semeada no batismo, aguardava o seu pleno desenvolvimento<sup>49</sup>.

<sup>48</sup> CIARDI, Fábio. Cada Palavra de vida contém o Verbo. **ABBA – Revista de Cultura**. Vargem Grande Paulista, v. I, n. 2, p. 11-26, 1998, p. 22.

<sup>49</sup> CIARDI, Fábio. Cada Palavra de vida contém o Verbo. **ABBA – Revista de Cultura**. Vargem Grande Paulista, v. I, n. 2, p. 11-26, 1998.

Como vimos na história de Chiara, elas compreenderam que a maior dor vivida por Jesus foi quando se sentiu abandonado pelo Pai. Que relação, então, Chiara estabeleceu entre a Palavra e Jesus Abandonado? Encontramos essa relação descrita por Fábio Ciardi:

Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos. Por isso, Jesus Abandonado é o amor maior, a máxima expressão do amor: a dor maior e, portanto, o amor maior. Se cada Palavra é amor, Jesus Abandonado, Amor por excelência, é a Palavra por excelência, aquela que explica o amor, que explica Deus que é Amor. Nele cumpre-se a revelação de Deus e Deus doa-se totalmente. “Jesus nunca se revelou Palavra tão viva quanto lá na cruz, quando gritou: ‘Deus meu, Deus meu...’. Ali fala o Amor, expressa o Amor, o Amor que é Deus”. Por isso, continua Chiara, “Jesus Abandonado nos pareceu a Palavra por excelência, a Palavra totalmente explicada, a Palavra completamente aberta”. É ele a Palavra de Deus. “Quem volta os olhos do coração para ele encontra... o Evangelho puro”.<sup>50</sup>

Concluimos esse aspecto da mística de Chiara transcrevendo um desejo seu: “É esforço de minha vida viver sempre a Palavra, ser a Palavra, a Palavra de Deus. Amo-a tanto que desejaria chegar a ponto de, se me perguntassem: ‘Então, quem é você’, querer responder: ‘Palavra de Deus’” (LUBICH, 2009, p. 17). Eis a grande descoberta: ser a Palavra de Deus singular e coletivamente.

Mais uma vez nos deparamos com uma experiência mística, isto é, vislumbramos o desnudamento do mistério que envolve a Palavra com a plena consciência da participação singular e coletiva em tal mistério. Adentramos esse mistério e compreendemos, à luz da mística de Chiara, que viver a Palavra cotidianamente, sem esperar fatos extraordinários, leva a pessoa a se tornar, também e por graça de Deus, Palavra viva, visto que imerge no próprio Deus. Consequentemente, torna-se amor, como Deus é Amor.

Em dezembro de 1955, Chiara escreveu uma carta a todos os membros do Movimento dos Focolares, na qual expressou o desejo de, mensalmente, apresentar uma *Palavra de Vida*. Ela explica que, movida pelas circunstâncias, nasceu a ideia de viver uma Palavra de Vida a cada mês. Assim, os comentários escritos por Chiara sobre cada *Palavra de Vida* escolhida mês a mês, correram o mundo inteiro, chegando aonde não se pode imaginar. Atualmente, esse comentário mensal de uma frase das Sagradas Escrituras – chamada de *Palavra de Vida* – está traduzido para cerca de 90

<sup>50</sup> CIARDI, Fábio. Cada Palavra de vida contém o Verbo. **ABBA – Revista de Cultura**. Vargem Grande Paulista, v. I, n. 2, p. 11-26, 1998, p. 25.

línguas, havendo alcançado milhões de pessoas por meio do próprio folheto, imprensa, rádio, televisão e internet. “Um método simples para difundir em larga escala os frutos de uma vida baseada no Evangelho” (ROSSI, *In*: CIARDI, 2020, p. 15).

#### 5.4.4 O Irmão

Parece óbvio, dentro de uma mística cristã, falar sobre o irmão. Evidente, também, que seja ele, o irmão, conceituado como a porta de entrada para o encontro pessoal com Jesus, uma vez que ele mesmo considerou feito a si tudo o que se faz ao outro (Mateus 25,40). As diversas místicas o apresentam sob o prisma de sua compreensão, mediante aquilo que Deus lhe anunciou. E para Chiara, quem é esse irmão, que se tornou um dos alicerces de sua mística? Qual mistério de Deus está nele contido?

A premissa, a semente primeira, está sempre na vida sobre os escombros da guerra. Ali, Chiara e suas primeiras companheiras procuravam os mais pobres. A esse respeito, ela mesma escreveu:

Lembro os encontros com os pobres pelas ruas da cidade. Caderneta na mão, tomávamos nota dos endereços deles para poder socorrê-los. O nosso maior tesouro eram os pobres. Eram Jesus: “A mim o fizeste”. E, conseqüentemente, o Espírito Santo nos inundava de luz, porque: “A quem me ama (inclusive nos pobres) me manifestarei” (cf. Jo 14,21). [...]. Mas, por causa do amor dedicado aos pobres, sempre iluminante, eis que o Espírito Santo nos faz entender a necessidade de amar não só os pobres, mas todos: “Ama o teu próximo como a ti mesmo”, quem quer que ele seja. E eis uma ideia fantástica e uma decisão: transformar a nossa vida diária, em contato com todo tipo de pessoa, em um leque de obras de misericórdia materiais e espirituais, porque aqui também vale: “A mim o fizeste” (LUBICH, 2013a, p. 31-32).

Em um dos muitos escritos de Chiara entre os anos de 1949 e 1950 – período de especiais iluminações, iniciado em 16 de julho de 1949, como vimos –, encontramos este: *Olhar todas as flores*, no qual Chiara nos apresenta, de uma forma densa e profunda, qual sua percepção do outro, do irmão. No referido escrito, Chiara descreve o corpo de fiéis como um grande e diversificado jardim. Diferentemente de outras místicas, que se fixam em uma determina flor, coerente com a mística coletiva que lhe foi inspirada por Deus, Chiara compreende que se deve olhar todas as flores

porque em cada uma delas está o Criador. Com essa metáfora, ela inicia esse escrito para, em seguida, apresentar o que Deus a fez compreender sobre o irmão.

Deus, que em mim reside, que a minh'alma plasmou, que nela repousa como Trindade, também reside no coração dos irmãos. Portanto, não basta que eu ame só a mim. Se é assim que faço, meu amor ainda mantém um quê de pessoal e inclinado ao egoísmo perante a espiritualidade que sou chamada a viver. Amo a Deus em mim e não Deus em Deus, porquanto a perfeição é: Deus em Deus. Por conseguinte, a minha cela – como dizem as almas íntimas a Deus –, o meu Céu – como dizemos nós –, está em mim e, do mesmo modo que está em mim, está na alma dos irmãos. E como o amo em mim, ao recolher-me nesse meu Céu – quando estou só –, amo-o no irmão quando ele está junto de mim (LUBICH, 2003, p. 75).

Podemos constatar a consistente doutrina que emerge dessa mística. Convém mostrar outros trechos desse escrito para compreendermos, o quanto nos for possível, o quão denso é seu entendimento sobre a presença de Deus no irmão, considerado aquele que está a nosso lado, qualquer que seja, aquele que está distante, aquele que pensa como nós, mas também aquele que discorda, pensa diferente e age de forma completamente disforme daquilo que somos. Não importa. Para Chiara todos, e cada um, trazem em si mesmos essa presença. Assim, ela afirma: “Dado que essa Trindade reside em corpos humanos, aí reside Jesus, o Homem-Deus. [...] E aqui está o milagre da Trindade e a beleza de Deus que não está só, porque é Amor” (LUBICH, 2003, p. 76).

A cada passo que percorremos nesse escrito, de linguagem simples e acessível, mais entramos na profundidade da descoberta de quem é esse irmão, qual a sua face, como nos comportarmos diante dele. Senão, vejamos:

Quando, então, a alma, o dia inteiro, de bom grado, perdeu o Deus em si, a fim de se transferir para o Deus no irmão (porque um equivale ao outro, como duas flores daquele jardim são obra do mesmo Criador) e assim tiver feito por amor a Jesus crucificado e abandonado, que deixa Deus por Deus (e justamente Deus em si pelo Deus presente ou nascituro no irmão...), ao voltar-se a alma para si mesma, ou melhor, para o Deus em si (porque está só, recolhida na oração ou na meditação), encontrará a carícia do Espírito, que – sendo Amor – é Amor de verdade, pois Deus não pode falar à sua palavra e dá a quem deu: dá amor a quem amou (LUBICH, 2003, p. 76).

Prossegue esclarecendo que as células vivas do Corpo Místico de Cristo são os irmãos unidos em seu nome. Assim, retomando a ideia inicial do texto, somente teremos esse olhar sobre todas as flores se colocarmos nossa retina no olhar do próprio Cristo que, além de ser a cabeça do Corpo Místico, é toda a Luz, é a Palavra.

Assim quando conseguimos nos perder no irmão e, com ele, formamos uma célula, tornamo-nos o Cristo total, a própria Palavra, o Verbo. Aqui, de acordo com Chiara, a concretização das palavras do próprio Jesus: “Eu lhes dei a glória que me deste” (João, 17,22).

#### 5.4.5 O amor recíproco

“O amor recíproco entre os cristãos é um pequeno reflexo da vida trinitária, vivida entre os homens” (LUBICH, 1983c, p. 75).

Aqui a exigência flui naturalmente da vivência do Mandamento Novo que Jesus chamou de seu: “Dou-vos um mandamento novo: amai-vos também uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos uns aos outros” (João 13,34). Como vimos na narrativa da história de Chiara e suas primeiras companheiras, a descoberta do Mandamento Novo as levou a um pacto de amor recíproco, a ponto de estarem prontas a morrer umas pelas outras, se Deus assim o permitisse.

Chiara compreende o amor mútuo, recíproco, como a pérola preciosa do Evangelho. Compreende-o, também, na sua concretude, para além de qualquer sentimentalismo.

É um passo à frente, é consequência do amor ao irmão. É resposta, é a reação da ação em direção ao próximo, amigo ou inimigo, explicitada pelo próprio Jesus, quando redimensiona o cumprimento da Lei (Mateus 5,17-48) ou a ação/reação que encontramos no Evangelho de Lucas:

Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, para não serdes julgados; não condeneis, para não serdes condenados; perdoai, e vos será perdoado. Dai, e vos será dado; será derramado no vosso regaço uma boa medida, calcada, sacudida, transbordante, pois com a medida com que medirdes sereis medidos também (Lucas 6,27-38).

Portanto, o amor recíproco é consequência, é uma construção. Mais que isso. É o modelo do relacionamento trinitário. Nesse sentido, Chiara explicou em uma palestra dirigida aos jovens, em Santiago de Compostela (Espanha), por ocasião da Jornada Mundial da Juventude, em 16 de agosto de 1989:

Se alguém ama, é frequente ser amado de volta, e por isso o amor se torna mútuo. E esse é o mandamento próprio de Jesus. Vocês sabem, na Trindade vive-se o amor e, portanto, Jesus trouxe o amor mútuo,

porque as pessoas da Santíssima Trindade se amam assim (LUBICH, 2013, p. 79).

Na busca pela concretude desse amor recíproco, Chiara apresentou os passos necessários, os quais compõem aquilo que ela chamou de *A arte de amar*. Esses passos estão assim nominados: *amar a todos; amar por primeiro; amar como a si mesmo; fazer-se um; amar Jesus em cada um; o amor mútuo; e o Ressuscitado entre nós*. Nesses passos, podemos identificar os cinco primeiros como as condições necessárias e os dois últimos, como consequência.

#### 5.4.6 Jesus Eucaristia

Para entender Jesus Eucaristia à luz da mística de Chiara, o convite é único: “Ir um pouco mais além do véu da hóstia branca, do vinho do cálice dourado” (LUBICH, 1983b, p. 11). Em que contexto se insere este convite? Leiamos a própria Chiara:

Jesus Eucaristia, quanta presunção, quanta audácia falar de Ti, que, nas igrejas do mundo inteiro, conheces as secretas confidências, os problemas mais recônditos, os suspiros de milhões de homens, as lágrimas felizes de profundas conversões, tudo conhecido somente por Ti, coração dos corações, coração da Igreja! Não ousaríamos falar de Ti, pelo receio de faltar com a veneração devida a tão profundo e vertiginoso amor, se justamente o nosso amor, que quer vencer todo temor, não desejasse ir um pouco além do véu da branca hóstia, do vinho do cálice dourado. Perdoa a nossa ousadia! Mas o amor deseja conhecer melhor para poder amar ainda mais, a fim de que não terminemos a nossa caminhada nesta terra sem ter descoberto, ao menos um pouco, quem és tu (LUBICH, 1983b, p.11).

Pontuamos, no decorrer desta tese, três momentos emblemáticos da experiência de Chiara com Jesus Eucaristia. O primeiro, quando ainda menina, pediu a Jesus “luz e calor”; o segundo, no dia de sua consagração (7 de dezembro de 1944), e o terceiro, o pacto de unidade realizado primeiro com Foco (16 de julho de 1949) e, em seguida, com suas companheiras.

Garimpando os textos de Chiara, encontramos um, escrito em 1976, que traz uma síntese de sua compreensão sobre a Eucaristia. Diz Chiara: “A Eucaristia tem como finalidade tornar-nos Deus (por participação)” (LUBICH, 2014b, p. 25). É impactante! Como assim? Ela explica: “Ao misturar as carnes vivificadas pelo Espírito Santo e vivificantes do Cristo, torna-nos Deus” (LUBICH, 2014b, p. 25).

Entendemos que essa sua compreensão brota daquela experiência feita em 1949, mais especificamente, naquele pacto feito com Giordani e, em seguida, com

suas companheiras. Assim, Chiara afirma que “Deus não pode estar senão em Deus. Eis por que a Eucaristia faz o homem, que dela se alimentou dignamente, entrar no seio do Pai, coloca o homem na Trindade, em Jesus” (LUBICH, 2014b, p. 25). Esse “alimentar-se dignamente” é condição evangélica explicitada em Mateus: “Se, ao apresentares a tua oferta diante do altar, te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti...” (Mateus, 5,23-24).

Também fruto daquilo que foi vivido em Tonadico, coloca em evidência o efeito coletivo provocado pela Eucaristia, visto que a experiência singular não é exclusiva de uma determinada pessoa – ao contrário, pode e deve ser vivida por todos. Diz Chiara: “A Eucaristia não faz isso com um homem apenas, mas com muitos, os quais, sendo todos Deus, não são mais muitos, mas são um. São Deus e todos juntos em Deus. São um com Ele, perdidos Nele” (LUBICH, 2014b, p. 25).

É perceptível o quanto Chiara fixa seu argumento no Deus Único. No texto acima, ela não cogita em hipótese alguma o politeísmo. Não diz que nos transformamos em deuses. Assim sendo, não é uma deificação do homem. É, sim, um perder-se do homem em Deus.

Para Chiara, aqui está a Igreja, definida por ela como o “um” provocado pelo amor mútuo dos cristãos e pela Eucaristia. “A Igreja é formada por homens divinizados, feitos Deus, unidos em Cristo, que é Deus, e entre si” (LUBICH, 2014b, p. 25). Assim, também a Igreja está no seio do Pai. Nesse jogo de amor, o homem arrebatava consigo toda a Criação. Chiara conclui que “tudo o que sai de Deus volta, portanto, à Trindade pela Eucaristia” (LUBICH, 2014b, p. 25).

Em outro escrito, evidencia a consciência plena de que Jesus está presente no mundo inteiro. É essa presença que aquece a terra e representa as núpcias de Jesus com a humanidade. Escreveu Chiara: “Não, a terra não ficou fria: Tu ficaste conosco! O que seria do nosso viver se os sacrários não te contivessem?! Tu desposaste uma vez a Humanidade e lhe ficaste fiel” (LUBICH, 2003, p. 180). A essa presença no sacrário, encontramos um verdadeiro colóquio entre Jesus e aquela que o esposou e que se manteve fiel. É um texto-poesia que demonstra a intimidade corriqueira de quem vive uma relação profunda e constante. Senão, vejamos:

É inconcebível, é extraordinário  
é algo que se grava sempre mais profundamente  
em minha alma  
o teu ficar ali  
em silêncio no sacrário.  
Vou à igreja de manhã, e lá te encontro.

Corro para a igreja ao sentir que te amo  
 e lá te encontro.  
 Passo ali por acaso, ou por hábito, ou por respeito,  
 e lá te encontro.  
 E toda vez  
 tu me dizes uma palavra,  
 me ratificas um sentimento,  
 vais, na realidade, compondo com notas diversas  
 um único canto,  
 que o meu coração sabe de cor,  
 e me repete uma palavra só:  
 eterno amor.  
 Ó Deus! Melhor não podias inventar.  
 Aquele teu silêncio  
 em que o bulício de nossa vida amortece,  
 aquele palpar silencioso  
 que toda lágrima enxuga;  
 aquele silêncio...  
 aquele silêncio,  
 mais sonoro que uma angélica harmonia;  
 aquele silêncio  
 que à mente traz o Verbo,  
 ao coração doa bálsamo divino;  
 aquele silêncio  
 em que toda voz se reconhece canalizada,  
 toda prece ressoa transformada;  
 aquela tua presença arcana...  
 Ali está a vida;  
 ali, a espera;  
 ali, o nosso pequeno coração repousa,  
 para retomar sem trégua  
 o seu caminho (LUBICH, 2003, p. 177-178).

Também reconhece que os homens, cada um na sua medida, celebram cotidianamente sua própria missa. “Se sofres... lembra-te da missa”. Chiara estabelece um paralelo entre a “missa” vivida por Jesus, isto é, o imolar-se por amor à humanidade, e a “missa” vivida pelos humanos, reconhecendo que a dor, aquela mais aguda, oferecida por amor, é a palavra mais forte, é aquela que toca o Céu. Convida cada um a mergulhar a própria dor na dor de Jesus e celebrar a própria “missa”, ao mesmo tempo que reconhece esse sacrifício, a “missa”, grande demais para ser entendida em sua profundidade (LUBICH, 2003, p. 177).

#### 5.4.7 A unidade

Podemos atribuir aos inúmeros carismas, às mais variadas místicas que existem na Igreja uma única palavra-chave, uma palavra-síntese, que nos transporte imediatamente ao que aquele carisma, aquela determinada mística, deixou como

tesouro para a Igreja e para a humanidade. Nesse sentido, logo identificamos, em Francisco de Assis, a pobreza, por exemplo. Para Chiara, a palavra-chave que sintetiza sua mística é a *unidade*, que encerra em si qualquer outra realidade sobrenatural, qualquer outra prática ou mandamento, qualquer outra atitude religiosa, o que difere substancialmente da uniformidade. Então, o que significa unidade no pensamento de Chiara?

Como todos os outros aspectos, buscamos suas explicações primeiras no cenário de guerra. Em muitas ocasiões, Chiara explicou, de formas as mais variadas, como descobriram a *Oração de Jesus* (João 17,1-26), a qual chamaram *Testamento de Jesus*, e o tomaram como a *carta magna* daquele movimento que ainda não nascera. Em uma dessas ocasiões, cujo texto encontramos no seu livro *L'unità e Gesù Abbandonato* (1984, p. 27-47), Chiara lembra que estavam, ela e algumas de suas primeiras companheiras, em um porão escuro para protegerem-se dos bombardeios. Era o ano de 1943. Ali leram todo o *Testamento de Jesus* e, para elas, aquelas palavras de difícil compreensão adquiriram uma luminosidade incomum. Compreenderam-na. Tiveram a certeza de que o *Testamento* era a “*carta magna*” do cristão, mas também do novo estilo de vida que elas haviam escolhido e de tudo o mais que nasceria a partir da experiência *sui generis* que haviam iniciado.

Pouco tempo depois, conscientes das dificuldades, senão da impossibilidade de colocar em prática tal programa, sentiram-se impulsionadas a pedir a Jesus que Ele mesmo as ensinasse a viver a unidade. Ajoelhadas em torno de um pequeno altar, ofereceram-Lhe suas vidas, para que Ele mesmo – se assim o quisesse – pudesse realizar a unidade. Era a festa de Cristo Rei, festa móvel da Igreja Católica, celebrada na conclusão do ano litúrgico, portanto, em novembro. Impressionadas com as palavras da liturgia daquele dia, retiradas do livro dos Salmos: “Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade” (Salmos 2,8), pediram e anos depois, estavam em todos os continentes.

Mais tarde, maravilhadas, conheceram a encíclica do Papa Pio XII, “*Mystici Corporis*”, que reafirma ser a Igreja o Corpo Místico de Cristo. No coração de Chiara e de suas primeiras companheiras, uma coisa ficou clara: a unidade é aquilo que Deus quer para elas. Mas, como compreendermos a *Oração de Jesus* à luz da mística de Chiara?

O âmago, porém, não poderia ser outro senão o dia 16 de julho de 1949, quando, com Foco, firmaram o “*pacto de unidade*”. Ali está o suprassumo da

compreensão daquela unidade pedida por Jesus ao Pai: “Que todos sejam um” (João 17, 21) e que se realiza entre as pessoas, quando inteiramente mergulhadas em Jesus, transformadas Nele, imergem no Seio do Pai. Portanto, Deus em Deus.

Nessa dimensão, não cabe a uniformidade, até por que cada pessoa carrega em si suas características próprias resultantes de traços culturais, familiares, educacionais, intelectuais... enfim, tudo aquilo que compõe a constituição de cada ser. Tais características singulares representam aquelas flores, às quais Chiara fez referência, quando explicou a necessidade de “olhar todas as flores” (LUBICH, 2003, p. 75). Não são as diferenças que precisam ser anuladas para que se atinja a unidade. Para Chiara, o vínculo da unidade é o encontro profundo de Deus que habita em cada pessoa – Deus em Deus.

Compreende-se, então, porque, desde sempre, Chiara entendeu que no *Testamento de Jesus* estava a carta magna da sua vida e da vida do Movimento dos Focolares, que nasceria como consequência.

Em um artigo seu, publicado na revista *Città Nuova*, edição de 15 de dezembro de 1959, sob o título “*Il Testamento di Gesù*”<sup>51</sup>, entre tantas coisas, Chiara exaltando a excepcionalidade dessa oração, explica que:

Jesus, por três anos, falou muitas vezes aos homens: pronunciou palavras celestes, semeou-as por entre pessoas de “pouca inteligência”, anunciou um programa de paz, mas ofereceu o Seu patrimônio divino, de certo modo adaptando-se à mente de quem o ouvia, e as parábolas dão testemunho disso. Porém, nesse momento em que não fala aos homens, e a Sua voz é dirigida ao Pai, parece que nada detém mais o seu ímpeto. É esplêndido esse Homem, que é Deus, e derrama – como fonte transbordante de Vida Eterna – a Água que submerge a alma do cristão, perdida nele, nos mares desmedidos da Trindade [...]. Esse último discurso é tão belo quanto Ele.

No mesmo artigo, Chiara explica que foi no *Testamento de Jesus* que descobriu, de forma totalmente nova e em uma profundidade jamais pensada por ela nem por suas primeiras companheiras, o mistério do Corpo Místico de Cristo em contraponto ao modo precedente de viver o cristianismo.

“Santifica-os pela verdade. Não rogo somente por eles, mas também por aqueles que por sua palavra hão de crer em mim, para que todos sejam um”.

---

<sup>51</sup> LUBICH, Chiara. *Il Testamento di Gesù*. Revista *Città Nuova*, ano 3, n. 23, p. 3-4, 15 de dezembro de 1959. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1195539/ACL-DT-19591215.pdf/aeaa2e4-db1e-47df-96c3-ee85d982f725?version=4.0>. Acesso em: 06 jan. 2022.

No entanto, que tipo de cristianismo vivíamos antes, se passávamos ao lado dos outros com indiferença ou até mesmo com desprezo, julgando-os, uma vez que o nosso destino era fundir-nos na unidade invocada por Cristo? Com esse novo modo de ver, parecia que Jesus lançasse um laço ao Céu e ligasse os membros espalhados, que éramos nós, em unidade – por meio d’Ele – com o Pai e em unidade entre nós. E o Corpo místico se abria para nós em toda a sua realidade, verdade e beleza.

A conversão como consequência do reconhecimento de uma vida mergulhada em Deus. Assim, Chiara afirma que, se os membros do Movimento dos Focolares são chamados à unidade, o caminho para chegar a Deus passa necessariamente pelo irmão.

“A fim de que o mundo creia que tu me enviaste”.

A conversão do mundo, que nos circundava, seria a consequência da nossa unidade. Provavelmente era por isso que, desde a aurora do Movimento, muitas almas voltavam para Deus, sem que nós nos preocupássemos em convertê-las, mas unicamente mantendo a unidade entre nós e amando-as em Cristo.

Por fim, a perfeição na unidade como condição *sine qua non* para que os fiéis conheçam a glória de Deus:

“...Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste...”.

Os homens acreditariam em Cristo, se fôssemos perfeitos na unidade. Portanto, era preciso aperfeiçoar-se nessa vida. Devíamos pospor tudo à unidade. 1943 foi o ano da Encíclica *Mystici Corporis*. Cristo, por meio do Papa Pio XII, fazia ecoar o seu Testamento. Será que Jesus, que vive na Cabeça e no seu Corpo, impelia-nos também a focalizar a exigência da unidade e a fazer dela um dom para muitos? Unidade, unidade, todos um! Num tempo em que a ideia fundamental de Cristo estava se transformando, tendo sido deformada e depauperada de divino, na ideia-força da revolução ateia, Deus quis evidenciá-la para nós no Evangelho. Não sabemos. Sabemos unicamente que o Movimento dos Focolares teve esse timbre inconfundível e que, para nós, nada tem mais valor do que a unidade: porque foi o conteúdo do Testamento d’Aquele que queremos amar acima de tudo; porque, pela experiência que fizemos até aqui, ela é riquíssima e fecundíssima de frutos para o Reino de Deus, para a Sua Igreja.

#### 5.4.8 Jesus Abandonado

No decorrer da escrita desta tese, em diversos momentos mencionamos Jesus no seu abandono. Aqui, porém, queremos ousadamente apresentar a sua essência sob o prisma da mística de Chiara. Encontramos esta síntese entre as anotações feitas por ela no “*Paraíso de 1949*”:

Jesus é Jesus Abandonado. Porque Jesus é o Salvador, o Redentor, e redime quando derrama o Divino sobre a humanidade, através da Ferida do Abandono, que é a *pupila* dos Olhos de Deus sobre o mundo: um Vazio Infinito através do qual Deus nos olha, a janela de Deus escancarada para o mundo e a janela da humanidade através da qual se vê Deus (LUBICH, 2000, p. 125).

Para Chiara, existe um *abandono real*, isto é, um abandonado referente à humanidade de Jesus, a qual Deus a deixa sem interferir. Ao mesmo tempo, existe um *abandono irreal*, se pensarmos na divindade de Jesus, porque Ele, sendo Deus, é consubstancial ao Pai, é Uno com o Pai e o Espírito Santo e, portanto, não pode dividir-se. É o mistério de Deus abandonado por Deus, suspenso entre o céu e a Terra. Nesse sentido, escreveu:

A dor do abandono de Jesus por parte do Pai, mistério do amor de Jesus pelos homens, tão intensa, tão aguda, começava a penetrar em nós, a revelar-se um pouco, a atrair-nos, a deixar-se amar. [...] Este Homem-Deus reduzido a trapo, a vergonha, “ao nada”, por amor, [...], expulso da terra e do Céu, para nos introduzir no Reino, co-herdeiros com Ele, plenos de sua luz, de seu amor, de seu poder, repletos de dignidade, elevados à maior altura. Ele *dera tudo*. Uma vida ao lado de Maria nas privações e obediência. Três anos de pregação revelando a Verdade, testemunhando o Pai, prometendo o Espírito Santo e fazendo toda sorte de milagres de amor. Três horas de cruz, onde perdeu os algozes, abriu as portas do Paraíso ao ladrão, doou-nos sua Mãe e, finalmente, o seu Corpo e o seu Sangue, depois de no-los ter dado misticamente na Eucaristia. Sobrava-lhe a divindade. A sua união com o Pai, a dulcíssima e inefável união com Ele, que tanto poder lhe dera na terra, como Filho de Deus, e tanta realza na cruz, este sentimento de presença de Deus devia calar no fundo de sua alma, não se fazer mais sentir, devia, de algum modo, desuni-lo d’Aquele com Quem dissera que era um: “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30). N’Ele o amor se aniquilara, a luz se apagara, a sabedoria emudecera (LUBICH, 2000, p. 39-40).

Relembrando a imagem do grão de trigo que morre para poder frutificar (João 12,24), Chiara o associa a Jesus crucificado e abandonado, cujo fruto foi a redenção da humanidade. Ao mesmo tempo, submerge o cotidiano da vida nesse mistério de dor-amor e o reconhece nas dores pessoais e sociais, nas divisões, nos traumas, nas separações, nas indiferenças recíprocas, grandes ou pequenas: nas famílias, entre as gerações, entre pobres e ricos. Disse Chiara:

E foi Ele que nos ensinou como enfrentá-las, como vivê-las e ajudar a superá-las, quando, depois do abandono, recolocou o seu espírito nas mãos do Pai: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23,46), dando assim a possibilidade para que a humanidade se recompusesse, em si mesma e com Deus, e indicando-lhe o modo de fazê-lo. Ele manifestou-se como chave da unidade, remédio para

qualquer divisão. Era Ele que recompunha a unidade entre nós, cada vez que era rompida. Era Ele que reconhecíamos e amávamos nas grandes, trágicas divisões da humanidade e da Igreja.<sup>52</sup>

Encarar as dores, pessoais e/ou coletivas, sob a perspectiva apresentada por Chiara, tanto quanto por outros místicos, exige um profundo e sincero ato de fé, fruto da adesão à espiritualidade proposta. É uma perspectiva contrária à natureza humana que busca o distanciamento da dor (seja física, espiritual, moral etc.) por não conseguir compreendê-la como expressão do amor de Deus e possibilidade de responder a esse amor.

Ainda na perspectiva apresentada por Chiara, não encontramos traços masoquistas. Não há um deleite na dor. Encontramos a fé no amor de Deus que, não obstante as dores que chegam, tem a coragem de repetir aquela entrega absoluta – “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (Lucas 23,46) –, na certeza da ressurreição, a qual também significa a travessia daquelas dores e o reencontrar a luz, a serenidade e a paz.

#### 5.4.9 Maria

Nesta tese, apresentamos Maria em duas ocasiões: quando, decorrente de uma bomba que explodiu perto de si, Chiara se entristeceu ao pensar na morte que a impossibilitaria rezar a “ave-Maria”; e no texto *Lado a lado com os homens*, quando a menciona, por uma lado, a Sede da Sabedora, e, por outro, uma simples mãe de família.

Existe, porém, um escrito seu, de dezembro de 1957, que traduz, de maneira clara e impactante, o desígnio de Deus sobre Chiara e seus seguidores em relação à Maria. Eis o texto:

Entrei na igreja um dia  
e, com o coração cheio de confiança,  
perguntei-lhe:  
“Por que quiseste ficar na Terra,  
na dulcíssima eucaristia,  
e não encontraste um modo,  
Tu que és Deus,  
de trazer e deixar também Maria,  
a Mãe de todos nós que peregrinamos?”  
No silêncio, parecia responder:  
“Não a trouxe porque quero revê-la em ti.

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/chiara-lubich/espiritualidade-da-unidade/gesu-abbandonato/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

Embora não sejais imaculados,  
 o meu amor vos virginizará,  
 e tu, vós,  
 abrireis braços e corações de mães à humanidade,  
 que, como outrora, tem sede de Deus  
 e da Mãe Dele.  
 A vós, ora, lenir as dores, as chagas,  
 enxugar as lágrimas.  
 Canta as ladainhas  
 e procura espelhar-te nelas” (LUBICH, 2017, p. 72).

Reviver Maria! Também nesse desígnio, encontramos as duas dimensões que norteiam a mística de Chiara: aquela dimensão vertical, ou seja, a relação íntima, pessoal, intransferível, da pessoa com o Sagrado, com o Divino, e aquela horizontal, traduzida pela relação divinizada com as pessoas que passam ao lado com as quais se estabelecem relacionamentos, próximos ou distantes. O convite a ser mãe da humanidade requer essas duas dimensões, aquelas mesmas dimensões mencionadas anteriormente – Sede da Sabedoria, Mãe de família.

A esta altura, queremos colocar em pauta uma reflexão sua, sobre Maria, datada de julho de 1959, justamente para a Mariápolis<sup>53</sup> daquele ano, porque apresenta a grandeza do desígnio de Deus sobre Maria, descoberta na “*primeira Mariápolis*”, aquela do *Paraíso de 1949*. Se podemos defini-la, é uma reflexão-poesia que revela a imensidão de Maria. Acompanhemos Chiara:

Dentre as muitas palavras  
 que o Pai pronunciou  
 em sua criação,  
 houve uma toda singular.  
 Não podia ser objeto do intelecto,  
 quanto de intuição;  
 não era tanto e esplendor do sol divino,  
 quanto a sombra suave e tépida,  
 como uma nuvem risonha e branca,  
 que abrandava e filtra os raios do sol  
 para a capacidade visual do homem.

Estava nos planos da Providência  
 que o Verbo se fizesse carne,  
 que uma palavra, a Palavra  
 fosse escrita na Terra em carne e sangue  
 e esta Palavra precisava de um pano de fundo.

<sup>53</sup> Mariápolis – literalmente, “Cidade de Maria”. No início do Movimento, durante as férias, Chiara e suas primeiras companheiras iam para as Domitilas, conforme relatamos quando nos reportamos ao *Paraíso de 1949*. Pouco a pouco, também outras pessoas vieram passar ali suas férias e compartilhar a mesma experiência evangélica. A esses períodos, Chiara deu o Nome de Mariápolis. Atualmente, é um congresso anual do Movimento dos Focolares, que ocorre em todos os continentes, seguindo um mesmo programa, adequado, porém, às diversas culturas nas quais o Movimento está inserido.

As harmonias celestes ansiavam,  
por amor a nós,  
transferir o seu concerto, único e exclusivo,  
para dentro de nossas tendas,  
e elas precisavam de um silêncio.

O Protagonista da humanidade  
que dava sentido aos séculos passados  
e iluminava e conduzia atrás de si os séculos futuros,  
devia entrar no cenário do mundo,  
mas lhe faltava uma tela branca  
que desse a Ele todo o relevo.

O mais sublime desígnio que o Amor-Deus  
podia imaginar  
deveria ser traçado, majestoso e divino,  
e todas as cores das virtudes  
deveriam estar mescladas e prontas em um coração  
para a Ele servir.

Essa sombra abissal  
que contém o Sol,  
que a ele dá lugar e nele torna a se encontrar;  
este fundo branco  
e imenso quase como um abismo,  
que contém a Palavra, que é Cristo,  
e Nele se imerge,  
luz na Luz;  
este Silêncio altíssimo  
que deixou de silenciar,  
porque Nele cantam as harmonias divinas do Verbo  
e no Verbo se torna nota das notas,  
quase como o diapasão do eterno canto do Paraíso;  
esse cenário majestoso e lindo como a natureza,  
síntese da beleza que o Criador semeou no universo,  
pequeno universo do Filho de Deus,  
que não mais olha para si  
porque cede o que lhe cabia e o seu interesse  
a Quem devia vir e veio,  
Àquele que devia fazer e fez;  
esse arco-íris de virtudes  
que proclama "Paz" ao mundo inteiro  
porque a Paz ele deu ao mundo;  
esta criatura imaginada nos abismos misteriosos da Trindade  
e a nós doada,  
era Maria.

Dela não se fala,  
Dela se canta.  
Nela não se pensa,  
a ela se ama e se invoca.  
Não é matéria de estudo,  
mas de poesia.  
Os maiores gênios do universo  
puseram o pincel e a caneta  
a seu serviço.

Se Jesus encarna o Verbo,  
o logos,  
a Luz,  
a Razão,  
Ela personifica a Arte,  
a Beleza,  
o Amor.  
Obra-prima do Criador,  
Maria,  
por quem o Espírito Santo  
deu livre curso a todas as suas invenções,  
derramou muitas das Suas inspirações.  
Bela Maria!  
Dela jamais se dirá o bastante (LUBICH, 2017, p. 63-66).

No *Paraíso de 1949*, como nunca antes, Chiara vê Maria como aquela que é toda *Palavra de Deus e Mãe de Deus*. Não que essas duas realidades fossem uma novidade dentro da Igreja. Mas, à luz de sua mística, Chiara redimensiona esses dois aspectos. Em uma carta endereçada a Igino Giordani, em 19 de julho de 1949, escreveu sua experiência diante da imagem de Maria, na igreja em Tonadico:

Aos olhos de Chiara, Maria não é mais a jovencinha de Nazaré, a mais bela criatura do mundo, mas a Mãe de Deus, feita por Deus tão grande quanto Deus, a ponto de poder contê-lo; contida na Trindade e contendo em si a Trindade (CIARDI, 2020, p. 53-54).

Chiara, então, reconhece Maria inserida na Trindade. Ousadamente, fala de uma quarta pessoa na Trindade. Explica Fabio Ciardi:

Quarta *na* Trindade, especifica Chiara, e não quarta *da* Trindade. Não existe “quaternidade” na Santíssima Trindade. Desde que Jesus subiu ao Céu com sua humanidade, entretanto, algo novo aconteceu na Trindade: sua carne, que é carne de Maria, já está inserida no próprio mistério da Trindade. Depois Dele, também Maria subiu, em alma e corpo: com Ela, a Trindade acolhe em si toda a criação, da qual Maria é como que a síntese e a expressão. [...]. Essa é a vocação última, [...], de todo cristão, do qual Maria é sinal e antecipação, como recorda a Carta aos Efésios: Deus “fez-nos sentar nos Céus, em Cristo Jesus” (2,6). [...]. “Então entendi – conta ainda Chiara –: o céu contém o sol! Maria contém Deus! Deus a amou tanto, a ponto de fazê-la Mãe sua e o seu Amor o apequenou diante Dela!” (CIARDI, 2020, p. 54-55).

Entre todas as maneiras encontradas por Chiara para apresentar Maria aos membros do Movimento dos Focolares e a todas as outras pessoas que buscam mergulhar na Via Maria, uma delas faz referência à imagem de uma “contestadora”. Em um discurso dirigido aos jovens, em 16 de julho de 1969, em plena ebulição dos movimentos juvenis iniciados na França, em maio de 1968, Chiara, inspirada nas

diversas etapas da vida da Mãe de Jesus, assim apresenta Maria, com recorte no canto do Magnificat:

Em seu “Magnificat”, anunciou que viria Alguém que deporia os poderosos do trono e exaltaria os humildes, despediria de mãos vazias os ricos e cumularia de bens os famintos... (Lucas 1,52-53). Essa é a página mais revolucionária, a página maior que nenhuma revolução no mundo jamais conseguirá superar, mas que só aqueles que vivem o cristianismo em sua plenitude conseguirão alcançar [...]. Maria, ainda jovem, já contestava o mundo e, qual profetisa, via o futuro até nós e mais além. Afirmava que só Jesus seria capaz de mudar a face desta terra e dizer: “Ai de vós, ricos!”, seria capaz de exaltar os humildes, de saciar os necessitados e tirar os bens dos ricos, porque eles os teria dado espontaneamente. Ora, uma criatura que canta um hino religioso e social tão maravilhoso, como ninguém jamais o fez, não deve ser venerada também hoje de modo muito especial? Não pode ser ela a mais alta inspiradora de todo o movimento social que hoje desperta tanto interesse? (LUBICH, 2016b, p. 165-166).

Queremos concluir esse ponto da mística de Chiara falando sobre Maria aos pés da cruz. Ali, na desolação, Chiara encontrou a santidade por excelência, e aqui, em uma de suas vindas ao Recife, mais precisamente em 24 de abril de 1964, escreveu em seu diário um canto de amor à Maria Desolada, o qual percebeu como um novo programa para si e para todo o Movimento dos Focolares. Assim está em seu diário:

Tenho uma só mãe na terra:  
 Maria Desolada.  
 Não outra mãe senão ela.  
 Nela está toda a Igreja pela eternidade  
 e toda a obra na unidade.  
 No seu desígnio, o meu.  
 Irei pelo mundo revivendo-a.  
 Cada separação será minha.  
 Cada desprendimento do bem que fiz,  
 uma contribuição para edificar Maria.  
 No seu *stabat*, o meu “estar”.  
 No seu *stabat*, o meu “caminhar”.  
*Hortus conclusus*  
 e fonte selada (Cantares, 4.12);  
 cultivarei suas virtudes mais amadas,  
 a fim de que sobre o nada silencioso de mim  
 fulgure a sua Sabedoria.  
 E muitos, todos, os seus filhos prediletos,  
 os que mais necessitam de sua misericórdia,  
 encontrem sempre a sua materna presença  
 numa outra pequena Maria (LUBICH, 1991, p. 46).

Quando, em 26 de abril de 1966, Chiara lançou a primeira pedra para a construção da primeira Mariápolis permanente fora do Continente Europeu,

justamente em Igarassu, na Região Metropolitana do Recife, estava escrito no pergaminho que acompanhou a pedra fundamental: “Que nossa Senhora esteja aqui presente por todos os séculos” (KOURYH, 2016, p. 100).

#### 5.4.10 A Igreja

São indissociáveis a história de Chiara e a da Igreja. Vimos, durante todo o percurso, o quanto Chiara sempre manteve uma relação de filha com a Igreja. Porém, precisamos compreender dois níveis de relação, embora um não exista sem o outro. Do que estamos falando especificamente? Daquilo que foi apontado por Roger Bastide: o instituinte e o instituído. Fazendo uma analogia à Igreja, podemos visualizar com clareza o que é instituído, ou seja, o que são os ensinamentos contidos nas Escrituras Sagradas e o que é a estrutura da própria instituição com seus dogmas, sua hierarquia.

Vemos que toda a mística de Chiara vai-se consolidando, no percurso de sua história, sempre fundamentada nas Sagradas Escrituras, sem fugir daquilo que foi anunciado nos dois Testamentos. Da Lei, como ela mesma mencionou naquele escrito intitulado *Gratidão*, ela se nutriu, nela se fortaleceu, “como a criança que bebe da mãe e nem sabe chamá-la com esse doce nome” (LUBICH, 2003, p. 180).

Também é verdade, e veremos mais profundamente adiante, que sempre reconheceu na hierarquia da Igreja a presença de Jesus. Para ela, aquele “a quem vos ouve, a mim ouve” (Lucas 10,16) não é uma frase de efeito. É uma das verdades anunciadas pelo próprio Jesus, que deve ser colocada em prática, como todas as outras.

Nas primeiras décadas do século XX, a Igreja era compreendida por sua hierarquia, e seus fiéis, como aquele espaço físico, construído com os mais variados traçados arquitetônicos, sempre de acordo com a época histórica, com Jesus Eucaristia no sacrário, imagens de Maria e de santos. Também era associada apenas ao batismo, ao catecismo em preparação à primeira comunhão, ou outros sacramentos, às festas dos padroeiros, às celebrações litúrgicas, como a Semana Santa ou o Natal, por exemplo. No máximo, compreendiam que fazer parte da Igreja significava participar de uma paróquia ou de uma de suas múltiplas instituições. Para o Movimento que nascia da mística de Chiara, a compreensão, embora contemplasse tudo isso, assumia uma visão muito mais alargada, a exemplo das primeiras

comunidades cristãs. A Igreja, nas profundezas de seu ser, era o povo de Deus, era comunhão, definição posteriormente afirmada pelo Concílio Vaticano II. E o que significa viver a Igreja como comunhão? Responde Chiara:

Significa colocar vínculos de caridade em todas as suas articulações: entre seus membros; entre suas realidades (paróquias, dioceses, movimentos, estruturas, conselhos, comissões etc.); com as outras realidades que estão de alguma forma ligadas a ela (outras Igrejas, outras religiões que têm a ver com ela pela presença das “sementes do Verbo”; outras culturas com seus valores) (LUBICH, 2018, p. 25).

Como, então, em síntese, Chiara compreende a Igreja? Vejamos o que nos diz, em um de seus escritos:

A Igreja, Mãe puríssima, inseriu-nos na sua família, abrindo-nos as portas do verdadeiro Paraíso através dos sacerdotes e dos sacramentos. Ela nos forjou soldados de Cristo. Ela nos perdoou e cancelou nossos pecados setenta vezes sete. Ela nos alimentou como o Corpo de Jesus e selou com um timbre divino o amor de nosso pai e de nossa mãe. Ela elevou a uma dignidade altíssima ‘pobres’ homens como nós e investiu-os do sacerdócio. Ela, finalmente, nos dará o último adeus: a Deus. Dar-nos-á Deus. Se nosso coração não enaltecer, é um órgão apagado. Se nossa mente não a vê nem admira, é cega e obtusa. Se nossa boca não a exprime, é melhor que nela a palavra feneça (LUBICH, 2018b, p. 27).

Portanto, Igreja-Mãe, Igreja-Comunhão, aberta, capaz de acolher a humanidade inteira porque reconhece, em cada ser humano, aquele criado à imagem e semelhança de Deus.

#### 5.4.11 O Espírito Santo

Aos jovens, em 20 de dezembro de 2003, em Castel Gandolfo, Chiara contou como era o relacionamento com o Espírito Santo nos anos anteriores a 1949 (LUBICH, 2018a, p. 25-28). Seguindo sempre suas intuições, tornou-se um hábito, quase como uma espontânea e imperativa norma, o “escutar aquela voz” diante das circunstâncias para compreender como deveria se comportar, o que deveria dizer, como se a voz da própria consciência, impregnada do dom do Espírito Santo, recebido já no batismo, guiasse seus passos. Afirma Chiara que o Espírito Santo lhe fez escolher a vontade de Deus e colocá-la em primeiro lugar na sua vida e na das primeiras companheiras. Assim, pontuando cada uma das descobertas feitas e vividas, vai esclarecendo que o Espírito Santo, silenciosamente, sempre esteve presente, conduzindo a edificação de uma mística singular e coletiva.

Para compreender, mesmo se minimamente, a profundidade do relacionamento entre Chiara e o Espírito Santo, transcrevemos uma página do seu diário, mais precisamente de 22 de maio de 1971, dia subsequente à festa de Pentecostes daquele ano. Escreveu Chiara:

A Trindade dentro de mim!  
 O abismo dentro de mim!  
 A imensidão dentro de mim!  
 A voragem dentro de mim!  
 O Pai, que Jesus nos anunciou, dentro de mim!  
 O Verbo!  
 O Espírito Santo, que quero sempre ter para servir a Obra, dentro de mim!  
 Não desejo nada melhor.  
 Quero viver esse abismo, perder-me nesse Sol, conviver com a Vida Eterna.  
 E então? Podar a vida, fora, e viver a vida dentro (LUBICH, 2018a, p. 73).

Meditando sobre Maria, Chiara se perguntou como ela fez para viver na terra sem recorrer à Mãe, sobretudo naqueles momentos mais dolorosos, visto que é a ela que os cristãos recorrem sempre. Em suas indagações, Chiara questiona se Maria amava alguém mais especificamente que lhe representasse o amor, como ela, Maria, representava para a própria Chiara e seus seguidores. A resposta foi uma só:

Imagino que algo parecido e mais, infinitamente mais, do que encontramos em Maria, tenha Ela encontrado – em sua labuta terrena a serviço do Pai, ocupando-se do Filho – como repouso e refrigério, força e audácia, capacidade de viver, quando outras mortes a teriam esmagado, Naquele que sustentou a Igreja em sua época e em todas as épocas: o *Espírito Santo*. O Espírito Santo, esse Deus desconhecido, que, em nossa prestação de contas final, perceberemos com infinito pesar não termos talvez suficientemente amado, e venerado, e agradecido (LUBICH, 2018a, p. 58).

Conclui esse texto com uma descrição poética e não menos profunda do Espírito Santo:

Ele,  
 a alma do Corpo Místico de Cristo,  
 a firmeza dos mártires de todos os tempos,  
 a fluência das águas vivas de todo sábio,  
 a luz dos enviados de Deus,  
 a certeza dos papas,  
 o mestre dos bispos,  
 o amigo dos ministros,  
 o perfume das virgens.  
 Ele  
 que viveu com a imaculada  
 encontrando as suas delícias em plasmar,

escondido,  
 a Flor das flores,  
 e Maria,  
 Nele e por Ele,  
 elevou o anseio traduzido pelo coração humano  
 com o doce termo “mãe”  
 à altura mesma de Deus (LUBICH, 2018a, p. 59).

Encerramos esse aspecto sobre o Espírito Santo com outro texto, no qual Chiara explica seu relacionamento com cada uma das Três Pessoas da Santíssima Trindade. É um escrito datado em 6 de dezembro de 2001, véspera do aniversário de seu desposamento com Jesus, ocorrido em 7 de dezembro de 1943, portanto, quando já haviam transcorrido 58 anos.

Descobri que tenho um relacionamento maravilhoso com a Santíssima Trindade. Em particular com as três Pessoas Divinas. Do Pai, sou filha. É Nele que lanço todas as minhas preocupações. E é Ele quem as resolve logo em seguida. Minha experiência é extraordinária nisso: Ele age SEMPRE assim. O Pai protege a filha. Do Verbo Encarnado sou Esposa. É Nele Abandonado que eu me apoio toda vez que preciso superar uma dificuldade, um obstáculo. E Ele ajuda, transforma “meu eu abandonado” em “ressuscitado” com os dons do Espírito Santo. Do Espírito Santo, sou amiga, a quem Ele ajuda, iluminando com sua luz, SEMPRE, todas as vezes que lhe peço (LUBICH, 2018a, p. 78).

#### 5.4.12 Jesus no meio

A primeira ideia dessa presença entre as pessoas, Chiara a teve precisamente em 1939, quatro anos antes de sua consagração, quando visitou Loreto, episódio sobre o qual discorreremos no segundo capítulo desta tese. Naquela casinha ela imaginava Maria, José e o menino Jesus entre eles, ainda criança, adolescente, ajudando a ambos, enfim, uma família com Jesus presente no meio deles. Portanto, foi uma das primeiras ideias que, com o passar dos anos, tornou-se um dos aspectos instituintes da mística de Chiara.

Como toda a vida de Chiara foi respaldada na vivência do evangelho, não poderia ser diferente a respeito desse último aspecto aqui tratado: a presença de Jesus entre aquelas pessoas que se reúnem em seu nome. E isso é puramente evangélico: “Onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mateus 18,20). Portanto, poder gozar já nessa terra, no cotidiano da vida, a presença do próprio Jesus, foi revolucionário para aquelas jovens que, em torno a Chiara, começavam uma “divina aventura”, como elas mesmas definiram, ainda em meio à destruição da Segunda Guerra Mundial. Era como encontrar um verdadeiro

oásis em meio a um deserto que gritava ausência de vida. Era descobrir a VIDA onde tudo falava de morte. Tornou-se a norma das normas.

Recorda Chiara que, naqueles tempos, no mundo católico não era comum se falar de Jesus entre as pessoas, mesmo entre aquelas pessoas que ocupavam postos na hierarquia da Igreja, pouco ou quase nada se falava dessa presença. Tanto assim que, comentou Chiara, “nossos superiores, embora nos estimassem muito, nos recomendaram certa vez que não falássemos deste assunto” (LUBICH, 1976b, p. 13), o que foi acatado, certas de que o Espírito Santo se encarregaria de explicar àqueles superiores a realidade que estavam vivendo.

Todavia, descobriram logo cedo que se reunir em nome de Jesus exigia posturas de cada uma delas. Não era simplesmente um querer, uma decisão momentânea, como se fora um passe de mágica, como se alguém tivesse uma varinha de condão e, qual fada madrinha, batia com aquela varinha e dizia: “Tenhamos Jesus em nosso meio”. Não. A presença de Jesus entre elas, compreenderam, era uma consequência de um estilo de vida, respaldado na mútua e contínua caridade, no amor sem medidas pedido por Jesus quando anunciou o Novo Mandamento e que o considerou como seu. Aquela caridade explicitada por Paulo em sua primeira Carta aos Coríntios, capítulo 13.

Outra condição era cada uma estar inteiramente mergulhada no raio da vontade de Deus, aquela que se apresenta em cada momento do dia, que poderia significar o trabalho, a oração, a assistência à missa, as obras de caridade materiais e espirituais e assim por diante. Viver no raio da vontade de Deus significa, para Chiara, uma preparação para, ao encontrar-se com as pessoas que dividem o mesmo Ideal, estabelecer essa presença de Jesus, uma presença real e perceptível pelos efeitos que provoca. A esse respeito, falando para os habitantes da Mariápolis permanente de Loppiano, na região da Toscana (Itália), Chiara foi incisiva:

Jesus no meio... é Jesus! Não é que aqui entre nós haja uma fórmula, ou uma virtude, ou a bondade, ou a atenção, ou o divino; aqui há uma pessoa! Nós não a vemos com os nossos olhos, mas Ele nos ouve e perscruta cada pensamento nosso, cada batimento do nosso coração, cada adesão da nossa alma. Ele está aqui! Eu não sei se está ali, se está aqui, se está lá: imagino que esteja em todos e que envolva a todos nós. Mas Ele, como pessoa, está aqui. Se estamos aqui, não sei, em 700, não somos 700, absolutamente, somos 701, porque Ele está aqui. [...]. Ele esteve nesta terra, viu os nossos limites, como nós somos pequenos, como são estreitos os nossos pensamentos, portanto, Ele nos conhece; não é apenas Deus, porque então seria

inatingível, é homem. Justamente como Jesus está em nosso meio (CHIARA, 2019. p. 38-39).

Falando de Jesus em meio, Chiara chamou atenção para a expressão “onde dois ou três” (Mateus 18,20): um político e um operário, uma mãe de família e uma criança, um ancião e um jovem. Simplesmente dois ou três ou mais. Sem especificação, abre-se caminho para a inclusão, isto é, saborear a presença do próprio Deus é possível para quaisquer pessoas, não importando classe social, cor, etnia, instrução...

De acordo com Chiara, é a presença de Jesus entre as pessoas que caracteriza e define a vocação da Obra de Maria; que se constitui na via de santidade coletiva, tal como um “castelo exterior”; é essa experiência dos discípulos de Emaús (Lucas 21,13-35) revivida cotidianamente, que pode levar Deus ao mundo nesse terceiro milênio; ainda, é o Verbo-presença que torna realidade aquele “quero revê-la em ti” que Jesus respondeu a Chiara, quando ela lhe indagou por que Ele não havia encontrado um modo de deixar Maria. Para Chiara e suas primeiras companheiras, Jesus em meio se tornou, paulatinamente, o único fundador, legislador e guia de um novo estilo de vida, que nasceu na Igreja em meio à destruição da guerra.

Eis a espinha dorsal da mística de Chiara. Qual a novidade? A concretude daquela *mística de olhos abertos* ansiada por Metz, a busca pela face de Jesus no rosto da humanidade, o caminhar junto, lado a lado, e, ao mesmo tempo, sem perder a contemplação das realidades que vêm do Alto e impregnam de divino o cotidiano da vida.

Diria mais. Em Chiara, a identificação do sujeito com o objeto de devoção – “sair de dentro nós mesmos, para nos comunicar misticamente com aquilo que nos cerca em quase todas as manifestações da atividade da vida humana”, como encontramos em Roger Bastide (2006, p. 14); a vocação e responsabilidade: a primeira, compreendida como desígnio de Deus e, a segunda, como correspondência a tal desígnio. Assim sendo, em primeira instância, o estar em relação visceral com Deus Criador; em seguida, o estar em relação com seus pares; e o livre-arbítrio sempre muito claro: a possibilidade de escolher entre a sua vontade e a vontade de Deus.

Em síntese, o Verbo espriado na humanidade, e esta resplandecente no Verbo até que “todos sejam um”. Nessa espinha dorsal, encontramos aquilo que consideramos o *instituinte* da mística de Chiara, ou seja, aquilo que, *in natura*, se

podemos dizer assim, Deus foi plasmando em sua alma, tendo, como consequência, o nascimento da Obra de Maria (ou Movimentos dos Focolares), resultando a face *instituída* de sua mística, sob as bênçãos da Igreja Católica Apostólica Romana, à qual se manteve fiel até o fim, como veremos no próximo capítulo, e que “invadiu” outros mundos para além daqueles religiosos.

## 6 DE TRENTO PARA OS MUNDOS ECLESIAÍSTICO E SECULAR

Três aspectos queremos colocar em pauta neste último capítulo da nossa tese: a fidelidade incontestada à Igreja; a inundação do mundo eclesiástico; as inundações dos mundos seculares. A nosso ver, bastaria dizer isso. Contudo, algumas palavras introdutórias a este capítulo são importantes.

No que se refere à Igreja, vimos uma relação muito pessoal vivida por Chiara desde menina. Foi ali que, em sua meninice, diante de Jesus Eucaristia, pedia insistentemente *luz e calor*, foi a fé de sua mãe que arrancou dos céus o milagre de sua cura; engajou-se na Ação Católica e na Ordem Terceira Francisca e, como líder, cultivou aquelas pessoas que, como ela, tinham sede de Deus e em Suas mãos depositaram as próprias vidas; no frescor de sua juventude, sozinha, tomou a iniciativa de esposar Deus com as bênçãos de seu confessor; e o movimento nascente em Trento, submeteu-o, sem nenhum constrangimento, à apreciação de Dom Carlo de Ferrari... Enfim, a Igreja sempre acompanhou os passos de Chiara e da vida que aflorava em seu entorno.

Agora daremos um passo além. Ainda antes do Concílio Vaticano II, a Obra de Maria começou a ser estudada pelo Tribunal do Santo Ofício. Por 10 longos anos, viveu sob suspeição. Foi a prova de fogo. Chiara tinha a consciência de ter experimentado estar no “seio do Pai”, como vimos. Sabia, também, que todos aqueles pontos descobertos, redescobertos, redimensionados no *Paraíso de 1949*, eram tesouros vindos da Trindade. Como, então, não serem reconhecidos pela Igreja? Como colocar em dúvida aquele novo estilo de vida que nascera da vivência do Evangelho pura e simplesmente?

Ao mesmo tempo, Chiara sabia e acreditava que também era evangélico o “quem vos ouve a mim ouve”. Sabia e acreditava na maternidade da Igreja. Como, então, viveu essas realidades? É o que queremos responder ao abordarmos esse aspecto.

O segundo, como mencionamos, diz respeito à inundação do mundo eclesiástico. Em que direção encontramos Chiara? No ecumenismo e nas relações inter-religiosas.

Por fim, as “inundações” nos mundos seculares. Aqui, poderíamos apresentar um leque sem fim de experiências, pequenas e grandes, realizadas pela própria Chiara e/ou por seus seguidores. Porém, apresentaremos apenas duas “inundações”:

a que diz respeito ao mundo da economia, quando propôs, no Brasil, a *Economia de Comunhão*, e a que diz respeito ao reconhecimento dos valores culturais de cada povo, quando criou, no Quênia, as *escolas de inculturação*.

Portanto, veremos Chiara perfeitamente alinhada à Igreja, com uma fidelidade incontestável à Cátedra de Pedro, e imersa nos mundos eclesiástico e secular, tornando chão aquele seu escrito *Lado a lado com os homens*, sem perder a mística, a contemplação, unindo, outrossim, as realidades celestes e humanas: o Verbo, filho de um carpinteiro; a Sede da Sabedoria, mãe de família.

## 6.1 FIDELIDADE INCONTESTE À IGREJA

A fidelidade de Chiara à Igreja foi sempre uma constante, não como um peso, uma exigência externa e estressante, angustiante, ou coisa parecida. Não. A obediência à Igreja e sua conseqüente fidelidade nasceu como efeito da vivência evangélica. Em uma publicação intitulada *Homens a serviço de todos* (1978), Chiara apresenta o seu pensamento em relação à Igreja, e o que encontramos é a sintonia com aquilo que está escrito nos evangelhos. Essa publicação, em forma de livro, está dividida em seis partes – ou capítulos –, assim nomeados: *a rocha, os doze, os embaixadores de Deus junto aos homens, aquele que mais ama, autoridade e serviço e comunhão colegial*.

Na primeira parte – *a rocha* –, é evidente que a figura central é Pedro apresentada especialmente em sua relação com Jesus. Vê-se, com clareza, o quanto Chiara colheu dessa relação. É um texto terno e incisivo ao mesmo tempo. Quem é Pedro? Como ela o apresenta? Chama-nos a atenção a preparação descrita por Chiara para escrever sobre Pedro. Começa assim:

Entrei numa esplêndida igrejinha do século XI dedicada a S. Pedro, a igreja de Saint-Pierre-de-Clages, perto de Sion, na Suíça. Não havia lugar melhor para meditar sobre a hierarquia da Igreja. Para nela entrar é preciso descer sete degraus. Lembrei-me do fundamento, daquela pedra escondida embaixo.

Jesus! – e uma onda de comoção me invadiu – estava ali no tabernáculo, e acima de Ti um pequeno e belíssimo vitral: Pedro! Que mistério! Quem me dera que ele falasse, quem me dera saber dele os pormenores, quem me dera que ele revivesse e me contasse como tudo aconteceu. Então tomei o Evangelho, o Novo Testamento. Nele o Espírito Santo escreveu com caracteres de fogo, que não se cancelam, as extraordinárias palavras de Jesus dirigidas a Pedro (LUBICH, 1978, p. 13).

É com esse espírito que Chiara discorre suas considerações em relação a Pedro. Segue, literalmente, o percurso feito pelo pescador em relação ao Filho do Homem. O primeiro contato, narrado por João, quando Jesus o vê e logo o identifica: “Tu és Simão, filho de João; chamar-te-ás Cefas” (que quer dizer Pedra) (João 1,42). Em seguida, lembra do segundo encontro, narrado por Marcos, quando Jesus chama Simão e André e os escolhe para uma outra missão, aquela de serem “pescadores de homens” (Marcos 1,17-18). Seguindo os passos de Pedro, Chiara recorda as palavras proféticas que, para ela, têm toda a solenidade de uma fundação. Assim Chiara escreveu:

Jesus tinha perguntado aos apóstolos o que é que os homens pensavam dele. E Pedro, iluminado pelo Espírito, que age melhor nos corações que amam e creem, diz: “Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo” (Mateus 16,16). E acerta em cheio a verdadeira realidade de Jesus. Jesus, comovido com esta resposta que podia ter sido revelada a Pedro somente pelo Pai, chama-o “bem-aventurado” e, com o coração repleto de amor para com aquele homem desde sempre predestinado, dá a quem deu e, revelando a Pedro a sua realidade e a sua função, diz: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno jamais prevalecerão contra ela. Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares na terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mateus 16,18-19) (LUBICH, 1978, p. 14-15).

A partir daí, Chiara explica cada uma das frases que compõem esta fundação tomando como alicerce aquilo que disseram os Padres da Igreja, os santos e santas, além de teólogos, entre os quais Leão Magno, Cullmann, João Crisóstomo, Ambrósio, Catarina de Sena, Hilário de Poitiers, Agostinho. Reconhece, portanto, que “*sobre esta pedra*” significa sobre a fé provada e demonstrada; que as “*chaves do céu*” expressa o poder de interpretar de modo autêntico os ensinamentos de Jesus – “ensinar a observar tudo quanto vos ordenei” (Mateus 28,20). É, para Chiara, a promessa do “primado”. Ela expõe sua estonteante descoberta: “É paradoxal! O Céu, portanto, se submete às decisões de Pedro, na terra. Mas isto é possível somente se é Cristo quem vive em Pedro. O Céu não pode sancionar senão aquilo que ele mesmo deliberaria” (LUBICH, 1978, p. 19).

Chiara, citando o evangelho de Lucas, evidencia o zelo com que Jesus preparou Pedro para a grande missão que lhe foi confiada. Mesmo quando Jesus anuncia a Pedro que ele será tentado, reafirma essa missão e, como a nenhum outro, assegura sua oração, para que Pedro siga até o fim. Vejamos a citação evangélica a qual Chiara menciona: “Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para

vos peneirar como trigo; eu, porém, orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos” (Lucas 22,31-32). Assim, Jesus confia os apóstolos a Pedro que se torna o chefe, o cabeça, um instrumento de Deus e, como tal, o próprio Deus agirá nele, o que foi posteriormente confirmado no Concílio Vaticano I, entre os anos de 1869 e 1870.

Em seguida, e talvez no trecho mais encantador do capítulo sobre Pedro, Chiara o traz para perto de nós e o apresenta com toda a nossa fragilidade.

De fato, nota-se em Pedro a característica da debilidade humana, a instabilidade: ao lado da grande fé, às vezes o medo de aderir a ela ou o pecado de não testemunhá-la. Nota-se a generosidade de um coração cheio de amor, mas que de fato chega inclusive a renegar a pessoa amada. É impulsivo e lento em compreender o verdadeiro espírito do seu Mestre (que não é de comando, mas de serviço), como no momento em que Jesus revela sua paixão, ele é obrigado a dizer a Pedro, relutante em aceitar o plano de Deus: “Longe de mim, satanás! Tu me serves de pedra de tropeço, porque não pensas segundo Deus, mas segundo os homens!” (Mateus 16,23) (LUBICH, 1978, p. 23).

Chiara continua lembrando o episódio em que Jesus caminha sobre as águas e Pedro, na sua impulsividade, desafia: “Se és tu, manda que eu vá ao teu encontro sobre as águas” (Mateus 14,28). Jesus autoriza. Pedro vai. Apenas um vento mais forte, titubeia, começa a afundar, pede socorro. “Homem fraco na fé”, sentencia Jesus (Mateus 14,32). Depois, a afirmação acalorada de Pedro que iria com Jesus à prisão e até à morte, diante da qual, Jesus, pacientemente, anuncia as três negações de Pedro (Lucas 22,33-34), o que ocorre diante de pessoas as mais simples.

E é diante desta fraqueza, deste temperamento feito de altos e baixos, semelhante ao de todos nós pobres mortais, que se ergue majestosa e comovente a fidelidade adamantina de Jesus ao homem que havia escolhido (LUBICH, 1978, p. 24).

E Chiara continua expondo aquilo que está no epílogo do evangelho de João quando Jesus, depois de ressuscitado, aparece aos discípulos à margem do lago de Tiberíades. Os discípulos não o reconheceram imediatamente, mas, assim que viram ser Jesus, foram ter com ele e, juntos, fizeram uma refeição.

Depois de comerem, Jesus disse a Simão Pedro: “Simão, filho de João, tu me amas mais do que estes?” Ele lhe respondeu: “Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta meus cordeiros”. Segunda vez disse-lhe: Simão, filho de João, tu me amas?” – “Sim, Senhor”, disse ele, “tu sabes que te amo”. Disse-lhe Jesus: “Apascenta minhas ovelhas”. Pela terceira vez lhe disse: “Simão, filho de João, tu me amas?” Entristeceu-se Pedro porque pela terceira vez perguntara: “Tu me amas?” e lhe disse: Senhor, tu sabes tudo; tu

sabes que te amo”. Jesus lhe disse: “Apascenta minhas ovelhas” (João 21,15-17).

Para Chiara, uma tríplice declaração de amor para cancelar a tríplice negação. Não só. Solenemente, Jesus transmite a Pedro a própria missão: deverá cuidar do povo que O seguia e de todos aqueles que viriam a partir da pregação dos apóstolos. A Pedro, reforça Chiara, foi pedido apenas o amor (LUBICH, 1978, p. 26).

É nesse alicerce evangélico que Chiara sempre reconheceu as autoridades eclesiais como representantes de Jesus entre nós. É com esse alicerce que submeteu, desde sempre, à autoridade da Igreja, os passos dados por si e pelas pessoas que a seguiam. Assim, as orientações da Igreja eram trilhos por onde deveria caminhar e conduzir os seus, como aconteceu em Trento, ao submeter a vida que começara junto às suas primeiras companheiras à aprovação do arcebispo local, Dom Carlo de Ferrari.

Quando, em 27 de novembro de 1948, começou o primeiro focolare masculino, com Marco Tecilla e Livio Fauri, Chiara pediu que eles fossem conversar com Dom Carlo. Assim fizeram. O arcebispo os recebeu em seu escritório particular. O que nos interessa nesse diálogo é a disposição daqueles primeiros, tanto quanto a de Chiara, de estarem em plena sintonia com a Igreja, no caso, representada pelo arcebispo local. O relato desse encontro encontramos em Torno:

Ouvindo a novidade, logo quis saber quantos eram. A resposta não era difícil: “Nós dois”. “Mas vocês não sabem que a Constituição Apostólica *Provida Mater Ecclesia* determina que, para o reconhecimento de uma comunidade, ela deve ser formada por cinco pessoas ou, em casos especiais, por pelo menos três?” E ainda não tinham chegado a esse número.... Diante de tão séria dificuldade, responderam ao arcebispo que, se aquela não era a vontade de Deus, no mesmo dia voltariam para casa. Nesse momento, o arcebispo mudou de postura: continuou a fazer perguntas, mas seu rosto estava muito mais sereno. No final da conversa, com um gesto paternal, deu um peteleco em Marco, dizendo: “Vão em frente! Por enquanto, serei eu o terceiro”. E deu sua benção (TORNO, 2011, p. 43, grifo original).

Em dezembro daquele mesmo ano, Chiara, juntamente com Giosi, Graziella e Lia, três de suas primeiras companheiras, transferiu-se para Roma.

Fruto da vida comunitária que nascera ao redor de Chiara e suas primeiras companheiras, à medida que crescia o número de pessoas que aderiam àquele estilo de vida, sobretudo depois da experiência em Tonadico di Primiero, em 1949, tomava corpo um novo movimento na Igreja, o Movimento dos Focolares, também conhecido como Obra de Maria. Torno (2011, p. 57-58) afirma que um ano depois do *Paraíso de*

1949, espontaneamente, pessoas de vários lugares da Itália começaram a passar suas férias nas Domitilas junto a Chiara, que, mesmo morando em Roma, ela, suas companheiras e seus primeiros companheiros de jornada, continuavam indo passar as férias de verão ali, nos alpes trentinos. Essas pessoas permaneciam por períodos diversos conforme a disponibilidade de cada uma, ou de cada família, ou mesmo de cada grupo. De acordo com o autor, não consistia em um problema se as acomodações eram improvisadas porque maior era o desejo de construir a “cidade nova”, chamada por Chiara de Mariápolis – *Cidade de Maria*. O número de pessoas aumentava a cada ano. Afirma Torno:

Em 1959, dez anos depois, a Mariápolis estava em plena florescência. Ali se reuniam mulheres e homens, adultos e crianças, religiosas e religiosos de quarenta países, falando diferentes línguas. Em 22 de agosto, festa do Coração Imaculado de Maria, consagraram os próprios países a Deus, para que Ele fizesse de todos os povos um único povo de Deus. Por aquela Mariápolis tinham passado doze mil pessoas, provenientes não apenas de várias regiões italianas, mas também de outros países da Europa e da América Latina. A partir do ano seguinte, as Mariápolis passaram a ser organizadas em várias partes do mundo (TORNO, 2011, p. 57-58).

No Brasil, a primeira Mariápolis aconteceu no Recife, mais precisamente no Colégio Santa Catarina, no bairro da Tamarineira, nos dias 18 e 19 de maio de 1960, portanto, no ano seguinte à última Mariápolis nas Domitilas (KOURYH, 2016, p. 103).

Em Roma, começou um novo e longo percurso de estreita relação com a Igreja. Era necessário submeter a vida que nascera à aprovação eclesial, período que não foi fácil, conforme narrações encontradas também no livro escrito por Eli Folonari, que por mais de 50 anos foi secretária da própria Chiara. Ela conta que, em 1º de novembro de 1950, no dia da proclamação do dogma da Assunção de Maria, depois da cerimônia na Praça de São Pedro, no Vaticano, quando Chiara retornou à casa, encontrou uma carta do Tribunal do Santo Ofício – hoje Congregação para a Doutrina da Fé –, convidando-a a comparecer à sua sede.

O Santo Ofício (ou Santa Inquisição, ou Congregação para a Doutrina da Fé) é uma instituição eclesiástica, de caráter judicial, iniciada na Idade Média, que tem por objetivo salvaguardar a doutrina da fé cristã católica e da moral de possíveis heresias e distúrbios surgidos dentro da própria Igreja. Todavia, percorrendo a história da Santa Inquisição, é impossível desconsiderar que não foi só isso o que aconteceu. Entre o “dever ser” e o que foi, houve muita gente queimada viva em fogueiras feitas em praças públicas, exílios, banimentos, torturas e prisões. Uma vez que, a partir da

decretação do catolicismo como religião do Império Romano, a Igreja e o poder se imbricaram a ponto de ser quase impossível estabelecer onde terminava um e começava outro, também o Santo Ofício estabeleceu estreitas relações com o Poder Soberano, justificando, inclusive, o genocídio de índios e negros oriundos das invasões portuguesas e espanholas nas Américas.

Em uma de suas muitas reflexões sobre a Inquisição, Leonardo Boff pontua três contradições: a primeira, o quanto contradiz o bom senso das pessoas. Ele pergunta: “como se pode, em nome da verdade e ainda mais da verdade religiosa, perseguir, torturar, matar tanto e de forma tão obsessiva? Importa enfatizar que, mediante a Inquisição, a Igreja hierárquica introduziu os sacrifícios humanos”<sup>54</sup>; a segunda, o quanto contradiz o sentido da verdade religiosa, da verdade simplesmente e a natureza da religião. Nesse sentido, esclarece que

nossas formulações exprimem a verdade absoluta que está em todos, mas não logram exprimir todo o absoluto da Verdade. No dito fica sempre o não-dito. E todo ponto de vista é sempre a vista de um ponto. Por isso haverá sempre a possibilidade de se dizer a verdade e a fé em doutrinas expressas em marcos intelegíveis de uma outra cultura, de uma outra tradição espiritual e, por que não dizê-lo também, no código de uma outra classe social. A Inquisição é contra a natureza da religião. Esta trabalha o sagrado que está na profundidade de cada pessoa, na história e no cosmo.<sup>55</sup>

Em relação à terceira contradição, Boff é categórico ao afirmar que a Inquisição nada tem a ver com Jesus Cristo, nem com seu Evangelho, nem com a Igreja “em sua compreensão maior, teológica e sacramental”.<sup>56</sup> Lembra que o próprio Jesus, a seu tempo, foi vítima da inquisição judaica. Para ele, a Inquisição tem a ver, sim, com a patologia como distorção dessa convicção.

Como vimos, também Chiara foi convocada pelo Santo Ofício, como ainda era chamado nas décadas de 1950/60.

E assim teve início uma série de interrogatórios secretos. O segredo era motivo de sofrimento para Chiara, acostumada a compartilhar alegrias e sofrimentos com as pessoas que lhe estavam mais próximas. [...]. Chiara não dizia nada a respeito. O que eu ouvi, muito discretamente, foi que chegaram à Suprema Congregação do Santo

<sup>54</sup> BOFF, Leonardo. **As fogueiras da Inquisição**. Disponível em: <https://palavradaverdade.com/as-fogueiras-da-inquisicao-reflexao-de-leonardo-boff/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

<sup>55</sup> BOFF, Leonardo. **As fogueiras da Inquisição**. Disponível em: <https://palavradaverdade.com/as-fogueiras-da-inquisicao-reflexao-de-leonardo-boff/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

<sup>56</sup> BOFF, Leonardo. **As fogueiras da Inquisição**. Disponível em: <https://palavradaverdade.com/as-fogueiras-da-inquisicao-reflexao-de-leonardo-boff/>. Acesso em: 5 abr. 2022.

Ofício acusações de todo tipo contra o Movimento. Sei que, depois de 1949, algumas das primeiras focolarinas contavam às pessoas mais próximas da comunidade coisas do período de iluminações daquele verão. Para elas o que Chiara tinha compreendido não era segredo. Quem sabe como chegaram ao Santo Ofício acusações justamente a respeito desse assunto, tanto da Sicília quanto de outras regiões da Itália e, com certeza, de Trento (FOLONARI, 2013, p. 103-104).

Poderíamos seguir com narrativas de fatos que caracterizaram esse período de estudo em relação ao Movimento dos Focolares, até a sua consolidação como o instituído da mística de Chiara. Porém, optamos por evidenciar a experiência de Chiara, como ela encarou o período, como se comportou, o que compreendeu e o que aprendeu da nova fase de sua vida, justamente porque queremos ir ao encontro de sua fidelidade à Igreja, que sempre caracterizou seu percurso justamente por acreditar nas palavras de Jesus “a quem vos ouve a mim ouve” (Lucas 10,16), como já mencionamos. Assim, garimparemos alguns de seus escritos, especialmente aqueles publicados no seu livro, *O Grito*, sobre o período por ela mesma denominado de a “*paixão da Obra*”.

Chiara coloca em evidência duas coisas, as quais consideramos o cerne de sua compreensão. A primeira, que a Igreja, por ser mãe, cuida de seus filhos; a segunda, a compreensão de que toda *provação* pode transformar-se em uma oportunidade de demonstrar a própria fé no amor de Deus, que tudo vence, inclusive os sofrimentos mais atrozes, justamente porque Ele, Deus, sendo Amor, ao encarnar-se, assumiu a condição humana e, portanto, também as dores comuns a todos os seres humanos. É com esse esteio que Chiara fala daquele período e expõe o sofrimento, o cansaço, as inquietações, as dúvidas, como expressão desse Amor, como oportunidades de reconhecer em si mesma a personificação de Jesus abandonado.

As provações foram de toda ordem. No texto a seguir, encontramos as perseguições fruto de incompreensões e julgamentos:

Poucos anos depois de o nosso Movimento nascer, surgiram uma nova corrente de vida evangélica e uma nova comunidade cristã. Mostravam-se belas aos olhos de Deus, e veio, então – como exige a lógica do Evangelho – a morte daquela semente, a poda daquela pequena árvore. Algumas acusações eram conhecidas. Naquele tempo, críticas diversas começavam a se insinuar, desencadeavam-se incompreensões. Por exemplo: entusiastas demais do Evangelho, não podíamos ser protestantes? E não era exagero colocar os poucos bens em comum para pôr em prática o amor recíproco, a exemplo dos primeiros cristãos? O Movimento não poderia ser uma nova e perigosa forma de comunismo? (LUBICH, 2000, p. 64).

Para Chiara, a Igreja era uma coisa única com Deus. Estar sob suspeição da Igreja era o mesmo que estar sob suspeição de Deus. Não se sentir inteiramente dentro da Igreja era a mesma sensação de não estar mais no seio do Pai. “Sentíamo-nos sós”, declarou (LUBICH, 2000, p. 65). Reviviam, como nunca, coletivamente, o Abandonado, “o só por excelência, sempre Ele, a nos sustentar nessa provação, nessa morte, nessa solene poda da árvore, já exuberante, da Obra de Maria. Mas, por acaso, não é Ele o *grande podado* pela terra e pelo Céu?” (LUBICH, 2000, p. 65). E continua:

Entre os representantes da Igreja, havia os favoráveis e os menos favoráveis ao Movimento [...]. Não era raro que uns e outros introduzissem na nova redação do Estatuto (o Código do Direito Canônico não previa os Movimentos) *elementos*, para nós *impossíveis*, de outras espiritualidades, que comprometiam tudo e nos faziam... *suar sangue*. Além do mais, não éramos suficientemente maduros para expressar, então, o que Deus queria de nós. Não era ainda o tempo de nascer como realidade na Igreja. Pelo contrário. Para nós era claro que aquele era o período em que esta Obra se ia formando em seu seio, como uma nova criatura sua. Era também o tempo em que Jesus, crucificado e abandonado, devia estabelecer morada em nossa alma, de modo que agora todos sabemos que, sem Ele, não existiria, não existe e não existirá o Movimento dos Focolares. Não existe a unidade (LUBICH, 2000, p. 67).

Chiara continua sua narrativa lembrando que aquele era o momento em que o grão de trigo, jogado na terra, deveria morrer para se multiplicar. Nesse “morrer”, lembra que Jesus Abandonado experimentou a ausência de Si mesmo no abandono daquele que chamava *Abba*, Pai. Assim, diz Chiara, as provações deveriam vir justamente “por meio de quem representava o Pai na terra, ou a Mãe, a Igreja, que tanto amávamos e na qual e pela qual queríamos despendar a vida”.

Se, por um lado, parecia que devêssemos morrer, do outro, a vontade de Deus nos dizia que devíamos viver. O fato é que, enquanto as circunstâncias nos pareciam dizer: agora vai acabar tudo, Deus, talvez no dia seguinte, dispunha as coisas de tal modo que a própria Igreja nos oferecia condições para poder seguir em frente (LUBICH, 2000, p. 70).

Falando aos jovens sobre esse período, em 9 de julho de 1974, Chiara lembrou que, enquanto não conseguiram uma audiência com o papa diretamente, a quem sempre considerara o Vigário de Cristo sobre a terra, todos os dias, em todas as horas, podiam ter uma audiência com o próprio Jesus presente na Eucaristia. A Ele pediam que mostrasse ao Seu Vigário que o movimento nascente apenas queria servir à Igreja com suas características próprias, nada mais (LUBICH, 2016c, p. 148). Ainda sobre o

conforto encontrado em Jesus Eucaristia, nessa audiência com o Onipotente, ao falar aos dirigentes do Movimento dos Focolares, em 12 de outubro de 1976, dia em que aqui, no Brasil, celebra-se a festa da padroeira, Nossa Senhora Aparecida, Chiara afirma: “Quanto conforto Jesus Eucaristia nos trouxe em nossas provações, quando ninguém nos dava ouvidos porque o Movimento devia ser estudado” (LUBICH, 2014b, p. 51). Neste cenário, entende-se mais profundamente o escrito *Gratidão*, que apresentamos no capítulo anterior.

Se acontecesse de tudo ser dissolvido, “teria de convencer nossa mente e nosso coração de que esta não era Obra de Deus, mas obra humana: exatamente como Jesus, que, no abandono, parece *apenas homem*” (LUBICH, 2000, p. 76). O texto, intitulado *Lamento*, diz exatamente assim:

Estamos cansados, Senhor,  
cansados sob o peso da cruz!  
E, a cada pequena cruz,  
parece-nos impossível carregar as maiores.  
Estamos cansados, Senhor,  
cansados sob o peso da cruz!  
O pranto nos prende a garganta  
e engolimos lágrimas amargas.  
Estamos cansados, Senhor,  
cansados sob o peso da cruz!  
Apressa a hora da chegada, que  
não mais existe estação de alegria  
para nós aqui.  
Existe só desolação.  
Pois o bem que amamos está todo além.  
Ao passo que aquém,  
estamos cansados, cansados demais,  
cansados sob o peso da cruz!  
A Virgem ao lado está,  
bela, mas mesta criatura.  
ajude, em sua solidão, a solidão nossa,  
de agora (LUBICH, 2000, p. 76-77).

Quanto à aprovação do Movimento dos Focolares por parte da Igreja, Chiara a viu como um “nascimento”. Chegara, enfim, o momento da germinação daquele grão que caíra na terra para morrer e, enfim, florescer e oferecer seus frutos à Igreja e à humanidade. A esse respeito, Chiara escreveu:

Deus guiava a Igreja e a iluminava para não nos largar no abandono. Ele fora o fundador e o arquiteto da maravilhosa Obra que deveria nascer, e alimentar-se com o seu Espírito. Ele, unicamente Ele, a forjara. Quando viu que estava bela, quando viu que estava concluída em suas partes essenciais, chegou a hora de nascer, no dia 23 de março de 1962, não isenta da dor que o nascimento comporta. Entre

luzes e restos de sombra, começou para nós um período novo. Embora continuando a viver pessoalmente e juntos Jesus Abandonado nas dificuldades e dores de todos os dias, começamos a conhecer aquele semblante de Jesus Abandonado, que, abandonando-se novamente ao Pai, transforma a separação em unidade, a derrota em vitória, o inferno em Paraíso, a ignomínia em glória (LUBICH, 2000, p. 78).

Estava, então, depois de dez anos de estudos pelo Santo Ofício, consolidada e abençoada pela Igreja a parte instituída do Movimento dos Focolares (Obra de Maria). Estava, também, o reconhecimento da potência instituinte da mística e do próprio movimento nascente. Em sua mais nova versão, os Estatutos Gerais da Obra de Maria foram aprovados pelo Conselho Pontifício para os Leigos, em 29 de junho de 1990, e as últimas alterações receberam a aprovação do mesmo Conselho em 15 de março de 2007.

Por determinação estatutária, a presidência será sempre exercida por uma mulher, auxiliada por um co-presidente, ambos eleitos pela Assembleia Geral. Assim, desde sua aprovação primeira, teve três presidentas: a própria Chiara, cargo que ocupou até sua morte, em 14 de março de 2008; em seguida, Maria Voce, também italiana, conhecida como Emmaus, eleita em de 7 de julho de 2008 como primeira presidenta pós-Chiara, e reeleita para um segundo mandato em 12 de setembro de 2014. A atual presidenta dos Focolares é Margaret Karram, israelita, de origem palestina, eleita em 31 de janeiro de 2021.

## 6.2 INVADINDO MUNDOS RELIGIOSOS

Antes de apresentarmos a “invasão” de mundos religiosos, carece expor a largueza da estrutura da Obra de Maria não tanto no seu aspecto administrativo<sup>57</sup>, mas no seu aspecto funcional. Começemos por sua natureza, como está explícita no

---

<sup>57</sup> Sabemos dos contraditórios em relação ao Movimento dos Focolares, inclusive aqueles expressos no livro *Armada do Papa: os segredos e o poder das novas seitas da Igreja Católica*, escrito por Gordon Urquhart, e publicado, em sua versão em português, pela Editora Record, em 2002, ou do livro *La Setta Divina: il Movimento dei Focolari fra misticismo, abusi e potere*, escrito por Ferruccio Pinotti, ainda não traduzido para o português, e publicado na Itália pela editora *Piemme*, em 2021. Somos conscientes, também, do quanto as instituições estão expostas a desvios de conduta de seus membros frente àquilo que se apresenta como o seu dever ser e pelo próprio processo de institucionalização, que atinge todas as instituições e organizações sociais. Todavia, não nos deteremos nesses aspectos porque o foco de nossa tese é a mística de Chiara Lubich enquanto potência instituinte, produtora do “novo” na Igreja e em suas repercussões sociais, e não o Movimento dos Focolares enquanto instituição.

Art. 1 de seus Estatutos Gerais, mesmo se já o mencionamos como nota de rodapé, quando discorremos sobre os primeiros *insights* da mística de Chiara:

A Obra de Maria ou Movimento dos Focolares é uma associação de fiéis de caráter privado e universal, de direito pontifício, dotada de personalidade jurídica, em conformidade com os câns. 298-311 e 321-329 do *Código de Direito Canônico (CDC)*, constituída segundo as normas da Igreja Católica e desses Estatutos Gerais aprovados pela Santa Sé (OBRA DE MARIA, ESTATUTOS GERIAS, ART. 1, 2007, p. 9).

Em sua composição encontramos, além do governo geral, seções, setores e movimentos de massa decorrentes que acomodam pessoas de todas as idades, leigos consagrados e casados, eclesiásticos e pessoas várias, como demonstraremos na tabela a seguir:

Tabela 2  
Estrutura da Obra de Maria

<b>Governo Geral da Obra de Maria</b>	
Assembleia Geral	Centro da Obra
<b>Seções</b>	
Dos Focolarinos	De vida comunitária e casados
Das Focolarinas	De vida comunitária e casadas
Voluntários de Deus	São homens e mulheres de todas as profissões e categorias sociais, que escolhem seguir Deus de forma radical e livre – daqui a palavra “voluntários” –, vivendo, no cotidiano da sua vida, a espiritualidade evangélica da unidade.
Voluntárias de Deus	
Sacerdotes e diáconos diocesanos focolarinos	A participação no Movimento não os retira da vida das suas dioceses, mas os estimula, em meio às suas atividades normais, a propor e fazer crescer o espírito de unidade entre todos, a partir do presbitério diocesano, em pleno acordo com o bispo e abertos ao diálogo universal.
Sacerdotes e diáconos diocesanos voluntários	
Gen 2	Geração Nova (jovens)
Gen 3	Geração Nova (adolescentes)
Gen 4	Geração Nova (crianças)
Gens	Rapazes e moças dos institutos de vida consagrada e das sociedades de vida apostólica
Bispos amigos do Movimento dos Focolares	Vinculados à Obra apenas espiritualmente
<b>Movimentos</b>	
Humanidade Nova	Animado pelos voluntários / voluntárias
Famílias Novas	Animado pelos focolarinos casados e focolarinas casadas
Jovens por Um Mundo Unido	Animado pelos Gen 2
Juvenil pela Unidade	Animado pelos Gen 3
Dos Religiosos	Animado pelos religiosos focolarinos
Das Religiosas	Animado pelas religiosas focolarinas
Sacerdotal	Animado pelos sacerdotes focolarinos
Diocesano	Animado pelos bispos amigos do Movimento
<b>Mariápolis</b>	
Mariápolis permanentes	Homens e mulheres que animam um lugar moderno, composto por lojas, centros de arte, ateliês, pequenas empresas, escolas, igrejas, locais de encontro e lazer. Um centro cosmopolita, no qual as distinções de religião, cultura e tradição não são anuladas, mas valorizadas como meios de encontro com cada próximo, estreitamente unido aos outros pelo zelo em ver realizado o sonho de Jesus: “Pai, que todos sejam um, como eu e tu”.

Fonte: elaboração da autora da tese

Além dessa estrutura, existem as Mariápolis – Cidade de Maria – permanentes, que são como pequenas *idades-testemunho*, nas quais homens, mulheres, famílias, jovens, moram ou passam um período de formação. Encontramos sua definição em

uma *Nota do Editor* (N.d.E.), no livro de Chiara *Economia de Comunhão – história e profecia*, a qual transcrevemos a seguir:

As cidades-testemunho – ou Mariápolis permanentes – do Movimento dos Focolares são “laboratórios de uma pequena cidade”, cuja lei fundamental é o Mandamento Novo de Jesus, o amor mútuo vivido entre todos. Elas contêm todas as expressões da vida: trabalho, estudo, oração, etc. Desejam ser um esboço de uma “sociedade nova”, totalmente renovada pelo Evangelho. Hoje, existem trinta e três delas, nos cinco continentes (N.d.E.) (LUBICH, 2004, p. 12).

Entre os setores da Obra de Maira, estão aqueles relacionados à vida eclesial e religiosa, ou seja, sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas, além de bispos amigos do Movimento. Por meio deles, a mística de Chiara (ou a espiritualidade da Obra de Maria) se espalha nas paróquias e dioceses por meio de processos formativos, de homilias, da distribuição mensal da Palavra de Vida, além da participação de membros do Movimento na vida das paróquias às quais pertencem e de paroquianos que vêm participar das atividades formativas promovidas pelo Movimento, como congressos, encontros, jornadas e afins.

É voz comum escutar de religiosos e religiosas que, a partir do encontro com a mística de Chiara, redescobriram seus próprios fundadores com uma luz renovada, o que tem provocado uma nova paixão e um novo ardor pelos próprios carismas.

Além disso, podemos encontrar a relação de Chiara com os movimentos da Igreja desde o início da história da Obra. Não à toa ela mesma participava da Ordem Terceira Franciscana e da Ação Católica, com as quais sempre manteve uma relação de fraternidade e cooperação mútuas. No *site* oficial do Movimento, encontramos:

Desde o início do Movimento dos Focolares, e por caminhos muito variados, Chiara conhece algumas importantes personalidades carismáticas: padre Leone Veuthey, da Cruzada da Caridade; padre Patrick Peyton, fundador da Cruzada do Rosário em Família; padre Pedro Richards, do Movimento Familiar Cristão; o monge Werenfried van Straaten, fundador da Ajuda à Igreja que Sofre. E ainda o Movimento Carismático Católico, o Movimento Oásis, do padre Virgínio Rotondi, o Movimento por um Mundo Melhor, do padre Riccardo Lombardi<sup>58</sup>.

Sobre alguns momentos históricos na relação do Movimento dos Focolares e outras famílias religiosas, podemos registrar o encontro de Chiara com a família franciscana, em Assis (Itália), em outubro de 2000; com os beneditinos em Montserrat,

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/igreja-catolica/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

na Espanha, em novembro de 2000; além daquele encontro entre os movimentos eclesiais e famílias religiosas, novamente em Assis, no dia 23 de outubro de 2010.

Assim, pouco a pouco, o espírito da unidade foi tomando corpo e invadindo positivamente o mundo eclesial. Famílias religiosas e movimentos eclesiais começaram relações de colaboração e complementariedade, rompendo muros construídos por anos e anos, tal como convocou o Papa João Paulo II para um testemunho coletivo, em 30 de maio de 1998, véspera da festa de Pentecostes, empenho assumido imediatamente por Chiara em primeira pessoa.

São abundantes os frutos amadurecidos nestes anos, especialmente graças às centenas de Jornadas realizadas em muitos países, seguindo o modelo de Pentecostes'98<sup>59</sup>, com a participação, no total, de mais de 500 Movimentos e novas Comunidades, suscitando um crescente reconhecimento e apreciação dos bispos. Essa comunhão realiza-se de várias formas: na oração de uns pelos outros; na coparticipação em projetos, inclusive em campo político e social; atua-se uma fraterna hospitalidade recíproca; participa-se das respectivas celebrações ou eventos; nos próprios meios de imprensa reserva-se um espaço a este diálogo. Dessa maneira, alimenta-se aquele amor mútuo que deve distinguir os relacionamentos entre os Movimentos e as novas Comunidades, o amor que sabe descobrir e valorizar a dádiva que cada realidade eclesial guarda em si, até amá-la como própria, um amor que torna-se hoje um testemunho persuasivo, como no tempo dos primeiros cristãos: “Vejam como se amam e estão prontos a morrer uns pelos outros”. [...]. Abriram-se relações de conhecimento e de amor fraterno com Movimentos nascidos no âmbito de várias Igrejas cristãs. Desde o outono de 1999, os relacionamentos desenvolveram-se e consolidaram-se, com muitos contatos estabelecidos nas várias edições de “Juntos pela Europa”, a primeira em 2004, em Stuttgart, na Alemanha: uma contribuição à esperada edificação da “nova Europa do espírito”, para iluminar o seu caminho com a luz do Evangelho<sup>60</sup>.

Em 1977, Chiara recebeu o Prêmio Templeton para o Progresso da Religião. Considerado o *Nobel* neste aspecto, escolhe personalidades do mundo religioso que tenham oferecido uma contribuição excepcional para a afirmação da dimensão espiritual da vida. É atribuído pela Fundação John Templeton, uma organização filantrópica que financia pesquisas interdisciplinares que tenham propósitos humanitários. Entre as pessoas agraciadas com esse Prêmio estão Madre Teresa de Calcutá (1973); o Reverendo Nikkyo Niwano (1979), fundador do movimento budista

---

<sup>59</sup> Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais promovido pelo Pontifício Conselho para os Leigos, em maio de 1998.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/em-dialogo/igreja-catolica/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Rissho Kosei Kai; Tenzin Gyatso (2012) – o 14º Dalai Lama; Desmond Tutu, arcebispo da Igreja Anglicana (2013).

Na justificativa do prêmio conferido à Chiara, encontramos:

Mulher, leiga, ela propôs na Igreja temas e aberturas que mais tarde seriam retomadas pelo Concílio Vaticano II. Quando ninguém falava de aproximação entre civilizações, ela convidou os jovens a se tornarem “homens mundo”, soube indicar o caminho do diálogo rumo à fraternidade universal. Respeitou a vida e buscou o sentido do sofrimento, que descobriu ser a chave para curar feridas, traumas, conflitos. Traçou um novo caminho de santidade, não só individual, mas coletivo, religioso e civil, praticável por qualquer pessoa, não reservada a poucos eleitos. O Movimento dos Focolares se difundiu em todos os continentes, em quase 200 países, e busca levar a Unidade como ideal de vida para seus membros e simpatizantes<sup>61</sup>.

Em seu discurso, por ocasião da entrega desse Prêmio, pelas mãos do príncipe Philip de Edinburgo, na Abadia de Westminster<sup>62</sup>, em Londres, em 7 de abril de 1977, Chiara apresentou uma síntese do trabalho da Obra de Maria na direção do ecumenismo, cujo ponto de partida foi o contato com três pastores luteranos alemães, que, escutando Chiara, ficaram impressionados ao constatarem que católicos também viviam a Palavra, o Evangelho (LUBICH, 1983c, p. 56).

Ainda em relação ao ecumenismo, em 1968, com a permissão do bispo católico e do bispo luterano, começou uma experiência *sui generis*: uma Mariápolis permanente como centro de convivência entre católicos e luteranos, em Ottmaring, nas imediações de Augsburg, na Alemanha, exatamente a cidade onde, em 1530, se confirmou a divisão entre luteranos e católicos. A essa pequena cidade, além de grupos luteranos, fluem batistas e cristãos da Igreja Livre, entre outros.

Os ecos extrapolaram os “muros” da Alemanha e chegaram à Inglaterra, assim como à Suíça, entre os cristãos reformados. Outros contatos se estabeleceram com o então Prior de Taizé, Roger Schütz – uma comunidade ecumênica suíça; algumas autoridades do Conselho Mundial das Igrejas; e, nos Estados Unidos, na Igreja Reformada.

Uma ação particularmente cara a Chiara foram os 23 encontros pessoais com o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Atenágoras I, da Igreja Ortodoxa, no

<sup>61</sup> Disponível em: [https://www.cidadenova.org.br/editorial/inspira/3696-conheca\\_a\\_historia\\_de\\_6\\_ganhadores\\_do\\_pr#:~:text=Chiara%20Lubich%20%E2%80%93%20Premiada%20em%201977,vida%20que%20n%C3%A3o%20passa%3A%20Deus](https://www.cidadenova.org.br/editorial/inspira/3696-conheca_a_historia_de_6_ganhadores_do_pr#:~:text=Chiara%20Lubich%20%E2%80%93%20Premiada%20em%201977,vida%20que%20n%C3%A3o%20passa%3A%20Deus). Acesso em 16 jan. 2022.

<sup>62</sup> É um dos edifícios religiosos mais importantes do Reino Unido. Ali acontecem as celebrações da família real: coroação, casamentos, batizados etc.

período de 1967 a 1972. Antes, porém, vale registrar o encontro histórico entre o Papa Paulo VI e o Patriarca Atenágoras I, em Jerusalém, no dia 5 de janeiro de 1964, depois de séculos de distanciamento e separação, e que marca o início de uma nova história. Um ano depois, nasceu a declaração comum, que anulava as excomunhões recíprocas, uma das consequências do grande cisma da Igreja do Oriente e do Ocidente, em 1054.

Três anos depois daquele encontro em Jerusalém, entre Paulo VI e Atenágoras, o padre Angelo Begueto, conhecido como padre Nazareno, superior dos frades conventuais, em Istambul, teve a possibilidade de conhecer o Patriarca Atenágoras, o qual, escutando falar de Chiara, lhe confidenciou: “Quero conhecê-la”. Chiara respondeu rapidamente a este convite. No dia 13 de junho de 1967, estava Chiara em Instambul, diante do Patriarca. Sobre aquele primeiro encontro, relatou:

Lembro-me bem da primeira vez que me encontrei com ele. Havia-lhe contado – a pedido seu – alguma coisa sobre minhas aspirações, sobre o meu intento de trabalhar pela unidade dos povos. E ele, sentindo uma ressonância, uma consonância extraordinária, disse-me: “Você é minha filha. Você tem dois pais: um grande em Roma, Paulo II (Paulo VI) – porque você sabe que ele é um segundo São Paulo – e depois um mais ancião aqui” (LUBICH, 1983c, p. 58).

Ainda sobre o Patriarca Atenágoras, Chiara lembra que foi ele quem lhe abriu o horizonte sobre a Igreja Ortodoxa e sobre os imensos valores que ela contém, enraizados nos Padres da Igreja. Para ela, Atenágoras “era a encarnação da Igreja Ortodoxa, da beleza da Igreja Ortodoxa. Mas já se sentia espiritualmente unido com a Igreja Católica” (LUBICH, 1983c, p. 60-61). Confidenciou-lhe que era seu desejo, compartilhado com Paulo VI, de ambos concelebrarem em um “único cálice”, na Basílica de São Pedro. E explicava que ele e o papa trabalhavam nessa direção, porém os teólogos, mediante as verdades de cada igreja, não conseguiam resolver as questões enraizadas há séculos. Ao passo que, por meio do Movimento, via a possibilidade de se estabelecerem relações verdadeiras. Disse Chiara:

Desde o início houve uma convergência de pensamentos, de sentimentos e de métodos: porque Atenágoras depositava confiança principalmente no “diálogo do amor”, mais do que no diálogo teológico, e via no Movimento um modo de realizar esse “diálogo do amor”. Por isso demonstrou desde o início uma comovente confiança e um grande amor para conosco, porque via que nosso ecumenismo era feito de vida, de comunhão profunda. Costumava definir-se como um “simples membro do Movimento”, e dizia: “Todos nós temos necessidade deste espírito” (LUBICH, 1983c, p. 64).

Depois da morte do Patriarca Atenágoras I, o relacionamento continuou com os outros patriarcas que o sucederam. O Patriarca Bartolomeu I foi visitar Chiara no hospital, em Roma, pouco antes de sua morte. Queria lhe agradecer e lhe dar sua bênção. Assim o fez. Esteve presente em seu funeral, em 18 de março de 2008.

No que se refere ao diálogo inter-religioso, Chiara reconhece que a primeira experiência do Movimento nesse sentido se deu na República dos Camarões, com o povo Bagwa, sobre o qual ainda falaremos mais detalhadamente.

Um dia o chefe da tribo, o Fon, e todo o seu povo se reuniram para fazer uma festa numa clareira no meio da floresta, para que conhecêssemos as suas canções e danças. Pois bem, foi ali que tive a nítida sensação de que Deus, como um imenso sol, abraçava a todos, nós e eles, com o seu amor. Pela primeira vez na minha vida intuí que teríamos alguma ligação com pessoas de tradição não-cristã<sup>63</sup>.

Em 1979, Chiara conheceu Nikkyo Niwano, fundador da Risho Kossei-Kai, uma entidade religiosa de budistas leigos, baseada nos ensinamentos do Buda Shakyamuni, fundada em março de 1938, em Tóquio, com objetivo de “construir, por meio do ensinamento budista, um lar feliz, um convívio social harmonioso e, assim, criar uma sociedade feliz, que seja capaz de proporcionar a paz mundial”<sup>64</sup>. Em 1981, Niwano a convidou para ir à Tóquio falar a um grupo de 12 mil budistas. Ali, Chiara apresentou sua história e sua experiência de cristã, colocando em evidência os pontos comuns entre uma religião e outra.

A Risho Kossei-Kai foi como uma porta aberta a outras instituições budistas:

Abriram-se depois caminhos para o conhecimento e a colaboração com outras entidades da corrente Mahayana, no Japão e em Taiwan. São inesquecíveis os encontros com o Venerável Etai Yamada, da Escola Tendai. Chiara gostava de citar o lema do grande mestre Saicho: “Esquecer a si mesmo e servir os outros é o vértice do amor-compaixão” [...]. O venerável Yamada acrescentava: “Pode-se dizer que o focolare coloca em prática as palavras do mestre depois de 1200 anos”. Atualmente existem relações com a Escola Nichiren. Não faltaram contatos com budistas chineses do mosteiro Fo Guan Shan e do mosteiro Dharma Drum Mountain. No decorrer dos anos foram abertos contatos também com o mundo do budismo Theravada. Graças a uma longa permanência na Mariápolis Internacional de Loppiano (Florença – Itália), dois monges tailandeses – o Grão Mestre Ajhan Thong e Phramaha Thongratana – tiveram um contato

<sup>63</sup> LUBICH, Chiara. **O diálogo inter-religioso do Movimento dos Focolares** (I parte). Aquisgrana, Alemanha, 13 de novembro de 1998. Disponível em: [https://centrochiaralubich.org/downloads/chi\\_19981113\\_br.pdf](https://centrochiaralubich.org/downloads/chi_19981113_br.pdf). Acesso em: 16 jan. 2022.

<sup>64</sup> De acordo com o *site* oficial da instituição, disponível em: <http://rkk.org.br/historiadarkk/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

vital com o cristianismo. Retornando ao seu país comunicaram as suas descobertas, convidando Chiara Lubich a dar o seu testemunho numa universidade e num templo budista em Chiang Mai. O Grão Mestre Ajhan Thong, ao apresentar a fundadora dos Focolares, disse: *“O sábio não é nem homem nem mulher. Quando acende-se uma luz na escuridão não se pergunta se foi um homem ou uma mulher que a acendeu. Chiara veio para doar-nos a sua luz”*<sup>65</sup>.

Nos últimos dias de sua vida, Chiara recebeu também a visita do Reverendo Saito e sua esposa Hiroyò, da Risho Kossei-Kai. Sobre essa visita, o Reverendo confidenciou:

Quando entramos no quarto no qual viveu os últimos momentos da sua vida, diante do seu leito, a focolarina que nos acompanhava disse-nos que no último período da sua vida, Chiara quis reler todos os Evangelhos, para verificar se havia procurado colocar em prática todas as palavras de Jesus. Ao ter a confirmação disso, Chiara partiu para o céu. Eu gostaria de viver a fé do mesmo modo que Chiara a viveu, seguindo o seu exemplo<sup>66</sup>.

Além desses contatos, o Movimento dos Focolares mantém relações de diálogo, conhecimento e colaboração mútuos com outras religiões não cristãs. Em relação aos hindus, o diálogo estabelecido com movimentos gandhianos garante a realização de mesas-redondas, que buscam aprofundar, conjuntamente, aspectos espirituais e humanos, tanto na perspectiva gandhiana, segundo os ensinamentos de Mahatma Gandhi, quanto na perspectiva da unidade, segundo a mística de Chiara.

No que se refere ao relacionamento com os muçulmanos, encontramos no *site* oficial da Obra de Maria:

Os contatos dos Focolares com fiéis muçulmanos iniciaram na década de 1960. Na Argélia, desde os anos 1970, desabrochou uma amizade profunda entre cristãos e muçulmanos, que se difundiu progressivamente na cidade de Tlemcen, fazendo nascer uma comunidade do Movimento dos Focolares quase inteiramente muçulmana, e que atravessou não apenas as barreiras entre Islamismo e Cristianismo, mas também os duros anos da guerra civil. Esta experiência foi a base para oito congressos internacionais dos muçulmanos amigos do Movimento dos Focolares<sup>67</sup>

Além da histórica presença de Chiara na Mesquita Malcolm X, no Harlem, em Nova Iorque, já citada.

---

<sup>65</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2014/02/09/chiara-lubich-e-le-religioni-buddhismo/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/news/2012/10/28/famiglia-e-buddismo/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

<sup>67</sup> Disponível em: <http://focolares.org.br/chiara-lubich-e-as-religoes-islamismo/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

Encontramos nos arquivos do *site* da revista Cidade Nova uma mínima linha do tempo, na qual constam alguns momentos da participação de Chiara em relação ao ecumenismo, a qual apresentamos na seguinte tabela:

Tabela 3  
Linha do tempo: Chiara e o Ecumenismo

1961	Em Darmstadt (Alemanha), encontro com alguns Pastores Luteranos que desejam conhecer a sua espiritualidade evangélica.
1966	Em Londres, é recebida em audiência pelo Arcebispo de Canterbury, Dr. Michael Ramsey, primaz da Igreja Anglicana, o qual encoraja a difusão da espiritualidade dos Focolares na sua Igreja.
1967	Em Istambul, conhece o Patriarca Ecumênico de Constantinopla, Atenágoras I. De 1967 a 1972, fará 8 viagens a Istambul e terá 23 audiências com o Patriarca. Conheceu seus sucessores: Dimitrios I e Bartolomeu I, atual Patriarca Ecumênico de Constantinopla.
1997	No Centro Mariápolis de Castelgandolfo, na Itália, realizou-se o primeiro Congresso Ecumênico Internacional promovido pelo Movimento, com a participação de 12 mil pessoas de 70 Igrejas, vindos de 56 países.
	Em Graz (Áustria), Chiara propôs a espiritualidade da unidade como “Espiritualidade Ecumênica” durante a abertura da II Assembleia Ecumênica Europeia, promovida pelo CCEE (Conselho da Conferência Episcopal Europeia) e pela KAC (Conferência das Igrejas Europeias – Igrejas Ortodoxas, Igrejas Anglicanas e Igrejas Reformadas).
1999	Em Augsburg (Alemanha) Chiara participou da cerimônia da assinatura histórica da Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação da Federação Luterana Mundial e da Igreja Católica, estabelecendo que as confissões católica e luterana professam a mesma doutrina, embora com diferentes desdobramentos. Na ocasião, conheceu os responsáveis mais importantes da Federação Luterana Mundial.
2000	Em Rothenburg (Alemanha), conheceu representantes de 50 Movimentos Evangélico-Luteranos.
2001	Em Zurique (Suíça), falou da espiritualidade da unidade na <i>Grossmunster</i> , antiga Igreja berço da Reforma da Igreja Suíça Alemã.
	Em Munique, na Bavária, fez uma palestra no encontro de Movimentos Evangélico—Luteranos, com mais de 5 mil participantes desses movimentos.
2002	Proferiu uma palestra sobre sua história na Catedral <i>Saint Pierre</i> de Genebra, berço da Reforma conduzida por Farel e Calvino.
2004	Em Stuttgart (Alemanha), participou da Jornada Juntos pela Europa como fruto do caminho de comunhão com mais de 150 Movimentos e Comunidades das várias Igrejas (Luteranos, Ortodoxos, Anglicanos, Igrejas Livres...). Estavam presentes 9 mil pessoas e inúmeros políticos. Esse evento foi transmitido via satélite e assistido ao vivo por 100 mil pessoas em 163 encontros contemporâneos, realizados em várias cidades europeias.

Fonte: <https://www.focolare.org/pt/news/2011/05/10/ottmaring-cittadella-ecumenica/>.

Acesso em: 16 jan. 2022

Mesmo se apresentamos, de forma sucinta, a experiência de Chiara e do Movimento dos Focolares em relação ao ecumenismo e ao diálogo inter-religioso, é fato que a mística vai rompendo os muros colocados pelas estruturas, pelo instituído das diversas religiões, inclusive da própria Obra de Maria, e vai invadindo mundos

religiosos antes impensáveis. Qual o segredo? Para Chiara, aquele “misturado com todos”, aquele “perder-se na multidão para impregná-la de divino”. Em outras palavras, mergulhar no outro e buscar aqueles pontos de convergência, aquilo que une, e o amor está na raiz de todas as expressões religiosas.

### 6.3 INVADINDO MUNDOS SECULARES: AS INUNDAÇÕES

Para termos uma ideia mais concreta da extensão da Obra de Maria, respaldamo-nos em alguns dados estatísticos encontrados no seu *site* oficial<sup>68</sup>: são mais de 2 milhões de pessoas espalhadas em 182 países, nos 5 continentes; mais de 350 igrejas e comunidades eclesiais, das quais fazem parte pessoas que se identificam com a sua espiritualidade; milhares de fiéis de diferentes religiões; mais de mil projetos de desenvolvimento internacional geridos pelo Movimento; mais de 11 mil crianças e adolescentes ajudados por meio de 93 projetos em 48 países; 20 editoras no mundo; revista “Cidade Nova” com 32 edições, em 21 línguas.

Para Chiara, toda essa estrutura encontra sentido naquilo que ela mesma chamou de “a premissa de todas as regras”, como está na primeira página dos Estatutos Gerais:

A mútua e contínua caridade, que torna possível a unidade e atrai a presença de Jesus na coletividade, é, para as pessoas que fazem parte da Obra de Maria, a base de suas vidas em todos os seus aspectos: é a norma das normas, a premissa de todas as demais regras (OBRA DE MARIA, ESTATUTOS GERIAS, ART. 1, 2007, p. 7).

Aqui está a preocupação de Chiara em manter a potência instituinte da obra que fundou, para que não seja “capturada” pela cristalização da instituição.

Onde encontramos, então, as demais regras? Na década de 1950, mais precisamente no ano de 1954, Chiara constatou que o amor a Deus e aos irmãos, fonte inspiradora daquele novo estilo de vida, impulsionando a vida de cada pessoa singularmente e da coletividade, espalhava-se de diversas e diferentes formas. Explicando essa constatação aos jovens reunidos em um congresso internacional, em uma de suas conversações, em 12 de abril de 1968, Chiara fez a seguinte síntese:

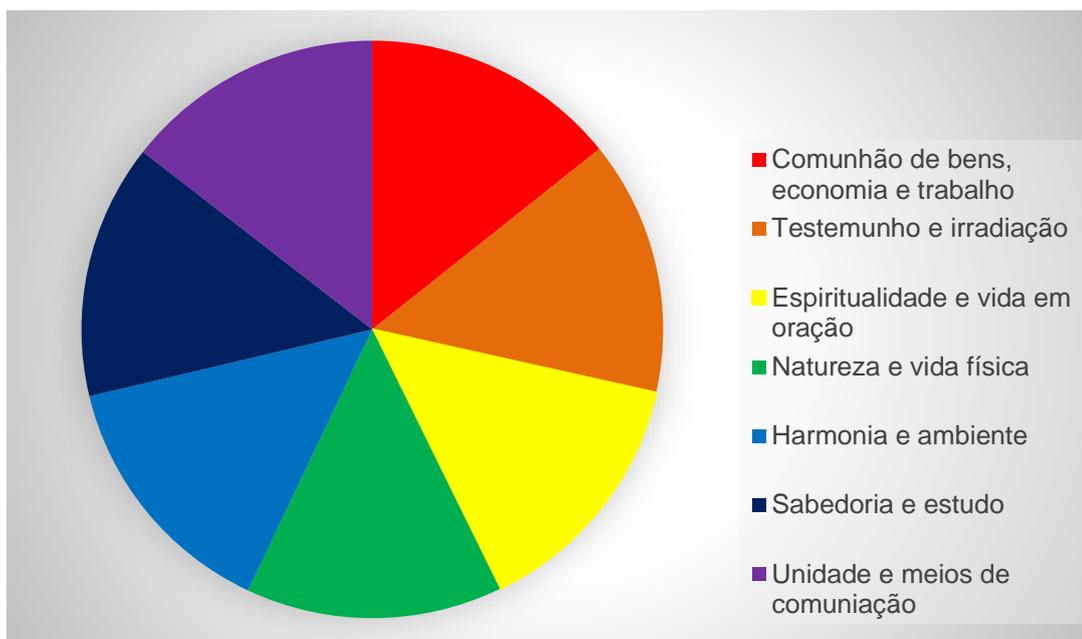
O amor nos impulsionava a colocar tudo em comum, a repetir, como os primeiros cristãos: "Tudo o que é meu é teu" (cf. At 2, 44), ou melhor, nem dizíamos "meu" e "teu", mas "tudo é nosso". O amor

<sup>68</sup> Disponível em: <https://www.focolare.org/pt/chi-siamo/>. Acesso em: 11 jan. 2022.

impelia, portanto, a fazer a comunhão dos bens materiais e espirituais. O amor, como um fogo em nós, levava-nos a conquistar outras pessoas, inflamando muitos com este fogo para expandir no mundo o incêndio desejado por Jesus. O amor, sempre o amor, me impulsionava a unir-me cada vez mais a Jesus, a senti-lo cada vez mais perto, a sentir que ele era cada vez mais meu e eu sua, a demonstrar-lhe o meu amor, oferecendo-lhe o sofrimento porque é isso que vale; o resto não conta. E ele me retribuía com muito amor e com muitas graças. O amor me elevava cada vez mais perto de Deus, à união sempre mais profunda com ele. O amor fazia outra coisa. A sociedade estava doente: existiam divisões, o ódio; um era pobre, o outro, rico. Mas o amor curava as feridas do Corpo Místico, sanava-o sobretudo através da Eucaristia. Comungando todos nós o mesmo Jesus, o Corpo místico não estava mais dilacerado, dividido. Nós somos o Corpo místico e em Jesus Eucaristia éramos todos uma coisa só. O amor infundiu em nós o desejo de nos reunirmos. Durante a guerra quase não tínhamos medo das sirenes dos alarmes porque aquelas circunstâncias nos davam a possibilidade de estarmos juntas, no mesmo refúgio. Deste modo o amor nos fazia atuar melhor o significado real da palavra "Igreja", que quer dizer "assembleia". O amor nos dava também uma inteligência superior. Eu tinha uma grande queda para a especulação, para a filosofia, mas entendi que havia uma luz que vem do alto, que não vem da razão mas do Espírito Santo. Essa luz é a sabedoria que os santos possuem, mas que também nós podemos ter se a pedirmos, como diz a Escritura. Quanto mais se ama, mais se compreende e não só com a razão. A razão é como um cálice que contém a sabedoria de Deus. E quando uma pessoa, que possui a sabedoria, abre a boca, os outros ouvem com toda a atenção e admiração. [...]. Por fim, o amor nos fazia um só corpo, uma só alma e o que era de um, era de todos (LUBICH, 2016b, p. 62-63).

Relembrando as intuições de 1954, Chiara disse àqueles jovens que ela imaginou que, como a luz solar, um raio que seja, em contato com gotas d'água se refrata em sete cores e, num fenômeno óptico, vemos o arco-íris se desenhar no céu, do mesmo modo o amor. Assim, a cada uma das cores do arco-íris Chiara associou um aspecto da vida instituída do Movimento dos Focolares, os quais sempre assumiram um aspecto social. Dessa forma, nas sete cores, encontramos a pujança do *instituinte* alicerçado na mística de Chiara, e seu *instituído*, aprovado pela Igreja. Quais são esses aspectos? Vejamos o gráfico:

Gráfico 1  
A vida em cores



Fonte: LUBICH, 2016d.  
Gráfico da autora

Chama-nos a atenção o fato de que esses aspectos podem servir de ordenamento para a vida de qualquer pessoa de boa vontade e/ou instituição que tenha como escopo o bem da coletividade. Assim sendo, todas as pessoas carecem de um ordenamento econômico que passa, necessariamente, por uma boa administração de seus recursos, pela dignidade do trabalho e pelo compromisso com o entorno, nem que seja a própria família (quando não está ligado a nenhuma comunidade, por exemplo; é o exemplo (testemunho) de estilo de vida que poderá irradiar, no seu entorno, ações voltadas para o bem; a oração significa, em última análise, a relação pessoal (ou coletiva) com o Sagrado, independentemente da crença de cada um, e que tem ligação direta com nosso comportamento ético, nossa escala de valores; o cuidado com a natureza e a própria saúde física nunca esteve tão em alta como nesse início de século, o que aumenta a consciência planetária e a responsabilidade com a saúde do Planeta Terra; a busca pela harmonia interior, das relações paritárias, do ambiente físico, também pode ser alargada para qualquer pessoa; o mesmo se dá em direção à busca pela sabedoria e pelos estudos, acadêmicos ou não; e, por fim, a utilização dos meios de comunicação, que, com o advento da internet, nos faz conectados com o mundo e, como consequência, exige de nós um aprendizado contínuo, sobretudo no que diz respeito à responsabilidade

com que utilizamos esses mesmos meios. É também um guia prático para a vida em comunidade, independente das culturas em que estejam inseridas.

Nos Estatutos Gerais, embora não faça referência às cores, para cada um desses aspectos encontramos os alicerces fundantes, ou seja, aquilo que é parte do instituinte, como garantia de fidelidade às inspirações de Deus na feitura dessa mística, e as diretrizes para a vida concreta, isto é, o instituído: as instruções que apontam para a concretude de cada um deles dentro daquilo que foi aprovado pela Igreja. Todo esse conteúdo encontramos, sobretudo, em duas fontes: o livro *Como um arco-íris: aspectos concretos da vida do Movimento dos Focolares* e os *Estatutos Gerais da Obra de Maria*, em sua última versão.

Assim, também as chagas sociais não foram excluídas. Ao contrário. Continuam, a exemplo daquela “caderneta” em que as necessidades dos mais pobres eram registradas para irem em busca de soluções, encontramos, na vasta bibliografia sobre Chiara e o Movimento dos Focolares, inúmeros registros de ações individuais e coletivas em favor daqueles mais necessitados. Convém, aqui, evidenciar aquilo que ela escreveu em seu diário, quando de sua segunda visita ao Recife, entre os dias 16 a 27 de abril de 1964.

A Providência nos preparou como hospedagem, por meio de uma simpatizante, uma casa tão bonita – nunca tinha visto nada parecido. Comparada com a pobreza que reina ao redor, de modo especial nas miseráveis casas dos deserdados, ela nos faz compreender por que este terreno se presta a uma revolução social. Ao mesmo tempo, as pessoas que encontramos pelas ruas, brancas, negras, mulatas, gente tão pobre, mas também tão digna, deram-me a impressão de que existe um terreno preparado para a Igreja. Ou elas são conquistadas por ilusões ou serão conquistadas por uma Obra de Deus.

Nesta casa tive uma sensação estranha: primeiro de mal-estar, e depois, com o tempo, de opressão. Pensei: “Mas será que os que vivem bem esperam alguma coisa na outra vida, já que aqui na terra têm tudo?”. Compreendi, com maior profundidade, as palavras de Jesus: “Ai de vós, ricos, pois tendes já a vossa consolação” (Lucas 6.24).

O mal-estar aumentou perto da noite, quando – depois de uma visita aos mocambos<sup>69</sup>, não muito longe da atual casa dos focolarinos – senti naquele aglomerado de pessoas entre as quais brincam crianças e mais crianças, repetir-se na minha alma as “bem-aventuranças”. Aqueles negros pobres pareciam, no fundo, contentes. Contentes pela comunhão de vida forçada pelo espaço limitado entre um barraco e

---

<sup>69</sup> Refere-se à atual Ilha Santa Terezinha, localizada no bairro de Santo Amaro, no Recife, antiga Ilha do Inferno, onde o Movimento dos Focolares, por anos a fio, desenvolveu um trabalho socioeducativo e hoje, por meio da AACA (Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente), acompanha cerca de 350 crianças e adolescentes, oferecendo, no contraturno, além de formação humana e social, atividades educativas, culturais, artísticas, recreativas, esportivas e laboratório de informática.

outro, onde – pela mesma causa – também pode reinar a imoralidade e crescer o ódio.

Estas são as multidões que Jesus amava. Eu tinha vontade de repetir o que o Papa Paulo VI disse aos presos de Roma: “Vocês são a imagem de Cristo [...]. Vocês reproduzem diante de mim este Crucificado [...]. Por isso eu vim, diria, para cair de joelhos diante de vocês”.

Quem vive aqui há anos talvez não se dê conta desta sensação de repulsa pelo abismo que existe entre pobres e ricos, porque se pode chegar a tolerar a riqueza dos que possuem, na espera de que se convertam. Mas “a fome e sede de justiça” é uma das “bem-aventuranças” (cf. Mateus 5.6) que devemos sentir vivas e vibrantes, para fazer alguma coisa. Como é belo e verdadeiro o Evangelho em todas as suas partes e como é urgente a sua revolução! (LUBICH, 1991, p. 39-40).

Estaria aqui o prenúncio da proposta de uma Economia de Comunhão lançada por Chiara em 1991, em São Paulo, como uma resposta concreta aos problemas sociais gerados pelo desequilíbrio econômico promovido pelo capitalismo selvagem e que escava um profundo abismo entre ricos e pobres?

Se assim está posto para aqueles que estão ligados oficialmente à Obra de Maria, também Chiara pensou nas demais pessoas que, potencialmente, buscam a “justiça de Deus”, a face de Deus em meio à humanidade em qualquer que seja a área de sua atuação.

Em 15 de setembro de 2006, em seu discurso ao *VoluntariFest*<sup>70</sup>, na cidade de Bucareste, capital da Hungria, Chiara fez referência a uma reflexão do então Cardeal Joseph Ratzinger sobre os *ventos de doutrina* que povoam o mundo moderno, em homilia na missa do dia 18 de abril de 2005, e o paralelo apresentado pelo Papa João Paulo II entre a “noite escura” de São João da Cruz e as trevas dos nossos tempos, no seu discurso ao Capítulo Geral da Ordem dos Carmelitas, em Roma, no dia 29 de setembro de 1989. Na ocasião, apresentou o que denominou como “*a nossa resposta à noite coletiva e cultural de hoje*”<sup>71</sup>.

Às vezes, pensa-se que o Evangelho traz somente o Reino de Deus entendido num sentido religioso e não resolve os problemas humanos. Mas não é assim. Certamente não é o Jesus histórico ou como Cabeça do Corpo místico, que resolve os problemas. É Jesus-nós, o Jesus-eu, o Jesus-tu que o faz... Jesus no homem, naquele determinado homem — quando a sua graça está nele —, é que constrói uma ponte, abre um caminho... Jesus é a personalidade verdadeira, mais profunda, de

<sup>70</sup> *VoluntariFest* – Congresso realizado em Bucareste – Hungria, em comemoração aos 50 anos do nascimento dos/as Voluntários/Voluntárias de Deus, um dos setores da Obra de Maria.

<sup>71</sup> LUBICH, Chiara. *A resposta à noite coletiva e cultural de hoje*. Disponível em: <https://indy.focolare.org/documents/15611/1188245/ACL-DS-20060916-TP-A-pt.pdf/c4492132-af97-429f-946c-224c5eb9d5f0?version=1.0>. Acesso em: 16 jan. 2022.

cada pessoa. De fato, cada ser humano (cada cristão) é mais filho de Deus (= outro Jesus) que filho de seu pai. É como outro Cristo, membro do seu Corpo místico, que cada homem dá uma sua contribuição típica em todos os campos: na ciência, na arte, na política, nas comunicações, etc. E a eficácia da sua ação será maior, se trabalhar com outros homens unidos no nome de Cristo.

Novamente chama à responsabilidade para uma *mística de olhos abertos*, inserida, comprometida com o mundo em torno. É uma nova encarnação, dessa feita, por meio de atitudes assumidas por pessoas que, essencialmente, para Chiara, são filhas de Deus e, portanto, trazem em si o próprio Jesus, mesmo que seja nascituro. “É a Encarnação que continua, encarnação completa, que diz respeito a todos os Jesus do Corpo místico de Cristo”, diz Chiara nesse mesmo discurso. Em seguida, apresenta a contribuição da Obra de Maria:

O Movimento dos Focolares é uma realidade espiritual que ilumina o mundo ao seu redor por meio dos seus membros, mas também no seu conjunto. Faz isto através das “inundações” de luz, para usar um termo de João Crisóstomo, grande Padre da Igreja, com as quais ilumina a cultura de hoje nos seus vários aspectos. As “inundações” são um produto de um diálogo especial: o diálogo com a cultura, que o Movimento dos Focolares, há algum tempo, vem entabulando entre a sabedoria, que o carisma da unidade oferece, e os diversos âmbitos do saber e da vivência humana, como o da política, da economia, da sociologia, das ciências humanas e naturais, da comunicação, da educação, da filosofia, da arte, da saúde e da ecologia, do direito e outros mais. “Inundações” que, não é difícil compreender, permanecem como devem ser, somente se forem constantemente animadas, inundadas pela luz que jorra do dom de Deus, sob pena de recair no pensamento e na ação simplesmente humanos.

No âmbito da política, colocou em pauta o quanto sua mística, também nominada como o *carisma da unidade*, lança luz sobre esse campo, o que nos remete a Metz, quando aponta uma “mística política”: a política da compaixão. Aqui, de modo explícito, encontramos o apelo à concretude daquela definição de política apresenta por Metz (2013, p. 22).

Explica Chiara:

Não é, talvez, função da política conseguir compor em unidade, na harmonia de um só desígnio, a multiplicidade, as legítimas aspirações dos diversos componentes da sociedade? E não deveria, talvez, o político, pela sua função de “mediador”, se sobressair na arte do diálogo e da identificação com todos? A nossa espiritualidade, que é eminentemente coletiva, ensina essa arte, que é a arte de amar a ponto de gerar a unidade. Os políticos que a assumem, qualquer que seja o seu partido, decidem antepor o amor entre eles a qualquer compromisso e interesse pessoal e, por fazerem assim, sabem estabelecer, não sem sacrifício, a presença de Jesus entre eles. E

Jesus, que é luz para o mundo, valoriza todos os aspectos verdadeiros que possam existir nos vários pontos de vista e ilumina, evidencia o bem comum e dá a força para alcançá-lo. A experiência do nosso “Movimento político pela unidade” testemunha isso, como está acontecendo na Europa e em vários países da América Latina.

Em relação a essas inundações sobre as quais falou Chiara, faremos dois recortes que nos toca diretamente: o projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade*, por ter sido uma proposta que nasceu no Brasil, e as *escolas de inculturação*, surgidas no Quênia para toda a África, senão por outro motivo, mas por termos experimentado em nossa formação, enquanto povo brasileiro, o quanto de prejuízo se acumulou em cinco séculos de uma ação colonizadora que impôs um modelo cultural eurocêntrico e anulou, ou tentou anular radicalmente, as *sementes do Verbo* que existiam (e existem) nas culturas dos povos indígenas, aqui existentes, e dos africanos, para cá transplantados.

No tocante à *Economia de Comunhão*, na história da Obra de Maria, desde os primórdios, a *comunhão de bens* sempre esteve presente. Em sua face *instituinte*, podemos lembrar que a prática de colocar tudo em comum, bens imateriais e materiais, foi uma constante desde os primórdios. Em relação ao imaterial, vimos o quanto Chiara não guardou para si aquilo que Deus ia comunicando à sua alma. Além disso, a comunhão das experiências feitas por elas singularmente ou de maneira coletiva. Tudo era colocado, tudo era dito, tudo era comum a todas. Portanto, um tesouro espiritual partilhado constantemente. Mais perto de nós, vimos, também, a postura de Chiara frente aos “*mocambos*” do Recife.

É nesse chão que a proposta de uma *Economia de Comunhão* se insere e, no desejo de uma espiritualidade segundo o Corpo Místico, extrapola os muros de uma economia centrada no acúmulo de riquezas para poucos. Existe uma farta bibliografia sobre este tema, inclusive alguns trabalhos acadêmicos. Sergio Leitão e Renée Spinelli, no artigo *Economia de Comunhão: a produção acadêmica em administração de 1991 a 2006*, publicado em 2008, apontam que

os apelos de Chiara Lubich alcançaram os pós-graduandos e alguns graduandos de 26 países, dos quais 15 europeus (148 estudos), seis sul-americanos (138 estudos), três africanos (três estudos), além de

uma contribuição das Filipinas e outra da Coréia do Sul, no período de 2001 a 2006 (LEITÃO; SPINELLI, 2008, p. 455).<sup>72</sup>

No *site* oficial da Economia de Comunhão (<https://www.edc-online.org/br/>), encontramos, entre 2007/2011, mais 108 teses de doutorado em diversos países europeus, asiáticos, sul-americanos, africanos, além da América Central. Tais dados demonstram o interesse acadêmico que a *Economia de Comunhão* provocou e continua provocando entre os cientistas. Todavia, queremos apenas fazer um *link* entre a proposta de Chiara e a *invasão* no mundo da economia.

Nessa tese, começaremos a discorrer sobre o projeto da *Economia de Comunhão* propriamente dita a partir do trecho de uma carta de Igino Giordani para os/as voluntários/voluntárias do Movimento dos Focolares, quando deram início à cooperativa agrícola “*Loppiano Prima*”, em 1964, tendo como principal objetivo “promover experiências comunitárias que coloquem o homem e a natureza no centro. É um modelo de economia em que suas ações são orientadas para o social”<sup>73</sup> e que tem na produção de vinhos sua principal atividade econômica. Escreveu Chiara:

Lembro de uma belíssima carta que Igino Giordani [...] escreveu àqueles voluntários quando a cooperativa nasceu. Uma carta que, depois do que está começando no Brasil<sup>74</sup>, tem sabor de profecia: “Vocês testemunham e bradam o Evangelho simplesmente com o trabalho e a comunhão de bens [...]. Vocês são as primícias de uma sociedade por muitos concebida apenas nas palavras e, no entanto, por todos sonhada. Para vocês, e graças a vocês, o mundo de amanhã já começou (LUBICH, 2004, p. 15).

Para Chiara, esse amanhã mencionado por Giordani tem, no projeto da *Economia de Comunhão*, sua concretude.

O projeto de uma *Economia de Comunhão na Liberdade* (EdC), uma experiência peculiar de economia solidária nasceu em São Paulo, em 1991, quando Chiara, de *olhos abertos* à situação de desigualdade que permeia as relações socioeconômicas do nosso país desde aquela sua visita ao Recife, como mencionamos, apresenta-o em contraponto ao estilo de vida contemporâneo. Na *apresentação* do livro *Economia de Comunhão: história e profetia*, da própria Chiara, Vera Araújo aponta que:

---

<sup>72</sup> Leitão, S. P., & Spinelli, R. A. (2008). Economia de comunhão no Brasil: a produção acadêmica em administração de 1991 a 2006. *Revista De Administração Pública*, 42(3), 451 a 470. Recuperado de <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/6641>. Acesso em: 6 abr. 2022.

<sup>73</sup> Informações colhidas do *site* oficial da Cooperativa *Loppiano Prima*. Disponível em: <http://www.loppianoprime.it/mission>. Acesso em: 5 fev. 2022.

<sup>74</sup> Referência ao projeto de Economia de Comunhão.

Em tempos de globalização, ou seja, numa época em que o mercado com suas regras conquista o mundo, provocando novos e controversos processos não só econômicos, mas também culturais, assistimos a uma mudança radical de estilo de vida, de comportamentos, de atitudes intelectuais. A filosofia em que isso se baseia – o individualismo – penetra nos mais variados âmbitos culturais e religiosos do Planeta, provocando reviravoltas éticas e, no mínimo, riscos de empobrecimento do primado da pessoa na sua vivência social (ARAÚJO. *In*: LUBICH, 2004, p. 9).

Na mesma *apresentação*, Araújo evidencia que o projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade* é “um projeto simples e, ao mesmo tempo, revolucionário, inovador, que, pela sua concretude e carga profética, inunda a alma de confiança e de esperança no futuro” (ARAÚJO. *In*: LUBICH, 2004, p. 10).

Quando Chiara lançou a *Economia de Comunhão* (EdC), mais precisamente em 29 de maio de 1991, na então Mariápolis Araceli<sup>75</sup>, localizada em Vargem Grande Paulista, interior de São Paulo, mencionou duas premissas: a primeira, fazendo uma viagem no tempo, voltou à década de 1960, quando contemplara, na pequena cidade de Einsiedeln, na Suíça, o complexo beneditino assim descrito por ela:

O imponente conjunto da abadia, que tem no meio a belíssima igreja onde os monges rezam; em ambos os lados, o casario onde moram e estudam; mais além, a escola e as terras ao redor, nas quais trabalham e criam gado. Víamos ali efetivamente realizado o ideal “*ora et labora*” [“ora e trabalha”] de São Bento. [...]. Diante daquela maravilhosa visão, aflorou em nossos corações uma outra imagem: o sonho de uma pequena cidade moderna, de verdade, com casas, pavilhões, indústrias, empresas, onde o nosso ideal de unidade fosse testemunhado (LUBICH, 2004, p. 12).

Anos depois surgia Loppiano, a primeira Mariápolis permanente, que contém essas características; hoje, elas estão espalhadas nos cinco continentes.

Como segunda premissa, Chiara lembra que, dias antes dessa sua viagem ao Brasil, uma reflexão sobre a recém-publicada Encíclica *Centesimus Annus*, do Papa João Paulo II, em comemoração ao centenário da Encíclica *Rerum Novarum*, considerada um marco na história da Doutrina Social da Igreja Católica. Para Chiara, a *Centesimus Annus* apresentou

uma radiografia perfeita de toda a situação econômica, social e política do mundo atual. Uma reafirmação da doutrina social da Igreja [...], que convida urgentemente à solidariedade, até a hipótese de uma

---

<sup>75</sup> Hoje Mariápolis Ginetta em homenagem a Ginetta Calliari, uma das primeiras companheiras de Chiara que veio para o Brasil em 1959 e aqui permaneceu até sua morte, em 2001.

economia mundial [...]: um sonho, mas também uma esperança” (LUBICH, 2016d, p. 65).

Continua Chiara em sua conversação na Mariápolis Araceli:

Foram justamente a lembrança daquela primeira intuição de nossas cidadezinhas e a reflexão sobre a *Centesimus annus* que nos levaram a considerar um elemento essencial da espiritualidade do nosso Movimento: o seu aspecto socioeconômico. Ele enfatiza a comunhão de bens; e não só a enfatiza, mas a realiza [...], sob diversas formas (LUBICH, 2004, p. 13).

Também, por ocasião daquela visita à Mariápolis Araceli, colocou em pauta a definição feita pelo arcebispo daquela cidade, Dom Paulo Evaristo Arns, sobre a megalópole: uma cidade moderna, rica para poucos, circundada por um cinturão de pobreza formado por apinhadas favelas, como se fosse uma “coroa de espinhos”, na definição de Dom Paulo. Some-se a isso a constatação de que a comunhão de bens realizada pelos membros do Movimento não conseguia suprir as necessidades de tantos outros brasileiros inseridos no próprio Movimento, situação mencionada por ela no seu discurso por ocasião da outorga do título de *Doutora Honoris Causa em Economia e Comércio*, pela Universidade Católica de Piacenze, em 29 de janeiro de 1999, quando mencionou o Brasil e o projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade*:

O Movimento, presente no País desde 1958, difundiu-se amplamente em todos os Estados, atraindo pessoas de todas as extrações sociais. Alguns anos antes, apesar da comunhão de bens, eu havia percebido que – devido ao crescimento do Movimento (no Brasil somos cerca de duzentos e cinquenta mil pessoas) – não se conseguiam mais cobrir nem sequer as necessidades mais urgentes de certos membros do movimento (LUBICH, 2004, p. 24-25).

Qual, então, a novidade do projeto da *Economia de Comunhão na Liberdade*? A própria Chiara respondeu a essa indagação ainda na conversação primeira entabulada na Mariápolis Araceli, quando se refere à destinação do lucro: “esse lucro não deveria ser repartido entre todos os que participam do capital, mas deveria ser posto em comum” (LUBICH, 2004, p. 14). Como assim? Chiara associa a comunhão dos lucros à comunhão de bens vivida pelas comunidades cristãs primitivas com vestes contemporâneas. Assim, como destinação primordial, “ajudar em primeiro lugar os mais necessitados, oferecer-lhes trabalhos, estruturá-los, fazer com que não haja qualquer indigente” (LUBICH, 2004, p. 14). Em seguida, o investimento na própria

empresa e, como terceira destinação, o compromisso com a formação de “homens novos”.

Situando a importância das Mariápolis permanentes nesse projeto, Chiara explicou, ainda, na Mariápolis Araceli:

Assim sendo, seriam duas as dimensões dessa Mariápolis brasileira: a dimensão, eu diria, da “cidade celeste”, constituída pelas instituições do Movimento: focolares, famílias, núcleos dos voluntários, unidades dos gen, Centros Mariápolis<sup>76</sup> de formação, escolas para os religiosos e os sacerdotes... Em suma, todas aquelas instituições que servem para formar homens novos (LUBICH, 2004, p. 15).

Concluindo sua conversação na Mariápolis Araceli, a fundadora do Movimento dos Focolares compreende a *Economia de Comunhão na Liberdade* como uma contribuição para a realização da Doutrina Social da Igreja e como estímulo para uma “nova mentalidade, um novo estilo de vida no campo socioeconômico” (LUBICH, 2004, p. 16).

Longe de ser uma proposta meramente conceitual, teórica, a *Economia de Comunhão na Liberdade* propõe uma humanização das atividades econômicas. Foi a própria Chiara que traçou suas linhas gerais apresentadas em Piacenza: a instauração de relacionamentos leais e respeitosos dentro e fora dos empreendimentos, o que inclui o poder público e os concorrentes; valorização dos empregados, o que implica envolvê-los também na gestão; manter uma linha de conduta imersa na “cultura da ética”; estar atento ao ambiente de trabalho e à natureza, embora resulte em altos custos; exercer a cooperação mútua com entidades e outras iniciativas empresarias, provocando a solidariedade entre pares também nesse universo (LUBICH, 2004, p. 26).

Chiara afirma que a *EdC* apresenta características muito próprias e peculiares, entre as quais o desenvolvimento de “comportamentos inspirados na gratuidade, na solidariedade e na atenção com os excluídos” (LUBICH, 2004, p. 27).

Concluindo seu discurso na Universidade Católica de Piacenza, expõe o rumo que esse projeto tomou e que ela mesma não tinha pensado.

Quando a propus, não pensava, decerto, numa teoria. Vejo, no entanto, que ela chamou a atenção de economistas, sociólogos,

---

<sup>76</sup> Os Centros Mariápolis, localizados ou não dentro das Mariápolis permanentes, são lugares de formação não apenas para os membros do Movimento dos Focolares, como para a realização de encontros, congressos, seminários etc. de outros movimentos ou grupos que queiram utilizar seus espaços e estruturas.

filósofos e estudiosos de outras disciplinas, que encontram nessa nova experiência, nas ideias e categorias que estão por trás dela, motivos de interesse que ultrapassam a esfera do Movimento no qual, historicamente, ele se desenvolveu. Em especial, na visão trinitária das relações interpessoais e sociais, que está na base da Economia de Comunhão, há quem vislumbre uma nova chave de leitura que poderia enriquecer também a compreensão das interações econômicas e, assim, contribuir para superar a orientação individualista que prevalece hoje na ciência econômica, cujas consequências em termos sociais e políticos, são mais evidentes (LUBICH, 2004, p. 28)

Podemos, então, dizer que Chiara apresentou à Obra de Maria, especialmente aos focolarinos casados e aos voluntários, um desafio: implementar, através de empresas de diferentes tipos e tamanhos, administradas por pessoas competentes e capazes, uma economia que, ao contrário da economia clássica sistematizada por Adam Smith, tenha a solidariedade como base também das relações econômicas; que assegure a sobrevivência financeira sem abrir mão da ética, da qualidade de vida, o que significa o zelo pela saúde e bem-estar não apenas dos funcionários da empresa, como também dos destinatários dos bens produzidos, cuidando da harmonia dos relacionamentos, dos ambientes interno e externo, o que inclui a preservação da natureza; que garanta a formação e instrução de seus funcionários, apostando em um desenvolvimento contínuo e integral, promovendo, inclusive, o intercâmbio de experiências.

Qual a base, então, de sua proposta? Uma nova forma de lidar com a atividade econômica em sua prática organizacional e sua cultura voltadas à comunhão, à gratuidade e à reciprocidade.

Para sua concretude, afirmou Chiara, essas empresas “deveriam ser apoiadas por pessoas do Brasil inteiro, constituindo sociedades em que cada um teria uma participação própria; participações talvez pequenas, mas muito difundidas” (LUBICH, 2004, p. 14). Assim, em 1998, antes mesmo da Universidade Católica de Piacenza, na Itália, a Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP outorgou a Chiara o título de Doutora *Honoris Causa* em Economia.

No tocante às *escolas de inculturação* propostas por Chiara, para compreendê-las com maior profundidade, é necessário mergulhar na história da Obra de Maria no continente africano. Tudo começou por dois vieses: o primeiro, a escuta a um apelo feito pelo bispo; o segundo o natural impulso de ir ao encontro da face de Jesus no outro, naquele que mais sofre. Assim, a Obra de Maria chegou ao povo Bangwa, na

República dos Camarões, situado nos confins da zona inglesa, espreado na antiga fronteira francesa. Como toda região limítrofe, abandonada por ambas as colônias. Sem dúvida, esse isolamento contribuiu sobremaneira para que o povo Bangwa conservasse a autenticidade e a simplicidade dos mais puros valores africanos.

Qual, então, o *link* com a Obra de Maria? Encontramos essa história na Revista Cidade Nova (1966), em reportagem intitulada *Os “focolarinos” entre os Bangwa*, que serviu de guia para compreendermos a *inculturação* proposta por Chiara. Relata a reportagem que os bangwas

se encontram na contingência de assistir inermes à destruição de sua gente: a malária, a lepra, a tuberculose, o tétano nos adultos e – nas crianças – a coqueluche e a difteria, por anos, haviam feito verdadeiras devastações, de forma que agora a população não ia além de sessenta mil almas (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 34).

Portanto, um povo que experimentava seus maiores limites. Sem condições de salvar-se mediante a insuficiência de seus conhecimentos farmacológicos, aqueles que a tradição oral lhes repassava de geração a geração, voltaram-se para Deus. Esse ancorar-se na fé está explícito e contextualizado na reportagem:

Em 1954, diante destas devastações, [...], o povo – sob a guia e o impulso de um núcleo de cristãos convertidos pelos primeiros missionários da Congregação do Mill-Hill<sup>77</sup> que de vez em quando chegavam – se reunira e decidira iniciar longas preces para que Deus viesse em socorro. “Deus é amor – tinham dito os cristãos – e não pode abandonar-nos. Devemos rezar” (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 34).

Assim o fizeram por um ano inteiro. O Fon<sup>78</sup> (assim se chama o rei da tribo), mesmo não sendo cristão, juntou-se ao grupo. Nada aconteceu. Perseveraram. Mais um ano de orações contínuas, diárias. Nada. “Concluíram que talvez eles não fossem dignos de serem ouvidos” (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 34), escutados por Deus. Deviam, então, encontrar pessoas melhores do que eles para que Deus ouvisse suas preces e, assim, salvasse toda a tribo. Para nós, no entanto, essa compreensão não faz sentido. Ao contrário. Se olharmos pela ótica da fé, podemos concluir que foi o próprio Deus que os orientou a ir ao encontro de pessoas outras que pudessem lhes ajudar na busca de salvar a própria tribo. Se olharmos por outra ótica, não é difícil

---

<sup>77</sup> Sociedade dos Missionários de São José, mais conhecida como *Mill Hill Missionaries*, foi fundada em Londres, em 1866, por Herbert Vaughan, futuro arcebispo da Diocese de Westminster.

<sup>78</sup> Fon – rei da tribo Bangwa, pertence à Câmara dos “Fon” da República dos Camarões, equivalente à Câmara dos Lordes da Inglaterra.

concluir que chegaram aonde poderiam encontrar ajuda farmacológica graças à crença no valor da vida e à persistência em buscar soluções, não obstante as dificuldades já enfrentadas e as que ainda enfrentariam. Fica, porém, o exemplo do empenho coletivo em defesa da vida.

Dirigiram-se ao bispo, que passou a visitá-los; porém, dadas as dificuldades naturais (nem estrada existia entre a cidade mais próxima, distante 12 horas a pé, por dentro da floresta), não conseguiu fazer muita coisa concretamente. Deus, porém, tem seus anjos. Um deles, o missionário, padre Caterpillar, iniciou a construção de uma estrada com os meios que conseguira de outros missionários, o que fez renascer as esperanças daquele povo.

Em 1966, aquele bispo que conhecera o povo Bangwa encontrou Chiara e lhe pediu que ajudasse aquela tribo. Nesse mesmo ano, chegaram à Fontem os primeiros focolarinos e focolarinas, todos da área da saúde. Encontramos na referida reportagem:

Focolarinos italianos, suíços e belgas, rapazes e senhoritas, participaram da vida dos Bangwa alojando-se nas cabanas deles, adaptando-se ao seu regime alimentar, desempenhando a própria atividade de médicos e enfermeiros, entre aquela população terrivelmente provada pelas doenças e por uma mortalidade altíssima (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 30).

Na primeira visita de Chiara à Fontem para, entre outras coisas, colocar a pedra fundamental da construção de um hospital, no discurso oficial de boas-vindas, o Fon, dirigindo-lhe a palavra, disse: “Esta noite [...], nesta casa fria e sem esperança, o Espírito de Deus entrará nesta habitação e saberá aquecê-la com seu sopro”.

Em um discurso proferido em Londres, por ocasião do recebimento do Prêmio Templeton para o progresso da Religião, Chiara lembra uma das reações do Fon diante da sua pessoa. Conta Chiara que ele, impressionado com a difusão do Movimento nos cinco continentes, perguntou, nestes termos: “Você é uma mulher, e não vale nada. Me diga: como aconteceu tudo isso?”. E ela conta: “Diante dessa frase, asseguro-lhes, fiquei perfeitamente à vontade, sabendo que o que estava para contar não era certamente obra de uma mulher, mas de Deus” (ARAÚJO, 2020, p. 187).

É interessante o registro que encontramos a respeito da impressão causada pelos bangwas àqueles europeus habituados a um outro estilo de vida completamente diferente de tudo o que encontraram ali. Monsenhor Peeters, bispo de Buea, ao recebê-los, já havia dito que veriam entre os camaroneses o sentido vivo da

comunidade e da unidade. Mas, e os europeus, o que diriam? A resposta está na mesma edição de Cidade Nova:

É difícil para nós, europeus, voltando do contato com os Bangwa, descrever aos outros europeus como são os africanos. Arrisca-se de apresentá-los como selvagens, incivilizados, sem uma educação e sem uma cultura. Claro está que eles não têm a nossa cultura, a nossa educação, a nossa técnica, a nossa mentalidade, porém, conservam valores tão profundamente humanos, uma dignidade e uma sabedoria, um sentido da vida tão natural e cristão que certamente podem ensinar muitas coisas a nós. Nunca havíamos experimentado, entre os europeus, tão vivo o significado da colaboração humana e da cordialidade fraterna como ao invés as sentimos palpitar no seio daquele povo. De nós, eles esperam os remédios, os tratamentos, a instrução; porém, os valores mais altos, a fé em Deus, a comunhão fraterna, talvez devamos haurir naqueles corações tão simples e genuínos (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 34-35).

Aqui podemos vislumbrar as sementes das *escolas de inculturação* propostas por Chiara anos depois. Isto é, essa consciência dos valores inerentes às diversas culturas, com especial recorte, às múltiplas e incontáveis culturas africanas, permeadas das *sementes do Verbo*, se quisermos nos alinhar ao Concílio Vaticano II. Ainda uma afirmação a esse respeito: “Deixamos Fontem [...]. No coração de uma tribo perdida entre as montanhas do Camerun<sup>79</sup>, entendemos o quanto Deus ama a todos os povos da terra” (REVISTA CIDADE NOVA, 1966, p. 39).

O processo de inculturação que desde sempre acompanhou a vida da Obra de Maria nos continentes, entre os mais diversos povos, deu um salto de qualidade justamente em uma das visitas de Chiara à África, precisamente em maio de 1992. Ali, em Nairóbi, capital do Quênia, por ocasião do lançamento da pedra fundamental para a construção da Mariápolis Piero, propôs a criação de “*Escolas para Inculturação*”, em plena sintonia com a Exortação Apostólica “*Ecclesia in Africa*”, do então Papa João Paulo II. Essas escolas, disse Chiara, têm por objetivo aprofundar a vida do Evangelho procurando dialogar, na perspectiva da espiritualidade da unidade, com as várias culturas e costumes dos povos africanos. Aqui, por um lado, encontramos as afirmativas do Concílio Vaticano II de que em todas as culturas existem a presença do amor de Deus, as “sementes” do Verbo, assim como o apelo da Igreja expresso na Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, do Papa João Paulo II, sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo, publicada em 18 de maio de 1986:

---

<sup>79</sup> Camerun – Camarões, em francês. Referência à República dos Camarões.

Alargar as nossas vistas para mais longe, “para o largo”, conscientes de que “o vento sopra onde quer”, segundo a imagem usada por Jesus no colóquio com Nicodemos. O Concílio Vaticano II, centrando a atenção sobretudo no tema da Igreja, recorda-nos a ação do Espírito Santo mesmo “fora” do corpo visível da Igreja. Ele fala precisamente de “todos os homens de boa vontade, no coração dos quais invisivelmente age a graça” (DV 53).

Por outro lado, encontramos um passo a mais para a concretização da *mística de olhos abertos*, uma exigência para o século XXI, aquela mística que vai ao encontro do outro na busca de identificar e amar a face de Deus em cada próximo e, por consequência, em cada cultura.

Naquela ocasião, Chiara afirmou que é inculturação o fato de conseguir penetrar nas diferentes culturas para trazer as verdades nelas contidas – implica colocar em evidência aquilo que une. Para tanto, indicou o quanto é necessário cortar as raízes da sua cultura para compreender a do outro a ponto de senti-la como se fosse própria. Somente nesse estágio acontece o diálogo verdadeiro. O segundo passo é pensar uma teologia desenraizada, isto é, uma teologia que considere o pensar teológico africano, as diversas tradições, as verdades nelas contidas. O terceiro passo consiste em recolher as tradições orais, os provérbios, os ditados, as poesias, as canções que exprimem as “sementes do Verbo”.

Compreendemos que não se trata de um processo simples e fácil. Para Chiara, porém, a grande contribuição do Movimento para esse aspecto é o que sempre caracterizou sua vida e a vida de suas primeiras companheiras e companheiros: o amor ao irmão. De resto, tudo é consequência.

Nesse direcionamento, constatamos o rompimento de muros culturais, a “invasão” em outras culturas, não com a proposta de suplantá-las, com base em uma ideia de superioridade, como era e é a visão de antigos e novos “colonizadores”, mas com a compreensão de que todos os povos são chamados à fraternidade universal.

Portanto, a partir de Fontem, a Obra de Maria chegou a outros países africanos, conforme encontramos no seu *site* oficial:

Naqueles tempos, a espiritualidade da unidade tinha chegado só a Fontem, enquanto que hoje atingiu todos os países do Continente. Há a cidadezinha de Man (Mariápolis Vittoria) na Costa do Marfim, que testemunha o diálogo intercultural, e também a Mariápolis Piero no

Quênia, centro de formação para a espiritualidade da unidade para todo o Continente Africano.<sup>80</sup>

Na solenidade de lançamento da pedra fundamental da Mariápolis Piero, estavam presentes, junto a Chiara, representantes de 24 países africanos. Podemos, então, concluir com as palavras da própria Chiara, ao falar no Congresso do Movimento dos Religiosos, em 19 de abril de 1995, sobre a experiência do Movimento com o povo Bangwa: “A experiência de Fontem foi para nós única. Parecia-nos reviver o desenvolvimento da Igreja primitiva, quando o cristianismo era aceito por todos na sua inteireza, sem limitações”<sup>81</sup>.

Além dessas duas experiências que apontam a “invasão” de mundos através das *inundações*, conforme propôs Chiara, vale como registro de o quanto ela recebeu de reconhecimentos. Eles vieram de organismos internacionais, acadêmicos, de administrações públicas, nacionais e locais, cidadanias honorárias, igrejas locais e entidades culturais, entre outros.

O que nos parece importante em todos esses reconhecimentos? Sem dúvida, não são os reconhecimentos em si, mas aquela mensagem que Chiara levou ao mundo em cada uma dessas ocasiões, sendo impossível compilar todos nesta tese. Todavia, podemos afirmar que, sobretudo nos Doutorados *Honoris Causa*, entre os quais em Ciências Sociais, Comunicação Social, Teologia, Filosofia, Psicologia, Pedagogia, Artes, cuja relação completa está em anexo, Chiara apresentou linhas de atuação de profissionais, nas várias áreas do conhecimento, no sentido de buscarem, dentro de suas especialidades, a fraternidade universal, o bem comum, em suma, aquela *mística de olhos abertos*, que traduz a essência da política indicada por Metz. Assim, deixou pistas para as ciências e para as Humanidades.

Entre as universidades que lhe conferiram o Doutorado *Honoris Causa* está a Universidade Católica de Lublin, a mais antiga universidade católica da Europa Central e um dos mais importantes centros do pensamento católico; a Pontifícia Universidade de Santo Tomás, em Manila, nas Filipinas, fundada em 1611, portanto, a mais antiga da Ásia; a *Hope University di Liverpool*, na Grã-Bretanha, que se caracteriza “por ser a única fundação universitária na Europa (e nos EUA) onde

---

<sup>80</sup> TENESINI, Stefania. **O presente e o futuro de Fontem**. Disponível em: <http://focolares.org.br/o-presente-e-o-futuro-de-fontem/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

<sup>81</sup> LUBICH, Chiara. Trecho de um discurso no Congresso do Movimento dos Religiosos. Gastelgandolfo, 19 de abril de 1995. Disponível em: <http://focolares.org.br/a-mim-o-fizeste/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

faculdades católicas e anglicanas se uniram para formar uma fundação cristã integrada e ecumênica”<sup>82</sup>; Universidade Estadual de Buenos Aires, na Argentina; a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Brasil.

Eis, pois, uma síntese da mística de Chiara, uma mística que, completamente fiel à Igreja Católica de quem foi/é, reconhecidamente, filha, conseguiu ir além dos muros naturalmente impostos pelas estruturas, isto é, pelo *instituído* inerente a cada organização e que precisa manter acesa a potência *instituinte* que o produziu para que as mudanças pretendidas e/ou necessárias não tomem outros rumos. Contemporaneamente, invadiu os mundos religiosos dentro e fora da Igreja Católica, dentro e fora da tradição judaico-cristã, assim como os mundos que compõem o tecido social.

A Obra de Maria recebeu de Chiara essa herança. Compete a todos os seus membros, independente do setor em que estejam inseridos, dar continuidade à vida que nasceu nos escombros da Segunda Guerra Mundial.

---

<sup>82</sup> Disponível em: [https://www-hope-ac-uk.translate.goog/aboutus/thehopestory/?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt-BR&\\_x\\_tr\\_pto=sc](https://www-hope-ac-uk.translate.goog/aboutus/thehopestory/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt-BR&_x_tr_pto=sc). Acesso em: 10 abr. 2022.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos a impressão de que tudo foi dito, que nada mais se faz necessário. Passa por nossa cabeça um filme com cenas belas, grotescas, dantescas, minúsculas... e tudo faz sentido, depois de quatro anos empenhados nos estudos da mística de Chiara.

Nesse ínterim, o bizarro e enlouquecedor período da pandemia pelo Corona Vírus (Covid-19) numa proporção gigantesca que ceifou vidas, sonhos, projetos pessoais, projetos coletivos, empreendimentos...

O que esse conjunto de coisas e sentimentos tem a ver com nossa escrita? Tudo. Nunca nos sentimos tão próximas da experiência vivida por Chiara e suas primeiras companheiras: “eram tempos de guerra e tudo desmoronava...”. Sim, porque, ao nosso redor, mesmo se não ouvíamos os estrondos das bombas, o soar estridente dos alarmes, as correrias para os abrigos antiaéreos, existiam sons que falavam de morte tanto quanto. Sons que vinham de gargalhadas histéricas, das vozes negacionistas, de pseudomegafones travestidos em ferramentas virtuais as mais modernas, espalhando mentiras e germinando genocídios. Os nossos representantes legais federais quiseram impor-nos remédios não comprovados cientificamente, reiteradamente rechaçados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que promoveram uma mortalidade sem precedentes (mais de 670 mil mortes em apenas dois anos). Especializaram-se em compor uma máquina publicitária alicerçada na mentira conveniente para a manutenção do poder e enriquecimento ilícito (conforme descobriríamos depois, pelo exaustivo trabalho da Comissão Parlamentar de Inquérito, conhecida como CPI da Pandemia, durante o período de 13 de abril de 2021 a 26 de outubro do mesmo ano) para conseguir convencer as massas e conduzi-las a seu bel-prazer.

Se fizermos um paralelo, essencialmente, não foi essa mesma postura assumida por ideologias totalitárias durante a Segunda Guerra Mundial para propagar o terror e justificar os campos de concentração? Não foram os mesmos argumentos de ódio para paralisar duas nações em torno de líderes que conduziam seus povos a se convencerem da legalidade do extermínio de pessoas? Não foram essas as justificativas utilizadas por quem detinha o poder econômico e das armas para liquidar, em frações de segundos, duas grandes cidades asiáticas – Hiroshima e Nagasaki?

Diferenças? Não. Muito mais pontos de convergência entre situações da primeira metade do século XX e desses últimos anos, aqui, no Brasil.

Por estas bandas, na insana tentativa de sobreviver, improvisamos nossos “abrigo”, em um isolamento ao qual não somos acostumados porque não conseguimos viver bem sem um abraço, sem uma roda de amigos, sem as “confusões” saudáveis de nossas famílias nos finais de semana, ou nas festas corriqueiras, como aniversários, batizados, casamentos... Sequer podíamos nos dar as mãos!

E o convite foi o mesmo, com toda a inquietação decorrente: acreditar no amor! Acreditar em Deus Amor! Seria possível?! “Eram tempos de guerra...”. Coração e intelecto foram emergindo daquele universo de horror para, novamente, encontrar o respiro, encontrar a luz.

Na história de Chiara, um aprendizado, o que não significa uma adesão à estrutura decorrente. Significa, apenas, aderir ao chamamento da contemplação, que, pouco a pouco, foi descortinando frechas de esperança. Ora, se foi possível para elas encararem aqueles horrores sem perder a fé no Sagrado, também essa não poderia ser a nossa experiência? Em cada episódio, em cada desafio vencido, somente em Deus e por Deus, o renascimento íntimo, tímido talvez, mas renascimento.

Essa fusão gerou o equilíbrio que possibilitou a retomada dos estudos, das leituras, da escrita, e, por mais incrível que possa parecer, uma escrita leve, sem ranço, mesmo reconhecendo todas as feridas e sentindo suas dores, porque imersa na realidade, “lado a lado” com a humanidade circundante. Uma escrita larga que quis abarcar aqueles pontos considerados cruciais para a compreensão da mística de Chiara.

A mística... outro abissal tesouro. Compreendê-la a partir do “mistério do totalmente outro”, encontrá-la na mítica narrativa da criação, no diálogo do EU SOU com um pobre, medroso e gago pastor que, apenas por graça de Deus, empunhando um mísero cajado cuja serventia era apascentar as ovelhas não de pertença sua, mas de seu sogro, consegue enfrentar uma das maiores autoridades políticas e econômicas da época: o Faraó, o *Hórus Vivo*! Que, no percurso de libertação, recebe o Decálogo e firma uma aliança entre EU SOU e o povo, o Seu povo.

Diante de Jesus, o EU SOU encarnado, o Verbo que se fez carne, descobrir o olhar messiânico, compassivo, direcionado ao sofrimento do outro. Aquele olhar que, compreendemos, precisa estar aberto para o mundo. Eis a mística de Chiara! Uma

mística que nasceu assim: com o Evangelho nas mãos, e os olhos abertos para encontrar a face de Jesus em quem sofre.

Qual, então, o seu instituinte? O cerne? Fruto do Evangelho tornado vida, Chiara foi compondo o seu cântico místico. Mas não um cântico solo, como uma ária das famosas óperas, na qual os artistas principais se destacam do coro. Não. Um cântico coletivo, com todas as vozes, um “cântico novo” (Salmos 32,3), que abarca ritmos das culturas de variados povos até que, em uníssono, o cântico represente a humanidade inteira.

Qual, então, o instituído? O Movimento dos Focolares (ou Obra de Maria), que trabalha, incessantemente, para a construção da fraternidade universal inspirado no *Testamento de Jesus*, o *ut omnes unum sint* – que todos sejam um –, não como uma uniformidade que anula culturas, personalidades, características. Não. A unidade compreendida na dimensão que a própria Chiara viveu naquele *Paraíso de 1949*.

São as duas faces de uma mesma medalha: a mística de Chiara, que dá sustentação à Obra de Maria, e esta, que atualiza a mística e a traduz para a atualidade no enfrentamento de novos e constantes desafios.

Quais as conclusões a que chegamos após estes estudos?

A mística de Chiara é evangélica não por ter promovido um compêndio de estudos teológicos apresentando o Jesus histórico, ou o Jesus messiânico; por ter dissecado cada um dos evangelistas e, sob a visão deles, mostrado o Jesus na compreensão de Marcos, de Mateus, de Lucas e de João; não por ter vasculhado nos Padres da Igreja as explicações sobre os insondáveis mistérios da Encarnação. Nada disso. É evangélica porque teve a simples capacidade de colocar em prática cada palavra dita por Jesus. Os estudos posteriores são consequência.

Nas narrativas de sua vida, nos discursos proferidos para diferentes públicos, das mais diversas idades e estilos de vida, de variadas crenças, o fio condutor sempre foi o mesmo: o que o Evangelho vivido ensinou dia após dia.

Esse Jesus Mestre mostrou que, para realizar o Seu Testamento, compreendido por Chiara como a *carta magna* da vida que começava a brotar, um único elemento era indispensável: o irmão. A unidade não se realiza isoladamente. Necessita do outro. Portanto, sem essa participação, impossível. O outro é a pérola preciosa, em quem habita a possibilidade do “que todos sejam um”, da fraternidade universal. Portanto, uma mística que já nasceu coletiva, que não se realiza senão na comunidade (como uma unidade), na repetição da vida das primeiras comunidades

cristãs descrita nos Atos dos Apóstolos. Portanto, Deus Uno, que habita em cada pessoa e que eleva todos à Trindade. Ali, consumados no amor, é onde se experimenta o que está no credo niceno-constantinopolitano: “Deus de Deus; Luz da Luz”. É abissal!

No seu cerne, os pontos da sua mística: *Deus amor, a vontade de Deus, a Palavra, o irmão, o amor recíproco, Jesus Eucaristia, a unidade, Jesus abandonado, Maria, a Igreja, o Espírito Santo* e, por fim, *Jesus no meio*. Nos aspectos gerados por esses pontos, um guia prático: *comunhão de bens, economia e trabalho; testemunho e irradiação; espiritualidade e vida em oração; natureza e vida física; harmonia e ambiente; sabedoria e estudo; unidade e meios de comunicação*.

No seu instituído, uma obra estudada quase à exaustão, aprovada pela Igreja e que traduz os pontos de uma mística nascida na primeira metade do século XX, rica e diversificada, que abrange crianças, adolescentes, jovens, adultos, leigos consagrados, casados, sacerdotes, religiosos, pessoas de outros credos... Uma mística que, por seu caráter universal, extrapola seus próprios muros e inunda mundos, quer seja no âmbito das religiões, quer seja no tecido social. Uma mística que, por si só, oferece testemunhos vivos de que um outro mundo é possível.

Somos conscientes da grandeza e relevância dessa mística. Somos conscientes de que, a partir de estudos promovidos, primeiro pela *Escola Abba*, criada em 1990 como um centro interdisciplinar decorrente daquela Escola de Fogo, depois em várias universidades do mundo – da Europa à América do Sul, da Oceania aos Estados Unidos, da Ásia à África – em seus cursos *Stricto Sensu*, resultando em inúmeras teses de doutorado e dissertações de mestrado, a mística de Chiara tem-se tornado muito mais do que objeto de estudo. Podemos dizer que é a descoberta daquele “*que todos sejam um*” permeando mundos, oferecendo uma nova perspectiva em forma de contribuição para a composição do tecido social.

Perante tal magnitude, estaremos nós diante de uma das futuras doutoras da Igreja?

Mesmo se de forma sucinta, porém densa – como cabe em uma tese de doutorado –, conseguimos demonstrar que Chiara e sua mística, mantendo-se fiel à Igreja Católica, provocou naturalmente, sem embates, a abertura do mundo religioso em várias nuances, ao mesmo tempo em que propôs ao mundo secular outra forma de encarar as questões socioeconômicas e políticas. Constatamos, outrossim, o quanto a mística, em sua essência, é fluida, híbrida, invade mundos, não se deixa

aprisionar em quaisquer que sejam os recipientes – largos ou estreitos. Ela transcende as estruturas institucionais, o instituído, que, com toda largueza e abrangência que se possa pensar, apresenta-se em sua pequenez diante do desvendamento dos mistérios do Sagrado. A mística de Chiara, por conseguinte, extrapola a própria estrutura do Movimento dos Focolares.

Assim, pois, faz sentido o título da nossa tese – ***Fidelidade incontestada à Igreja Católica e abertura aos mundos religioso e secular: a mística cristã de Chiara Lubich***. Qual o impacto? Citemos apenas três: no mundo religioso, a possibilidade concreta da vivência ecumênica, a exemplo da Mariápolis permanente, denominada Centro de Vida Ecumênica de Ottmating, na Alemanha, além do diálogo com budistas, hindus, mulçumanos, cardecistas, luteranos, ortodoxos etc.; na África, as *escolas de enculturação*, que significam um novo olhar para a diversidade cultural e religiosa, sem a mão possessa do catequizador pura e simplesmente; a partir do Brasil, a *Economia de Comunhão na Liberdade*, como uma maneira ética e solidária de encarar as questões econômicas e seus abismos decorrentes.

Última cena: dia 18 de março de 2008. Na Basílica Papal de São Paulo Fora dos Muros (grifo nosso) – e poderia ser outra?! –, em Roma, foi celebrada a missa de corpo presente do funeral de Chiara. Estavam ali autoridades eclesiais, civis, representantes de inúmeras religiões cristãs e não cristãs, não crentes e o povo de Chiara. Sobre o ataúde colocado no chão, em frente ao altar, foram postos três cravos vermelhos e aquele Evangelho que Chiara levava para os abrigos antiaéreos. Nada mais. Existem símbolos mais expressivos de sua fidelidade à Igreja e ao seu Esposo?

Feçam-se as cortinas. A história, a continuidade da escrita da sua história, e a concretude de sua mística, agora são responsabilidade de seus seguidores.

## REFERÊNCIAS

- ABIGNENTE, Lucia. “**Qui c’è il dito di Dio**”. Carlo de Ferrari e Chiara Lubich: il discernimento di um carisma. Roma: Città Nuova, 2017. 313p.
- ARANHA, Aline; FREIRE, Gabriela. 2016. **Sociedade contra o Estado - Pierre Clastres**. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <http://ea.fflch.usp.br/conceito/sociedade-contra-o-estado-pierre-clastres>. Acesso em: 8 jun. 2021.
- ARAÚJO, Vera *et al.* **Deus amor na reflexão cristã e nos anseios do homem moderno**. São Paulo: Cidade Nova, 1993. 239p.
- ARAÚJO, Vera (org.). **Opere di Chiara Lubich**. Discorsi: in âmbito civile ed ecclesiale. Roma: Città Nuova, 2020. 785p.
- BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 275p.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Tradução das introduções e notas de *Le Bible de Jérusalem*, edição de 1998, publicada sob a direção da “École biblique de Jérusalem”. Edição em língua francesa.ed. ver. ampl. São Paulo: Paulus, 2002. 2206p.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A mística cristã em reciprocidade e diálogo: a mística católica e o desafio inter-religioso. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). **No limiar do mistério: mística e religião**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 35-67. 436p.
- BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis. (orgs). **Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016. 442p.
- BITTENCOURT, Paulo Victor Zaneratto. As três imagens das relações internacionais na formulação de uma teoria de política internacional: uma discussão neorrealista. In: XII SEMANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFSCar. **Anais Semana de Ciências Sociais**, n. 2, ano 2014, p. 229-237. São Carlos (SP): Ciências Sociais - Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: <http://www.semanasociais.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/03/Anais-XII-Semana-de-Ci%C3%AAncias-Sociais4.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- BLINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália fascista**. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 120p.
- BOBBIO, Norberto. **Estado, governo, sociedade: para uma teoria geral da política**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 208p.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfraco. **Dicionário de Política**. 11. ed. Brasília: Editora UnB, 1998. 1358p.
- BOBBIO, Norberto. **A teoria das formas de governo**. 9. ed. Brasília: UnB, 1997.
- BORRIELLO, L. *et al.* **Dicionário de mística**. São Paulo: Loyola, 2003. 1084p.
- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 617p
- CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1995. 418p.

- CASTORIADIS, Cornelius. **Figuras do pensável**: as encruzilhadas do labirinto VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 414p.
- CATARINA DE SENA, Santa. **Cartas completas**. São Paulo: Paulus, 2016. 1344p.
- CERINI, Marisa. **Deus amor**: na experiência e no pensamento de Chiara Lubich. São Paulo: Cidade Nova, 1992. 101p.
- CERINI, Marisa. O homem crido à imagem de Deus. *In*: VV. AA. **A Igreja, salvação do homem**. Curso de Teologia/4. São Paulo: Cidade Nova, 1986. p. 22-34.
- CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: forense, 2017. 384p.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. 128p.
- CIARDI, Fabio (org.). **Opere di Chiara Lubich**: Parola di Vita. Roma: Città Nuova Editrice, 2017. 860p.
- CIARDI, Fabio. **Viagem ao paraíso**: A experiência de Chiara Lubich no verão de 1949. São Paulo: Cidade Nova, 2020. 94p.
- CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência**: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac&Naify, 2004. 243p.
- COGGIOLA, Osvaldo. **A Segunda Guerra Mundial**: causas, estruturas, consequências. São Paulo: Livraria da Física, 2015. 434p.
- CORREIA JÚNIOR, João Luiz; SOARES, Sebastião A. Gameleira. **A espiritualidade de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2016. 95p.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja das revoluções**: um combate por Deus. São Paulo: Quadrante, 2006. 763p.
- DANIEL-ROPS, Henri. **A Igreja dos tempos bárbaros**. São Paulo: Quadrante, 1991. 644p.
- Estatutos Gerais da Obra de Maria**. Aprovado em 29.06.1990, com modificações aprovadas em 13.03.2007. 118p.
- FELDMEIERS, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. **O Deus dos vivos**: uma doutrina bíblica de Deus. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2015. 681p.
- FIORES, Stefano de; GOFFI, Tullo. **Dicionário de Espiritualidade**. São Paulo: Paulinas, 1989. 1206p.
- FOLONARI, Giulia Eli. **A partitura no céu**: cinquenta anos com Chiara Lubich. São Paulo: Cidade Nova, 2013. 204p.
- GALLAGHER, Jim. **Chiara Lubich**: uma mulher e sua obra. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 1998. 229p.
- GEBARA, Ivone. **Filosofia feminina**: uma brevíssima introdução. São Paulo: Edições Terceira Via, 2017. 91p.
- GOLDINGAY, John. **Teologia bíblica**: o Deus das escrituras cristãs. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020. 656p.
- GOMES, P. V. A sarça, o gago e o seu povo: a tradição bíblica como testemunho do (in)dizível. **Theologica**, v. 53, n. 1-2, p. 151-161, 1 jan. 2018.

GOMES, Romeu. A análise de dados em Pesquisa Qualitativa. *IN*: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. 80p.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 598p.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Proclamação de Santa Teresa de Jesus a doutora da Igreja**. Homilia. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19700927.html](http://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/homilies/1970/documents/hf_p-vi_hom_19700927.html). Acesso em: 18 maio 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: João Paulo II). **Carta Apostólica “Divini Amoris Scientia”**. Carta Apostólica. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_letters/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_apl\\_19101997\\_divini-amoris.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html). Acesso em: 18 maio 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Atribuição do título de Doutor da Igreja a Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa face**. Homilia. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19101997.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1997/documents/hf_jp-ii_hom_19101997.html). Acesso em: 18 maio 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1978-2005: João Paulo II). **Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem***. Carta Encíclica. [https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_18051986\\_dominum-et-vivificantem.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.html). Acesso em: 15 jan. 2022.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). Santa Hildegarda de Bingen, Monja Professa da Ordem de São Bento, é proclamada Doutora da Igreja universal. **Carta Apostólica**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_ben-xvi\\_apl\\_20121007\\_ildegarda-bingen.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20121007_ildegarda-bingen.html). Acesso em: 18 maio 2021.

IGREJA CATÓLICA. Papa (2005-2013: Bento XVI). **Audiência Geral**. Roma, 9 abr. 2008. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20080409.html](https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080409.html). Acesso em: 15 dez. 2021.

KAUFMANN, Thomas *et al.* **História Ecumênica da Igreja 3: da Revolução Francesa até 1989**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2017. 502p.

KERTZER, David. **O Papa e Mussolini: a conexão secreta entre Pio XI e a ascensão do fascismo na Europa**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. 592p.

KOURYH, Jussara Rocha. **Terra Santa Maria: uma história de muitos...** Recife: Bagaço, 2016. 203p.

LOSSO, Eduardo Guerreiro L. Prefácio. *In*: BINGEMER, Maria Clara; PINHEIRO, Marcus Reis. (Orgs). **Narrativas místicas: antologia de textos místicos da história do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 2016. p. 9-24. 442p.

LUBICH, Chiara. **A arte de amar**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2006. 135p.

LUBICH, Chiara. **A palavra de Deus**. São Paulo: Cidade Nova, 2021b. 149p.

LUBICH, Chiara. **A unidade**. São Paulo: Cidade Nova, 2015. 158p.

- LUBICH, Chiara. **A vontade de Deus**. São Paulo: Cidade Nova, 2011. 136p.
- LUBICH, Chiara. **Aos Gen**. São Paulo: Cidade Nova, 1976a. 190p.
- LUBICH, Chiara. **Aos Gen: 1966-1969**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2016b. 184p.
- LUBICH, Chiara. **Aos Gen: 1970-1974**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2016c. 175p.
- LUBICH, Chiara. **Aos Gen: 1975-2001**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2016d. 239p.
- LUBICH, Chiara. **Cartas dos primeiros tempos 1943-1945**: nas origens de uma nova espiritualidade. São Paulo: Editora Cidade Nova, 2020. 143p.
- LUBICH, Chiara. **Chiara Lubich e o Movimento dos Focolares**. São Paulo: Cidade Nova, 1983c. 111p.
- LUBICH, Chiara. **Como um arco-íris**: aspectos concretos da vida do Movimento dos Focolares. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2016d. 519p.
- LUBICH, Chiara. **Cristo entre nós**. São Paulo: Cidade Nova, 1976b.
- LUBICH, Chiara. Discurso de Chiara Lubich na Mesquita Malcolm Shabazz. **ABBA – Revista de Cultura**. Vargem Grande Paulista, v. II, n. 1, p. 10-18, 1999.
- LUBICH, Chiara. **Deus amor**. São Paulo: Cidade Nova, 2021a. 143p.
- LUBICH, Chiara. **Diário de viagem: 1964-1965**. São Paulo: Cidade Nova, 1991. 165p.
- LUBICH, Chiara. **Economia de Comunhão**: história e profesia. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2004. 77p.
- LUBICH, Chiara. **Escritos espirituais / 1**. A atração dos tempos modernos. São Paulo: Cidade Nova, 1983a. 280p.
- LUBICH, Chiara. **Escritos espirituais / 4**. Deus entre os homens. São Paulo: Cidade Nova, 1983b. 296p.
- LUBICH, Chiara. **Homens a serviço de todos**. São Paulo: Cidade Nova, 1978. 151p.
- LUBICH, Chiara. **Ideal e luz**: pensamento, espiritualidade, mundo unido. São Paulo: Brasiliense; Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2003. 454p.
- LUBICH, Chiara. **Igreja-Comunhão**. São Paulo: Cidade Nova, 2018b. 180p.
- LUBICH, Chiara. **Jesus Abandonado**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2016a. 198p.
- LUBICH, Chiara. **Jesus Eucaristia**. São Paulo: Cidade Nova, 2014b. 142p.
- LUBICH, Chiara. **Jesus no meio**. São Paulo: Cidade Nova, 2019. 191p.
- LUBICH, Chiara. **L'unità e Gesù Abbandonato**. Roma: Città Nuova, 1984. 127p.
- LUBICH, Chiara. **Maria**. São Paulo: Cidade Nova, 2017. 214p.
- LUBICH, Chiara. **O amor ao irmão**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2013a. 159p.

- LUBICH, Chiara. **O amor mútuo**. Vargem Grande Paulista: Cidade Nova, 2013b. 143p.
- LUBICH, Chiara. **O Espírito Santo**. São Paulo: Cidade Nova, 2018a. 159p.
- LUBICH, Chiara. **O grito**. São Paulo: Cidade Nova, 2000. 131p.
- LUBICH, Chiara. **Ser a tua palavra**. Vargem Grande Paulista (SP): Cidade Nova, 2009. 95p.
- LUBICH, Chiara. **Um novo caminho**: a espiritualidade da unidade. São Paulo: Cidade Nova, 2014a. 267p.
- MARTINA, Giacomo. **História da Igreja**: de Lutero a nossos dias. IV – A era contemporânea. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 383p.
- MCGINN, Bernard. **As fundações da mística**: das origens ao século V. Tomo I. São Paulo: Paulus, 2012. 544p.
- MCGINN, Bernard. **O desenvolvimento da mística**: de Gregório Magno até 1200. Tomo II. São Paulo: Paulus, 2017a. 661p.
- MCGINN, Bernard. **O florescimento da mística**: homens e mulheres da nova mística: 1200-1350. São Paulo: Paulus, 2017b. 523p.
- METZ, Johann Baptist. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013. 293p.
- MILZA, Pierre. **Mussolini**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011. 487p.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407p.
- NUNES JÚNIOR, Ario Borges. **Fenômeno místico**: caracterização e estudos de casos. Campinas: CEDET, 2015. 236p.
- OLIVEIRA, Jorge G. R. de. Reflexões sobre o conceito de mística no monarquismo cristão. **Interações**, v. 8, n. 14, p. 380-399, jul./dez., 2013. Belo Horizonte. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/6167>. Acesso em: 22 dez.2021.
- Os “focolarinos” entre os Bangwas. **Revista Cidade Nova**, São Paulo, n. 3, p. 30-39, jul./set. 1966.
- PÁDUA, Lúcia Pedrosa de. Teresa de Ávila, mulher e palavra. In: YUNES, Aliana; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (orgs.). **Mulheres de palavra**. São Paulo: Loyola, 2003. p. 243-246.
- REES, Laurence. **O holocausto**: uma nova história. São Paulo: Vestígio, 2018. 574p.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 186p.
- ROTHBARD, Murray N. **A grande depressão americana**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises, 2012. 377p.
- SCIADINI, Frei Patrício. **Teresa de Ávila**: é tempo de caminhar. São Paulo: Loyola, 2015. 262p.
- SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. Abordagem etimológica e histórica do leigo no catolicismo. **Revista Pistis Praxis**, [S.l.], v. 3, n. 2, p. 571-597, out. 2011. ISSN

2175-1838. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/13262/12677>. Acesso em: 25 maio 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.7213/pp.v3i2.13262>.

STOPPINO, Mario. Ideologia. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 11. ed. p. 585-597. Brasília: Editora UnB, 1998.

SUDBRACK, Josef. **Mística**: a busca do sentido e a experiência do absoluto. São Paulo: Loyola, 2007. 219p.

TANQUEREY, Adolphe. **Compêndio de teologia, ascética e mística**. Campinas: CEDET, 2018. 659p.

TERESA do Menino Jesus e da Sagrada Face. **Obras completas**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 1394p.

TORNO, Armando. **Levar a Ti o mundo em meus braços**: vida de Chira Lubich. São Paulo: Cidade Nova, 2011. 196p.

VERONESI, Silvana. **E a vida renasce entre as bombas...** São Paulo: Cidade Nova, 2014. 127p.

WALTZ, Kenneth Neal. **O homem, o Estado e a guerra**: uma análise teórica. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 331p.

WALZER, Michael. **Guerras justas e injustas**: uma argumentação moral com exemplos históricos. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 583p.

## ANEXO

Doutorados *Honoris Causa* conferidos a Chiara Lulich

Doutorado	Instituição	País	Ano
Ciências Sociais	Universidade Católica de Lublin	Polônia	1996
Comunicação Social	Universidade de São João de Bangkok	Tailândia	1997
Teologia	Pontifícia Universidade Santo Tomás de Manila	Filipinas	1997
Teologia	Universidade Católica Fu Jen em Taipei	Taiwan	1997
Letras	Universidade do Sagrado Coração em Fairfield	Estados Unidos	1997
Filosofia	Universidade São João Batista de La Salle	México	1997
Interdisciplinar	13 Faculdades da Universidade Estadual de Buenos Aires	Argentina	1998
Humanidade e Ciências da Religião	Universidade Católica de São Paulo	Brasil	1998
Economia	Universidade Católica de Pernambuco	Brasil	1998
Economia	Universidade Católica de Milão	Itália	1999
Psicologia	Universidade de Malta	Malta	1999
Pedagogia	Universidade Católica da América – Washington	Estados Unidos	2000
Teologia	Universidade de Trnava	Eslováquia	2003
Arte	Universidade Católica de Miracaibo	Venezuela	2003
Vida Consagrada	Instituto “Claretianum” – Pontifícia Universidade Lateranense (Roma)	Itália	2004
Teologia	Hope Universidade de Liverpool	Grã-Bretanha	2008

Fonte: *site* focolare.org